

ANAI S



V CONGRESSO ACADÊMICO CIENTÍFICO
II FÓRUM REGIONAL DE PESQUISA
I MOSTRA DE EXTENSÃO

INTERCULTURALIDADE:
FORMAÇÃO EM DEBATE

21 a 25 de setembro de 2015

ISSN 2237-2571

CÂMPUS
PORANGATU



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



CÂMPUS
PORANGATU

**V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Congresso Acadêmico Científico, Fórum Regional de Pesquisa e Mostra de Extensão (5. : 2016 : Porangatu, GO).

Anais Eletrônicos do V Congresso Acadêmico Científico, II Fórum Regional de Pesquisa e I Mostra de Extensão – Interculturalidade: Formação em Debate. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Porangatu. Realizado em 21 a 25 de setembro de 2015. Max Lanio Martins Pina e Osmair Carlos dos Santos. 335 f.; il.

Disponível em: <http://www.anais.ueg.br>

ISSN 2237-2571

1. Educação. 2. Letras. 3. Matemática. 4. Biologia. 5. História. 6. Geografia. 7. Sistema de Informação. I. Universidade Estadual de Goiás. II. Congresso multidisciplinar.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ANAIS

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão

Interculturalidade:
Formação em Debate

Max Lanio Martins Pina (Org.)
Osmair Carlos dos Santos (Org.)

Nota: A Comissão Organizadora não se responsabiliza por eventuais erros ortográficos, bem como esclarece que o conteúdo dos textos e imagens são de inteira responsabilidade dos/as autores/as.

Porangatu, 2015

ANAIS v.5, n.1 (2015)
21 a 25 de setembro de 2015
ISSN 2237-2571



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS

Marconi Ferreira Perillo Júnior
Governador

José Eliton de Figuerêdo Júnior
Vice Governador

Mauro Netto Faiad
Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Haroldo Reimer
Reitor

Valcemia Gonçalves de Sousa Novaes
Vice-Reitora

Maria Olinda Barreto
Pró-Reitora de Graduação

Ivano Alessandro Devilla
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Marcos Antônio Cunha Torres
Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis

Lacerda Martins Ferreira
Pró-Reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

Eliana Machado Pereira Nogueira
Diretora do Núcleo de Seleção



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



CÂMPUS PORANGATU

Maria José Alves de Araújo Borges
Diretora Acadêmica

Adriana Cândida F. de Souza
Secretária Acadêmica

Genilda Batista Pereira Lima
Coordenadora Pedagógica

Walquíria dos Santos Soares
Coordenadora Adjunta de Pesquisa e Pós-Graduação

Sônia Maria Andrade
Coordenadora Adjunta de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis

Silvania Pereira de Aquino
Coordenador do Curso de Ciências Biológicas

Lucélio Jorge Policar
Coordenador do Curso de Educação Física

Lucimar Marques da Costa Garção
Coordenadora do Curso de Geografia

Luciana Marques Queiróz
Coordenadora do Curso de História

Cristiano Alves Ferreira
Coordenadora do Curso de Letras

Luciana Mendonça de Faria
Coordenadora do Curso de Matemática

Danilo Cícero Fagundes Naue
Coordenadora do Curso de Sistemas de Informação



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



COMISSÃO ORGANIZADORA

Adriana Costa Borges
Angislaine do Prado e Silva
Aliomar de Souza O. Júnior
Cascilene Silva Alves Lobato
Cristiano Alves Ferreira
Danilo Cícero Fagundes Naue
Dlúbia Santclair Matias
Edna Lemes Martins Pereira
Ernesto Flávio Batista Borges Pereira
Fabiano Simão Prado Ribeiro
Fernando Bonifácio Ferreira
Genilda Pereira Batista Lima
Gersion Rodrigues Marques
João Mário Toledo
Lucélio Jorge Policar
Luciana Marques Queiróz
Luciana Mendonça de Faria
Lucimar Marques da Costa Garção
Magna Maria Ferreira
Marcos Roberto Pereira de Moura
Maria Aparecida Gomes Martins
Maria José Alves de Araújo Borges
Maricelma Tavares Duarte
Maristela Lima F. G. Duarte
Max Lanio Martins Pina
Nely Abadia da Silva
Raimundo Helder Pereira
Romilda Alves da Silva Araújo
Samira Peruchi Moretto
Sebastião Mendes do Nascimento Júnior
Sérgio José da Silva
Sônia Maria de Andrade Silva
Valdilene Elisa da Silva
Walquíria dos Santos Soares



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



COMISSÃO CIENTÍFICA

Edna Lemes Martins Pereira
Cristiano Alves Ferreira
Lucimar Marques da Costa Garção
Maria Aparecida Gomes Martins
Romilda Alves da Silva Araújo
Samira Peruchi Moretto
Walquíria dos Santos Soares

EDITORAÇÃO DOS ANAIS

Max Lanio Martins Pina
Osmair Carlos dos Santos



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



APRESENTAÇÃO

Na sua V edição o Congresso Acadêmico Científico da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Porangatu que neste ano contou com a participação simultânea do II Fórum Regional de Pesquisa e da I Mostra de extensão, se firma e reafirma a necessidade do desenvolvimento humano e também do Estado por meio da Educação. Somente por meio de uma formação consistente e diversificada o ser humano pode atender as exigências e anseios contemporâneas de uma sociedade cada vez mais aberta ao conhecimento, à informação e ao desenvolvimento tecnológico.

Sendo assim, nos dias 21 a 25 de setembro de 2015 um grupo de pesquisadores, professores e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento (Educação, Letras, Matemática, História, Geografia, Biologia e Sistema de Informação) se reuniram no Câmpus Porangatu para discutir a “Interculturalidade: Formação em Debate”.

O enfoque intercultural é uma necessidade e também uma realidade dos tempos atuais. Diante de um mundo globalizado e conectado pelas mídias sociais é inadmissível a permanência de preconceitos e racismos de qualquer natureza. Por isso, a UEG Câmpus Porangatu se preocupa com a formação de um profissional que consiga lidar com todas as demandas sociais e interculturais da modernidade.

Porangatu, 2015.

Comissão Organizadora



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



SUMÁRIO

MICROCONTROLADOR ARDUINO UTILIZADO PARA AUTOMAÇÃO DE DISPOSITIVOS E EQUIPAMENTOS DO AGRONEGÓCIO COM ÊNFASE NOS PEQUENOS PRODUTORES DO NORTE GOIÂNIO.....	13
ARRAIÁ DO DESCOBERTO: ORIGENS, TRANSFORMAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS.....	16
MOVIE MAKER E PICKTOCHART: MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS.....	20
DESCOBERTO DA PIEDADE: LUGAR DE MEMÓRIA, LUGAR DE HISTÓRIA.....	26
AS CONTRIBUIÇÕES DA CARTOGRAFIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS DO PIBID DE HISTÓRIA DO CAMPUS DE PORANGATU.....	32
A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO DEDICATÓRIA NO AMBIENTE ACADÊMICO NA PERSPECTIVA SOCIORRETÓRICA.....	37
OS DEBATES DA TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL DE GOIÁS (1930-1937).....	44
QUALIDADE DO ENSINO PÚBLICO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	48
O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO DA GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA MUNICIPAL EUZÉBIO MARTINS DA CUNHA EM PORANGATU.....	50
NOVO PLANALTO E A QUESTÃO DAS DUAS IGREJAS CATÓLICAS: IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA E IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA.....	53
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO DOCENTE EM LETRAS: A GRAMATICALIDADE EM CHECK NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA – CÂMPUS PORANGATU DA UEG.....	58
CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM DO PARQUE ESTADUAL DO JALAPÃO: UM LUGAR DE BELEZAS NATURAIS E BIODIVERSIDADES.....	64
O RETRATO DE DORIAN GRAY: O REFLEXO DO NARCISISMO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA OBRA DE ARTE.....	68
A OFICINA “O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA EM AMBIENTE EDUCACIONAL” – COMO CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	74
DETERMINANTES AMBIENTAIS DA DIVERSIDADE FUNCIONAL DAS COMUNIDADES DE PEIXES DE RIACHOS.....	78
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAS NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE.....	88
O USO DAS TDIC NO ENSINO APRENDIZAGEM DE INGLÊS.....	93



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



INTERPRETAÇÃO TEXTUAL E SUA APLICABILIDADE NO DIREITO E NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO.....	99
A COMUNIDADE CALUNGA: UM ESTUDO HISTÓRICO.....	102
PROJETO GESTANTE: CUIDADOS MÃE E FILHO.....	105
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: PERSPECTIVAS E PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS LICENCIANDOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA.....	109
UMA CRÍTICA SOBRE A EDUCAÇÃO INSTRUMENTAL: CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA E EDUCAÇÃO PLENA.....	113
COMPORTAMENTO DE COPAIFERA LANGSDORFFII EM CASA DE VEGETAÇÃO.....	116
A CARTOGRAFIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE COM PROFESSORES E ALUNOS DO 6º/7º ANO, ENSINO FUNDAMENTAL, DO COLÉGIO ESTADUAL PRESIDENTE KENNEDY - PORANGATU/GO - 2014/2015.....	119
SEGREGAÇÃO ESPACIAL E DESIGUALDADE SOCIAL NA CIDADE: A MÚSICA COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DO ENSINO ESCOLA MUNICIPAL EUZÉBIO MARTINS DA CUNHA 2014/15.....	123
ENTRE A CRÍTICA E A HISTORIOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE DE 30....	127
CANDOMBLÉ E UMBANDA: DA ORIGEM AO RECONHECIMENTO.....	130
PELOS CANTOS DO BRASIL: CONHECENDO O PAÍS POR MEIO DA MPB.....	135
UMA ANÁLISE DO ENSINO DE GEOMETRIA EM INTERFACE COM OS ESPAÇOS EDUCATIVOS PRESENTES NAS CIDADES.....	140
PROJETO ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: SUBSIDIO PARA COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	146
A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS LITERÁRIOS PARA A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE TALISMÃO 2010-2015.....	150
INFÂNCIA: IDADE DA (DES) RAZÃO OU TEMPO DE EXPERIÊNCIA?.....	154
CASA DE VEGETAÇÃO UNIVERSITÁRIA.....	159
ATRIBUTOS MORFOLÓGICOS PODEM PREDIZER A DIETA EM PEIXES DE RIACHOS?.....	165
HISTÓRIA AMBIENTAL DE PORANGATU: FATOS E FONTES.....	173
PROJETO DE EXTENSÃO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL - UMA PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO PARA OS CÓRREGOS URBANOS DE PORANGATU E SENSIBILIZAÇÃO DAS POPULAÇÕES RIBEIRINHAS.....	176



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



CONCEITO HISTÓRICO: UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE JÖRN RÜSEN, REINHART KOSELLECK E ANTOINE PROST.....	181
PROPOSTAS DE PALESTRAS DE SAÚDE PÚBLICAS EM AMBIENTES DE ENSINO DA CIDADE DE PORANGATU-GO.....	186
TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS E GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS NA BACIA DO RIBEIRÃO SÃO JOÃO NO MUNICÍPIO DE PORTO NACIONAL, TOCANTINS.....	189
PESQUISA DO ÍNDICE DE ADAPTAÇÃO DA ESPÉCIE ANCORNIA SPECIOSA QUANTO AO SUBSTRATO.....	194
TÍTULO: O TRABALHO NOS “DIÁRIOS” DE LÚCIO CARDOSO (1942-1962).....	197
PROJETO DE EXTENSÃO EFEITO BORBOLETA: DIÁLOGOS ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE.....	198
ANÁLISE DO ENSAIO ACADÊMICO “VIOLÊNCIA URBANA: A CIDADE COMO ESPAÇO GERADOR DE VIOLÊNCIA” DO AUTOR NILDO VIANA.....	201
OS IMPACTOS AMBIENTAIS URBANOS E O DISCURSO MUDIÁTICO: PROPOSTA APLICADA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA EUZÉBIO MARTINS DA CUNHA EM PORANGATU ENTRE 2014 E 2015.....	204
OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA.....	208
REFORÇO ESCOLAR DE TRIGONOMETRIA.....	215
O INGLÊS NAS RELAÇÕES TURÍSTICAS NA ALDEIA KARAJÁ DE BURIDINA.....	218
O DISCURSO COMO INSTRUMENTO DE PODER E DOMINAÇÃO NO MEIO SOCIAL: SOB A PERSPECTIVA DE ADOLF HITLER.....	222
JOVENS KALUNGAS DE CAVALCANTE-GO: PROCESSOS FORMATIVOS, CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS ESCOLARES.....	227
A IMPORTÂNCIA DO XADREZ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CAMPUS PORANGATU.....	232
ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE BOTÂNICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CONSTRUÇÃO DE UM JARDIM VERTICAL COM PLANTAS MEDICINAIS.....	241
REFLEXÕES ACERCA DAS NOVAS PROPOSTAS CURRICULARES PARA O CURSO DE LETRAS - CÂMPUS PORANGATU DA UEG: AS ALTERAÇÕES CURRICULARES E AS DEMANDAS EDUCACIONAIS DO NORTE GOIANO.....	260
ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO CONSEQUENCIA DA POLÍTICA EDUCACIONAL VIGENTE: EVOLUÇÃO E CONTEMPORANEIDADE.....	277
INFLUÊNCIA DA CORRIDA COMO EXERCÍCIO AERÓBIO NA MELHORA DO CONDICIONAMENTO CARDIORESPIRATÓRIO.....	290



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO E DA HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	307
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS PRECOSES COM COMPORTAMENTO DE SUPERDOTAÇÃO: A FAMÍLIA EM DEBATE.....	322



MICROCONTROLADOR ARDUINO UTILIZADO PARA AUTOMAÇÃO DE DISPOSITIVOS E EQUIPAMENTOS DO AGRONEGÓCIO COM ÊNFASE NOS PEQUENOS PRODUTORES DO NORTE GOIÃO

13

Danilo Cícero Fagundes Naue¹

Esta comunicação trata da intenção de pesquisa com vistas ao mestrado. O tema é a utilização do Microcontrolador Arduino Uno para automação, monitoramento e controle remoto de dispositivos e equipamentos do agronegócio.

Segundo Silva Jr. (2013, p. 12) a principal característica dos microcontroladores esta: “em reunir em um só chip todos os periféricos necessários para o projeto e fabricação de dispositivos eletrônicos dos mais diversos tipos, desde simples sinalizadores e luzes pisca-pisca até equipamentos médicos sofisticados”.

Microcontrolador Arduino é conceituado por McRoberts (2011, p. 22), como: “plataforma de computação física ou embarcada, ou seja, um sistema que pode interagir com seu ambiente por meio de hardware e software”.

E Santos (2009, p.7) completa que “O Arduino é uma ferramenta de desenvolvimento “*open source*”, tendo surgido de um projeto acadêmico [...]. Como ferramenta é usualmente associado à filosofia de “*Physical Computing*”, ou seja, ao conceito que engloba a criação de sistemas”.

Em relação à programação do Arduino, esta será feita utilizando o IDE (*Integrated Development Environment*, ou Ambiente de Desenvolvimento Integrado), disponível pela equipe de desenvolvedores do Projeto Arduino, disponibilizada no site <http://arduino.cc/en/Main/Software>, a mesma utiliza-se da linguagem C para

¹ Especialista em Redes de computadores. Graduação em Sistemas de Informação. Docente da Universidade Estadual de Goiás/ Câmpus Porangatu. E-mail: danilonaue@hotmail.com.



escrita do código fonte que será implementado no microcontrolador. Os sistemas de monitoramento, operação e controle remoto se dará por meio de dispositivos integrados ao Arduino como: painéis de controles físicos, computador integrado ao sistemas e/ou transmissor/receptor. A linguagem proposta para o desenvolvimento de possíveis softwares de controle do sistema (de acordo com a necessidade) será a linguagem Java 8, tornando o software de controle/monitoramento/operação portátil a todas as plataformas inclusive sistema operacional Android.

Desse modo, a plataforma representa uma possibilidade de solução para automação, monitoramento e controle remoto de dispositivos e equipamentos como: lâmpadas, ordenhas, chocadeiras, tanques de piscicultura, equipamentos de irrigação e controle inteligente de sistemas de energia solar. Assim, pretende-se desenvolver um sistema de automação de baixo custo e alta funcionalidade, sendo estas as primeiras motivações para a escolha dessa plataforma, considera-se também a facilidade de instalação e programação, e a capacidade denominada por “*Cross-platform*”, que se refere à possibilidade de utilização em vários sistemas, como o Windows, Macintosh OS e Linux.

Embora o uso das tecnologias seja uma realidade na chamada sociedade da informação, o campo ainda é um setor cujo conhecimento e utilização dessas tecnologias é limitada, principalmente quando se refere aos pequenos negócios, uma vez que, este setor ainda não se encontra preparado para absorver os desafios e as grandes transformações que a era informatizada podem lhes proporcionar. Acredita-se que a revolução tecnológica deve alcançar este setor a fim de poder contribuir com a economia de tempo, gastos com mão de obra, geração de riqueza e lucros, preservação do meio ambiente entre outros.

O projeto tem em vista desenvolver estudos piloto em cinco propriedades da região, com o objetivo de averiguar os principais desafios, equipamentos, sistemas existentes e dificuldades destes pequenos produtores. Pretende-se verificar o manuseio e operação de serviços essenciais a propriedade, com o objetivo posterior de projetar e implementar um equipamento desenvolvido com Microcontrolador



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Arduino, que trabalhe de forma harmoniosa e universal com a realidade destas propriedades, desta forma, espera-se facilitar e atender as necessidades do dia a dia destes produtores. Este equipamento poderá ser integrado a máquinas e outros sistemas já existentes na propriedade, tendo o objetivo de automatizar alguns serviços já existentes de forma eficaz e inteligente, facilitar assim a operação e o monitoramento destas máquinas / sistemas.

15

Palavras-chave: Arduino. Automação. Agronegócio.

Referências

McRoberts, Michael. *Arduino básico*. [tradução Rafael Zanolli]. - São Paulo: Novatec Editora, 2011.

SANTOS, Nuno Pessanha. *Arduino Introdução e Recursos Avançados*. Escola naval departamento de engenheiros navais ramo de armas e electrónica. 2009. Disponível em: <http://www.novaims.unl.pt/docentes/vlobo/escola_naval/MFC/Tutorial%20Arduino.pdf>. Acesso em: 14 de ago. de 2015.

SILVA JR., Vidal Pereira. *Microcontroladores PIC 16F e 18F – Teoria e Prática*. São Paulo: Instituto Newton C. Braga, 2013.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ARRAIÁ DO DESCOBERTO: ORIGENS, TRANSFORMAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS

16

Gleiciene Ferreira Magalhães

Graduanda em História, UEG Câmpus Porangatu

Maria da Piedade S. L. Oliveira

Graduanda em História, UEG Câmpus Porangatu

As festas juninas fazem parte das manifestações da cultura popular em todo Brasil e ganham importante destaque através dos elementos expressos na composição das mesmas. Trazidas para o Brasil pelos portugueses ainda no período colonial, as festas juninas possuíam caráter religioso, por ser uma espécie de agradecimento aos santos populares católicos, especialmente a São João pelo período de colheitas.

Com o passar do tempo, os elementos componentes da festa em especial os de significado religioso foram se transformando, de modo a assimilar elementos modernos, urbanos e até mesmo profanos. Dessa forma, os festejos que de início possuíam o propósito religioso e de essência rural e familiar, passa por um processo de adequação no que se refere a interesses econômicos e políticos.

O presente trabalho corresponde à temática das festas populares como componentes da cultura popular e formas de representação da identidade cultural regional. Para tal, tomaremos por objeto de estudo o mais expressivo festejo junino da cidade de Porangatu cidade do norte de Goiás: a festa do “Arraiá do Descoberto”. Procuraremos identificar os elementos componentes da festa, suas transformações ocorridas desde sua origem, os significados que o festejo adquiriu no meio da sociedade local após essas transformações.



**INTERCULTURALIDADE:
FORMAÇÃO EM DEBATE**

Tomaremos por material de análise diferentes narrativas a respeito de festas e de cultura popular, como Peter Burke e Morigi; documentos oficiais e de propriedade particular; entrevistas e depoimentos orais a serem realizados nas imediações do local da festa. A pesquisa visa investigar qual é a memória histórica que os moradores do local possuem da festa, suas visões a respeito de suas transformações e de que forma a festa age como representante da identidade local atualmente.

A festa do “Arraiá do Descoberto” teve sua origem na década de 1970 e a princípio tratava-se de uma reunião entre amigos e familiares da pequena comunidade da Praça da Velha Matriz e possuía o intuito de rezarem o terço em louvor aos santos juninos, especialmente São Pedro e também marcaram a dança da quadrilha. As reuniões eram organizadas pelo senhor Pedro Martins da Cunha e por meio desse encontro, os moradores buscavam unir um momento de fé e devoção religiosa à descontração e alegria.

Uma das primeiras transformações ocorridas na festa se deu a partir da parceria do senhor Pedro Martins da Cunha com a assistente social Fariza Nahas. A partir do ano de 1979, a festa ganha novos elementos como barracas, quermesses, leilões de prendas e apresentação da dança da quadrilha. O intuito dessa nova configuração seria angariar fundos para o desenvolvimento de trabalhos artesanais executados por senhoras da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Nesse período o evento era realizado no largo da Praça da Velha Matriz, no município de Porangatu.

Já no final da década de 1980, a festa ganharia um novo espaço específico para sua realização e passa a acontecer na Praça do Poço dos milagres, em Porangatu. Nesse período a festa já ocorria sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal e posteriormente, em parceria com a Secretaria de Assistência Social. A partir de então, a cada edição foram ocorrendo transformações importantes no formato da festa.



Ao ganhar esse espaço específico para sua realização a festa se expandiu a toda população e cada vez mais expressa uma constante assimilação a elementos de culturas de outras regiões. Sendo assim, a festa pode ser descrita de acordo com MORIGI (2005, p.03) como uma festa que congrega valores em forma de um sincretismo cultural de diferentes procedências e contextos. Dessa forma é perceptível que o evento tenha sofrido transformações importantes e que sua realização atualmente exprima alguns resultados oriundos dessas mudanças.

Que a festa tenha sofrido influências dessa interação de culturas já é sabido, porém é importante buscar entendimento a respeito de que forma essas transformações agem em relação à ideia de representação identitária através da forma como se configura a festa na atualidade.

Percebe-se em muitos relatos que com o tempo os moradores locais foram perdendo alguns vínculos relacionados à originalidade da festa e dizem ser resultante essa constante transformação. De acordo com MORIGI, (2005, p.03) quanto mais uma festa conseguir agrupar e integrar esses elementos (tradicional e modernos) sem perder sua forma identitária, mais é considerada autêntica, pois continuará a representar os valores de pertença ao grupo regional.

A pesquisa pretenderá identificar até que ponto os moradores se sentem ou não representados pela configuração atual da festa especialmente por meio das relações sociais que ocorrem no período dos festejos.

Palavras-chave: Arraiá do Descoberto. Transformações. Identidade Cultural. Festa Popular.

Referências

MORIGI, Valdir José. **Mídia, identidade Cultural Nordestina: festa junina como expressão.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n.12, p. 1-13, janeiro / junho 2005.

BURKE, Peter. **O que é historia Cultural.** Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito Antropológico** / Roque de Barros Laraia. – 24º ed., [reimpr] Rio de Janeiro: 24º ed. Jorge Zahar, 2009.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



MOVIE MAKER E PICKTOCHART: MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

20

Illana Regina da Silva Ribeiro Teles²

Fabiana Leal Fonseca³

Dllubia Santclair⁴

Introdução

Com o avanço das tecnologias surge a necessidade de aprimorar e aperfeiçoar as habilidades para a utilização das mesmas. Quando se trata do ensino de uma Língua Estrangeira, o mediador procura trazer para a sala de aula uma didática que provoque nos alunos um estímulo e uma curiosidade de se aprender mais, por isso a tecnologia é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem de línguas, pois ela possibilita ao aluno uma liberdade ao aprender assuntos que de outra forma não seria tão prazeroso como é ao utilizar algumas ferramentas, como o *Movie Maker* e o *Piktochart*. A diferença didática não está no uso ou não uso das novas tecnologias, mas na compreensão das suas possibilidades. Mais ainda, na compreensão da lógica que permeia a movimentação entre os saberes no atual estágio da sociedade tecnológica (ALMEIDA, 2001).

A tecnologia concede uma nova linguagem para encarar desafios no ato de ensinar e aprender uma nova língua visando também novas possibilidades de

² Graduanda do curso de Letras. UEG, Campus de Porangatu.

³ Graduanda do curso de Letras. UEG, Campus de Porangatu.

⁴ Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. CCSEH, em Anápolis. Professora e pesquisadora no curso de Letras da UEG, campus Porangatu. Professora do Ensino Médio pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Bolsista do Projeto Ciranda Digital. Integrante do grupo de pesquisa Tecnologias Digitais para o ensino de Línguas Estrangeiras (TDELE). Coordenadora do Projeto de Extensão intitulado "A prática da oralidade na sala de aula de Língua Inglesa". E-mail: dllubiasantclair@gmail.com



aprendizado. Mas compreendemos também que a tecnologia por si só não consegue alcançar resultados significativos, já que deve haver interação do professor com o uso da mesma para que este elo consiga atingir os objetivos que atendam a necessidade de aprendizagem dos alunos.

Portanto, nesta comunicação relataremos a experiência de utilização das ferramentas supracitadas no ensino-aprendizagem de inglês.

Mediação Tecnológica

A mediação tecnológica é um processo pelo qual se pode fazer uso de diversas ferramentas, como por exemplo, o *Piktochart* e o *Movie Maker* que possibilita o aperfeiçoamento da Língua em estudo e o contato social e interacional com esta. Ambas facilitam a motivação e o interesse por novos assuntos. São ferramentas dinâmicas que viabilizam relatar histórias, fazer uso de imagens e de vídeos. Essas ferramentas são instrumentos que mostram e criam impactos por meio de seus recursos: áudio e visual.

Para Kenski (2010 p.19) “As tecnologias invadem as nossas vidas, ampliam nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar [...]”. Com o uso de ferramentas *online* podemos mostrar ao aluno a importância e o porquê de se aprender uma nova língua, e com o uso da tecnologia se torna mais fácil, especialmente por trazer elementos do cotidiano dos alunos para dentro da sala de aula, trabalhando a interação e o desenvolvimento.

Teoria Sociocultural

O papel do professor é muito importante quando se fala em aprendizado de uma língua estrangeira, porque cabe ao professor mostrar ao aluno a importância e o porquê de se estudar tal matéria ou conteúdo. Assim, trabalhar dentro da sala de aula de forma interativa instiga os alunos a buscar mais conhecimento, torna-se um



processo dinâmico, prazeroso e mais significativo. De acordo com Vygotsky,

[...] um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal: ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento [...]. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (1991 p. 101).

22

Partindo desse ponto de vista o mediador poderá trabalhar, no contexto educacional, atividades que promovam esse desenvolvimento proximal, que pode ser alcançado tanto pelo auxílio de um par mais competente (o professor) quanto de pares que estejam no mesmo nível de desenvolvimento real (o colega). E esse processo é viabilizado pelos suportes, que neste caso, trata-se das ferramentas *Movie Maker* e *Piktochart*. A seguir, apresentamos o relato de uma experiência de uso dessas ferramentas, na condição de alunas da disciplina de Língua Inglesa III do curso de Letras.

O estudo

Essa experiência aconteceu na Universidade Estadual de Goiás, no câmpus de Porangatu, na disciplina supracitada. Essa atividade foi proposta com o objetivo de desenvolver as habilidades linguísticas, ou seja, capacidade de ouvir, falar, ler e escrever. Além de promover uma interação entre os alunos, uma vez que se trata de um trabalho em grupo. Todos os alunos participaram da atividade, apresentaram seus trabalhos e falaram sobre o processo de construção, relatando pontos positivos e negativos sobre o uso dessas ferramentas para o aprendizado de inglês. Os alunos se sentiram motivados por essa experiência nova, no início alguns pareciam estar inibidos ao terem que expor seu trabalho para os colegas, mas ao longo da apresentação se mostraram mais entusiasmados, pois perceberam que o produto final, na verdade, era a ressignificação dos conhecimentos adquiridos ao longo do processo de construção.



Trata-se de um trabalho de cunho qualitativo, pois a coleta de dados foi feita a partir da observação de narrativas orais dos participantes e dos debates ao final das apresentações. Flick (2009) esclarece que na visão da pesquisa qualitativa, existem algumas correntes, e apresenta a corrente que “busca reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas” (p. 25). Portanto, apresentaremos, também, nossas impressões como participantes do processo.

Nos próximos itens faremos uma breve descrição das ferramentas, respectivamente, *movie maker* e *piktochart*.

Movie maker

O *Movie Maker*, é uma ferramenta que possibilita a edição de vídeos e fotos, por não se tratar de uma ferramenta *online*, não precisa estar conectado para utilizá-la, e é de fácil acesso. Percebemos que com a utilização do *Movie Maker* em sala de aula houve uma interação dos alunos com a tecnologia e com o mundo midiático, onde os mesmos puderam relatar histórias de amor (primeiro amor). Os alunos tiveram a liberdade de contar suas próprias experiências amorosas (fictícia ou real) em forma de vídeos e/ou áudios documentários relatando suas histórias.

Com isso os alunos aprenderam de uma forma mais espontânea, pois, ao ouvir seus próprios erros conseguiam se corrigir de forma autônoma, tomando conhecimento da importância de se ler ou falar língua estrangeira com mais ênfase e domínio, pois através dessa interpretação o ouvinte consegue compreender de uma forma mais fácil.

Nos depoimentos percebemos o quanto a aprendizagem cognitiva se tornou significativa a partir da mediação tecnológica. Houve interação dos alunos com o programa (*movie maker*) e com o objeto de aprendizagem (o inglês). A ferramenta permitiu desenvolver autonomia de aprendizagem na escolha dos elementos linguísticos (imagens, áudio, texto escrito, entre outros) que seriam inseridos no vídeo.



Piktochart

Piktochart se difere do *Movie Maker*, por ser uma ferramenta *online* e possuir mais recursos de linguagem e movimento. O usuário precisa estar conectado a internet para utilizá-lo. É parcialmente gratuito, por ter alguns ícones pagos. Oferece a oportunidade de criar seu próprio infográfico. No *Piktochart* há várias opções. Você pode selecionar o formato desejado, estilo de banner. Dentro de cada aba se escolhe o melhor modelo para o conteúdo proposto. Essa ferramenta oferece várias opções para ampliar o trabalho como, por exemplo, no link *Graphics* pode-se inserir figuras (fotos) de sites ou até mesmo fotos pessoais. Na opção *Background*, você pode escolher a cor do plano de fundo. Conta com a opção de inserir vídeos, gráficos, mapas e linhas através do *Tools*.

Com tantas possibilidades que o *Piktochart* apresenta, o trabalho se torna mais completo, dinâmico e produtivo. Por se tratar de um programa todo em inglês, exige-se conhecimento básico dessa língua estrangeira, com isso, o aluno poderá ampliar e aperfeiçoar suas habilidades linguísticas também no manuseio.

Todos os alunos conseguiram produzir o seu infográfico com o tema proposto (*Olympics Games*). Cada grupo escolheu sobre o que abordar dentro do tema. A construção de um novo texto com multiformas, atendendo as novas maneiras de ler e escrever da atualidade o nível de conhecimento em inglês dos alunos.

Conclusão

Muitas são as contribuições dos recursos tecnológicos para o processo de ensino aprendizagem de línguas, dentre os quais podemos destacar a intertextualidade, por exemplo, que faz o aluno interpretar textos, enunciados, propagandas, entre outros tipos de textos. E trazer essas interpretações para a (re) construção de algo novo na língua em estudo, o inglês.

A análise dos dados comprova que os alunos interagem mais quando a aula é



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



mediada por recursos audiovisuais. Fator que atende as novas maneiras de ler e escrever da sociedade atual, como no caso das ferramentas utilizadas (*movie maker* e *piktochart*) que possibilitaram aos alunos um conhecimento novo a partir do entrelaçamento entre as teorias estudadas e a aplicação prática destas.

Por meio deste estudo espera-se promover discussões sobre a relevância da mediação tecnológica no processo de ensino de línguas e para a formação de professores. Intentamos acrescentar novas perspectivas nas pesquisas sobre o uso das TDIC para o ensino-aprendizagem de inglês, e fornecer subsídios interessantes para a realização de estudos em outros ambientes institucionalizados de formação.

Palavras-chave: Tecnologia. Aprendizagem, Ensino de Inglês. *Piktochart*. *Movie maker*.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. de. *Informática e formação de professores*. Brasília: Ministério da Educação/Proinfo, 2001.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artemed/Bookman, 2009.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2010.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



DESCOBERTO DA PIEDADE: LUGAR DE MEMÓRIA, LUGAR DE HISTÓRIA

Maria Doralice Nepomuceno Barbosa⁵

Max Lanio Martins Pina⁶

26

Introdução

O centenário “Descoberto” ou “Descoberto da Piedade”, antigo arraial que deu origem a atual Porangatu, em meados do século XX foi praticamente abandonado, pois com a chegada da Rodovia BR 153 a maioria das famílias pioneiras se mudaram para suas proximidades, vendendo seus imóveis para famílias recém-chegadas e sem vínculo afetivo com a história local. Logo o Centro Histórico passou a ser considerado um bairro de periferia e muitas casas sofreram alterações em suas características originais, outras se tornaram ruínas pela falta de cuidados e manutenção e algumas foram demolidas para dar lugar a construções mais modernas. Hoje restam poucas casas que não sofreram modificações.

Constata-se, também, que devido à ausência de documentos escritos sobre a fundação do Descoberto ou sobre a produção do ouro nesta mina, coloca-se em dúvida a versão oral centenária de que sua origem remonta ao período da mineração aurífera no século XVIII. Há uma tendência de considerar suas origens a partir das fazendas existentes na região. Questiona-se ainda, a versão oral de uma corrente migratória para o Descoberto no período da Guerra do Paraguai, fugindo do recrutamento obrigatório para tal Guerra. Há, também, vagas informações sobre a existência de um aldeamento indígena dos padres Jesuítas neste local.

⁵ Especialista em História Econômica (Uni-Evangélica) e em Ciências Sociais (UEG). Docente UEG, Câmpus Porangatu. E-mail: mdnepomuceno55@hotmail.com.

⁶ Mestre em História (PUC-Goiás). Docente UEG, Câmpus Porangatu. E-mail: maxilanio@yahoo.com.br.



Esta pesquisa pretende debater tais questões utilizando a história oral contada pelos descendentes dos pioneiros, valendo-se também do Centro Histórico como fonte documental e das evidências/vestígios sobre as origens e povoamento do Descoberto da Piedade, agora considerado como lugar de memória e de história.

Metodologia

A pesquisa esta se desenvolvendo através de entrevistas com descendentes das famílias pioneiras, observação direta no Centro Histórico e coleta das citações de viajantes ou historiadores sobre as origens de Porangatu, além de leituras de teóricos importantes como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Paul Ricoeur, Sandra Jatahy Pesavento, dentre outros e artigos que trabalham o tema patrimônio.

Resultados e discussão

A mais antiga versão sobre as origens do Descoberto da Piedade é a de que este surgiu no período da mineração do ouro no século XVIII, porém nunca foram encontrados documentos de sua fundação nem registros sobre a produção de ouro desta mina. Por isto, esta versão tem sido questionada e colocada em dúvida. Há também, uma tendência de situar sua origem a partir das fazendas existentes na região. Finalmente surge uma origem lendária sobre a Índia Angatu.

A história passada de geração em geração é que o Bandeirante João Leite foi o desbravador desta região e procurava encontrar minas de ouro. Este era acompanhado de um escravo chamado Dunga. Foi o escravo que descobriu as primeiras pepitas de ouro, a mina foi explorada durante um tempo e surgiu um pequeno arraial que recebeu o nome de Descoberto a Piedade.



Segundo Pierre Nora (1993, p. 9)

A memória é a vida carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente e suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas manipulações.

28

Ao recorrer à história oral procurou-se uma das pessoas mais antigas de Porangatu, a Sra. Alzira Fagundes Furtado Pereira (Dona Conducha), com 95 anos nascida em Porangatu, descendente das famílias mais antigas. Não será transcrita a sua entrevista, porém apresenta-se o conteúdo da mesma. Ao perguntar para Dona Alzira qual a história que lhe foi contada, pelos seus pais e avós, sobre a origem de Porangatu, esta é convicta em responder que:

Foi com o Negro Dunga, escravo do Bandeirante João Leite. Conta que eles estavam na Fazenda Mourão Fincado e o seu senhor o mandou procurar um burro que estava sumido, como ele estava demorando pensou que tivesse encontrado o burro e fugido [do cativoiro]. Mandou outro escravo a sua procura e fincou um mourão que serviria de tronco para castigá-lo quando fosse encontrado, mas este foi encontrado num córrego que passa numa rua abaixo da atual Igreja Velha Matriz, encantado com as pedras de ouro que encontrara e conclui: por isto esta fazenda ficou conhecida como Fazenda Mourão Fincado.

Ainda segundo Nora (1993, p. 9) “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; A história uma representação do passado”.

Ao perguntar para Dona Alzira se alguma vez ela ouviu os antigos falarem que a origem do Descoberto foi através de fazendas criadas nas proximidades, ela responde: “Não! As fazendas vieram depois”. E quanto ao aldeamento indígena de padres jesuítas, afirma que nunca ouviu os antigos falarem, mas sabe que havia índios por aqui.



Esta versão oral é cheia de conteúdo histórico. Após descobrir ouro nas margens do Rio Vermelho, onde surgiu o Arraial de Santana, todos os anos no período da seca, organizavam-se bandeiras para procurar novos “descobertos” de ouro. João Leite era genro do Anhanguera, descobridor do ouro em Goiás. E era costume denominar “Descoberto” os arraiais que surgiam junto às minas de ouro. Sobre as fazendas, sabemos que após o esgotamento das minas os arraiais desapareciam ou ficavam em ruínas, os poucos habitantes que permaneciam passavam a praticar a agricultura de subsistência e com o tempo, a pecuária. É bastante conhecido o debate historiográfico sobre a decadência ou o atraso de Goiás, após o esgotamento das minas.

Como pessoas que não tiveram acesso à educação formal, criariam uma versão oral tão rica de conteúdo histórico? Por que denominar “Descoberto” se aqui não havia ouro? O que podemos questionar é: Qual foi a importância da mina do Descoberto da Piedade no contexto do ouro em Goiás? Qual foi a sua duração?

Ao perguntar a Dona Alzira sobre a existência da Índia Angatu, esta foi firme em afirmar: “foi uma lenda criada muito tempo depois, antes eu nunca ouvi falar disso”.

Sobre a corrente migratória no período da Guerra do Paraguai ela confirma está versão e diz que vieram os irmãos Tomás Martins da Cunha e Antônio Martins da Cunha com suas famílias. Dona Corina Fagundes Furtado Pereira, fez um levantamento das antigas famílias e constatou que até fins do século XIX, 14 famílias estavam aqui e já se entrelaçavam por laços de matrimônio.

Em 1820, O Governador de Armas em Goiás, Raimundo José da Cunha Matos, que visitou todos os arraiais da Capitania, escreveu em seu relatório que “o Arraial do Descoberto da Piedade tinha 37 casas humildes e que uma delas servia de casa de oração”. Não se sabe se estas casas já compunham o atual Centro Histórico, mas na época da chegada dos Martins da Cunha as casas do centro histórico já existiam. Foram os Senhores Tomaz Martins da Cunha e Jesuíno Gonçalves dos Reis que mandaram construir a Igreja Matriz Nossa Senhora da



Piedade, em estilo barroco e seguindo o padrão das igrejas coloniais, o morro onde foi erigida a Igreja foi construído artificialmente com cascalho puxado em carros de boi. Sua construção ficou concluída por volta de 1886.

Não é possível chegar a uma verdade histórica, se é que ela existe, mas esta pesquisa quer se aproximar dela, considerando que a falta de documentos escritos não pode invalidar a centenária história oral.

Conclusões

Esta pesquisa, que está apenas começando, lança o olhar da História sobre o que resta da obra dos pioneiros de Porangatu, como o elo entre o presente e o passado, historiciza os vestígios e as memórias, com a finalidade de lhe dar uma função social dentro dos limites deste trabalho, pois percebe-se que muito já se perdeu. A reconstrução da trajetória histórico temporal atribui valor e significado a disciplina de História como ciência.

Palavras-Chave: Descoberto da Piedade. Patrimônio Cultural. Centro Histórico. Memória e História.

Referências

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 3ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

NORA, P. *Entre Memória e História*. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Abertura. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, p. 11-23, jun., 2007.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. *História, memória e centralidade urbana*. Rev. Mosaico, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PINTO, Helena. *Interpretações de Fontes Patrimoniais em Educação Histórica*. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 1, p. 187-218, jan./jun. 2012.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TOMAZ, Paulo Cesar. *A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010 Vol. 7, Ano VII nº 2.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



AS CONTRIBUIÇÕES DA CARTOGRAFIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS DO PIBID DE HISTÓRIA DO CAMPUS DE PORANGATU

32

Maria Juliana de Freitas Almeida⁷

Max Lanio Martins Pina⁸

Maria Doralice Nepomuceno Barbosa⁹

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, Subprojeto de História da Universidade Estadual de Goiás – UEG, o qual tem a finalidade apoiar a formação universitária dos alunos dos cursos de licenciatura e também contribuir para elevar a qualidade da educação básica nas escolas públicas brasileiras. O projeto iniciou suas atividades no Campus de Porangatu no ano de 2014, sob a coordenação da professora Maria Juliana de Freitas Almeida, e com a colaboração do professor Max Lanio Martins Pina. Contando com um total de 12 acadêmicos bolsistas, que foram devidamente selecionadas naquele ano, o referido projeto possui parceria com a instituição conveniada Colégio Estadual Presidente Kennedy, o qual nos concedeu duas professoras supervisoras da área de História vinculadas ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º) do período matutino e vespertino.

No entanto, de lá para cá várias atividades foram desenvolvidas por esse programa, as quais nos permitiu sugerir para o ano de 2015, já sob a coordenação da professora Maria Doralice Nepomuceno Barbosa, uma proposta mais coerente com a realidade dos pibidianos e também do ensino na sala de aula da escola

⁷ Mestra em Ciências Sociais e Humanidades (UEG). Docente UEG, Câmpus Porangatu. E-mail: Mariajulianafa@gmail.com.

⁸ Mestre em História (PUC-Goiás). Docente UEG, Câmpus Porangatu. E-mail: maxilanio@yahoo.com.br.

⁹ Especialista em História Econômica (Uni-Evangélica) e em Ciências Sociais (UEG). Docente UEG, Câmpus Porangatu. E-mail: mdnepomuceno55@hotmail.com.



conveniada. Por isso, foi apresentado à Coordenação Institucional um plano básico de trabalho que dividiu as atividades a serem realizadas no corrente ano por temáticas, as quais serão desenvolvidas bimestralmente: no primeiro bimestre “A cartografia e o ensino de História”; no segundo “História e patrimônio local”; no terceiro “Documentos históricos escritos”; no último “Documentos históricos não escritos”.

A finalidade dessa comunicação é expor nossa experiência com a temática que foi desenvolvida no primeiro bimestre deste ano, bem como, apresentar os resultados da aplicação e desenvolvimento de todas as etapas desse processo, o qual teve início com os encontros de formação teórica que acontece todas as sextas-feiras em sala específica do Campus, para expor e discutir bibliografia referente à cartografia aplicada ao ensino de História, finalizando com a ministração de uma oficina sobre a temática na escola referida, sob a supervisão das professoras de História e dos pibidianos.

Metodologia

Por se tratar de um programa desenvolvido em várias etapas e que conta com a contribuição de muitos participantes, ele foi constituído dentro do modelo pesquisa-ação, porque permitiu ao grupo seguir as regras do planejamento para efetivação da prática, a qual foi seguida de ações baseadas em um planejamento teórico, que nos consentiu acompanhar/monitorar o desencadeamento do projeto, que por sua vez nos levou a uma avaliação dos resultados de todas as fases planejadas.

Resultados e discussão

O PIBID tem como uma de suas principais metas, melhorar a qualidade da leitura dos alunos da educação básica no Brasil. Entendemos que todas as



formas de interpretação do mundo e da vida são leituras. Não se lê somente um texto escrito. Pode-se ler a paisagem, um quadro, uma escultura, um mapa, entre outras coisas. Contudo, almejamos analisar e discutir o uso da Cartografia no Ensino de História, considerando a necessidade de desenvolver nos estudantes as habilidades de leitura de mapas, para que eles possam perceber suas relações com os diferentes temas das aulas de História, assim como, as afinidades existentes entre o tempo e o espaço no estudo da História.

De acordo com Bueno e Souza (2012, p. 17) a “utilização e implementação dos recursos cartográficos vêm sendo amplamente debatidas, tanto nos cursos de Geografia, como nas áreas afins que envolvem o espaço escolar”, e acrescenta que precisamos “reconhecer que o mapa possui fundamental importância sobre um ensino dinâmico e inovador” para “compreender que o seu uso necessita de propostas alternativas para redimensionar o ensino (...)”. Parte-se então, do princípio que o mapa deve ser dialogado com os conteúdos, pois ele não está presente no livro didático apenas para ser imagem ilustrativa, mas para problematizar e auxiliar na ampliação das compreensões dos assuntos a que faz referências.

As práticas interdisciplinares precisam se efetivar para que aquelas áreas em que o professor não possui formação ou habilidades específicas, ele possa contar com o apoio e auxílio de outros campos como, por exemplo, os recursos da cartografia que são desenvolvidos pela Geografia, nesse caso existem uma necessidade urgente e constante de se criar cursos e oficinas que apresentem propostas de unir o mapa ao estudo da História (BUENO e SOUZA, 2012, p. 17). Para lidar com as cartas cartográficas é necessário a compreensão de todos os elementos que as constituem como: as coordenadas geográficas; a orientação; a escala; a projeção; os símbolos cartográficos; etc. Por esse motivo os pesquisadores Bueno e Souza (2012, p. 19) perceberam que “são comuns os comentários acerca das dificuldades que os professores de História do Ensino Fundamental têm sobre o uso de mapas em suas aulas”, e isso ocorre porque os



cursos de formação de professores não oferecem instrução nessa área em específico, tornando assim, a formação deficitária, já que este profissional lida diariamente com a representação dos espaços através dos mapas históricos contidos no manual escolar.

Ao conceituar o mapa Campos (2009, p. 102) afirma que ele é “uma representação gráfica do espaço, da superfície da terra”. A autora analisa essa situação dizendo que “Como toda representação, ele reflete as ideias, os conhecimentos e a cultura da sociedade que o produziu e o usou, em determinada época”. Portanto, a Cartografia e a História se aproximam, “porque todas as ações humanas, além de situadas no tempo, também são espacialmente localizadas” (CAMPOS, 2009, p. 103).

Ainda assim, os pesquisadores Abud, Silva e Alves (2010, p. 93) defende que o mapa serve para fazer o aluno perceber e também compreender as mudanças e permanências que ocorrem ao longo do tempo. Nesse caso, os autores sugerem que como conteúdo ou eixo temático a ser utilizado em sala de aula para compreensão a respeito das alterações e estabilidades ocorridas na história, o professor deve utilizar a “cidade” e o seu processo de urbanização, porque ele permite através de vestígios do passado compreender as evidências históricas neles impressas.

Como o trabalho inicia-se com alunos acadêmicos e finaliza com escolares do Ensino Fundamental, acatamos a sugestão de Bueno e Souza (2012, p. 19-20), que propõe para introdução dos elementos cartográficos às crianças, a utilização de uma atividade lúdica na qual esses alunos devem desenhar um mapa mental. Isso se faz necessário de acordo com Bueno e Souza (2012, p. 20), porque ao representar no papel o local onde residem ou outra espacialidade os participantes perceberão que necessitam empregar determinados marcadores para facilitar a compreensão gráfica. É aí que eles começam a entender que o mapa está presente em nossas vidas o tempo todo.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Conclusões

Considerando a importância do mapa como leitura do espaço e de si mesmo, este projeto entende que existe uma necessidade urgente em treinar e habilitar professores e alunos para a utilização das potencialidades que um mapa possibilita ao ser relacionado com o conteúdo histórico.

36

Palavras-Chave: Cartografia. Ensino de História. PIBID de História.

Referências

ABUD, Kátia Maria. Mudanças e permanências: estudo por meio de mapas. In: ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção ideias em ação).

BUENO, Mírian Aparecida; SOUSA, Ludmila de Lima. Cartografia e Ensino de História: uma oficina e uma oportunidade de reflexão da prática interdisciplinar no Ensino Fundamental. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. (Orgs.). *Ensino de História: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

CAMPOS, Helena Guimarães. *História e linguagens*. São Paulo: FTD, 2009. (Coleção história e linguagens).



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO DEDICATÓRIA NO AMBIENTE ACADÊMICO NA PERSPECTIVA SOCIORRETÓRICA

37

Oswaldo Jefferson Silva¹⁰

Considerações iniciais

Esta pesquisa apresenta uma análise de constituição do gênero dedicatória, a partir da proposta sociorretórica de John M. Swales (1990), mediante o estudo dos seguintes elementos: classe de evento comunicativo, o propósito comunicativo, a prototipicidade, a lógica do gênero e a terminologia, tendo como objeto de pesquisa as dedicatórias encontradas em dissertações de mestrado de universidades públicas goianas, finalizadas no período de janeiro de 2014 a dezembro de 2015 das Faculdades de Letras e Educação da Universidade Federal de Goiás e do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás.

Este estudo embasar-se-á também nas contribuições de teóricos como Meurer; Bonini e Motta-Roth (2005) que elencam as contribuições de Swales quanto à definição de gênero e metodologias de aplicação; Bazerman (2006) sugere sobre o processo de tipificação dos textos influenciados por outros que, por sua vez, são afetados pela atividade e organização social em que aparecem; Bezerra (2006) concebe a dedicatória como um dos gêneros que mesmo não sendo especificamente introdutórios dos trabalhos acadêmicos não podem ser descartados; Marcuschi (2008) apresenta aspectos de análise e compreensão de gêneros; Motta-Roth (2008) explicita as contribuições do estudo de gêneros para a

¹⁰ Acadêmico do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (Melt) e Bolsista da Universidade Estadual de Goiás (UEG); Especialista em Linguística, Língua Portuguesa e Docência do Ensino Superior; Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás. Endereço eletrônico: odlavsojeff@hotmail.com. Bolsista da Universidade Estadual de Goiás.



pesquisa e o ensino no campo da linguagem; Biasi-Rodrigues; Hemais e Araújo (2009) trazem a análise de gêneros na abordagem retórica com princípios teóricos e metodológicos, enfatizando a comunidade discursiva

caracterizada como um grupo que trabalha junto e mantém seu repertório de gêneros, com traços retóricos evidentes e com a força que valida as atividades da comunidade. Nessa definição, a comunidade pode abraçar novidades, pois o grupo desenvolve gêneros ao longo de sua existência e tem consciência de que as funções assumidas pelo grupo podem evoluir, incorporando modificações. (BIASI-RODRIGUES; HEMAIS (2005), p. 127)

Nesse sentido, a dedicatória está presente em diversas esferas de comunicação humana e, neste caso, a academia foi o campo discursivo selecionado para recolher o *corpus* que será analisado, a fim de investigar constituição, uso, distribuição e consumo do gênero, averiguando suas possibilidades de evoluir e se constituir ou não com maior ou menor rigor acadêmico.

Objetivo geral

- Analisar dedicatórias produzidas no ambiente acadêmico, a fim de compreender como se dá o processo de constituição, levando em consideração aspectos sociais dos membros enunciativos que pertencem à comunidade discursiva.

Objetivos específicos

- Analisar a constituição do gênero dedicatória na perspectiva sociorretórica, a partir dos estudos de Swales;
- identificar como se dá o processo de construção de dedicatórias, nas práticas sociais formais, a partir do estudo desses enunciados presentes em trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado,



concluídos em universidades públicas goianas;

- elencar características presentes nas dedicatórias, mediante análise dos enunciados e da área de atuação da comunidade discursiva, considerada como sujeito de pesquisa e enunciadores neste estudo;
- investigar a produção e distribuição do gênero dedicatória dentro do ambiente acadêmico, em nível de mestrado, mesmo sendo opcional a inserção deste tipo de enunciado em dissertações.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ainda que contemple alguns elementos da abordagem quantitativa. Diante disso, Flick (2009) esclarece que na visão da pesquisa qualitativa, existem algumas correntes, e apresenta a corrente que “busca reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas” (p. 25). Assim, para analisar as dedicatórias, é preciso identificar as estruturas em que o enunciatador está inserido ao produzir esses discursos e que apreciações semânticas são resgatadas dessas práticas sociais interacionais e discursivas.

O pesquisador necessitará realizar leituras não somente para compor o referencial teórico de forma mais geral, mas também para encontrar elementos e categorias de análise a partir de estudos de gêneros distintos do corpus, buscando identificar aspectos aplicáveis nesta pesquisa. Nessa perspectiva, Flick esclarece que “o ponto de partida do pesquisador é o conhecimento teórico extraído da literatura” (2009, p. 96), portanto realizar qualquer pesquisa que resultará num trabalho científico necessita de pesquisa bibliográfica preliminar.

Neste estudo as dedicatórias serão coletadas em ambiente acadêmico encontrados nas universidades públicas goianas que possuem programas de pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado acadêmico, incluindo o interdisciplinar em duas áreas de estudo Educação e Linguagem (Letras), vinculadas à Universidade Estadual de Goiás (Campus Anápolis) e Universidade Federal de



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Goiás (Campus Goiânia). Em seguida, buscar-se-á realizar a leitura de dedicatórias encontradas nas dissertações de mestrado dos programas dessas universidades, arquivadas nas bibliotecas acadêmicas dessas instituições, no período que corresponde a janeiro de 2014 a dezembro 2015.

A fim de promover a organização e sistematização desses discursos, serão produzidas fichas catalográficas em que se registrarão a bibliografia, em seguida, serão feitas a cópia e a transcrição na íntegra das dedicatórias para, posteriormente, constituir um banco de dados, em formato de arquivo digital. Nesse sentido, Lüdke (1986) esclarece que “a classificação e organização dos dados prepara uma fase mais complexa da análise, que ocorre à medida que o pesquisador vai reportar os seus achados” (p. 49).

A análise dos dados será feita a partir dos elementos e do referencial teórico supracitado e do agrupamento desses enunciados serão feitos mediante a observação dos conteúdos temáticos presentes nas dedicatórias, pelo estilo individual e coletivo a partir das características enunciativas da comunidade discursiva em estudo, evidenciando a padronização da estrutura composicional exigida pelo próprio gênero dedicatória ou pela instituição em que está inserido o trilhado de conclusão de curso em nível de mestrado.

No primeiro momento, a partir da abordagem sociorretórica investiga-se o processo de constituição e definição do gênero que seria mais adequado à pesquisa e como identificá-lo, tendo como referência o discurso-dedicatória, sendo que para conceber a dedicatória como gênero tem-se como base a abordagem de Swales proposta na sua própria definição, mediante aspectos como a classe de evento comunicativo, o propósito comunicativo, a prototipicidade, a lógica do gênero e a terminologia. Nessas condições, de acordo com o interesse do pesquisador, será selecionada uma série de dedicatórias de diferentes modalidades e estilos, se assim existir, para possivelmente classificá-las em categorias.

Em seguida, busca-se realizar a leitura de dedicatórias encontradas nas dissertações em distintas práticas de comunidades discursivas, sendo a



Universidade Estadual de Goiás e a Universidade Federal de Goiás, a fim de promover a organização e sistematização desses discursos por meio de fichas catalográficas. Essas fichas e as dedicatórias constituirão um banco de dados, em formato de arquivo digital.

Após esse levantamento buscar-se-á o cotejamento para separar as dedicatórias com condições de produção semelhantes e díspares para analisá-las, bem como procurar outras pesquisas sobre esse assunto, levando em consideração as características peculiares e contextos em que as dedicatórias estão inseridas, seguindo critérios de organização, descrição e classificação.

Resultados esperados

Ressalta-se que o uso de um gênero por uma comunidade pode efetivar-se cada vez mais a partir de estudos sobre sua constituição, pois “ao criar formas tipificadas ou gêneros, também somos levados a tipificar as situações nas quais nos encontramos [...], já que a tipificação dá certa forma e significado às circunstâncias e direciona os tipos de ação que acontecerão.” (BAZERMAN, 2006).

Desse modo, estudar um gênero, seja qual for sua natureza, a partir de contextos específicos, colabora no sentido de investigar como se dá o processo de constituição, compreensão e funcionamento de sistemas e circunstâncias de produção de gêneros. Neste caso, conceber a dedicatória registrada na dissertação, dentro de um ambiente acadêmico, é instaurá-la como um fato social que marca a conclusão de um nível de formação.

O processo de reconhecer um gênero requer movimentos em direção e identificação das formas como os enunciados são aplicados e promovem recorrências que lhes dão um caráter padronizado, apreciáveis em determinadas circunstâncias, que incluem também fatores que estão presentes na comunidade discursiva que a usa. Esses fatores permitem o reconhecimento do gênero e sua utilização.



Nesta pesquisa, que ainda está em estágio de elaboração, o pesquisador tem buscado formas de trazer o estudo da dedicatória com maior rigor acadêmico já que o estudo desse gênero tem fundamento, na abordagem sociorretórica, uma vez que por meio desse enunciado o enunciador tem total liberdade para homenagear quem quer que seja ou que tenha contribuído na composição de sua dissertação.

Reconhece-se ainda que as dedicatórias estejam presentes em inúmeros contextos formais e/ou informais, entretanto, qual o motivo de termos tantos enunciados como esses circulando nas comunidades discursivas e ter poucos estudos para fundamentá-los? Levando em consideração tal paradoxo, contribuir na academia com um estudo deste gênero, aparentemente considerado de pouco valor, torna-se interessante porque na dedicatória o pesquisador tem um dos únicos espaços no texto científico para produzir um discurso que pode ser informal, mesmo dentro da formalidade acadêmica.

Além disso, na dedicatória há, em alguns casos, uma 'catarse' emocional, pois o enunciador que a produz pode extravasar os limites puramente da pesquisa e trazer a tona seus valores, crenças e princípios como forma de reconhecer também seja quem for que tenho contribuído para sua pesquisa e pelo motivo que considerar relevante, mesmo que o homenageado não faça parte da comunidade discursiva acadêmica.

Por meio deste estudo espera-se que dedicatória possa ser efetivamente concebida, respeitada como gênero e despida de 'preconceitos' dentro e fora da academia, além de promover reflexões a respeito deste gênero, a partir de uma das comunidades discursivas na qual circula, neste caso, dentro do universo acadêmico. Ao final, acredita-se que este trabalho poderá acrescentar novas perspectivas nas pesquisas em análise de constituição de gêneros, uma vez que, a dedicatória passa a ser uma modalidade discursiva capaz de fornecer subsídios interessantes para a realização de estudos gêneros e comunidades discursivas, tanto na academia como em qualquer outro ambiente, mesmo não institucionalizado.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras-chave: Dedicatória. Gênero. Ambiente acadêmico. Abordagem sociorretórica.

Referências

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. Organização de A. P. Dionísio e J. C. Hoffnagel, e tradução e adaptação de J. C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desiree (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

BONINI, A. BIASI-RODRIGUES, B; CARVALHO, G. *Análise de gêneros textuais de acordo com a abordagem sócio-retórica*. In: LEFFA, V. J. (Org.). *Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artemed/Bookman, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. D. A. [Orgs.] *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOTTA-ROTH, D. *Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem*. DELTA, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

SILVA, D. E. G.; RAMALHO, V. *Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos*. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, v. 8, n. 1, p. 19 - 40, 2008.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and researching settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.



OS DEBATES DA TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL DE GOIÁS (1930-1937)

Plínio Macário Ribeiro e Silva¹¹

Samira Peruchi Moretto¹²

44

Devido as péssimas condições de Vila Boa como capital, Pedro Ludovico, em 1933, trouxe como argumento a transferência de outras capitais de Minas Gerais em 1897, e de Sergipe em 1855, como uma representação de progresso no Estado, no entanto, não foram avaliados os impactos ambientais e sociais que poderiam ocorrer com as mudanças.

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados parciais da pesquisa do trabalho de conclusão de curso que pretende visualizar as transformações ocorridas em função da mudança da capital de Goiás para Goiânia, após 1930; compreender quais as ideologias e interesses que nortearam o debate em torno do projeto de mudança da Capital de Goiás, para onde transferi-la e a importância da escolha do local para concretizar os anseios de progresso e desenvolvimento de Goiás; quais foram os principais obstáculos em abandonar a cidade de Vila Boa e substituí-la em uma nova Capital; demonstrar o potencial de cada cidade que foi selecionada para ser a possível nova Capital do Estado; discutir ao longo do projeto os processos de mudança de pessoas que estavam inseridas na transferência; avaliar os avanços e frustrações que ocorreram durante a mudança e no período pós-transferência.

A Revolução de 1930, em Goiás, buscava para o Estado uma forma de modernização, sendo um dos pontos necessários para isso a melhoria na economia, pois Goiás era um Estado agrário e estava em grande desvantagem de atraso em

¹¹ Graduado no curso superior sequencial em Gestão em Segurança Pública, Faculdade Fac-Lions. Pós-graduado em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania, UFG. Graduando de História - UEG, Câmpus Porangatu. E-mail: pliniomacario@hotmail.com.br.

¹² Orientadora Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto. Departamento de História UEG, Câmpus Porangatu.



relação aos grandes centros urbanos da economia brasileira desde o século XIX. Além de estar isolado, economicamente e territorialmente; outro ponto seriam os grupos dominantes que estavam controlando o Estado desde a Primeira República.

Quando Campinas foi aceita pela subcomissão como o local adequado para a construção da nova Capital, seria um símbolo de que o progresso estava avançando ao Estado, e que até mesmo o presidente da República Getúlio Vargas esteve de acordo com a ideia mudancista de Pedro Ludovico.

Com a mudança da capital ocorreram transformações ambientais, sociais e econômicas tanto para os moradores de Goiânia quanto para os moradores da antiga capital Vila Boa. Para atingir o objetivo propostos, serão utilizadas como fontes a documentação oficial, as falas dos governantes, as notícias de jornais da época, entre outras.

A pesquisa está sendo realizada através de levantamentos bibliográficos de autores e pesquisadores que buscaram compreender o período de mudança da Capital de Goiás, que, a partir de suas ideias e hipóteses, comprovaram que o período de transferência da Capital de Goiás, seria um desenvolvimento do Estado, sendo a representação da modernidade, no futuro desejado. Dentre os autores usados: Nasr Fayad Chaul, Luís Palacín, Maria Augusta de Sant'Anna Moraes, Castro Costa, Cristina Helou Gomide e Edna Lemes Martins Pereira.

Analisar a mudança da capital significa entender os processos de ocupação territorial e paralelamente as transformações ambientais e sociais ocorridas em tal processo.

Apesar do atraso econômico e social que Goiás sofria desde a Primeira República, as críticas dos antimudancistas sobre a mudança da Capital não foram suficientes para acabar com o anseio e a ideia de progresso de um grupo social que, junto a Pedro Ludovico, protagonizavam uma conquista maior, a construção de Goiânia.

O trabalho de conclusão de curso será dividido em três partes. O primeiro capítulo compreenderá como era o Estado de Goiás a partir do século XIX até o



século XX, como principal fator a sua contextualização histórica nesse período, além de abordar como Pedro Ludovico tinha como anseio a modernização de Goiás a partir de uma nova capital para o Estado, destacando quais eram os aspectos sociais, políticos e econômicos de Vila Boa que eram responsáveis pelo seu atraso.

O segundo capítulo tem por objetivo analisar como ocorreu a Revolução de 1930 no Brasil, e quais os benefícios que a revolução trouxe para Goiás, impulsionando o desejo de Pedro Ludovico em retirar a capital do Estado de Vila Boa para uma cidade que tivesse uma infraestrutura adequada, retirando Goiás do atraso e decadência que estava inserido desde a Primeira República, se inserindo no mercado capitalista nacional com a construção da então nova capital Goiânia.

O terceiro capítulo explicará como foi o processo de construção da nova Capital de Goiás, na cidade de Campinas, que logo após sua transferência passou a ser chamada de Goiânia. Serão mostrados quais foram os dilemas enfrentados pelos trabalhadores migrantes ao irem para Campinas na realização da construção da nova Capital, e quais eram as outras pessoas que vieram a ajudar na construção da mesma. Para por fim, entender como foi o ano de 1937 após a mudança da nova Capital Goiânia.

Palavras chave: mudança da capital, ocupação do território, transformação ambiental, Pedro Ludovico, Vila Boa, Goiânia.

Referências

CHAUL, Nasr Fayad. *A Construção de Goiânia e a Transferência da Capital*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. *História de Goiás*. Goiânia: Editora UCG, s/d.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PALACÍN, Luís; Morais, Maria Augusta de S. *História de Goiás (1722-1972)*. Goiânia: Editora – UCG. s/d.

COSTA, Castro. *Goiânia, a metrópole do oeste*. Goiânia: Gráfica e Editora Líder Ltda, 1985.

GOMIDE, Cristina Helou. *História da transferência da capital*. Goiânia: AGEPEL/UEG, 2002.

PEREIRA, Edna Lemes Martins. *Modernização e Expansão do Ensino em Porangatu na década de 1950*. Goiânia, 2004, p. 146. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Goiás.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



QUALIDADE DO ENSINO PÚBLICO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Silvania Pereira de Aquino¹³

48

Resumo:

A educação é uma necessidade básica do ser humano que precisa ser atendida em sua totalidade, portanto além da oferta da escolaridade é necessário que a educação seja construída com qualidade. Com o intuito de identificar os fatores determinantes da qualidade da educação pública, os sujeitos envolvidos neste processo e a contribuição das formações oferecidas na Rede Pública Estadual de Goiás é que se desenvolve este trabalho, a fim de que o mesmo viabilize a atuação da coordenação pedagógica de forma a contribuir para um ensino qualitativo. A metodologia envolve o levantamento bibliográfico a partir de autores como Demerval Saviani, Luís Carlos de Freitas, Luís Fernandes Dourado, José Carlos Libâneo, Sandra Valéria Limonta dentre outros pesquisadores em educação. Será realizada também uma análise documental das formações oferecidas pela Rede Pública Estadual de Goiás aos docentes a fim de caracterizá-las e observar sua contribuição para oferta de uma educação com qualidade. A partir do desenvolvimento deste trabalho se percebe que a ineficiência do processo educacional brasileiro envolve fatores, históricos, culturais, econômicos e sociais, variáveis muito amplas e relacionadas com vários aspectos que estão além do meio escolar, as políticas educacionais acabam sendo direcionadas principalmente para o interior da escola e envolvem fatores da globalização e economia, por isso, dificilmente se resolverá o problema apenas com intervenções no interior da escola. Constata-se que as formações oferecidas em Goiás priorizam as políticas públicas e suas determinações, todo o fazer pedagógico se volta para a obtenção de resultados positivos nas avaliações externas, apesar de possibilitar a cooperação entre os

¹³ Professora Especialista, Ciências Biológicas, UEG, silpaquino@yahoo.com.br.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



docentes da mesma escola que atuam de maneira uniforme. A formação docente inicial e continuada no Brasil se encontra fragilizada e banalizada precisando ser melhorada, pois é fator imprescindível na retomada da causa educacional pela sociedade organizada. A coordenação pedagógica pode atuar em tal contexto através da promoção de discussões e estudos sobre as políticas educacionais e as atuais pesquisas a elas relacionadas que imprimem sugestões para resolver o problema educacional qualitativo do Brasil, de forma a contribuir na formação docente continuada que ocorre na escola.

49

Palavras-chave: Qualidade. Escola. Formação. Professor.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO DA GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA MUNICIPAL EUZÉBIO MARTINS DA CUNHA EM PORANGATU

50

Adriana Soares BEZERRA¹⁴

Douglas Alves da SILVA¹⁵

Larissa Cesar ARAUJO¹⁶

De acordo com Santos (2004), nos dias atuais a técnica e a ciência deram ao homem a capacidade de acompanhar o movimento da natureza, graças ao progresso das técnicas de apreensão dos fenômenos que ocorrem na superfície do planeta. Por esta razão, acreditamos ser interessante analisar com os alunos da educação básica o surgimento e o desenvolvimento da técnica, e de que forma ela interfere na vida cotidiana. O projeto foi realizado na Escola Municipal Euzébio Martins da Cunha, nos anos de 2014 e 2015.

De modo geral, podemos dividir a história do meio geográfico em três etapas: meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional (MTCI). De acordo com Santos (2004, p.156), “as relações entre sociedade e natureza acontecem mediante a substituição de um meio natural por um meio cada vez mais artificializado e instrumentalizado”.

Através da realização dessa proposta objetivamos analisar o processo de evolução da técnica, desde o meio natural até o meio técnico-científico-informacional; discutir de que forma a técnica interfere na vida cotidiana; relacionar o

¹⁴ Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás e Bolsista do PIBID. adrianasoarez@gmail.com

¹⁵ Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás e Bolsista do PIBID. douglas.a.s@outlook.com

¹⁶ Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás e Bolsista do PIBID. larissacesar_araujo@hotmail.com



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



uso do celular e outros aparelhos tecnológicos ao meio técnico-científico-informacional.

No desenvolvimento do projeto, foram utilizadas como referências obras de Santos (2004), onde analisamos o conceito de meio técnico-científico-informacional, que se trata da base teórica da proposta. Chaveiro (2015) discute as transformações na maneira de se comunicar e transmitir informações na atualidade. De Certeau (1998) relaciona a dinâmica das cidades à evolução da tecnologia. Já Lopes e Richter (2014) abordam a construção de mapas mentais pelo aluno como possibilidade de análise do espaço vivido por ele.

Essa proposta foi construída durante a observação do ambiente escolar, momento em que foi possível notar que o uso de aparelhos celulares em sala de aula é um fator preocupante, pois além de favorecer a indisciplina, tira a atenção e ainda faz com que as normas estabelecidas pelo professor sejam desrespeitadas.

Pensando nisso, nos encontramos diante da questão: De que forma é possível utilizar o conceito de meio técnico-científico-informacional, mediado principalmente pelo uso do aparelho celular, como um instrumento no ensino da Geografia?

Para facilitar a mediação de conceitos, utilizamos as linguagens cotidianas aos alunos, a exemplo de análise de reportagens e propagandas em vídeo, revistas e jornais, bem como a elaboração de mapas mentais e a confecção de cartazes.

Ao abordar o meio técnico-científico-informacional, procuramos apresentar aos alunos como a técnica está presente em seu cotidiano, tanto em casa quanto na escola ou na vizinhança, e qual a sua relevância para o conforto e praticidade nas atividades diárias. Buscamos demonstrar que a técnica faz parte da evolução da sociedade, e que para o futuro, ainda há muito a evoluir.

Na aplicação da atividade, os alunos escolheram um trajeto de sua preferência para elaborar um mapa mental. A proposta foi identificar nesse trajeto, elementos do meio técnico-científico-informacional e analisar a importância deles na atualidade, bem como seria a vida sem tais elementos. Durante a execução do



projeto, após a apresentação e a análise dos conceitos geográficos, foi possível perceber que os alunos conseguiram compreender os conceitos propostos. Além dos mapas mentais, preparados individualmente, os alunos se organizaram em grupos para confeccionar cartazes, demonstrando sua compreensão do meio técnico-científico-informacional através de figuras. Na confecção tanto dos mapas mentais quanto dos cartazes pudemos perceber o empenho dos alunos na elaboração das atividades, inclusive com a participação de alunos com necessidades especiais.

Palavras-chave: Meio técnico-científico-informacional, tecnologia, ensino.

Referências

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. 3^o. Ed. Petrópolis, 1998.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Dizibilidades Literárias: A Dramaticidade da Existência nos Espaços Contemporâneos*. 2015.

LOPES, Alyne Rodrigues Cândido; RICHTER, Denis. *A construção de mapas mentais e o ensino de geografia: articulações entre o cotidiano e os conteúdos escolares*. Revista Brasileira de Geografia Territorium Terram V. 02, N^o 03, p. 2-12 Out./Mar. - 2013/2014.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. 4^o ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4^a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.



NOVO PLANALTO E A QUESTÃO DAS DUAS IGREJAS CATÓLICAS: IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA E IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

53

Adriano José Dias Rodrigues¹⁷

Introdução

A Cidade de Novo Planalto localiza-se no extremo norte de Goiás, fazendo divisa com o Estado do Tocantins. Sua emancipação política se deu no ano de 1989, mas o antigo povoado começou em meados do ano de 1957. Novo Planalto situa-se num lugar estratégico, devido à mudança da capital do país para o planalto central, fato que impulsiona o povoamento e, também, a procura de terras pelo interior do Estado.

Como ocorreu na maioria absoluta das cidades brasileiras, logo se instalou em Novo Planalto a Igreja Católica, no centro da cidade. Essa Igreja Católica, contudo, era a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) e não a tradicional Igreja Católica Apostólica Romana.

Reivindicando o status de pioneirismo, o Bispo Dom Waldemir de Araújo travou uma luta contra o representante da Igreja Católica Apostólica Romana, o padre Manuca de São Miguel do Araguaia. Através de um conflito intenso entre as duas Igrejas Católicas, Dom Waldemir (que representa a Igreja Brasileira) começou seu trabalho de evangelização, batizados e casamentos pela região rural. O Bispo da Igreja Brasileira assim que chega ao povoado levou a fé católica àquele lugarejo. Entrementes, compreende, com viés de pioneirismo, a assimilação dos católicos do lugar. Com seu trabalho evangelizador pioneiro e a aceitação dos moradores, o

¹⁷ Formado em História pela UEG – Universidade Estadual de Goiás; Professor de História na UEG, campus Porangatu. E-mail: adrianohank@hotmail.com.



Bispo da Igreja Brasileira, com a ajuda dos fieis, em 1966 ergue a Igreja Católica Apostólica Brasileira. Monumento este que se localiza no centro do povoado, onde mais tarde será a praça da cidade de Novo Planalto.

Depois das querelas, a Igreja Católica Brasileira, tornou-se, por assim dizer, a Igreja Católica “oficial” do povoado. Como de costume, em seu início a população do povoado começa a professar sua fé na Igreja Católica Brasileira. Tornando-a, assim, a “verdadeira” Igreja Católica da cidade de Novo Planalto.

Alguns anos depois, padre Manuca conseguiu estabelecer no povoado a Igreja Católica Apostólica Romana. Porém, está localizada num plano mais afastado da cidade. Ainda no decorrer dos anos 60, o antigo povoado passa a ter duas igrejas católicas. Mas, esta Igreja Católica Apostólica Romana não consegue recrutar seus fiéis que em sua grande maioria fazem parte da comunidade Bom Jesus, da dissidente Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Objetivos Gerais:

Analisar a querela envolvendo as duas igrejas a partir dos diferentes pontos de vistas com a contribuição dos depoimentos dos envolvidos, de fieis das duas igrejas e de moradores e análise de documentos como leis, livros de atas e documentos sacros em geral.

Objetivos Específicos:

- Explorar acerca dos condicionantes sociais que levaram a igreja dissidente ser hegemônica neste caso específico;
- Analisar se no processo de reconhecimento e aceitação das premissas religiosas a Igreja Católica Apostólica Brasileira usou de algum modo – velado ou explícito – a aparência teológica e/ou preceitos canônicos da Igreja Católica Apostólica Romana tanto em sua história de fundação como



especificamente no caso de Novo Planalto.

- Compreender como foi o processo de proselitismo feito pela Igreja Católica Apostólica Brasileira para trazer ao seu redil os fiéis daquela localidade.
- Analisar a especificidade em Novo Planalto da internalização das crenças da igreja dissidente ao ponto de muitos moradores se manterem fiéis à esta e até os dias atuais se rivalizar com a Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Metodologia:

Para o desenvolvimento desta pesquisa serão valiosos os estudos empreendidos a respeito da identidade por historiadores como Stuart Hall, Tomás Tadeu e Norbert Elias; sobre identidade religiosa nos amparamos em especialistas brasileiros como César Isaía e Roberto DaMatta, entre outros; acerca da tradição e religião de uma forma geral consideramos os trabalhos, respectivamente, de Eric Hobsbawm e Mircea Eliade. A propósito do catolicismo brasileiro são de primeira ordem os estudos desenvolvidos por Sanchis e outros especialistas na história das religiões.

De suma importância para o desenvolvimento deste trabalho os relatos dos envolvidos na disputa pela prioridade religiosa na cidade de Novo Planalto, relatos de moradores em geral, documentos eclesiásticos, leis municipais, atas, fotos, entre outros documentos disponibilizados impressos, e também documentos em situação de arquivo encontrados na Diocese de São Miguel do Araguaia e na Prelazia de Cristalândia, estado do Tocantins.

Será de grande importância para a investigação da explanação da identidade religiosa, assim como se levantarmos uma apreciação sobre os discursos, significados e significantes, como no “circuito da cultura”, no qual “[...] para se obter um plena compreensão de um texto ou artefato cultural, é necessário analisar os processos de representação, identidade, produção, consumo e regulação” (PAUL DU GAY, *apud* SILVA, 2013, p. 16). Deste modo, será



considerado o processo de socialização e internalização das crenças, que, neste caso, é composta por peculiaridade de reveses de hegemonia. Será observado, portanto, os estudos sobre os discursos produzidos por diferentes personagens que vivenciaram e vivenciam as querelas das duas igrejas.

Sobre os depoimentos dos personagens envolvidos nas questões religiosas, serão considerados os conceitos de representação e invenção de si. Podem não conter uma prova da realidade a ser buscada, pois: “Na mesma cidade, um acontecimento importante será contado à tarde de forma diferente que de manhã” (GOETHE *apud* KOSELLECK, 2011, p. 250).

Resultados

Nos anos 1990, depois de alguns revezes nas disputas anteriores para a hegemonia na cidade para o estabelecimento da Igreja que se finca no coração da cidade, isto é, a praça central (como é comum em qualquer cidade do Brasil), a Igreja Católica Apostólica Romana consegue fazer um trabalho de “esclarecimento” sobre a “verdadeira” Igreja Católica. Para isso, fez-se uma contínua e bem elaborada evangelização para elucidar sobre a diferenciação entre as duas igrejas católicas, com o apoio da prelazia central. Contudo, até hoje muitos religiosos permanecem fieis à Igreja Católica Brasileira, que mantém um status de tradicionalismo amparado em seu caráter pioneiro. Diante desses fatos, Novo Planalto é a única cidade brasileira na qual a Igreja Católica fincada no coração da cidade não é a tradicional Igreja Romana. Somente nesta cidade há dois padroeiros oficiais reconhecidos. Além do mais, o padroeiro pioneiro foi Bom Jesus, padroeiro da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Palavras-Chave: Igreja Católica Apostólica Brasileira. Igreja Católica Apostólica Romana. Novo Planalto. Tensões.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Referências

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a Partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural nas Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

ISAIA, Artur César. Brasil: Três Projetos de Identidade Religiosa (2013). In: RODRIGUES, Cristina Carneiro *et al.* (Org.) *Identidades Brasileiras: Composições e Recomposições*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SANCHIS, P. *Catolicismo: Modernidade e Tradição*. São Paulo: Loyola, 1992.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO DOCENTE EM LETRAS: A GRAMATICALIDADE EM CHECK NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA – CÂMPUS PORANGATU DA UEG

58

GOMES, Aline Caldeira¹⁸

COSTA, Tharcyanne Frades¹⁹

FERREIRA, Cristiano Alves²⁰

O presente estudo visa analisar sob o enfoque investigativo a Formação do Professor de Língua Portuguesa no que se refere aos conhecimentos gramaticais adquiridos durante sua maturação teórica no Curso de Letras do Câmpus Porangatu da UEG, objetivando, a priori, as ementas das disciplinas que têm enfoque na estrutura da Língua Portuguesa nas três últimas matrizes curriculares em uso.

O fato de compreender os procedimentos estruturais os quais sustentam a organização de uma língua como disciplina de formação escolar vai além da simples e analítica descrição curricular, depende, principalmente, das condições sociais, políticas e educacionais de um determinado período histórico, igualmente, deve-se ter em mente que a seleta por métodos e concepções insere-se diretamente sobre a propositura da modalidade de ensino, tão logo, ter-se-á como elemento corpóreo as nuances de formação do docente de Letras.

A Língua Portuguesa é corpus, elemento estruturador e curricular, a qual se insere no processo de ensino em acordo com a necessidade de vislumbrar a qualidade de leitura e escrita como condição irrefutável para a compreensão e aquisição do conhecimento, haja vista que, somente a partir do ato de leitura é

¹⁸ Discente do Curso de Letras – Câmpus Porangatu da UEG. aline1112@live.com.

¹⁹ Discente do Curso de Letras – Câmpus Porangatu da UEG. tharcyfrades@hotmail.com.

²⁰ Docente do Ensino Superior – Orientador – Professor Mestre em Letras: Literatura e Crítica Literária. Docente Efetivo da UEG – Didática e Práticas de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. cristiano.alves@ueg.br.



possível compreender os fatos referenciados em quaisquer áreas, ou seja, só é possível uma evolução de conhecimento se o falante, ou usuário tiver domínio dos 'signos linguísticos' de sua língua materna.

Estabeleceu-se dentre os principais problemas na formação de professores o déficit causado pela ausência de créditos que vislumbrassem em suas ementas a estrutura gramatical tradicional, ou seja, o Ensino de Gramática dentro do Curso de Letras. Discutir-se-á este aspecto, tendo por base teórica os seguintes autores: Silva (2000), Lima (2006), Bagno (1999), Antunes (2007), Neves (2002), Cury (1985) e Perini (2006), e outros.

Fatores como o espaço humano onde o ensino acontece sempre foi um dos requisitos essenciais para a compreensão da aprendizagem, logo, cabe observar que o ensino da Língua Portuguesa não se ordenou nos primórdios da colonização/exploração do Brasil, sendo assim, como atos primários, não era interesse da Coroa Portuguesa nenhum processo de alfabetização a priori, ao contrário, a intenções eram simplórias: extrair riquezas e enviá-las a Portugal.

Com o processo histórico, e com os acontecimentos bélicos que circuncidaram a Europa nos séculos XVII e XVIII, principalmente na França com Napoleão Bonaparte, inferiu-se a necessidade de fazer da então Colônia (Brasil) porto seguro no íterim das lutas travadas em solo europeu, trazendo em 1808 a Família Real Portuguesa para o Brasil, e com ela, pensadores e estudiosos, inclusive com a criação da Primeira Universidade Brasileira e o Colégio Pedro II.

Esta nova realidade, de cunho político, afetou diretamente a sociedade que se estruturava no território brasileiro, principalmente no quesito da Educação, a qual não era quesito ou prioridade dentre a população. A implantação das instituições de ensino gerou direta e indiretamente inúmeras mudanças, não somente nas interações sociais, devido ao encaminhamento de 'indivíduos' às cadeiras escolares, mas principalmente, ao fato de este ensino ser voltado para áreas essencialmente prioritárias, as de saúde e as de legislações nos cursos de medicina e direito.



É relevante citar que este “ensino” não estava ao alcance de todos, a Educação, aplicada como forma de ampliação do conhecimento, trazia consigo o emblema ou marca de Brasão, ou seja, era elitista, apenas para a nobreza (descendência direta ou indireta dos nobres oriundos da Metrópole) ou para os ditos ‘burgueses’ da nativa terra (filhos de fazendeiros ou pessoas que enriqueceram).

O fato evidencia uma tendência que perpassará o tempo, e mesmo diante as legislações que tornaram o ensino público, ainda hodiernamente, é pressupostamente elitista no sentido de qualidade às instituições detentoras de fomentos financeiros em contramão às instituições públicas.

No intuito de compreender os elementos descritos, propõem-se um estudo detalhado da gênese do processo do Ensino Escolar da Língua Portuguesa no Brasil, com ênfase na periodização Escolar da Língua Portuguesa e nas Legislações criadas para dar respaldo ao Sistema de Ensino brasileiro.

Tardif (2002) coloca também que os professores sejam pessoas possuintes de conhecimento, isto é, a partir do momento em que são possuintes de saberes, eles são mobilizados, utilizados, aplicados, gerados e retraduzidos por eles nos exercícios cotidianos da sala de aula.

Percebe-se que para ser um docente profissional envolve, portanto, em primeiro lugar o dominar de uma variada sucessão de saberes, capacidades e habilidades autênticas que o tornam um ser competente na prática da docência, além de ligá-lo a um grupo profissional organizado, preparado e sujeito ao comando.

O saber profissional dos mestres é uma amálgama de variados erudição, procedentes de manancial diversificado, que são edificados pelos professores de acordo com a condição de seu exercício profissional. Portanto, a profissionalização passa, assim, por um elevo do estado real de habilidade. No qual é definido por características objetivas, por ora também se relaciona por uma identidade, com forma de mostrar a profissão e seu dever, com a ética prescrita em seus atos, dentre outros títulos, que determinam um profissional ético.



A formação de um docente em língua Portuguesa (LP) tem acarretado inúmeros questionamentos, bem como críticas, que estão envolvida em discursos sob o quão fracassado e a necessidade de reformular o ensino e suas práticas pedagógicas. O professor de uma LP pode atravessar uma crise de identidade, pois serão inúmeras as críticas, dos quais terá de ouvir.

O docente da LP não será mais um guardião da língua, agora ele será um escravo, pois buscara erros por toda parte, sabemos bem que os erros são originários de pessoas que não dominam a norma culta da língua padrão, que segundo os PCN é a única língua 'correta', portanto, ensino da LP tende a ser estruturado em bases extremamente rígidas, as quais não atendem com clareza à necessidade dos alunos e dos professores.

Há interferência de preconceito, evidenciada ao longo da vida de um estudante de LP, e isso é fruto não só da pouca aquisição dos estudos da linguagem, como também da legitimação "natural" de valores dominantes. Essa atitude não pode ser atribuída a um desvio pessoal; ela representa, na verdade, uma das faces visíveis de uma ação docente historicamente situada, tal como descreve por João Wanderley Geraldi, em Portos de Passagem (1997). Segundo o autor, na configuração moderna do professor como categoria profissional, diferente de outros momentos em que o sábio era também o mestre, o trabalho docente carrega o signo da desatualização.

Perante todas as críticas aos ensinamentos descontextualizados, no qual está voltado para a norma, na gramática, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil sofreu uma metamorfose expressiva a partir dos meados da década de 80, assim que os avanços consequentes de pesquisas nas variadas áreas da Linguística colaboraram para a reflexão e reformulação do ensino dessa disciplina. E isso resultou, por volta de 1990, em um novo arquétipo para o ensino de LP assinalados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que um documento oficial fundado pelo governo e efetuado por um grupo de autores, que são especialistas da área e pesquisadores,



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



isto é, trazem orientações sobre o ensino, em diversas perspectivas, nas mais variadas áreas do conhecimento, e isso vem incluso o ensino de Língua Portuguesa.

As dificuldades da formação do Professor de LP, sempre existirá, pois não há solução instantânea, assim sendo, é notório a necessidade de se ter perspectiva sempre que um professor que não tem nenhum contato, ou raro contato com a leitura, ele poderá conduzir seus alunos a uma inclusão ao competente universo da cultura estudantil. E, em um curso de Letras, que tem uma educação voltada para a formação de professores, nenhum professor universitário, mesmo aqueles que não lecionam diretamente disciplinas vistas como pedagógicas, pode dar por concluída sua tarefa no dia da formatura dos alunos. Tudo o que se fez na vida acadêmica, seja como formação ou mesmo exemplo, se refletirá na trajetória desses estudantes como professores. Uma parte de seu sucesso ou fracasso será, portanto, também da universidade.

62

Palavras-chave: Ensino. Formação do Professor. Língua Portuguesa. Gramática.

Referências

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: **O que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CASTILHO, Ataliba. **A constituição da norma pedagógica do português**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo: Unicamp, v. 22, p.9-18, 1980.

GARCIA, C. M. A formação de professores: **novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor**. In NÓVOA, António (Coord.). Os professores e sua formação. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 51-76.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



_____. Formação de professores: **para uma mudança educativa**. Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: **formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, Maria Isabel. O desenvolvimento da carreira dos professores. In: ESTRELA, Maria Teresa (org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto, Porto Editora, pp. 117-159, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática-história, teoria, análise e ensino**. São Paulo. UNESP, 2002.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Vidas de professores**. Porto: Porto Codex, 1992.

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2006.

PERRENOUD, P. A prática reflexiva no ofício do professor: **profissionalização e razão pedagógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, J. **A tomada de consciência**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

PIMENTA, S. G. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM DO PARQUE ESTADUAL DO JALAPÃO: UM LUGAR DE BELEZAS NATURAIS E BIODIVERSIDADES

64

Betânia Gonçalves de lima

Kaio Samuel dos Santos

Maria José Divina Dias de Almeida

A pesquisa tem por tema, a Caracterização da Paisagem do Parque Estadual do Jalapão analisando as formas devidas de toda sua vegetação, ressaltando a beleza natural única e rica em biodiversidade de flora e fauna que encantam e estimulam o turismo no local. A partir dessa perspectiva é que foi desenvolvida esta pesquisa com o intuito de demonstrar a importância da preservação desse local, juntamente com a classificação e exposição da paisagem natural do Parque Estadual Jalapão/TO.

O turismo é uma atividade econômica a qual é responsável pela maior parte da renda local. Os diversos atrativos locais voltados ao turismo são: a cachoeira da Velha, Cachoeira do Formiga, Dunas, Fervedouro, Povoado Mumbuca, Prainha da Cachoeira da Velha, Rafting, Rio Novo e Serra do Espírito Santo. Essas atrações possuem uma paisagem extensa e árida, cortada por vários rios e ribeirões, com interessante variedade em biodiversidade de plantas nativas do bioma cerrado onde encontra-se vegetações arbustivas de tronco retorcido e grossos, assim como também árvores de grande porte em alguns locais; animais como: tamanduá-bandeira, capivara, onça-pintada e o veado-campeiro dentre outros nativos do bioma característico.

O Jalapão é um dos fundamentais percursos para prática do ecoturismo e o turismo de aventura. Excepcional, a região encontra-se em plena área de transição de vegetação do cerrado e da caatinga, onde prevalece uma biodiversidade de flora



rasteira semelhantes às savanas. Assim como os outros estados no Brasil, o estado do Tocantins possui algumas áreas de preservação, classificadas como Unidades de Conservação (UCs), dessa forma o Parque Estadual do Jalapão está dentro da classificação dessas áreas devido às peculiaridades ali presentes. Situado no extremo leste do Estado do Tocantins, onde o mesmo faz divisa com diversos estados como: Bahia, Maranhão e Piauí.

O Parque Estadual do Jalapão (PEJ) abrange os municípios de Mateiros, São Félix, Lizarda, Novo Acordo, Ponte Alta, Lagoa, Rio da Conceição, Rio do Sono e Santa Tereza. É visitado entre os turistas por ser detentor de lugares com uma diversidade de beleza cênica, abrangendo além das paisagens de cerrado, trilhas em locais exóticos com a presença do capim dourado dentre outras atividades que sustentam a economia local.

De acordo com Tocantins (2013b), O PEJ foi fundado pela Lei Estadual 1.203 de 12/01/2001 possuindo uma extensão de 158.000 hectares em espaço nuclear da região do Jalapão. Sendo dessa forma uma Unidade de Conservação de proteção integral, tem como objetivo o cuidado e a manutenção dos recursos naturais presentes na região aprovando, apenas, o aproveitamento indireto de seus recursos.

A vegetação predominante é o cerrado, encontrando também algumas fitofisionomias do bioma como os campos limpos e sujos que são sustentadas pelo solo constituído fundamentalmente de areia. Sobre a diversidade de paisagens do parque, VON BEHR, (2004, p. 132 - 138) menciona que:

A região reúne quatro tipos de paisagens: o platô com chapadões e planaltos; as encostas onde estão posicionadas as nascentes dos rios; e as dunas resultantes da ação dos ventos. Quanto à Geologia, o Jalapão se caracteriza por uma área de rochas de arenito muito frágeis, sujeita a erosão provocada pelos ventos e chuvas, formando depósitos de areias. As águas das chuvas penetram facilmente na areia formando enormes aquíferos subterrâneos como os fervedouros. Nos platôs dos chapadões e planaltos observam-se serras tipos mesa e morros – testemunhos - ambientes estáveis e com vulnerabilidade ambiental baixa.



Nessa paisagem os aspectos geológicos e geomorfológicos contribuem para formação da Cachoeira do Jalapinha, Cachoeira do Prata, Cachoeira da Velha, Cachoeira do Sussuapara, as dunas que contribuem também como forma de divisa dos estados do Tocantins, Maranhão, Bahia e o Piauí.

A geomorfologia é caracterizada por apresentar planaltos e chapadões aplainados, observando-se as serras do tipo “mesa” e morros “testemunhos” com bordas uniformes. Nos taludes das serras é encontrada ação erosiva pluvial e eólica de forma destrutiva. Pertencente a Bacia Sedimentar do São Francisco. Apresenta textura arenosa e coloração variada entre o branco e o róseo, variando de acordo com a concentração de argila e óxido de ferro. (SAFARI NO JALAPÃO, 2015).

A geologia da região é formada por rochas sedimentares com textura arenosa e coloração variada de acordo com a concentração de argila e óxido de ferro. Essa textura do solo arenosa pode ser percebida principalmente nas dunas, que são as encostas onde predominam as nascentes dos rios que a partir dos ventos e das chuvas desencadeiam os processos erosivos que são as dunas do Jalapão. Entretanto, existem outros tipos de paisagens diversificadas, os quais são os chapadões e planaltos, denominados de platô. Outra paisagem que é predominante são os locais de vegetação do cerrado, locais mais planos, além das veredas caracterizadas por possuírem alto índice de umidade por estarem próximas aos rios.

Em meio a diversidade de cenários presentes em variados pontos turísticos, no PEJ destacam-se dunas de areias douradas, que formam camadas bastante altas, tais dunas, são formadas pela erosão das rochas vindas da serra Espírito Santo e com a ação dos ventos, essas areias são depositadas na localidade, formando assim, dunas, fator este que propiciou o lugar a ser conhecido como deserto do Jalapão. Realmente seria um deserto, caso não existisse a abundância de águas límpidas além da variedade de plantas e animais exóticos que causam admiração aos que veem.



O capim dourado é uma das principais atividades locais desenvolvidas por mulheres da região, especificamente pelas artesãs da comunidade Mumbuca, um pequeno e tradicional povoado de origem quilombola, que faz do capim dourado a principal fonte de renda. As artesãs da localidade colhem o capim e produzem diversos materiais e peças artesanais como: bolsas, pulseiras, chaveiros, cestas além de variados objetos de decoração que contribuem com a economia local, pois os mesmos são vendidos para turistas que adquirem algumas peças como lembranças dos locais onde percorreram.

Dessa forma, pode-se concluir que o Parque Estadual do Jalapão mesmo estando numa Unidade de preservação, com o desenvolvimento de atividades turísticas devido ao grande fluxo de indivíduos visitantes acabam por criar alguns impactos não só na economia local, mas como o lugar é de grande fragilidade ambiental, também ocasionam no meio natural

Palavras-chave: Paisagem, Natureza, Jalapão, Biodiversidade, Ecoturismo.

Referencias

VON BEHR, M. **Jalapão**: sertão das águas. São José dos Campos, SP: Somos Editora, 2004.

_____. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente/Instituto Natureza do Tocantins. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Jalapão – PEJ**. Palmas: Seplan/NATURATINS, 2003.

_____. **Safari no Jalapão**. Disponível em:
<<https://www.safarinojalapao.com.br/aspectos-geograficos-regiao-do-jalapao/#.Vb5sE9IZFUL>>. Acesso em: 25 jun. 2015.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



O RETRATO DE DORIAN GRAY: O REFLEXO DO NARCISISMO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA OBRA DE ARTE

68

ARAÚJO, Danielle Santos²¹

MILHOMEM, Francielle Lopes²²

FERREIRA, Cristiano Alves²³

O estudo em questão aborda as características do Processo de Construção da Obra de Arte, com enfoque no Narcisismo presente na obra O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde da Literatura de Língua Inglesa. Os aspectos em estudo não se limitam aos contrastes de textos e partes de textos, ou mesmo de suas possíveis versões da Língua Inglesa para a Língua Portuguesa, mas sim de apenas uma possibilidade de versão (tradução) seleta, observando não somente o campo semântico estruturado pelo tradutor, quanto as abordagens narcísicas oriundas do protagonista e da sociedade em que este estava envolto.

Estruturar uma reflexão e análise de uma obra/tradução requer uma seleta de edição e possibilidade de alteração com o original, contudo, não é prioridade deste estudo os problemas oriundos das teorias de tradução, e sim, apenas seu campo ideológico lançado como presente no enunciado de seu discurso narrativo e filosófico, por assim ser considerado pela maioria dos críticos literários.

A priori, desvendar-se-á a cortina filosófica presente na obra com base em uma pesquisa bibliográfica que revele também o processo de autoria e construção da obra; vislumbrando principalmente que o autor tem em si elementos estruturais e

²¹ Discente do Curso de Letras – Câmpus Porangatu da UEG.

²² Discente do Curso de Letras – Câmpus Porangatu da UEG.

²³ Docente do Ensino Superior – Orientador – Professor Mestre em Letras: Literatura e Crítica Literária. Docente Efetivo da UEG – Didática e Práticas de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. cristiano.alves@ueg.br.



psicológicos presentes em seus trabalhos, em suas pinceladas literárias deixou uma nuance narcísica e tendenciosamente voltada para metonímia da desconstrução.

Igualmente, tem-se como objetivo explorar as condições de construção da perspectiva narcisística tanto das personagens socialmente estabelecidas em seus status sociais, elegendo a época histórica e literária como matiz para estes espasmos de personalidade e as condições de manutenção destes ideais de beleza até então considerados imutáveis, com enfoque não na vida eterna, mas na juventude e beleza eterna, marmorizada, pincelada como arte clássica.

Para tais ligações históricas e literárias, faz-se necessário uma intrusão no tempo e espaço da literatura, da vida do autor, da obra em questão e da própria perspectiva de narcisismo para a psicologia. Compreender estes fatos elegerá as condições necessárias para a organização e discussão da proposta deste estudo. Logo, é necessário o conhecimento das condições de construção da obra de arte literária, da época em que autor e obra viveram e se constituíram e principalmente das teorias que sustentam o prelúdio narcisista da obra.

Conceituar uma teoria, ou uma perspectiva literária é, a princípio, uma tentativa de verificar todas as similaridades ou distinções com outros momentos literários vigentes no processo de construção da obra de arte. Em Literatura, têm-se vertentes²⁴ tais como: a Historiografia Literária, a Teoria Literária e a Crítica Literária; sendo que, destas destacam-se como principais estudiosos, em ordem, Afrânio Coutinho, Regina Zilberman e Antônio Cândido, dentro outros.

Segundo Afrânio Coutinho (1968) a história da literatura não pode ser vista como um mero registro acumulativo de tudo que se produziu, mas sim a reescritura de textos com o olhar presente. A história literária deve ser como uma construção discursiva, fazendo a narração de eventos literários, assim como ela não pode fugir do seu movimento hermético. Sendo que há uma necessidade de representar o passado na tentativa de reconstruir o que aconteceu, logo uma das maneiras mais eficaz é o texto literário.

²⁴ As quais já sofreram alterações, divisões e subdivisões em seus estudos, tais como a Nova Crítica Literária.



No que tange a crítica, Antônio Cândido (2006) afirma que em consideração as diversidades das obras literárias, o crítico deve ter a capacidade de aproximar os diferentes pontos de vista e as posições, permitindo o respeito entre as obras literárias. O autor propõe para a crítica uma visão integrada, deixando de lado o autoritarismo e o exclusivismo. Deve-se investigar de que maneira as condições da sociedade estão incorporadas no crítico, quanto procurar o vínculo com a personalidade do autor.

Tão complexo quanto conceituar Literatura, é ordenar ou encontrar suas origens diante a imensa bibliografia historiográfica existente. As literaturas em geral, estruturadas em suas nações, são, em suma, constituídas através de um processo histórico-social, repleto de fragmentações e influências de cunho religioso, econômico, político e outros. Sendo essas literaturas um constructo de inúmeros elementos presentes na vida humana, esta, por si, é um reflexo mimético²⁵ da própria humanidade.

Pode-se dizer que a história da Inglaterra tem seu ponto de partida com o povo Celta, de modo que essa cultura ainda apresenta vestígios atualmente no País da Irlanda, oriundos de populações as quais já habitavam a Europa desde muito tempo nas regiões hoje conhecidas como Espanha, França, Alemanha e Inglaterra.

A literatura deteve um papel social importante na sociedade Inglesa Vitoriana. O gênero literário que mais predominou naquela época foi o romance que era publicado, editados em cadernos semanais. Tais publicações eram lidas pelos burgueses em saraus, nas reuniões familiares tendo por objetivo exaltar os valores pregados na época. Segundo Cevalco e Siqueira (1985, p.54), “os leitores querem histórias sobre a vida de todos os dias, sobre um mundo que eles reconheçam e que não lhes incomode demais a consciência. Sobretudo, não querem obras que lhes firam a decência”.

²⁵ Os conceitos de *mimesis*, termo oriundo do grego *mimesis*, “imitação” (*imitatio*, em latim), que diz respeito a ação ou capacidade de imitar, sendo considerado assim a reprodução ou representação da natureza, essencial ente difundida na filosofia de Platão bem como na poética de Aristóteles, como o fundamento de toda a arte. (ARISTÓTELES, 1945)



Conforme Morais (2004), as recentes mudanças sociais ocorridas na Inglaterra, principalmente o crescimento do público-leitor e a ascensão da burguesia, que a partir desse momento tem uma maior participação na política, além das novas oportunidades que o recente mundo tecnológico e industrial apresentava, fizeram brotar nas pessoas a vontade de se tornarem educados e cultos, atributos que grande parte da classe média não possuía. Como decorrência desse desejo, os autores se transformaram em profetas e modelos a serem seguidos.

Oscar Wilde, poeta dramático foi um líder do movimento estético e sua obra incluía diversas áreas, era audacioso e tinha uma sofisticação na ironia. Suas principais características são a arte pela causa da arte, temas sérios tratados de forma petulante, ironia e humor o que lhe garantiu um grande destaque na sociedade. Sua obra mais prestigiada é o romance *The Picture of Dorian Gray*, cuja obra é o objeto de estudo de análise e discussão neste estudo.

Wilde sofreu influências de Walter Pater que conforme Ellmann (1989) foi quem lhe despertou os sentidos, chegando a tornar-se seu discípulo e seguidor. Ao conhecer o trabalho de Pater, *Estudos da História da Renascença*, Wilde cita Pater em suas duas obras, *De Profundis* e *O retrato de Dorian Gray*. Para Ellmann, Oscar superou Pater apesar de ser considerado a maior mente do século no estudo.

A presença do narcisismo pode ser observada na estrutura dos elementos da obra e dentro destes mesmos elementos. A teoria de Freud (1914) em seu artigo *Sobre o narcisismo – uma introdução*, retoma o aspecto aos desejos do eu e aos desejos do objeto, firmando assim sua primeira concepção para a teoria em questão. O mito, vinculado ao estereótipo, é apresentado na obra da mesma forma, metaplámificado em uma estrutura similar e paralela, pois na mitologia grega é o espelho d'água que Narciso se lança para a juventude eterna de seu próprio eu, na obra, *O Retrato de Dorian Gray*, é na tela que sua beleza e juventude se eternizam como signos de seu desejo narcísico.

Tempo e espaço se mobilizam em favor de Dorian Gray, vivendo em uma sociedade hipócrita, mas que se vendia a beleza e estética como alimento a alma,



elevando a caráter de deuses os detentores de tal virtude, assim Gray foi concebido, como tão belo ou mais que os próprios deuses míticos, e assim, especialmente, as portas sociais lhe são abertas com facilidades, claro que com a necessidade de contrapartidas. O tempo não passa em Gray, passa apenas em sua pintura, no quadro em que Basil prendeu sua outra alma.

São inúmeras as presenças do narcisismo na construção da obra de arte em O Retrato de Dorian Gray, pois a obra é uma metonímia da própria arte com enfoque no belo e clássico. Considera-se então, até o presente momento, que as partes da obra constituem frações pequenas e identitárias de quem realmente é Dorian Gray, quem ele realmente se tornou e como sua beleza e juventude eternizou-se e monopolizou a sociedade londrina.

Palavras-chave: Obra de Arte. Literatura. O Retrato de Doryan Gray. Oscar Wilde. Narcisismo.

Referências Bibliográficas

ABRAMS, M. H. et al. (ed.). *The Norton Anthology of English Literature*. New York: Norton & Company, 1993.

ARISTÓTELES. *Poética*. 2ª Ed. Torino: Chiantore, 1945.

BURGUES, Anthony. *A literatura inglesa*. São Paulo: Ática, 2006.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Trad. de Carlos Felipe Moisés. 16 ed. São Paulo: Palas Athena, 1998.

CANDIDO, Maria Regina. *Roma e as sociedades da antiguidade: política, cultura e economia*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008.

CARMO, Tereza Pereira do. "*Didascálias no oedipvs de sêneca*". (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais – F. L.: Belo Horizonte, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lelliz. *Rumos da Literatura Inglesa*, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CLAIR, Kate; BUSIC-SNIDER, Cynthia. *Manual de Tipografia; a história, a técnica de a arte*. Porto Alegre: Artemed Editora, 2005.

COSTA, Ricardo da. *Corpo transgredido, locus profanado: o martírio de Tomás Becket (1118-1170) na arte medieval*. Revista Idade Média: Uberlândia, 2014.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

FRANCA, Neto, Alípio Correia de; Milton John. *Literatura Inglesa*. Curitiba: IESD Brasil S.A., 2009.

SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Introdução aos estudos literários, correntes teórico-críticas*: Letras Vernáculas. Ilhéus/BA: UAB-UESC, 2010.

SILVA, Alexander Meireles da. *Literatura Inglesa para Brasileiros*. Rio de Janeiro: Moderna, 2005.

STRONG, Roy. *The Story of Britain: A people's History*. New York, Fromm International Publishing Corporation, 1996.

TOLEDO, Carolina Rossetti de. *O Teatro do engano*. Revista Letras Clássicas: Fevereiro, 2014.

ZILBERMAN, Regina. *Teoria Literária I*. Curitiba: IESD Brasil S.A., 2009.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A OFICINA “O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA EM AMBIENTE EDUCACIONAL” – COMO CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

74

Danilo Cícero Fagundes Naue²⁶

Romilda Alves da Silva Araújo²⁷

O projeto de extensão “Difusões” desenvolvido por nós no ano de 2014 teve como principal objetivo capacitar docentes, discentes e técnicos administrativos da UEG de Porangatu para adquirir técnicas de obtenção, edição e divulgação de material audiovisual. Como produto desse projeto, realizamos uma oficina destinada a capacitar profissionais da educação para produzirem vídeos a partir de dispositivos móveis e equipamentos amadores (câmeras e celulares), atendendo às discussões que compõem a área da produção de vídeos (estética, ética e tecnológica).

Considerando o conhecimento como o resultado de uma rede de relações sociais, culturais, físicas e simbólicas, procuramos situar esta ação extensionista no âmbito da interdisciplinaridade, pois a partir da socialização dos conhecimentos em tecnologia foi possível estabelecer um canal privilegiado para a formação de professores, constituindo-se, assim em um caminho na direção da autonomia docente, pois de acordo com Tardif (2002, p. 21):

Quanto menos utilizável no trabalho é um saber, menos valor profissional parece ter. Nessa ótica, os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais, pois essa experiência é, para o professor, a condição para a aquisição e produção de seus próprios saberes profissionais. Ensinar é

²⁶ Especialista em Redes de computadores. Graduação em Sistemas de Informação. Docente da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Porangatu. E-mail: danilonaue@hotmail.com

²⁷ Mestrado em História, Graduação em História, Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Porangatu. E-mail: romildaaraujo@brturbo.com.br



mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho.

Dessa forma, quanto mais recursos o professor dispuser, melhor desempenhará sua função, com autonomia e segurança, em seu futuro local de trabalho, a escola.

Também entendemos que o primeiro passo a ser dado pelo futuro docente em direção à sua autonomia, é a busca por conhecimentos fora de seu currículo acadêmico.

Assim, o objetivo da oficina que ministramos foi prover a professores e futuros professores aparatos éticos, estéticos e tecnológicos para produzirem vídeos autorais, como ferramenta pedagógica e promover a comunicação entre os cursos na direção da interdisciplinaridade, proporcionar aos futuros profissionais da educação conhecimentos concernentes ao uso da tecnologia em sala de aula, contribuindo, assim, para a formação docente e autonomia profissional. Pois o vídeo pela sua capacidade de tocar os sentidos, experienciar sensorialmente o outro, o mundo e a si mesmo, é uma ferramenta pedagógica que se utilizada em ambiente educacional de maneira significativa, permite a formação de uma consciência crítica, reabilita os valores e fortalece a identidade de pessoas e grupos.

É desta experiência que trata esta comunicação, pois como Souza e Almeida (2011, p. 241) concordamos que:

A extensão universitária, como componente da tríade ensino, pesquisa e extensão, deve despertar a necessidade no indivíduo de aprender a ler o mundo, olhá-lo, interpretá-lo e ressignificar sua vida, a do seu entorno e a da própria humanidade. Essa relação dialética entre o sujeito e a história não vem sendo apenas um instrumento a mais de transmissão ou transferência de técnicas ou conhecimentos, mas, além disso, de transformação e de construção social.

A proximidade com docentes das Licenciaturas foi um dos motivos para a realização da oficina. Como ministrante da Disciplina Mídias na educação no curso de ciências Biológicas, foi possível perceber o interesse e a necessidade dos



discentes em adquirir conhecimentos e técnicas para a produção de audiovisuais como ferramenta de apoio ao ensino. Dessa forma, entendemos que o referido conhecimento poderia ser estendido aos outros cursos do Câmpus de Porangatu, uma vez que o projeto de extensão “Difusões”, não alcançou cursos do período noturno.

Assim, juntamente com a professora Romilda Araújo - colaboradora da ação extensionista - pensamos e executamos a referida oficina, pois como afirma Nogueira (2001, p. 57):

Repensar a Extensão como atividade acadêmica significa colocá-la ao lado do Ensino e da Pesquisa, na cadeia de produção e difusão do conhecimento. Significa entendê-la como o instrumento que vai possibilitar democratizar o conhecimento produzido e ensinado na Universidade e que vai atender às demandas mais urgentes da população.

Conscientes de que a produção de vídeos autorais para muitos professores ainda seja um desafio, procuramos formatar a oficina de modo que pudéssemos oferecer técnicas, e proporcionar um ambiente confortável mesmo para aqueles/as pouco familiarizados com as Tic's.

Dessa forma, mobilizamos os monitores do projeto para instalarem o software Lightworks em todas as quinze máquinas do laboratório trilha digital. Em nossa proposta de oficina solicitamos aos participantes que trouxessem câmeras e cabos, para captarem as imagens e sons e pudessem transferi-las para o computador a fim de poderem editá-las de maneira orientada.

Os primeiros trinta minutos da oficina foram dedicados a explicações teóricas e as próximas duas horas e meia foram destinadas à prática.

Toda a ação foi orientada por intermédio de imagens projetadas em Datashow para que todos os participantes pudessem editar seus próprios vídeos observando o passo-a-passo. Ao final foi disponibilizado um canal de comunicação para que os participantes pudessem nos enviar suas experiências na produção de seus próprios vídeos.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras-chave: Formação de professores. Produção de audiovisual. Extensão.

Referências

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. p.57.

SOUZA, Inez Maria Fornari; ALMEIDA, Luciane Pinho de. Desafios da Extensão Universitária para erradicação da miséria e para humanização do ser humano. In: **Transcendendo Fronteiras – A Contribuição da Extensão das Instituições Comunitárias de Ensino Superior**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.p.241.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



DETERMINANTES AMBIENTAIS DA DIVERSIDADE FUNCIONAL DAS COMUNIDADES DE PEIXES DE RIACHOS

78

Dianne Michelle Alves da Silva²⁸

Fabrício Barreto Teresa²⁹

Introdução

As assembleias, tradicionalmente, têm sido descritas com base em medidas baseadas na ocorrência e riqueza de espécies (JACKSON et al., 2001). No entanto, um crescente número de estudos tem enfatizado que essa forma de abordagem da biodiversidade representa apenas um grau limitado de características da assembleia (DÍAZ; CABIDO, 2001). Diante disso, nos últimos anos, o conceito de diversidade funcional tem recebido considerável atenção na ecologia de comunidades, uma vez que captura informações sobre as características funcionais das espécies (CIANCIARUSO et al., 2009). A mensuração diversidade funcional envolve a descrição da variabilidade dos atributos funcionais presentes na comunidade (PETCHEY; GASTON 2006). Deste modo, a ecologia funcional é baseada na utilização de características funcionais definidos como atributos biológicos que influenciam a performance do organismo (VIOLLE et al., 2007) e é determinada pelas condições ambientais.

A ecologia trófica e o hábitat são duas dimensões ecológicas, as quais têm sido amplamente utilizados em estudos de diversidade funcional. Entretanto, a variabilidade desses atributos é usualmente combinada em métricas

²⁸ Mestrando (a) em Recursos Naturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás-Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas-UnUCET, Anápolis, Goiás. E-mail: dianne.michelle.silva@gmail.com.

²⁹ Docente do mestrado em Recursos Naturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás-Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas-UnUCET, Anápolis, Goiás.



unidimensionais, visando descrever a diversidade funcional das comunidades (PEASE et al., 2012). Isso, por sua vez, pode mascarar padrões mais complexos de relacionamento entre os atributos e as variações no ambiente, assim como os mecanismos envolvidos na organização das comunidades.

Hipotetizamos que variáveis ambientais diferentes explicam a diversidade de atributos funcionais diferentes. Dessa forma, a desconstrução da diversidade funcional poderia revelar padrões distintos da associação ambiente-diversidade. Nossa expectativa é que modelos ambientais descrevendo a estrutura física do hábitat interno e, especialmente, aspectos hidrológicos serão melhores preditores da diversidade no uso do hábitat, uma vez que representariam a heterogeneidade de micro-hábitats disponíveis para as espécies (TERESA; CASATTI, 2013). Por outro lado, predizemos que modelos ambientais relacionados com a estrutura do ecótono e da paisagem sejam mais explicativos para a diversidade trófica, pois seriam associados com a presença de floresta nas adjacências dos riachos e, conseqüentemente com a disponibilidade de recursos alimentares, especialmente itens alóctones que são importantes fontes de recursos para peixes de riachos (ZENI; CASATTI, 2014).

Objetivo

Avaliar os determinantes ambientais para a diversidade de atributos funcionais das comunidades de peixes de riachos. Mais especificamente, pretende-se verificar como a diversidade de atributos associados a diferentes funções ecológicas é associada às condições ambientais dos riachos.

Metodologia

Área de estudo



Realizamos o estudo em 29 trechos de 80 metros em riachos pertencentes à sub-bacia do rio Santa Teresa, bacia do Alto rio Tocantins. , no final do período seco, entre agosto e setembro de 2013. A bacia do Alto rio Tocantins drena uma região importante no ponto de vista da conservação da biodiversidade (DINIZ-FILHO et al., 2009), apresentando alto grau de endemismo (CARVALHO et al., 2010).

Descritores ambientais

Os trechos amostrais foram caracterizados com relação a aspectos ambientais do hábitat interno, do ecótono e da paisagem a montante (microbacia). Para a caracterização do hábitat interno foram determinados nove transectos transversais equidistantes dentro do trecho amostral onde foram avaliadas as seguintes variáveis: composição do substrato; profundidade; fluxo no meio da coluna d'água; presença de estruturas como raízes, troncos e banco de folhiço no canal e nas margens dos riachos, em contato com a água. A composição do substrato foi determinada a partir da estimativa visual da proporção ocupada por substrato estável (seixo, matacão, rocha e laje) e instável (areia, cascalho e argila inconsolidada). O ecótono foi descrito a partir de estimativa visual quanto a largura da mata ripária e a proporção de gramíneas, arbustos e angiospermas arbóreas nas margens, em uma faixa de 30 metros a partir do curso do riacho. O sombreamento (proxy para a qualidade da vegetação ripária) foi medido a partir de análises de fotografias do dossel obtidas nos transectos dentro do trecho amostral. As variáveis de paisagem incluíram: porcentagem de vegetação nativa remanescente na microbacia (mata-microbacia) e porcentagem de vegetação nativa remanescente em uma faixa de 500 metros a montante do trecho amostral (mata-500m). Essas variáveis foram obtidas através de análises de imagens de alta resolução do satélite RapidEye (5 metros de resolução espacial) e imagens SRTM (Shuttle Radar Topography Mission) pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (<http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>). O processamento e a obtenção das métricas



foram realizadas nos softwares ArcGis 9.2 e SPRING. As imagens utilizadas foram referentes aos anos de 2011, 2012 e 2013.

Coleta dos peixes e descrição dos atributos funcionais

Os peixes foram amostrados a partir de uma passagem de pesca-elétrica ao longo do trecho de 80 metros no sentido jusante-montante. Após a captura, os peixes foram fixados em uma solução de formalina (10%) e posteriormente, após 72 horas, transferidos para etanol (70%). As espécies foram identificadas até o menor nível taxonômico possível por meio de consulta de literatura e especialistas.

As espécies foram descritas a partir de 13 atributos baseadas em 18 medidas morfométricas associadas ao uso do hábitat e ecologia trófica (GATZ, 1979). Dez indivíduos adultos de cada espécie foram utilizados para obtenção das medidas.

Descritores da diversidade funcional

Os índices de diversidade funcional foram calculados tendo em vista o conjunto de atributos relacionados com o uso de hábitat e a ecologia trófica separadamente. Três índices foram utilizados (MPD, MNTD e Rao), doravante denominados MPD-, MNTD- e Rao-habitat e MPD-, MNTD-, Rao-trófico, respectivamente. O MPD e o MNTD foram calculados por meio de um dendrograma funcional que representa as similaridades/dissimilaridades funcionais entre as espécies. Para a construção do dendrograma funcional foi utilizado o método de ligação UPGMA (Unweighted Pair Group Method Using Arithmetic Mean).

O MPD (do inglês *mean pairwise distance*) é calculado a partir da média da distância entre todos os pares de espécies da comunidade no dendrograma funcional que inclui todas as espécies do pool. Já o MNTD (do inglês *mean nearest neighbor distance*) é baseado na média da distância entre cada espécie da comunidade com a sua respectiva espécie funcionalmente mais similar. A entropia



quadrática de Rao (Rao) é a média da distância entre os pares de espécies da comunidade ponderado pelas suas respectivas abundâncias (BOTTA-DUKA, 2005).

Análise dos dados

O conjunto de variáveis ambientais e os atributos funcionais foram padronizados de forma a apresentarem média igual a zero e desvio padrão igual a um (escores de z), exceto para as variáveis em escala de paisagem que foram transformados utilizando o arcoseno da raiz quadrada. Além disso, variáveis fortemente colineares ($r > 0,7$) foram omitidas das análises.

Para investigar os determinantes ambientais para a diversidade de uso de hábitat e ecologia trófica foram realizadas regressões múltiplas conduzidas no software SAM - Spatial Analysis in Macroecology (Rangel et al. 2010). Os índices de diversidade (MPD, MNTD e Rao) foram incluídos como variáveis resposta e as variáveis ambientais como preditoras. As variáveis preditoras foram compostas pelos dados ambientais descrevendo o hábitat interno (i.e. proporção de raiz, tronco, folhiço, substrato consolidado, profundidade e fluxo), ecótone (i.e. sombreamento e largura da mata ciliar) e paisagem (i.e. mata-bacia e mata-500m). A partir do conjunto de variáveis ambientais foram definidos modelos *a priori* baseados na expectativa sobre a influência dos fatores organizadores da estrutura funcional das comunidades, considerando diferentes cenários. As regressões múltiplas incluíram diferentes combinações das variáveis explicativas (hábitat interno, ecótone e paisagem). Foram definidos 23 modelos candidatos incluindo um modelo global com todas as variáveis ambientais (modelo 1); modelos de uso do solo (modelo 2); modelos do hábitat interno (modelo 3-8); modelos de hábitat interno e ecótone (9-12); modelos hidrológicos (13-16) e modelos de ecótone (17-23). Os modelos foram comparados por meio do Critério de Informação de Akaike (AIC) (BURNHAM; ANDERSON, 2002). A fim de garantir a independência espacial dos modelos foi avaliado o padrão espacial dos resíduos resultantes dos melhores modelos



utilizando o coeficiente de I de Moran. O número de classes de distância foi definido usando a regra dos Sturges.

Resultados e Discussão

Do total de modelos lineares gerados tendo como variável resposta os índices associado ao uso do hábitat, o modelo 20 (ecótone, $AICc=-80,48$; $W_i=0,14$), modelo 14 (hábitat interno, $AICc=-44,10$; $W_i=0,24$) e modelo 5 (hábitat interno, $AICc=-19,79$; $W_i=0,18$) foram os melhores modelos para o MPD-, MNTD- e Rao-hábitat, respectivamente (Tabela 1). O modelo 20 (ecótone) foi representado pelo sombreamento, largura da mata ripária e mata- 500m ($r^2=0,23$). Já o modelo 14 (hábitat interno) foi representado pelo fluxo e substrato consolidado e explicou 29% da variação do MNTD-hábitat e o modelo 5 (hábitat interno) apresentou 25% de explicação do índice Rao-hábitat e foi representado por três variáveis em conjunto, sendo elas: proporção de raiz, tronco e folhíço.

Dentre os modelos lineares gerados para a diversidade trófica, o modelo 4, 3 e 2 foram os melhores modelos de acordo o critério de Informação de Akaike ($\Delta < 2$) (Tabela 1). O modelo 4 foi representado pela associação entre a porcentagem de raízes do habitat interno com a proporção de tronco no hábitat interno, esse modelo explicou 24% da variação do MPD. O modelo 3 foi representado pela porcentagem de substrato, e apresentou baixo poder preditivo ($R^2=0,05$) na variação do MNTD. O modelo 2 foi composto pela porcentagem de remanescentes a 500 metros do riacho e porcentagem de remanescente na microbacia ($R^2=13$), tendo como variável resposta o índice Rao.

Tabela 1 - Resumo das estatísticas de seleção de modelos para a diversidade funcional (uso do habitat e ecologia trófica).



Tabela 1 - Resumo das estatísticas de seleção de modelos para a diversidade funcional (uso do habitat e ecologia trófica).

		Modelo	Variáveis predictoras	R ² adj	AIC	Δi	Wi		
Uso de hábitat	MPD	Mata ripária	Sombreamento + largura da mata ciliar + % mata a 500m	0,17	-19.79	0	0.14		
			MNTD	Hidrológico	Fluxo + substrato consolidado	0,26	-44.10	0	0.24
					Rao	Hábitat interno	Raiz + tronco + folhiço	0,20	-19.79
Dieta	MPD	Hábitat interno	Raiz + tronco	0.21	-92.39	0	0.21		
			MNTD	Hábitat interno	Substrato consolidado	0.05	-39.71	0	0.14
					Rao	Uso do solo	% mata a 500m + % mata da bacia	0.13	-22.65

Nossos resultados indicam que a diversidade de uso de habitats foi mais influenciada por fatores locais, enquanto a diversidade trófica foi mais influenciada por fatores em escala de paisagem, em adição a fatores locais, proporcionando suporte para a importância da abordagem multi-escala para elucidar os padrões de diversidade nas comunidades (LESSARD et al., 2012).

Os modelos de ecótone e de hábitat interno foram importantes para a diversidade de uso de hábitat. A importância do ecótone traduz-se na influência da mata ripária e nas imediações dos riachos, uma vez que o modelo com maior poder preditivo foi composto por variáveis como o sombreamento no riacho, largura da mata ciliar e porcentagem de mata a 500 metros do riacho para MPD-hábitat. A importância da vegetação ripária está associada ao papel fundamental desse componente para a manutenção das condições abióticas do riacho e promoção da heterogeneidade física do canal (NAIMAN; DÉCAMPS, 1997). A vegetação ripária tem um papel importante no controle da retenção de sedimentos atuando como uma barreira física e que impede o assoreamento (HEARTSILL-SCALLEY; AIDE, 2003).



A porcentagem de substrato consolidado e o fluxo compuseram o melhor modelo para MNTD-hábitat. Os riachos presentes neste estudo são relativamente bem conservados, como pode ser verificado pela alta média de vegetação nativa na microbacia. Dessa forma, embora a proporção de substrato consolidado seja considerada um indicador de assoreamento em algumas regiões (CASATTI et al., 2015), em nosso estudo ele deve indicar um gradiente longitudinal natural.

Outras variáveis da estrutura interna dos riachos como a raiz, folhiço e tronco também promoveram maior variabilidade quanto ao uso de habitats, conforme verificado pelo melhor modelo para explicar Rao-hábitat. Essas são de fundamental importância para a promoção de heterogeneidade ambiental (WILLIS et al., 2005). As raízes, troncos e a composição do substrato também são importantes para a variabilidade funcional relacionados à dieta (MPD- e MNTD-trófico). É possível que presença dessas estruturas estejam associadas com o predomínio de poucos itens alimentares. Essas estruturas podem ser utilizadas como substrato para macroinvertebrados aquáticos (O'CONNOR, 1991), o que poderia resultar em comunidades dominadas por insetívoros aquáticos.

Conforme predito, as variáveis de paisagem foram mais associadas com a diversidade trófica. De fato, o modelo que inclui a presença de matas na microbacia foi o melhor preditor da diversidade trófica (Rao-trófico). A quantidade de áreas florestadas em uma bacia hidrográfica pode influenciar a quantidade e o tipo de itens alimentares que chegam aos riachos (Richards et al. 1996) influenciando a diversidade trófica das comunidades. Diante disso, sob o ponto de vista da conservação, a diversidade funcional, em especial a diversidade trófica pode representar um indicador de degradação da paisagem (STRECKER et al. 2011).



Considerações Finais

Nossos resultados indicam que a estrutura funcional das comunidades estão sujeitas a forte controle ambiental e que diferentes atributos funcionais são associados a diferentes gradientes ambientais. A estrutura física dos riachos e a qualidade da mata ripária têm forte poder preditivo para a diversidade no uso de hábitat e variáveis de paisagem em associação com o hábitat interno são associadas com a diversidade trófica, evidenciando a importância de variáveis em escala local e de paisagem para a estruturação funcional das comunidades de peixes de riachos.

Referências

BURNHAM KP; ANDERSON DR. Model selection and multimodel inference: a practical information-theoretic approach. *Springer Science & Business Media*, 2002.

CARVALHO FR, BERTACO VA; Jerep FC. *Hemigrammus tocantinsi*: a new species from the upper rio Tocantins basin, Central Brazil (Characiformes: Characidae). *Neotropical Ichthyology*, v. 8, n. 2, p. 247-254, 2010.

CASATTI L et al. Stream fish, water and habitat quality in a pasture dominated basin, southeastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, v. 66, n. 2B, p. 681-696, 2006.

CIANCIARUSO MV; SILVA IA; Batalha MA. Diversidades filogenética e funcional: novas abordagens para a Ecologia de comunidades. *Biota Neotropica*, v. 9, n. 3, p. 93-103, 2009.

DÍAZ, Sandra; CABIDO, Marcelo. Vive la difference: plant functional diversity matters to ecosystem processes. *Trends in Ecology & Evolution*, v. 16, n. 11, p. 646-655, 2001.

DINIZ-FILHO JAF et al. Macroecologia, biogeografia e áreas prioritárias para conservação no cerrado. *Oecologia brasiliensis*, v. 13, n. 3, p. 470-497, 2009.

GATZ Jr AJ. Ecological morphology of freshwater stream fishes. *Tulane studies in ZOOLOGY and botany*, v. 21, n. 2, p. 91-124, 1979



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



HEARTSILL-SCALLEY T; AIDE T. M. Riparian vegetation and stream condition in a tropical agriculture-secondary forest mosaic. *Ecological Applications*, v. 13, n. 1, p. 225-234, 2003.

JACKSON; PERES-NETO, PR; OLDEN, JD. What controls who is where in freshwater fish communities the roles of biotic, abiotic, and spatial factors. *Canadian Journal of Fisheries and Aquatic Sciences*, v. 58, n. 1, p. 157-170, 2001.

LESSARD JP et al. Inferring local ecological processes amid species pool influences. *Trends in ecology & evolution*, v. 27, n. 11, p. 600-60, 2012.

NAIMAN, Robert J.; DÉCAMPS, Henri. The ecology of interfaces: riparian zones. *Annual review of Ecology and Systematics*, p. 621-658, 1997.

PEASE, AA et al. Ecoregional, catchment, and reach-scale environmental factors shape functional-trait structure of stream fish assemblages. *Hydrobiologia*, v. 753, n. 1, p. 265-283, 2015.

PETCHEY, Owen L.; GASTON, Kevin J. Functional diversity: back to basics and looking forward. *Ecology letters*, v. 9, n. 6, p. 741-758, 2006.

STRECKER, Angela L. et al. Defining conservation priorities for freshwater fishes according to taxonomic, functional, and phylogenetic diversity. *Ecological Applications*, v. 21, n. 8, p. 3002-3013, 2011.

TERESA, Fabricio Barreto; CASATTI, Lilian. Development of habitat suitability criteria for Neotropical stream fishes and an assessment of their transferability to streams with different conservation status. *Neotropical Ichthyology*, v. 11, n. 2, p. 395-402, 2013.

VIOLLE C et al. Let the concept of trait be functional!. *Oikos*, v. 116, n. 5, p. 882-892, 2007.

ZENI, Jaqueline O.; CASATTI, Lilian. The influence of habitat homogenization on the trophic structure of fish fauna in tropical streams. *Hydrobiologia*, v. 726, n. 1, p. 259-270, 2014.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAS NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE

88

Dllobia Santclair³⁰

A língua inglesa é considerada uma língua mundial³¹ e por isso está presente em produções textuais de diversas áreas do conhecimento e distintas esferas de interação humana, podendo ser encontrado, também, inserido em outros idiomas com expressões, quais sejam: estrangeirismos, textos instrucionais de produtos e manuais. Assim, o aluno, sujeito aprendiz, a todo o momento está exposto a uma imersão neste idioma, especialmente por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), atrelada aos aspectos culturais que neles permeiam, sem que isso seja problematizado ou discutido.

Nesse contexto, o aprendente de língua, que aspira oportunidades acadêmicas e profissionais, precisa conhecer a língua, não apenas pelo aspecto estrutural, mas funcional, decorrente do seu uso em processos de interação verbal, seja na modalidade falada ou escrita. Visto que a compreensão de língua e cultura poderá transformar sua visão de mundo e contribuir para a inclusão social.

Como afirma Almeida Filho (2009), as dimensões educacional-cultural-comunicacional devem permear o ensino de língua estrangeira, apesar de estudos

³⁰Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. CCSEH, em Anápolis. Professora e pesquisadora no curso de Letras da UEG, campus Porangatu. Professora Do Ensino Médio pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Bolsista do Projeto Ciranda Digital. Integrante do grupo de pesquisa Tecnologias Digitais para o ensino de Línguas Estrangeiras (TDELE). Coordenadora do Projeto de Extensão intitulado “A prática da oralidade na sala de aula de Língua Inglesa”. E-mail: dllubiasantclair@gmail.com.

³¹Utilizamos o termo Língua mundial, considerando as explicações de Schutz (2014) sobre alguns fatos históricos: 1) o poderio da Inglaterra nos séculos VXIII, IX e XX, sendo aquele impulsionado pela expansão do colonialismo britânico; 2) o poderio militar dos EUA, que a partir da Segunda Guerra Mundial, passa a influenciar econômica e culturalmente a vida de outros, dentre eles o brasileiro, expandindo a língua em questão como padrão para as comunicações internacionais.



evidenciarem a valorização dos aspectos comunicativos em detrimento ao cultural, nos ambientes educativos de aprendizagem.

Nesse sentido elenca-se alguns questionamentos pertinentes, dentre esses, intentamos compreender: 1) Como o aprendente de língua concebe a relação entre língua e cultura no que diz respeito à influência de aspectos culturais para a compreensão linguístico-comunicativa? 2) Que implicações uma abordagem intercultural pode proporcionar para o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa?

Portanto, lançar os olhos para o desenvolvimento de aprendizes interculturais é fundamental para uma aprendizagem crítica e significativa e deverá contribuir com as pesquisas voltadas para a Formação de Professores de línguas. Haja vista que uma abordagem intercultural para o ensino de inglês “prioriza um currículo multicultural e crítico que ensina ativamente e facilita a construção das identidades pessoal e social dos aprendizes no processo de desenvolvimento das habilidades de falar, ouvir, ler e escrever”³² (CORBETT, 2003, 68).

Para Figueredo (2007, p.85) ao aprendermos outra língua há necessidade de desenvolvermos também uma habilidade intercultural, que é “a habilidade de compreender criticamente a cultura estrangeira, partindo da nossa própria cultura e também de uma perspectiva externa, em que o aprendiz procura compreensões a partir da visão do outro”.

O interesse pelo desenvolvimento de aprendizes interculturais, em língua inglesa, capazes de interagir de forma ativa e consciente remonta aos precursores da formação intelectual, tema que tem despertado e ocupado muitos estudiosos contemporâneos. Na visão vigotskyana (2007, p.12), “o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual acontece quando a fala e a

³² Tradução livre feita pela autora a partir do original “An intercultural ELT approach prioritizes the need for a critical, multicultural curriculum which actively educates and facilitates the construction of learners' personal and social identities in the process of developing speaking, listening, reading and writing skills.”



atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem”. Nessa vertente, a abordagem do professor de línguas deve viabilizar ao aluno o direcionamento para atitudes, habilidades e consciência crítica nas escolhas linguística em situações de interação social, tanto na compreensão quanto na produção oral e escrita.

Jordão (2006, p.6) argumenta que “língua e cultura são indissociáveis, então, quando se ensina língua, ensina-se cultura”. Dessa maneira, a cultura é vista como um “conjunto de procedimentos interpretativos construídos socialmente”, não apenas modos de agir. Assim, apoiaremos ainda no trabalho de Corbett (2003, p.5) para compreender que uma “educação intercultural trata todos os valores culturais como abertos ao debate, e sujeitos a examinação crítica e negociação”. Portanto, propõe um ensino em que língua e cultura se interligam, podendo contribuir de forma efetiva para a formação universitária de professores de línguas e, conseqüentemente, para os aprendizes.

Metodologia

A presente pesquisa localiza-se no campo interdisciplinar, em que se conectam Educação e Linguagem na área de concentração denominada Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias, na linha de pesquisa Linguagem e Práticas Sociais. Sua temática contempla o campo da interdisciplinaridade por tratar de aspectos relacionados ao ensino de língua e cultura, cuja relação remete-nos à Sociologia, à História, à Sociolinguística, sempre alinhadas à base da Linguística Aplicada.

Esta pesquisa é parte de um projeto de Mestrado. Busca “examinar o mundo como é experienciado, compreendendo o comportamento humano a partir do que um grupo de pessoas pensa sobre a realidade, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados”, conforme objetiva a fenomenologia. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 68). É uma pesquisa qualitativa e far-se-á um estudo de



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



caso a fim de compreender como são mediadas as fronteiras entre língua, sociedade e indivíduo em contexto de aprendizagem formal.

Nessa comunicação pretendemos trazer a revisão da literatura que aborda o tema para reflexões iniciais sobre o processo.

91

Resultados Esperados e Discussão

Esses estudos evidenciam a importância de preparar alunos com a responsabilidade de serem competentes interculturalmente. Cushner & Mahon (2009, p. 316)) destacam que o desenvolvimento intercultural não pode ser obtido na abordagem somente cognitiva comum na maioria das salas de aula de hoje. Sugerem que é “através de experiências impactantes, nas quais as pessoas são desafiadas a dar sentido ao seu novo ambiente e acomodar-se às diferenças, que acabam por adquirir conhecimento mais detalhado sobre outras culturas e uma sensação de estar em casa, em um novo contexto”.

Por meio deste estudo espera-se contribuir para minorizar os equívocos nas interações comunicativas em contexto intercultural. Também poderia tornar os alunos/aprendentes “consumidores” mais atentos e críticos dos produtos estrangeiros evitando idealização de culturas e valores, corroborando com o aumento da autoestima e do sentido de “brasilidade”.

Palavras-chave: Interculturalidade. Ensino de Inglês. Linguística Aplicada.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Linguística aplicada: ensino de línguas e comunicação*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores: ArteLíngua, 2009.

CUSHNER, K; MAHON, J. *Intercultural competence in teacher education: Developing the intercultural competence of educators and their students*. In:



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



DEARDOFF, D.K. The sage handbook of intercultural competence. USA: SAGE, 2009. p. 304-317

FIGUEREDO, C.J. *Construindo pontes: a produção dialógica dos participantes do processo ensino-aprendizagem de inglês como língua-cultura estrangeira*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

92

JORDAO, C. M. O ensino de línguas estrangeiras: de código a discurso. In VAZ BONI, V. *Tendências Contemporâneas no Ensino de Línguas*. União da Vitória: Kaygange, 2006. Disponível em: http://people.ufpr.br/~marizalmeida/celem_06/o_ensino_de_lem.pdf Acesso em: 28 de setembro de 2014.

LÜDKE, M; ANDRÉ M.E.D.A. *Abordagens Qualitativas de Pesquisa: a Pesquisa Etnográfica e o Estudo de Caso*. In:_____, Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. p. 11-24.

SCHÜTZ, R. *História da Língua Inglesa*. English Made in Brazil. In: www.sk.com.br/sk-enhis.html. Online. Acesso em 08 de Agosto de 2014

VIGOTSKY, Lev *Semenovich*. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Organizadores: Michael Cole; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



O USO DAS TDIC NO ENSINO APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Fabiano da Barra de Oliveira³³

Anderson Chaves de Brito³⁴

Dllubia Santclair³⁵

93

Considerações iniciais

Desde o momento em que um osso de animal foi utilizado de modo consciente pelos primeiros indivíduos de nossa espécie para abaterem suas caças e defenderem-se de predadores, o homem percebeu que havia a sua volta elementos que poderiam ser controlados por ele e ser muito úteis no processo de sobrevivência. Desde então, a busca por um número cada vez maior de artefatos que pudessem servir de alguma forma para auxiliá-lo, deixou de ser somente para garantir sobrevivência no ambiente natural, mas para proporcionar uma qualidade de vida inimaginável por seus ancestrais.

Neste sentido, passemos a considerar o indivíduo dos dias atuais, de modo similar aos primeiros de nossa espécie, e veremos que a busca por ferramentas inovadoras ainda é constante, haja vista que da mesma forma como ocorria nos primeiros períodos de nossa fatídica história, o indivíduo atual tem muito mais condições de sobressair-se frente aos demais se possuir alguma habilidade natural

³³ Graduando do curso de letras pela Universidade Estadual de Goiás

³⁴ Graduando do curso de letras pela Universidade Estadual de Goiás.

³⁵ Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. CCSEH, em Anápolis. Professora e pesquisadora no curso de Letras da UEG, campus Porangatu. Professora Do Ensino Médio pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Bolsista do Projeto Ciranda Digital. Integrante do grupo de pesquisa Tecnologias Digitais para o ensino de Línguas Estrangeiras (TDELE). Coordenadora do Projeto de Extensão intitulado "A prática da oralidade na sala de aula de Língua Inglesa". E-mail: dllubiasantclair@gmail.com.



ou ferramenta não disponível para os outros. Portanto, ao passo que um recurso tecnológico se espalha, tem-se a necessidade de criarem-se novos.

No ambiente educacional, o que se tem é um cenário muito similar ao descrito logo acima, pois, chegando ao ponto onde todos os recursos disponíveis se tornam obsoletos, o que se tem é a estagnação ou “desaceleramento” na capacidade produtiva e como é da natureza humana, querer sempre inovar e atrair-se pelo novo, notamos o surgimento de novas ferramentas com a proposta de dinamizar e aperfeiçoar as práticas educacionais.

Diante do exposto, essa comunicação objetiva apresentar reflexões sobre o modo prático e os benefícios trazidos para a sala de aula pelo uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, especificamente o *powtoon*, no contexto de ensino de língua inglesa em um curso de Licenciatura em Letras. Apresentaremos um relato de experiência, na condição de graduandos desse curso e “aprendentes” de Inglês. Embasaremos nos estudos sobre mediação tecnológica (KENSKI, 2013) e abordagem colaborativa (FIGUEIREDO, 2006) para compreendermos o processo de interação dos alunos com a ferramenta.

A experiência

Teremos como base a visão de Flick (2009) sobre a pesquisa qualitativa no sentido de que esta “busca reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas” (p. 25). Assim, para analisar a relevância da ferramenta a ser apresentada, é preciso identificar suas variadas funcionalidades e em que tais funcionalidades podem contribuir para um processo mais exíguo de aprendizagem de línguas. Para chegar-se ao resultado de tal análise, deve-se contrapor de forma prática a eficácia da ferramenta, investigando durante todo o processo de utilização a sua viabilidade operacional.

Relataremos a relevância da ferramenta *powtoon* no uso em sala de aula, bem como na aprendizagem de língua inglesa; dando ênfase ao processo de



manuseio da tecnologia encontrada no *powtoon* e esclareceremos também que mesmo tendo um grande número de opções em seu portfólio, oferecendo desde variadas fontes para a produção textual, até a possibilidade de inserção de *avatars* (desenhos compostos de expressões corporais e faciais) que ilustram e transmitem impressões sensoriais na produção de uma animação que corrobora com a multimodalidade e multiformatos dos textos em circulação na atualidade. O software *powtoon* opera basicamente através das ações manuais do usuário, limitando as suas funções automáticas aos artifícios já mencionados.

Por isso, o que queremos destacar é a interação direta entre a ferramenta e o usuário, o que nos permitiu controlar cada etapa de todo o processo; sendo assim, o *powtoon* se mostrou muito eficaz neste ponto, pois nos deu a oportunidade de produzirmos um conteúdo exclusivo, objetivo e de fácil entendimento para quem viesse a ter contato posteriormente.

Outro fator relevante que justifica a proposta da professora regente da disciplina de língua inglesa em fazermos uso do software *powtoon* em sala de aula é que as suas configurações e instruções de uso são exclusivamente descritas em inglês; o que nos proporcionou um contato ainda maior com a língua em estudo.

Por fim, pretendemos esclarecer neste relato também que a implementação de ferramentas tecnológicas no contexto educacional, como é o caso do *powtoon*, ocorre atualmente de modo inevitável, contudo, deve-se ressaltar que quando o seu uso não é acompanhado de forma cautelosa por parte do educador, as chances de sua implementação trazerem malefícios se tornam muito grandes. Pois, como afirma Kenski (2003), apenas saber utilizar as ferramentas tecnológicas não é o suficiente; o bom professor tem que saber também qual será a contribuição real de tal ferramenta para a aprendizagem de seus alunos.



Um olhar sobre a ferramenta

O uso das tecnologias por uma comunidade pode efetivar-se cada vez mais a partir de estudos sobre sua constituição, suas diretrizes funcionais e para quais setores ela se destina (KENSKI, 2003). Desse modo, ao passo que o uso da tecnologia perpassa as barreiras sociais e territoriais, tem-se a necessidade de se estabelecer de modo claro e conciso qual é a sua funcionalidade e dar condições viáveis para que o usuário faça uso pleno de suas potencialidades.

Neste sentido, temos a ferramenta *Powtoon*, que consiste de um *software* que opera através de conexão direta com a internet e por isso permite acesso irrestrito aos seus interessados através do site oficial www.powtoon.com; haja vista que para que se faça o seu uso, não é necessário fazer o *download* de sua plataforma operacional.

Considerando as características da ferramenta *Powtoon*, o seu grande diferencial se dá pelo fato de suas operações acontecerem *online* e de forma interativa. O operador se torna, de fato, o responsável pela execução de todo o processo de produção. Esse processo ajuda a despertar no aluno a curiosidade em produzir algo que seja cada vez mais primoroso e sofisticado.

Neste ponto destacaremos a aparência da ferramenta, sendo ela composta por uma página inicial que possui uma área em que o usuário deve fazer o seu cadastro para ter acesso ao espaço de produção. O *Layout* do *powtoon* se destaca pela variedade de opções, tais como: integrar outras mídias, inserir vídeos e som e dinamizar os movimentos dos elementos em tela.

Esta também possui em suas opções de uso, caracteres variados que podem ser usados sem nenhuma restrição, que aumenta as possibilidades de produção. Apesar de ser composta também por uma gama de itens que precisam de uma licença paga pelo usuário.

A ferramenta é um recurso mediador da construção de novos saberes, que foi desenvolvido ao longo das interações entre os pares: alunos e professora, uma vez



que o trabalho realizado em colaboração enriquece o uso da língua no ato interativo. Conforme Figueiredo (2006), na prática colaborativa, o aluno aprende na medida em que se torna responsável pela aprendizagem do outro.

Por fim, depois da experiência prática com o uso da ferramenta *powtoon* em sala de aula, podemos afirmar que a sua introdução como mais um tecnologia de comunicação e informação digital no processo de aprendizagem de língua inglesa é muito válido. Reconhecemos sua possibilidade de uso por alunos de séries distintas, pois além de potencializar a (re) construção do conhecimento, desperta no aluno a curiosidade em produzir algo realmente novo e único; fator motivacional para a aprendizagem em suas mais diversas ramificações, especialmente no que tange o ensino de língua inglesa e ainda permite o aperfeiçoamento de habilidades práticas necessárias para o uso de ferramentas digitais como esta.

Conclusão

Por meio deste relato espera-se que a funcionalidade da ferramenta tecnológica *Powtoon* seja vista como um elemento importante para mediar o processo de aprendizagem. Acredita-se que este trabalho poderá acrescentar novas perspectivas nas pesquisas em relação ao uso das TDIC para o ensino-aprendizagem de inglês, e fornecer subsídios interessantes para a realização de estudos em outros ambientes institucionalizados de formação.

Palavras-chave: Tecnologia. Ensino de Inglês. *Powtoon*.

Referências

FIGUEIREDO, F.J.Q. de. A aprendizagem colaborativa de línguas: algumas considerações conceituais e terminológicas. IN: FIGUEIREDO, F.J.Q. *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Org. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artemed/Bookman, 2009.

KENSKI, V. M. *Aprendizagem mediada pela tecnologia*. In: Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



INTERPRETAÇÃO TEXTUAL E SUA APLICABILIDADE NO DIREITO E NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

99

Fabiano Simão Prado Medeiros
Docente UEG, Câmpus Porangatu
simãoprado@yahoo.com.br

Resumo:

A Universidade Estadual de Goiás - Unidade de Porangatu tem contribuído com o programa de extensão desenvolvido pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários na formação universitária, que tem como visão prioritária a habilitação para o exercício da cidadania. Através da extensão, foi estabelecida uma relação pedagógica ativa, participativa e qualitativa que vem interferindo no processo de desenvolvimento das comunidades nas quais a UEG está inserida. Assegurando desta forma a indissociabilidade entre: ensino, pesquisa e extensão, à medida que esses princípios básicos vêm sendo cumpridos, numa interação permanente com a sociedade, desempenhando, assim a universidade a sua função social. O Projeto de Extensão tem auxiliado, de forma efetiva, na consolidação das atividades de extensão com a finalidade de promover a reflexão sobre a cidadania. Neste projeto vamos oferecer à comunidade Porangatuense informação e educação para o exercício da cidadania e conhecimento de nossa legislação vigente. Considerando a relevância da atividade extensionista desenvolvida no projeto acima referido vai contribuir para a formação técnico-jurídico e sócio-político. Compreendemos, pois, ser de fundamental importância que essa experiência de orientação e informação na comunidade, nos bairros mais carentes, ajudando-os a compreender a nossa Legislação, indicando procedimento a ser tomado em busca de seus direitos. Tornando-as pessoas conscientes, responsáveis e capazes de serem sujeitos ativos no processo de desenvolvimento da cidade e do cidadão, numa inter-relação



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**

**INTERCULTURALIDADE:
FORMAÇÃO EM DEBATE**

pedagógica ativa, participativa e de qualidade entre a universidade e a comunidade. As aulas serão ministradas por um professor da Unidade de Porangatu com conhecimento na área, com domínio Direito e Legislação Brasileira. Espera-se capacitar indivíduos para o mercado de trabalho para ser tornarem cidadãos atuantes, promover a inclusão, divulgar a legislação à sociedade e consequentemente abrir novos leques de oportunidades para que possamos formar cidadãos capazes de transformar a realidade a qual estão inseridos, tornando-se pessoas críticas e formadoras de opinião, que dominem com sucesso a prática de do entendimento e interpretação da legislação Nacional. No que se refere ao aspecto quantitativo o Centro de Idiomas - Unidade de **3** Porangatu - Curso de Interpretação atenderá 32 (trinta e dois) alunos de vários segmentos da sociedade, principalmente de baixa renda que participarão de aulas interativas e diferenciadas que será ministra por um professor da Unidade de Porangatu com conhecimento na área, com domínio Direito e Legislação Brasileira, e procurar, dessa forma proporcionar em melhoria significativa na prática do entendimento e interpretação da legislação Nacional. Promover o debate junto à comunidade universitária Estudar, compreender e indicar ou procurar meios para aplicar os Direitos , objetivando conscientizar e educar a sociedade sobre esses direitos básicos que lhe são assegurados. O embasamento teórico para o desenvolvimento do projeto de extensão: Aplicação dos Direito e Legislação será alicerçado e constituído no estudo da legislação, doutrina e jurisprudência e todo documento ou texto jurídico necessário a compreensão do Direito e dos ramos afins desse direito, de forma que os preceitos sejam entendidos, permitindo que a partir desse conhecimento (teórico) possamos numa visão técnico-jurídico e sócio-política e de cidadania, produzir esse conhecimento, através das atividades práticas desenvolvidas na comunidade de Porangatu . Como ponto referencial do nosso estudo, analisaremos a Constituição Federal Brasileira com ênfase mais especificamente em relação aos direitos individuais e sociais, Direito Administrativo, Direito do Consumidor, observando esses preceitos Trazendo-os para a realidade social. Compreendendo os que estão



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ou não estão sendo aplicados, e o que podemos concretamente fazer para contribuir para que sejam melhor aplicados ou assegurar suas aplicações. Após aquisições e compreensão desses embasamentos teóricos desenvolveremos atividades práticas, promovendo palestras nas escolas de 1º e 2º graus. Trabalhos nos bairros carentes da cidade, preliminarmente aplicando questionário que possibilite detectar a realidade sócio-político da comunidade e os problemas que mais o afligem. E a segunda etapa através de boletim informativo e palestras programadas com as associações dos bairros, passar informações necessárias, objetivando educar a comunidade para o exercício da cidadania e indicar o remédio adequado para solução dos problemas jurídicos enfrentados de conformidade com os dados oferecidos pelo questionário.

101

Palavras-Chave: Capacitação. Direito. Legislação. Cidadania



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A COMUNIDADE CALUNGA: UM ESTUDO HISTÓRICO

Fabrcio Vieira Gonalves³⁶

Rosângela Vieira Carvalho³⁷

Samira Peruchi Moretto³⁸

102

Quilombos eram aldeias que abrigavam escravos que fugiam das fazendas e das minas de ouro onde eram explorados e mau tratados, durante o perodo escravista no Brasil. Foram construídos em lugares de difícil acesso no interior das matas, como uma forma de resistência, e principalmente em busca da liberdade que somente seria atingida por meio de dois requisitos fundamentais: um era de conseguir escapar e o outro de não ser recapturado. Passando por essa etapa o escravo deixava de ser submisso ao senhor e passava a viver livremente. Segundo a definio da Associao Brasileira de Antropologia (SILVA, 2003, p. 34). quilombo  toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestaoes culturais têm forte vínculo com o passado.

O objetivo deste trabalho  analisar como se deu o processo de criao e manuteno das tradioes quilombolas Calunga nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Santa Teresina de Goiás, ambos no sertão goiano. Por atravessar séculos de durao verificar a maneira como esse povo sobreviveu e sobrevive a tantas adversidades, procurando observar a cultura material e imaterial presente nos quilombos e os grupos sociais que habitam o local.

O termo quilombola está diretamente ligado a ocupao do territorial brasileiro, pois surgiu principalmente, após a fase da minerao no Brasil por volta

³⁶ Graduando em História, UEG Câmpus Porangatu.

³⁷ Graduada em História, UEG Câmpus Porangatu.

³⁸ Orientadora Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto. Departamento de História UEG, Câmpus Porangatu. E-mail: samiraperuchimoretto@yahoo.com.br.



do século XVIII e XIX, onde foi empregada fortemente a mão de obra escrava dos negros principalmente nas minas de ouro, em que precisava de força física algo que eles possuíam. Essa prática espalhou-se pelo interior de todo país, e no Estado de Goiás iniciou-se com a chegada de Bartolomeu Bueno da Silva, em 1722, adentrando nas minas dos Goyazes. Com isso dando início ao povoamento do estado, predominando o escravo fugitivo, que era explorado.

Devido esses fatores de dominação, as fugas se tornaram cada vez mais frequentes. E um dos maiores, mais significativos representantes dessa prática no estado goiano foram o quilombo dos Calungas que figura como mais persistente e de maior duração segundo Martiniano José (SILVA, 2003, p.24). Este quilombo já existe a mais de 240 anos, localizado na região nordeste de Goiás, a 600 km da capital Goiânia, compreendendo os municípios de Monte Alegre de Goiás, Santa Teresina de Goiás e Cavalcante, próximo ao Rio Paranã, circundado por várias serras, possuindo remanescentes até a atualidade. Calunga é o nome atribuído aos descendentes de escravos fugidos das minas de ouro da região central do país, estes que formaram os quilombolas e viveram muito tempo quase isolados, pensando que ainda persistia a escravidão. Esse modo de viver privado não se tratava de isolamento, e sim de estratégia, técnica de autodefesa, pois há relatos de que eles sempre possuíam estreitos contatos com as cidades próximas. Os Calungas revelam parte importante da história brasileira e principalmente goiana, visto no seu modo de viver que guardam o silêncio da certeza que foram vitimados pela escravidão e que este isolamento a qual se fala é sinônimo de vida. Desta forma este trabalho justifica-se pela importância de analisar a cultura que está sendo sucumbida

A constituição deste trabalho está sendo realizada com o auxílio de: livros, revistas, documentos, pesquisa de campo, fontes orais, mapas, entre outros servirão para incrementar e enriquecer a pesquisa. A partir da obtenção dessas informações, serão organizadas de modo a facilitar a escrita do trabalho, visando o entendimento e compreensão de leituras posteriores.



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Espera-se através desta pesquisa obter um conhecimento aprofundado acerca do assunto. Saber os mecanismos que usaram para resistirem as adversidades naturais, como frio, chuva, fogo, animais ferozes entre outros aspectos inerentes ao meio ambiente. Conhecer seus alimentos típicos, hábitos, localidades, saber histórias de seus ancestrais, como se deram os vínculos com as cidades vizinhas.

Obter informações se há ou não subsídios do governo que os auxiliem de algum modo, se têm acesso a infraestrutura, se são beneficiados com políticas públicas. Tem-se o intuito de perceber como ocorreram as transformações no decorrer dos tempos nos quilombolas, isto é, nas suas estruturas e ideologias.

Referências Bibliográficas

SILVA, Martiniano José. **Quilombos do Brasil Central: Violência e Resistência**, 2003.

LEAL, Hermes. **Quilombo – Uma aventura no Vão das Almas**. Editora Mercúrio, 1995.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PROJETO GESTANTE: CUIDADOS MÃE E FILHO*

LIMA, Genilda Pereira Batista¹

105

Introdução

A UEG Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Porangatu, através do Projeto Gestante: Cuidados Mãe e filho promove interação entre a comunidade acadêmica via extensão Universitária, articulando ensino e pesquisa. Após observar sistematicamente alguns problemas relacionados com mães gestantes, como falta de pré e pós-natal, planejamento familiar, gestação na adolescência, gravidez indesejada, amamentação, aleitamento materno, desnutrição, vacinação, teste do pezinho entre outros, realiza ações que atendam ao social e ao cumprimento dos deveres do Estado, e do Município.

Segundo o Artigo 227 da Constituição Federal é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito a vida e à saúde, à alimentação, a educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Com base neste preceito constitucional de que toda criança tem o direito à saúde, educação, vida digna livre de qualquer opressão e discriminação é que desde 1999 a UEG, quando ainda Faculdade isolada vem ministrando cursos para mães gestantes, cuidando desta forma, dos pequeninos seres ainda no ventre materno.

¹ UEG – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Porangatu – genildapbl@gmail.com.



**INTERCULTURALIDADE:
FORMAÇÃO EM DEBATE**

A educação e saúde de uma pessoa se iniciam bem antes do seu nascimento, com a educação e formação dos seus genitores. Segundo Idelmina (2005), os objetivos básicos das práticas educativas da educação em saúde dirigidas à gestante são orientar, informar, e trabalhar as ansiedades das gestantes. Dar esclarecimento sobre o conhecimento do corpo, a fisiologia da gestação, a importância do pré-natal, o desenvolvimento fetal-parto e pós-parto, a imunização, o aleitamento materno, as queixas mais comuns da gravidez, anticoncepção e outros temas identificados como de interesse de cada grupo.

O que contribui para o processo de resgate da cidadania de mães gestantes e da criança que ainda encontra-se no ventre materno. Por muito tempo pensou-se que as emoções e pensamentos das mães gestantes não influíam no desenvolvimento do feto. Hoje se sabe, no entanto, que não só causam problemas, mas também podem marcar o futuro do bebê para sempre, a tal ponto que muitas doenças apresentadas quando esta criança já se encontra em fase adulta podem ter sua origem quando a mesma ainda encontrava-se no útero da mãe. (LIMA 2005)

Trabalhar o desenvolvimento fetal tem como objetivo levantar o conhecimento e sentimento das mulheres sobre o bebê, da concepção até o momento do parto.

A Lei 8742 de 07 de setembro de 1993 dá um grande avanço no trabalho com o social. Em seu artigo 2º nos diz o seguinte: I – A proteção à família, à maternidade, a infância, a adolescência e a velhice: Pelo qual são estabelecidos novos paradigmas no trato com a política pública ao Social exigindo dos diversos atores o compromisso e a ética nas ações.

Tendo em vista a complexidade de alguns temas contaremos com a participação de médicos de nossa comunidade. Durante os encontros serão fornecidos lanches às gestantes, como também terá uma equipe de acadêmicos com atividades recreativas com os filhos pequenos das mães gestantes que os acompanham durante as ações extensionistas, pois muitas vezes elas não têm com quem deixar os filhos menores..



Metodologia

Aulas expositivas, com utilização de filmes, vídeos data show, cartazes. Neste projeto as parturientes recebem aulas práticas e teóricas pelos alunos do Curso de Biologia e Educação Física bem como por profissionais voluntários da área de saúde como médicos, fisioterapeutas, psicólogas, nutricionistas etc., em que são abordados temas como fisiologia (mudanças no corpo da mulher), psicologia, nutrição (alimentação adequada evitando o mal-estar, o excesso de peso...), amamentação, cuidados com o bebê, dentição, higiene com o uso computador, cartazes, TV e folhetos explicativos, maquetes humanas contendo as fases de gestação. Resultados e discussão Os resultados e discussão serão efetivados através de: - Participação dos alunos (mães Gestantes) - Questionários de avaliação do curso preenchidos pelos participantes

Conclusão

O Projeto é interdisciplinar, realizado pelos acadêmicos de Licenciatura Plena em Biologia, Educação Física com participação dos demais cursos do Câmpus, visa proporcionar mais oportunidades para os alunos aprimorem seus conhecimentos e oportunizar as mães gestantes, através dos conteúdos ministrados, transformá-los em conhecimentos práticos para o binômio mãe/filho.

As ações iniciaram em 1999 com FECELP (Faculdade de Educação Ciências e Letras de Porangatu), Faculdade Isolada, como parte integrante do estágio Supervisionado em Ciências da Licenciatura Curta em Ciências, ministrando cursos para mães gestantes, cuidando desta forma, dos pequeninos ser ainda no ventre materno. Hoje estamos na 21ª edição, o que lhe rendeu uma média 800 gestantes atendidas, o que mudou em muito o cenário de atendimento às mulheres grávidas, pois já temos em nosso Município o Centro Materno Infantil ao lado do Hospital Municipal com aleitamento materno, vacinação e teste do pezinho entre outros cuidados ao recém-nascido.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras-chave: Ensino. Mãe. Gestante. Criança. Cuidados.

108

Referências Bibliográficas

BRASIL, **Constituição Federal do Brasil de 1988**. Brasília: 2007.

KENNER, Carole. **Enfermagem Neonatal**. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso 2001.

LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. MEC, Brasília: 1996.

LIMA, Idelmina Lopes. **Manual de Técnico e Auxiliar de Enfermagem**. 6. ed. AB Editora Cultura e Qualidade. Goiânia: mar. 2005.

LOAS - **Lei Orgânica da Assistência Social**. Brasília DF: 2003.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: PERSPECTIVAS E PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS LICENCIANDOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

109

Ilagner Pimenta Evangelista de Moraes³⁹

Priscilla Alves de Moraes⁴⁰

Maristela Lima Figueiredo Guimarães Epifânio⁴¹

Resumo:

O presente trabalho será realizado na UEG - Campus Porangatu com o objetivo de demonstrar as características do perfil socioeconômico dos licenciandos em ciências biológicas, suas motivações para escolher o curso e suas perspectivas quanto ao seu futuro profissional do ensino de biologia. A pesquisa será realizada por meio de questionário aplicado as quatro turmas do curso de Ciências Biológicas.

Palavras chave: Perfil socioeconômico. Ciências Biológicas. Ensino de biologia.

Introdução

A partir da observação da ausência de dados sobre o perfil socioeconômico dos acadêmicos do curso de Ciências Biológicas da UEG Campus Porangatu, estimou-se que há uma lacuna quanto às questões que levam os egressos do Ensino Médio a escolher o curso de Ciências Biológicas e essa é a principal

³⁹ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: Ilagner.pimenta2011@gmail.com

⁴⁰ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: priscillapgtu13@gmail.com

⁴¹ Especialista, Docente na Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: maribiovida@gmail.com.br



justificativa de se realizar esta pesquisa. Como o curso é amplamente abrangente dando margem a estudos em áreas como saúde, genética, zoologia, botânica entre outras, não se sabe ao certo o que mais atrai os possíveis acadêmicos ao concluírem o Ensino Médio. Neste contexto, percebe-se ainda que há nas escolas do Brasil a ausência de recursos estruturais e financeiros que juntos à desvalorização do profissional incidem no despreparo do aluno concluinte do ensino médio, como afirma Lima e Vasconcelos:

A realidade da educação brasileira, com superlotação nas salas de aula, desvalorização do profissional, e defasada estrutura física, metodológica e didática nas escolas instiga o docente a se questionar: “como” fazer e “com que” fazer educação, adequando-se à proposta projetada pelos parâmetros curriculares e pelo mercado de trabalho? Afinal as escolas – especialmente da rede pública – constituem-se de alunos marcadamente heterogêneos cultural e socialmente, o que requer do professor de Ciências o uso equilibrado de conceitos, técnicas, (competências) adequadas à comunidade, e seus instintos de educador, (habilidades). (LIMA e VASCONCELOS, 2010, p. 324 apud. LIMA e VASCONCELOS, 2006, p. 399).

Como foi citado pelos autores cabe ao docente se adequar a realidade da instituição onde leciona e aos alunos pra quem ensina, visando atingir assim as expectativas de aprendizagem. Segundo LIMA e VASCONCELOS citado por TARDIF (2004), a formação do licenciando em Ciências Biológicas deve reproduzir conceitos tanto da vida pessoal quanto escolar constituindo uma formação baseada em princípios acadêmicos e experienciais refletindo as diversas relações entre sua bagagem acadêmica e a profissão a ser exercida, combinados esses saberes habilitam o docente a resolver os problemas em seu campo de ensino.

Com base nesses conceitos surgem novos desafios para os docentes do ensino de Ciências que devem atuar como mediadores no processo de inclusão científica e tecnológica, aproximando a Ciência do cotidiano do aluno, melhorando os índices negativos do ensino (LIMA e VASCONCELOS, 2010, p.324). Reforçando assim a necessidade de se conhecer o perfil dos licenciandos para atender suas



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



perspectivas e expectativas quanto ao que vão desempenhar quando graduados, para que o ensino de Ciências seja de qualidade e de impacto na vida dos alunos.

Objetivos

Determinar a expectativa do acadêmico ao escolher o curso de Ciências Biológicas na UEG - Campus Porangatu e assim traçar um perfil socioeconômico dos discentes do campus Porangatu.

Metodologia

Será aplicado um questionário aos acadêmicos visando traçar um perfil socioeconômico que abranja desde os motivos que os levaram a escolher o curso até a conciliação de estudos com trabalho. Além de determinar suas expectativas futuras com relação à continuidade dos seus estudos depois da graduação.

Resultados Esperados

Traçar o perfil socioeconômico dos acadêmicos da UEG – Campus Porangatu, determinar suas expectativas e intenções futuras com os conhecimentos obtidos na graduação, revelar se existe a intenção espontânea de continuar os estudos buscando um mestrado ou doutorado, demonstrar se há preferência pela área do ensino ou de pesquisa ou se desejam aliar as duas modalidades. Delinear os impactos econômicos esperados pelos acadêmicos antes, durante e depois da graduação.

Além de determinar as implicações de suas particularidades na estruturação da sociedade acadêmica e o reflexo dessas individualidades na qualidade da aprendizagem junto à formação de profissionais. Trazendo à tona esse tipo de informação será proporcionado à IES os resultados, possibilitando modificações



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



estruturais que atendam as individualidades dos acadêmicos melhorando a qualidade do ensino e conseqüentemente a qualidade dos profissionais formados.

Referências Bibliográficas

DIAS-DA-SILVA; M. H.G.F. O professor e seu desenvolvimento profissional: Superando a concepção do algoz incompetente. **Caderno CEDES**. Campinas, v.19, n. 44, p. 33-45, 1998.

LIMA, K.E.C. VASCONCELOS, S.D. Análise da metodologia de ciências nas escolas da rede municipal de Recife. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v.14, n.52, p. 397-412, 2006.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VASCONCELOS, S. D. ; LIMA, K. E. C. O professor de biologia em formação: Reflexão com base no perfil socioeconômico e perspectivas de licenciandos de uma universidade pública. **Ciência & Educação**, v.16, n.2, p. 323-340, 2010.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



UMA CRÍTICA SOBRE A EDUCAÇÃO INSTRUMENTAL: CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA E EDUCAÇÃO PLENA

113

Islorrane Farias

Graduanda em Pedagogia, UEG, Câmpus Uruaçu

isahta55@hotmail.com

Resumo:

Á princípio, a abordagem dessa temática tem por objetivo trazer para nosso contexto educacional real, os principais argumentos defendidos nessa teoria, ressaltando pontos críticos da educação básica contemporânea, bem como a relação professor-aluno numa educação não reducionista, mas sim emancipadora, que possibilite ao educando condições favoráveis para modificar positivamente, o ambiente em que vive.

Palavras Chaves: Papel do educador; Educação; Educação básica.

Sob esta ótica, uma das questões-chave é o papel do educador na atualidade, na qual o autor GADOTTI (1999, p. 2),

o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Para entendermos de forma clara o que será apresentado pela concepção educacional construtivista, torna-se necessário uma retrospectiva que nos leva a um período marcado por inúmeras dificuldades estabelecidas no Brasil, que é o ano da Ditadura Militar (1964). Período marcado por intensas transformações em todos os setores, a educação ganha ênfase devido à alta necessidade de mão de obra

ANAIS v.5, n.1 (2015)

21 a 25 de setembro de 2015

ISSN 2237-2571



qualificada para suprir a crise econômica instalada; passa a exercer um papel fundamental no desenvolvimento econômico do país.

Acordos feitos pelo sistema educacional a partir de 64 tiveram o efeito de agravar a crise educacional, o que resultou num processo de adequação de todo o sistema de ensino, onde predominou, mais uma vez, um novo autoritarismo: 1) Formação de especialistas da educação, ao invés de professores; 2) Fragmentação e empobrecimento do conteúdo do trabalho que se torna automatizado e desinteressante.

Com isso, buscava-se a objetivação do trabalho pedagógico, na qual a relação professor-aluno é estritamente técnica, ou seja, visa garantir a eficácia da transmissão dos conhecimentos, tornando-se uma relação abstrata, estática, na qual ambos ocupam uma posição secundária como meros executores de um processo concebido pelo sistema.

Atualmente, diante das transformações socioeconômicas ocorridas na sociedade, onde a escola pode ser notada como refém do Estado e do mercado de trabalho, a formação de alunos deve-se dar a partir da troca de experiência, com o cotidiano, o diálogo, a valorização de ideias e práticas criativas, e com isso, teríamos uma educação em defesa da vida humana, da sua formação plena, não reducionista à somente o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Sobre a necessidade dessa abordagem nas instituições de ensino, Fankl (2011, p.108) explica que

o sentimento de vazio e de falta de sentido por parte dos estudantes é reforçado pelo modo reducionista por meio do qual as descobertas científicas lhes são apresentadas. Os alunos são expostos a um processo de doutrinação que mescla os princípios de uma teoria mecanicista do ser humano e uma filosofia de vida relativista.

Ainda na concepção do autor, Frankl lembra “os valores não podem ser ensinados; os valores devem ser vividos”, e a partir dessa afirmação podemos



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



destacar, novamente, a importância do diálogo e troca de experiências no contexto educacional.

A sociedade, a educação, a escola e os indivíduos são desprovidos de representações, valores, costumes que justifiquem a existência humana; a perda desse conjunto tem comprometido a dimensão da educação, dos indivíduos, da escola, e de toda uma sociedade.

115

Referências

PASSOS, Ilma. **A Prática Pedagógica do Professor de Didática**. São Paulo: Papyrus, 1992.

MOREIRA, Ildeu. **Escritos sobre o Sentido da Escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

AVELLAR, Thiago. **Educação para o Sentido da Vida**. Paraíba: Logos & Existência, 2012.

LUZIA, Graziela. **Relação Professor-Aluno**. Rio Grande do Sul: DEBAS, 2008.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



COMPORTAMENTO DE COPAIFERA LANGSDORFFII EM CASA DE VEGETAÇÃO

116

Izabel Oliveira Ricardo⁴²

Wanderson Rodrigues Dias de Andrade⁴³

Maristela Lima Figueiredo Guimarães Epifânio⁴⁴

Resumo:

O cultivo de mudas de espécies do Cerrado é importante para os estudos sobre a conservação e a exploração de plantas nativas (SANO, 2008), no entanto, a questão de reflorestamento no Brasil ainda encontra-se em estudo e demonstra dados progressivos, de acordo com as pesquisas desenvolvidas pela EMBRAPA. A espécie nativa do Cerrado *Copaifera langsdorffii* pode ser cultivada em casas de vegetação e neste sentido é observada por muitos pesquisadores. Segundo Carvalho (1994) a madeira é considerada rentável por apresentar valor econômico comprovado e o seu crescimento é rápido, sendo muitas vezes utilizada na regeneração artificial das florestas degradadas (CARVALHO, 1994). Ainda que haja tantos benefícios, *Copaifera langsdorffii* já encontra-se ameaçada de extinção no Estado de São Paulo (ITOMAN et al., 1992), embora não esteja na lista de espécies em extinção do IBAMA. Por tanto, percebe-se a necessidade de preservar *ex situ* populações-base, sob a forma de testes de progênies e procedências (SIQUEIRA & NOGUEIRA, 1992). Neste sentido, algumas Instituições como o Instituto Florestal de São Paulo e a *Embrapa Florestas* têm se preocupado com o melhoramento e a conservação genética desta espécie (NOGUEIRA et al., 1982; SHIMIZU et al., 1987)

⁴² Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: izabelricardo_@live.com

⁴³ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: andim_hand@hotmail.com

⁴⁴ Especialista, Docente na Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: maribiovida@gmail.com.br



em estudos que avaliam o seu percentual de desenvolvimento. O objetivo deste trabalho será: analisar o efeito de luz e do sombreamento sob sombrite de 54% de sombreamento em casa de vegetação na produção de mudas de *Copaifera langsdorffii*; avaliando o desenvolvimento das plântulas até que apresentem de três a quatro folhas; sendo importante comparar os índices de desenvolvimento das mudas submetidas a diferentes proporções de substratos. Os recursos usados para realizar este projeto serão a Casa de Vegetação Universitária; sementes de Copaíba (*Copaifera langsdorffii*); tubetes de polipropileno de tamanho médio. O experimento será conduzido na Casa de Vegetação da Universidade Estadual de Goiás – Campus Porangatu durante o período de Setembro a Novembro de 2015, sob temperatura de 37° C no município de Porangatu e clima sub-úmido. A semeadura será feita em tubetes de polipropileno de tamanho médio, sendo que cada recipiente receberá duas sementes. As sementes serão submetidas ao método de superação da dormência, feita com imersão da semente em água parada por 72 horas (BORGES et al., 1982) para lixiviação de substâncias fenólicas inibidoras. O volume de água será quatro a cinco vezes maior que o volume das sementes. As sementes serão provenientes do Instituto Brasileiro Florestal- IBF. Serão realizados 12 tratamentos com repetição de 4 vezes a sol pleno e sob sombreamento. Ao analisar todos os tratamentos testados no presente experimento será possível constatar a relação de sobrevivência, altura e relação altura/diâmetro das mudas de copaíba em pleno sol e sob sombreamento em relação aos resultados esperados.

Bibliografia

BORGES, E.E.L.; BORGES, R.C.G.; CANDIDO, J.F.; GOMES, J.M. **Comparação de métodos de quebra de dormência em sementes de copaíba.** Revista Brasileira de Sementes, v.4 n.1 p.9-12, 1982.

CARVALHO, P. E. R. **Espécies florestais brasileiras:** recomendações silviculturais, potencialidade e uso da madeira. Colombo: EMBRAPA-CNPQ; Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994. 640 p.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ITOMAN, M.K.; SIQUEIRA, AC.M. de F.; CAVASSAN,O. **Descrição de quinze espécies arbóreas de mata mesófila do Estado de São Paulo ameaçadas de extinção.** Salusvita, Bauru, v.11, n.1, p.1-38, 1992.

SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. de. (Ed.). **Cerrado: Ecologia e flora.** Planaltina, DF: Embrapa-CPAC, 2008. 1279 p.

SIQUEIRA, AC.M.F.; NOGUEIRA, J.C.B. **Essências brasileiras e sua conservação genética no Instituto Florestal de São Paulo.** In: **CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2.,** 1992, São Paulo. Anais. São Paulo: Instituto Florestal, 1992. p.1187. Publicado na Revista do Instituto Florestal, v.4, parte 4, edição especial, 1992.

NOGUEIRA, J.C.B.; SIQUEIRA, AC.M.F.; MORAIS, E.; COELHO, L.C.C.; MARIANO, G.; KAGEVAMA, P.V.; ZANATTO, AC.; FIGLIOLIA, M.B. Conservação genética de essências nativas através de ensaios de progênie e procedência. In: **CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 1982,** Campos do Jordão. Anais. São Paulo: Instituto Florestal, 1982. p.957-969. Publicado na Silvicultura em São Paulo, v.16 A, parte 2, 1982.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A CARTOGRAFIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE COM PROFESSORES E ALUNOS DO 6º/7º ANO, ENSINO FUNDAMENTAL, DO COLÉGIO ESTADUAL PRESIDENTE KENNEDY - PORANGATU/GO - 2014/2015

119

NEVES, Jean Márcio Rodrigues
Discente do curso de Geografia da UEG Câmpus Porangatu
E-mail: jrtpai.x@gmail.com

MELO, Jessica Cristina de
Discente do curso de Geografia da UEG Câmpus Porangatu
E-mail: scidarto@hotmail.com

RIBEIRO, Sirlania Maria de Borba
Docente UEG, Câmpus Porangatu
E-mail: sirlaniamb@hotmai.com

RESUMO:

A cartografia como produto do meio social e cultural das civilizações possui importância direta no que se refere à organização e gestão do espaço, e em parceria com a Geografia se torna um instrumento de indispensável valor para que o homem conheça a si mesmo e o seu habitat, e consiga exercer total domínio sobre suas ações e agir de forma consciente sobre tal. Ela está inserida no nosso cotidiano desde situações simples como andar de bicicleta sabendo em que direção seguir e onde se quer chegar, no ato de pensar o trajeto mentalmente a ser percorrido, até situações mais complexas que envolvam a decodificação de mapas ou mesmo o uso de tecnologias como, por exemplo, o GPS (Global Positioning System) para auxiliar na visualização do espaço como um todo. Para que esse processo obtenha resultados satisfatórios, o aluno precisa se familiarizar com a linguagem cartográfica e os símbolos utilizados em sua confecção, além de compreender o processo matemático de redução (escala). A leitura cartográfica é tão importante quanta a



leitura escrita, pois a cartografia é um instrumento essencial na edificação do saber que leva o aluno a interpretar e analisar as várias relações existentes nos mapas, e assim compreender o espaço como produto das relações da sociedade, bem como do espaço geográfico e dessa forma aprender a fazer a leitura crítica da representação cartográfica. No âmbito acadêmico, a Cartografia se torna parte integrante da Geografia como um dos requisitos preestabelecidos no currículo referencial escolar desempenhando o papel de interligação de todos os conteúdos, iniciando na geografia física, passando pela geografia humana e organização espacial do território até os conteúdos específicos da cartografia que envolve a análise e interpretação de mapas. No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) serão abordados temas discutidos nas áreas de Didática em Geografia, tais como: o ensino aprendizagem nas aulas de Geografia, em especial aos conteúdos cartográficos sendo estes o foco principal da pesquisa, na qual será analisada a formação do Professor de Geografia, no meio acadêmico, bem como sua metodologia de ensino, e também a aprendizagem dos alunos, devido a sua imaturidade perante a cartografia integrada na disciplina Geografia ministrada no 6º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais, pois conhecimentos e habilidades de representação espacial, estão ligados à leitura e à escrita. No sentido amplo da leitura cartográfica e através de propostas metodológicas concretas, como: o espaço da sala de aula, da escola, da sua casa, até chegar à representação/apreensão mais abstratas como município, o estado, o país e o planeta Terra, familiarizá-lo a linguagem visual, permitindo assim, uma interpretação espontânea dos sinais gráficos. A escola como um dos referenciais de educação do aluno, se vê na responsabilidade de oferecer ao mesmo todos os meios para que ele possa desenvolver sua capacidade plena de raciocínio e de agente modelador da realidade. Assim, é na escola que deve haver o incentivo para o aperfeiçoamento das habilidades e competências que levará o jovem a se impor perante a sociedade. No desenvolvimento da alfabetização cartográfica, a escola e os professores se deparam com inúmeras dificuldades durante esse processo de desenvolvimento,



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



isso porque o professor costuma partir de noções muito abstratas, de conceitos que as crianças não conhecem, têm dificuldades para compreender, o que acarreta de consequências gravíssimas das partes envolvidas (professor-aluno), como o despreparo quanto ao domínio espacial. Outros temas importantes conferidos ao professor são: a sua capacidade de refletir sobre suas ações, analisar suas dificuldades enquanto mediador do ensino, seus avanços com relação a compreender a dinâmica envolvendo a sala de aula e por fim seus sucessos são peças-chave para a reinvenção e rejuvenescimento da prática docente, na formação de alunos críticos. Apesar das tendências nos últimos anos em se investir nesta perspectiva sobre a reflexão docente ainda existem barreiras a serem transpostas como é o fato de o professor ser um indivíduo vinculado ao processo institucional ao qual está inserido, ou seja, são as diretrizes e bases que norteiam a ação do educador, além de que sua participação não se limita apenas à sala de aula, pois há o envolvimento cultural, social e político que influencia na sua prática. Por todos esses aspectos nota-se que é imprescindível a pesquisa de campo e, pela observação realizada na escola campo do estágio supervisionado, no ano de 2014, notou-se uma carência na alfabetização cartográfica, levando então a refletir sobre o desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre a temática., o qual foi realizado com professores e alunos, da disciplina e série supracitadas, no Colégio Estadual Presidente Kennedy. No ano de 2015 o projeto terá continuidade, aplicando-se questionários aos professores que ministram aulas de Geografia e alunos, agora cursando o 7º ano, no intuito de analisar a evolução dos mesmos na aprendizagem da Cartografia. Os dados extraídos dos questionários serão referências para a conclusão da pesquisa do TCC. A pesquisa é voltada para o docente e o discente do ensino básico no intuito de analisar a ensinagem dos conteúdos cartográficos. O reflexo de uma alfabetização cartográfica deficiente é percebido no decorrer das séries do Ensino Fundamental, com alunos demonstrando grande dificuldade na leitura, análise e compreensão de documentos cartográficos.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras - chaves: Alfabetização Cartográfica. Geografia. Formação de Professor. Ensino/Aprendizagem.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



SEGREGAÇÃO ESPACIAL E DESIGUALDADE SOCIAL NA CIDADE: A MÚSICA COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DO ENSINO ESCOLA MUNICIPAL EUZÉBIO MARTINS DA CUNHA 2014/15

123

Joelma Rodrigues Oliveira⁴⁵

Layanne Karoline Dos Santos Borba⁴⁶

Resumo:

A aplicação de diferentes linguagens no ensino contribui para o trabalho do educador, auxiliando para o desenvolvimento da autonomia e o pensar crítico do aluno. Instrumentos que possibilitam a relação entre os conteúdos de diferentes disciplinas; neste artigo se destaca a geografia. Traz-se as aprendizagens tecidas nos encontros de formação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID do subprojeto da Geografia da UEG Unidade Porangatu-GO - que foi desenvolvido junto aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Euzébio Martins da Cunha. Para isto, fizemos pesquisa bibliográfica dos autores que têm fundamentação da prática pedagógica, Cavalcanti (2012), além do embasamento teórico-metodológico acerca do uso da música em sala de aula, o gênero musical a ser trabalhado com os alunos foi o rap, que foi identificado a partir da demanda da escola, que um dos objetivos é atender – lá, e isso foi possível através das observações na mesma por parte dos alunos bolsistas e também se destaca a pesquisa etnográfica através dos diários de aula, elaborado no decorrer dos encontros do PIBID, em que Zabalza (2004) auxilia o professor através dos critérios metodológicos de diários de aula ao ler os próprios relatos de experiência.

⁴⁵ Acadêmica do 4º ano do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade de Porangatu-GO – joelmarodrigues@gmail.com

⁴⁶ Acadêmica do 4º ano do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade de Porangatu-GO - layannepgtu@hotmail.com



Outro elemento importante foi à aplicação do questionário aos alunos, para identificar a aptidão musical dos mesmos em que foi constatado um gosto maior pelo rap. Como destaca Cavalcanti (2012) mediante a complexidade que permeia a sociedade atual muito tem se discutido sobre o papel da educação e a importância do ensino de Geografia para o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos. Acredita-se que a Geografia atualmente mantém o comprometimento de proporcionar o conhecimento sobre o espaço geográfico, em uma abordagem que deve partir do espaço vivido pelos alunos até totalidade espacial. Assim como ressalva Carlos (2007) processo de produção espacial da cidade, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade e sinaliza a articulação indissociável de três planos: o econômico, o político, e o social. Ainda segundo Carlos (2007) a própria produção do espaço como mercadoria através da generalização da propriedade privada subsumiu as formas de uso da cidade, capturando-lhe todos os momentos. Possíveis de apropriação – a vida se realiza cada vez mais no âmbito dos espaços privados. Para entender essa complexidade temos que buscar métodos de ensino que propicie este momento o que De Certeau (2002) propõe o ato de caminhar pela cidade, como modo de apreensão do espaço urbano que é encarado, como método e “fonte de informações” para a reflexão crítica. A realização do projeto pautou-se na elaboração e execução de oficinas que abordou o conteúdo - desigualdades sociais e segregação espacial - através do uso da música como principal procedimento de ensino. Buscou-se construir uma proposta metodológica, e que permita a análise dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula (desigualdades sociais e segregação espacial) através das músicas que serão passadas e por final a produção de uma paródia está vinculada aos conteúdos que serão ministrados em sala de aula. Este artigo tem por objetivo respaldar-se na análise e na compreensão sobre o movimento do Rap e sua relação com o ensino de Geografia. Tendo como preceito imprescindível uma educação crítico-reflexiva sendo flexível à demanda da sociedade atual e que, através de suas temáticas, permita contribuir para a construção de conhecimentos que impulsionem autonomia



no aluno. No decorrer do projeto foram trabalhados conceitos que nortearam nossos questionamentos, tais como: espaço urbano, urbanização, periferias dentre outros. Ainda relacionando-os com outros conteúdos secundários porém não menos relevantes, tais como: representações espaciais, desigualdades sociais, tráficos de drogas, cultura, pobreza, e etc. Segundo Andrade (1999, p. 90) “Rap refere-se a um movimento denotado por atividades sociais e por discursos poéticos, em que se reúnem a música, dança, poesia, artes plásticas e mobilização social.” É crucial que a escola esteja em acordo com estas manifestações para que possam ser introduzidas em suas didáticas manifestações que refletem no cotidiano dos alunos. O espaço escolar pode ser visto tanto como um local de cruzamento de culturas quanto um espaço. O projeto foi desenvolvido em duas edições uma em 2014 e outra em 2015. Na primeira edição foi um projeto pioneiro onde tivemos alguns problemas pedagógico-didáticos. Na segunda edição trabalhamos em cima dos erros da primeira para melhorar, tivemos um foco mais nos conceitos, enxugamos o material a ser trabalhado e cronometramos mais o tempo com os alunos. Trabalhamos com os alunos do 7º ano “A”, uma turma tranquila no geral, superamos muitos erros que foram cometidos da primeira vez, alcançamos o objetivo de proporcionar um ensino dinâmico onde os alunos participaram ativamente da oficina. No final da oficina foi pedido aos alunos a produção de uma paródia relatando os conceitos q foram trabalhados e o quais eles identificam na realidade dos mesmos, foram divididos em grupos, e assim fizeram e depois cantaram. Na atualidade trabalhar com turmas de ensino fundamental exige criatividade dos profissionais da educação, devido às demandas da sociedade e a indisciplina dos alunos, nas quais se requer um empenho do professor para chamar a atenção do público alvo, para que as aulas não se tornem estafantes, o que causa desânimo e apatia nos estudantes. Um excelente atrativo para se desenvolver um trabalho de qualidade é levar para a sala de aula elementos que estejam diretamente vinculados à cultura popular da classe jovem, que fale a mesma linguagem deles.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras-chave: Cidade. Ensino. Geografia. Música.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, J.P. **Cidade Cantada:** Experiência Estética e Educação Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** 1º edição. Editora Papyrus, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano:** novos escritos sobre a cidade. 1º ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

DE CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: vozes. 2002.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ENTRE A CRÍTICA E A HISTORIOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE DE 30

Larisse Pereira de Oliveira Sá⁴⁷

Vanessa Costa dos Santos⁴⁸

127

Esta proposta de estudo tem por objetivo verificar as principais relações de divergência e convergência entre a crítica e a historiografia literária acerca do Romance de 30. O *corpus* a ser investigado será constituído de obras da historiografia tradicional, ou seja, as “Histórias” de Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi e Antônio Candido em parceria com José Aderaldo Castello – consideradas como obras da “fase sólida” da historiografia literária brasileira; e textos da crítica veiculados nas principais revistas, entre as décadas de 1920 a 1940 – período de efervescência das ideias modernas e modernistas que propiciaram a sistematização e a constituição da vertente literária do Romance de 30 – a exemplo da Revista do Norte, Momento, Lanterna Verde e Boletim de Ariel. Para tanto, tomaremos como fundamentação, as contribuições teóricas de Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (2010) e *Arqueologia do saber* (1972) – para nos auxiliar na compreensão das construções discursivas em torno do Romance de 30; além de *Uma história do Romance de 30* (2006), de Luís Bueno – que nos auxiliará na elucidação de questões referentes à vertente literária em questão.

O interesse pela análise do Romance de 30 a partir da relação entre crítica e historiografia se deu por, pelo menos, dois motivos: primeiro – os caminhos percorridos pela tradição literária no Brasil se constitui, principalmente, pelo viés da historiografia. Observar o curso da literatura brasileira, incide em rever a sua

⁴⁷ Graduanda do 3^a ano em Letras Português-Inglês da Universidade Estadual de Goiás. Bolsista PIVIC. E-mail: larisse.pgtu@hotmail.com

⁴⁸ Mestre em Estudo de Linguagens – PPGEL / UNEB. Professora de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Campus Porangatu. E-mail: vanessa.santos@ueg.br



'história', além disso, a nossa crítica literária – foi e ainda é em grande medida – constituída pela historiografia; o segundo motivo – tem a sua causa no modo de como o Romance de 30 foi silenciado no curso da nossa literatura. A referida vertente foi inserida na historiografia à sombra do Movimento Modernista ligado à Semana de Arte Moderna, em 1922, e essa “colocação”, no entanto, se deu por meio de uma hierarquização arbitrária investida de interesses hegemônicos – os mesmos que constituíram a nossa “história da literatura”. Neste sentido, a crítica entra em cena com o papel de tentar reclamar o lugar “cedido” ao Romance de 30 pela historiografia. Assim, por este lado, a relação crítica/historiografia se dá em oposição, com funções e interesses antagônicos.

A necessidade de uma revisão nas bases historiográficas da literatura se deu por muitos motivos, dentre os quais, se inclui o Romance de 30. A sua inserção na historiografia se deu à margem do Modernismo Paulista, como um desdobramento, à sombra, silenciada. Não houve, portanto, o reconhecimento de sua importância que, como afirma José Maurício Gomes de Almeida (1999, p. 203), trata-se de “uma verdadeira explosão de criação ficcional” que “marca fase nova e particularmente fecunda no desenvolvimento da moderna literatura brasileira”. Por este motivo, a inclusão do Romance de 30 na historiografia foi acompanhada por um grupo de escritores que reclamavam/reclamam a sua revisão, pois, afirmam se tratar de uma vertente que altera significativamente a forma de se fazer literatura no país.

Tal reclame, no entanto, parte de uma crítica “não reconhecida” e que sempre esteve à margem na composição da historiografia literária tradicional – dentre essa “crítica não reconhecida”, está a revista literária. Apesar de ser, geralmente, constituída por intelectuais da academia, a revista de crítica não tem o mesmo status de autoridade dos livros de historiografia. Estão na margem da crítica e é, à princípio, não hierárquica; oferece múltiplos enunciados, nem sempre passíveis de unificação ou convergência.

Sendo assim, coloca-se como material sob análise, as revistas de maior circulação em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco – os grandes centros



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



formadores de uma discursividade para o país, naquele momento. Tais publicações mostram as tensões que marcaram o desenvolvimento da vertente literária do Romance de 30, além de reclamar o seu “apagamento” arbitrário, na busca pelo reconhecimento de sua importância na tradição literária brasileira.

É ao considerar esses fatores, que tomamos a crítica e a historiografia como base de análise para compreender quais são as principais relações de divergência e convergência entre a crítica e a historiografia literária acerca do romance de 30. Assim, utilizaremos uma abordagem qualitativa que será trabalhada mediante o procedimento de análise documental. Neste sentido, teremos as Histórias da literatura brasileira e as revistas da crítica referentes ao Movimento Modernista Paulista e às ideias Modernas circuladas em Pernambuco, de maior circulação, entre as décadas de 1920 a 1940 como documento de fonte primária, pois se trata de material impresso – documento – que analisaremos tal como concebido por seus autores - fonte primária.

Deste modo, o presente estudo terá como orientação metodológica a pesquisa bibliográfica – a partir de leituras voltadas para as abordagens sobre o Romance de 30 na historiografia literária. Inicialmente, serão realizadas leituras e fichamentos de obras especializadas em História da Literatura, Crítica Literária e o Romance de 30.

Palavras-Chave: Crítica. Historiografia. Romance de 30.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



CANDOMBLÉ E UMBANDA: DA ORIGEM AO RECONHECIMENTO

Layse Rodrigues Silva⁴⁹
Diego Rodrigues Paixão⁵⁰
Samira Peruchi Moretto⁵¹

130

A África com sua diversidade cultural, linguística e social esteve por muitos anos na mira de estrangeiros que escravizavam populações negras. Julgados na Europa até mesmo pela igreja os negros eram escravizados até a morte. No Brasil não foi diferente a escravização de negros africanos redigiu a história do período colonial, os milhares de negros que aqui chegaram tinham suas crenças, e não esqueceram suas raízes, no Brasil eles foram adaptando suas religiões às religiões que aqui era permitida, o catolicismo, por exemplo, e as crenças indígenas, formando um sincretismo religioso, novos conceitos de religião foram surgindo, que ficaram conhecidas como religiões afro-brasileiras, que era uma junção das crenças proibidas negras com catolicismo e com as crenças indígenas.

Objetivo deste trabalho é analisar o surgimento, fixação, transformações e as miscigenações, além de abordar o preconceito e a perseguição sobre as religiões afro-brasileiras e a importância da mídia principalmente os jornais nestes aspectos, levando informação e conhecimento.

Nosso objetivo, reconhecendo que o preconceito religioso diante das religiões afro-brasileiras abrange muitas opiniões pluralizadas, e incentivar o leitor a conhecer as religiões que também fazem parte da história do Brasil, neste aspecto nosso intuito não é levar ou exaltar nenhum tipo de religião, e sim levar conhecimento

⁴⁹ Graduanda em História – UEG Campus Porangatu: laysehistoria2015@gmail.com

⁵⁰ Graduando em História- UEG Porangatu: diegostihl93@gmail.com.

⁵¹ Orientadora Professora do Departamento de História da UEG – Campus Porangatu. Projeto de pesquisa com apoio da PRP- UEG: **A transformação da paisagem no norte de Goiás: desafios contemporâneos**. Email: samira.moretto@ueg.br.



acadêmico para que esses conceitos pré-estabelecidos sobre as religiões afro-brasileiras possam ser cada vez menos apontados em nossa sociedade.

Foi na Bahia aonde chegavam grandes massas de negros africanos, e onde obteve maiores números de adeptos desse novo tipo de religião, que até nos dias atuais sofre perseguições por grande parte da população, mas e no Rio Grande do Sul atualmente que se concentram os maiores índices de adeptos das religiões afro-brasileiras do país, e hoje abrange vários territórios brasileiros, uma destas religiões e a Umbanda que se originou no início do século XX, para alguns autores e umbandistas relatados no texto, o surgimento da religião de Umbanda ocorreu no estado do Rio de Janeiro, em um centro Kardecista de Niterói. A muitas controvérsias sobre o surgimento desta nova religião apresentada como totalmente brasileira, mas a história que muitos defendem e que a religião de Umbanda teria sido apresentada por um jovem kardecista de classe média, conhecido como Zélio Fernandino de Moraes, que incorporava um espírito que dizia ser em uma vida anterior, Frei Gabriel Malagrida, mais que queria ser reconhecido como caboclo das setes encruzilhadas.

O espírito, apresentado como caboclo das sete encruzilhadas apresenta-se dizendo que viria para fundar uma nova religião, cujo nome seria Umbanda. Zélio juntamente com alguns médiuns que também incorporava espíritos reuniram para trabalharem nesta nova religião e fundaram a primeira tenda espírita, conhecida como Nossa Senhora da Piedade.

A Umbanda é bastante comparada com outras denominações religiosas por apresentar alguns traços semelhantes e essas religiões. O sincretismo é um fator presente da religião de Umbanda, um exemplo é os traços que ela traz com o espiritismo brasileiro, elementos trazidos do Candomblé afro-brasileiro, semelhanças com o catolicismo e também com o Catimbó, a religião de Umbanda contém traços com a cultura negra e a cultura indígena entre outros.

O sincretismo seria a união de valores de diferentes culturas formando outro valor, outra cultura, a Umbanda torna-se então no meados dos anos de 1920, uma



religião brasileira, que traz traços semelhantes de varias outras denominações religiosas, no entanto com seus próprios conceitos e fundamentos.

A umbanda tem vários seguimentos como quaisquer outras religiões, e todos seus seguimentos dizem estudar as sete linhas de Umbanda conhecidas como as sete vibrações de Deus, as sete linhas de Umbanda são: linha da Fé, a linha mineral, a linha vegetal, a linha do fogo, a linha do ar, depois linha da terra e na ultima linha a linha da agua, e nessas linhas irradiam diferentes orixás. Na Umbanda existi o arquétipo dos Orixás e das entidades, que e conhecida na Umbanda, como linha de trabalho, as linhas de trabalho da Umbanda são: caboclo, preto-velho, criança, exu e pomba-gira, estendendo-se para marinheiro, baiano, boiadeiro entre outras. A oferenda e uma forma de ligação da natureza com os orixás, levar uma oferenda e fazer um agrado aos orixás que são forças da natureza, como por exemplo, lemanjá que tem sua força no mar, Xango tem sua força na pedreira, Oxum na cachoeira e muitos outros.

O candomblé outra religião afro-brasileira de origem africana, faz parte desse novo conceito religioso do país, foi inserida no Brasil entre os séculos XVI e XIX quando negros de diversas regiões da África foram trazidos para o Brasil para exercer trabalho escravo durante o Brasil colônia. Período esse que consiste desde a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 ate a independência em 1822. Em uma primeira fase com extração de pau Brasil ocorrida entre 1500 a 1530 com o auxilio da mão de obra escrava dos indígenas. A segunda fase do período colonial se deu nos séculos XVI e XVII com o plantio da cana de açúcar na região norte do país que possuía uma característica propicia para o plantio. No candomblé não há uma relação de certo ou errado, de pecado a relação com a morte e de forma leve.

Atualmente no Brasil segundo um censo realizado pelo IBGE em 2010 a media nacional de identificação de pertencimento ao segmento afro religioso se manteve em 0,3% da população. Aparecendo com a maior incidência de indivíduos pertencentes à religião o estado do Rio Grande do Sul com aproximadamente 157.599 indivíduos.



As mídias comunicativas interfere direta e indiretamente na formação do preconceito religioso, onde intolerância religiosa passa a se formar através da informação mal transmitida através desses meios de mídia comunicativa. Hoje em dia a vários meios de comunicação, porem os que, mas interferem são a: internet, televisão e jornais. As religiões afro-brasileiras são as mais prejudicadas por esses meios de comunicação, por não terem condições de defesa.

A religião de Umbanda, por exemplo, e alvo desses preconceitos que são transmitidos por essas mídias comunicativas, porem e uma religião que leva informação ao conhecimento que e o receptor, desde 1999, a religião de Umbanda mantem um jornal, conhecido como Jornal de Umbanda, no entanto este jornal e destinado somente a um publico reservado, adeptos e praticantes da religião, se esses meios de transmissão fossem multiplicados e chegando a uma massa de população em números bem maiores, o preconceito e intolerância por parte daqueles que necessitam de informação seria reduzidos visivelmente.

Até o presente momento foram escritos a grande parte do nosso trabalho, afim de que ficaremos por fazer, a parte que me cabe, uma analise de como o candomblé e abordado nas mídias\jornais. E finalizar a conclusão.

Será utilizada como método a análise bibliográfica no sentido de atermos sobre assuntos relacionados às demais religiões apresentadas, e a utilização de jornais online que abordam o tema. Análise esta que nos guiara pelos autores já citados na referência bibliográfica.

Nosso trabalho não implica em levar qualquer tipo de interferência na conduta religiosa do leitor, mais sim contextualiza-lo de informações sobre outros tipos de religiões que sofreram e sofrem nos dias atuais preconceito e intolerância religiosa, principalmente religiões brasileiras que fazem parte de um vasto mundo religioso sincrético que o Brasil estabeleceu em decorrer de sua história.

Palavras-chave: Religiões Afro-Brasileiras. Candomblé. Umbanda. Mídias. Jornais.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Referências:

PRANDI, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores*. Civitas - Revista de ciências sociais, 2003.

PRANDI, Reginaldo. *As religiões negras do Brasil - Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros*. São Paulo: Revista USP, 1996.

ORO, Ari Pedro. *As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul*. 2008.

QUEIROZ, Rodrigo. *Jornal de Umbanda Sagrada*. São Paulo: Ricardo Bandeira, 1999.

QUEIROZ, Rodrigo. *Jornal de Umbanda Sagrada*. São Paulo: Ricardo Bandeira, 2000.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PELOS CANTOS DO BRASIL: CONHECENDO O PAÍS POR MEIO DA MPB

Lilian de Castro Junqueira/UEG/Inhumas

lcjunqueira@yahoo.com.br

135

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo apresentar os desdobramentos de uma pesquisa desenvolvida em 2009, no Câmpus Inhumas/UEG, com vistas a apreender e refletir sobre o “vazio” do repertório musical diferenciado, nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Em larga medida, o que se evidencia, é a utilização da música de forma descontextualizada, sem uma organicidade, visando oferecer, um repertório com o pautado no currículo escolar burocrático ancorado nas datas comemorativas, sem a crítica devida. Nesta perspectiva procurou-se apreender o repertório dos (os) alunos (as) de e a relação que eles estabelecem com as músicas: local, regional e nacional, a denominada MPB; refletir de que modo os seus repertórios são favoráveis, subjetivamente, para novas aprendizagens, num viés interdisciplinar, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras-chave: Música. Formação docente. Ensino Fundamental. Aprendizagem.

Temática

O processo de consolidação da qualidade formativa da educação básica, particularmente, no Ensino Fundamental, tem sido marcado por um intenso debate, manifestando a crescente tentativa de compreensão da música nos processos de desenvolvimento das crianças e a música como formação de significados e de inúmeras e ilimitadas formas de expressão dos alunos.

A partir de um conjunto de leis e documentos oficiais, tais como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei



de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN), além de normatizações em nível estadual e municipal.

É nesse contexto que é ressignificado o papel das linguagens artísticas ou, múltiplas linguagens no desenvolvimento sócio cognitivo e emocional dos alunos e a música na esteira de diferentes concepções, têm se tornado objeto de investigação no Brasil e no exterior, de diferentes pesquisadores, como EDWARDS, 1999 e KRAMER, 1998.

Na medida em que as produções artísticas das crianças, entendidas como formas de expressão de aprendizagem da cultura brasileira, numa proposta de interdisciplinaridade.

Observações empíricas nos cursos de formação docente e em orientação em Trabalhos de Conclusão de Curso apontam para um “quase silêncio” a respeito desta temática. Sendo assim, esse tema tão fértil tem permanecido marginal, limitando-se a esparsos relatos de experiências, pouco fundamentadas teoricamente.

É contraditória essa realidade acadêmica com o cotidiano desses alunos, pois, a música está impregnada no cotidiano das crianças pequenas. Seja com brinquedos musicais, por meio do ritmo dos acalantos, das parlendas, e nas primeiras experiências lúdico-musicais da vida humana.

Este processo tende a se intensificar com o acesso aos meios de comunicação de massas e, corroborando com a premissa de Snyders (2003) a geração atual vive a música tão intensamente, sem precedentes históricos.

Nos meios acadêmicos da área da Educação, as atividades didático-pedagógicas, utilizando a música, tendem a serem vistas como “ornamentais”, “de enfeites”, vista de forma pouco substantiva, ou seja, são tratadas de forma pouco científica, restrita ao senso comum, ou à empiria voluntarista. O campo da Música é pouco valorizado ou carece de concepções mais sólidas a respeito de suas contribuições formativas.



A escola historicamente, em que pese à retórica progressista, tem se vinculado à hegemonia de concepções pedagógicas tradicionais, nas quais a música, quase sempre é reduzida à forma de canção, sem respeitar as suas especificidades na formação integral.

São músicas apropriadas para projetos escolares descontínuos, sem o aprofundamento interdisciplinar dos conteúdos. Servindo, na maioria das vezes, como estratégia para apresentação de normas e padrões de comportamento, nas horas: de lanchar, de formar filas, descansar ou, na maioria, dos casos, para a fixação de conteúdos específicos de diferentes disciplinas, instituindo uma relação eivada do tecnicista.

Há, ainda, a perspectiva, não menos preocupante, de lançar mão de músicas de natureza religiosa para apresentações de canto-corais e de coreografias e, de forma implícita, cooptar fiéis para denominações, predominantemente, pentecostais católicas ou evangélicas, entre os alunos e seus familiares.

Objetivo

Com o objetivo de apreender as percepções a cerca da marginalidade da música no âmbito acadêmico, que vão desde razões históricas que, apontam para uma desvalorização da cultura, efetivamente, popular tanto quanto pelas linguagens artísticas na escola (FUSARI e FERRAZ, 1992 e BARBOSA, 1995), passando por deficiências na formação dos professores, tanto na de especialistas (licenciados em música), quanto na de pedagogos e da influência Indústria Cultural (ADORNO, 1983).

Recursos Metodológicos

Durante um ano, foi possível realizar uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa no curso de Pedagogia, a partir da revisão bibliográfica sobre a temática;



a aplicação de questionários para identificação dos gêneros de preferência dos alunos de Pedagogia e entrevistas semiestruturadas sobre as motivações para essa preferência.

Sistematização dos Dados e Resultados

Os dados indicaram a prevalência do sertanejo universitário, o sertanejo contemporâneo e, só em terceiro lugar, estava a MPB nacional. As músicas regionais com pouco desatque na mídia e as músicas locais não foram destacadas.

À medida que os resultados eram sistematizados, foram elaborados projetos de ensino e extensão para promover uma reflexão coletiva acerca do significado de se pesquisar e compilar músicas diferenciadas para apreciação e para as atividades a serem desenvolvidas na escola campo do Estágio Supervisionado nos Primeiros Anos do Ensino Fundamental. Concordando com Adorno, gosta-se daquilo que se reconhece auditivamente.

se perguntarmos a alguém se gosta de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos nos furtar à suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar e não gostar. Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo (1983, p.165).

Para promover o gosto por outros gêneros musicais, além do que a mídia insistentemente veicula, foi realizada, como proposta de ensino na Disciplina Cultura Escolar e Currículo, um Portfólio com portadores textuais, dinâmicas com jogos e brincadeiras diversas e músicas da MPB, para apresentações interdisciplinares. A recomendação era para que não constassem músicas tradicionais, amplamente conhecidas, nem músicas religiosas ou gospels, estas, para não colidirem com o sentido laico da escola.

Para a extensão, foi realizado o projeto “Efeito Borboleta: educação, cultura e cidadania ativa”, que acontece anualmente no Câmpus desde 2011, tendo os alunos dos cursos de Letras e Pedagogia como protagonistas na organização e em oficinas.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ALMEIDA, Célia M. de C. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (org.). *O ensino das artes – construindo caminhos*. Campinas: Papirus, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. 3o. volume. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei N. 9.394 de 1996, Diretrizes e Bases para a Educação Nacional*. Brasília: MEC/SEF, 1996.

FUSARI, Maria F. de R. e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

KRAMER, Sônia e LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas: Papirus, 1996.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



UMA ANÁLISE DO ENSINO DE GEOMETRIA EM INTERFACE COM OS ESPAÇOS EDUCATIVOS PRESENTES NAS CIDADES

140

Liliane de Oliveira Azevedo

Docente UEG, Câmpus Porangatu

lilianeazevedoliveira@hotmail.com

Osmair Carlos dos Santos

Docente UEG, Câmpus Porangatu

osmaircarlosr@gmail.com

Introdução

Atualmente verifica - se que a geometria envolve conceitos de muita abstração, o que dificulta o processo de ensino e aprendizagem. Logo, alguns autores como Gravina (1996), Costa, Bermejo e Morais (2009) e Pavanello (1993) afirmam que os alunos encontram dificuldades em aprender geometria, por causa de sua abstração e sua pouca relação com o cotidiano. Então, esse projeto visa mostrar que geometria pode ser encontrada no dia-a-dia, tornando seus conteúdos mais concretos e conseqüentemente de fácil aprendizado. A geometria pode ser encontrada em toda parte, sendo na área de um campo de futebol, no volume de lagoa, na quantidade de metros quadrados de grama utilizados para gramar um campo de futebol, nos tijolos usados para construir uma casa, entre muitos outros espaços.

Considerando esses conceitos e almejando maior aprendizagem do conteúdo, serão realizadas atividades fora da sala de aula que durará um bimestre, com uma carga horária de 3 horas diárias. Além disso, os educandos com os quais iremos executar o projeto são do ensino fundamental segunda fase e dentre os



locais para executar o projeto pode-se destacar a quadra coberta; o clube municipal; estádio municipal, a biblioteca e a assistência social, todos situados em Amaralina no estado de Goiás. Entre as atividades podemos destacar que na quadra coberta ira-se trabalhar, a área das figuras desenhadas no piso, calcular o valor da diagonal usando Teorema de Pitágoras, no estádio municipal será calculado o número de torcedores que cabem em cada metro quadrado e lembrar o conceito de linhas paralelas e perpendiculares. Na fazendinha será medida a altura de certas árvores a partir da projeção da sombra utilizando o Teorema de Tales e calcular área e volume de figuras presentes na natureza, no CRAS o aluno terá que identificar figuras presentes em cada sala, na biblioteca ira-se calcular a área ocupada por cada livro e quais os formatos dos livros.

Problematização

Será que a relação da geometria com o cotidiano faz com que o educando adquirira uma visão concreta e um bom aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem?

Justificativa

Hoje em dia existe uma preocupação em relação ao ensino público, pois há inúmeros problemas sociais que a escola enfrenta, mas isso pode ser resolvido por meio de aulas mais interessantes, cujo objetivo é uma melhor interação entre o educador e o aluno, visando uma maior aprendizagem do conteúdo de geometria.

Para atrair a atenção dos alunos para a aprendizagem da geometria, os professores têm que inovar e procurar espaços educacionais presentes na cidade, que possibilite que o educando trabalhe com o conteúdo abordado dentro da sala de aula. Entretanto, é possível ter inúmeros espaços educacionais, que muitas vezes



faz parte do cotidiano do aluno, e assim torna o processo de ensino mais interessante e o educando consegue fazer uma relação entre a prática e a teoria.

É fácil perceber que a geometria está em tudo e em todos os lugares à nossa volta, seja numa praça da igreja, no formato de uma bola, na casa em que moramos. Contudo, basta apenas o professor reconhecer os lugares educacionais e utilizá-los no processo de ensino e aprendizagem.

Objetivos

Geral

Desenvolver nos alunos a capacidade de compreender a geometria, bem como, integrar as aulas de matemática ao ambiente fora da sala de aula, possibilitando ao aluno diversidade de informações e experiências, afim de que ele possa construir seu próprio conhecimento e reconhecer a presença geometria no cotidiano.

Específicos

- Desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, tornando-os mais participativos e responsáveis;
- Identificar a presença de figuras geométricas no cotidiano;
- Despertar a percepção dos alunos na visualização das formas geométricas espaciais e planas encontradas na natureza;
- Expor de forma interativa os conceitos apreendidos acerca da geometria

Metodologia

Para validar o seguinte projeto utilizaremos da metodologia observação participante, onde iremos interagir com os educandos, observando seu grau de



participação em cada uma das etapas de execução. Pois, segundo Velho (1993) o educando aprende com a interação na cidade, ou seja, em cada espaço informal da cidade são tomadas decisões, grupos são formados e relações sociais são construídas e destruídas.

1ª ETAPA

Dividir os alunos em grupos para que haja uma troca de informações e pedidos para que façam uma pesquisa sobre a história da geometria. Além disso, serão distribuídos aos grupos revistas e jornais, para que escolham figuras sobre as quais serão encontradas nos locais em que iremos desenvolver o projeto.

O primeiro local a ser desenvolvida a atividade será na quadra coberta, onde os alunos do 6º terão que fazer um levantamento do nome das figuras encontradas ali sendo eles polígonos ou poliedros. Se forem polígonos, os alunos terão que classificá-los quanto ao número de lados, identificarem o número de lados e o número de vértices.

Os alunos da 7ª série terão que identificar quais são as figuras encontradas na quadra que fazem parte do tangran, sendo que eles deverão registrar em uma câmera fotográfica para a apresentação aos colegas.

Já os alunos da 9ª série terão que calcular a diagonal da quadra usando o Teorema de Pitágoras, Calcular a área do retângulo da quadra, calcular a área da circunferência do meio da quadra, identificar o raio e o diâmetro da mesma.

2ª ETAPA

Na segunda etapa do projeto a 6ª série ficará com a biblioteca, a 7ª série com o CRAS, e a 9ª série ficará com o clube municipal.

No 6º ano os alunos terão que calcular a área da sala da biblioteca, identificar que tipo de polígono ela está relacionada, calcular o volume e área de dez



livros diferentes, identificar as medidas das arestas dos livros escolhidos e identificar diferentes tipos de polígonos e poliedros.

Na 7ª série os alunos terão procurar diferentes tipos de triângulos e classificá-los quanto aos lados. Identificar diferentes tipos de figuras e fazer um trabalho de colagem com palitos de fósforo em um cartaz para representar as figuras encontradas.

Na 9ª série os alunos terão que identificar o Teorema de Tales formado por retas no clube municipal, nas ruas da cidade, entre outros locais. E calcular a alturas de árvores usando o mesmo Teorema.

Depois de concluída as duas etapas todos os grupos terão que gravar um vídeo dos trabalhos desenvolvidos, que será exibido no clube municipal para seus familiares e para a comunidade. Nesse local haverá uma equipe de professores na banca, que irá classificar três melhores trabalhos onde haverá uma premiação, pois a competição estimula o aluno a buscar o conhecimento.

Conclusão

A sociedade deste século traz aos alunos um mundo de opções atrativas por meio de tantas evoluções tecnológicas. Este projeto vem criar um ambiente diferente, proporcionar um olhar alternativo ao profissional que já testou quase todas as suas estratégias e muito do que testou resultou apenas em frustração. Esse novo ambiente de ensino, fora da sala de aula, também revela aos profissionais a necessidade de flexibilidade. É uma habilidade que os professores da atualidade precisam desenvolver para entender que há metodologias que vão se tornando ultrapassadas e que é preciso buscar outras.

Temos atualmente que o ensino de geometria apresenta inúmeras dificuldades, relacionadas ao seu grau de abstração. E para resolver tal problema foram utilizados espaços educacionais presentes na cidade que faz uma interação interdisciplinar e proporcionam um menor grau de abstração da geometria.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Então, conclui-se que se o professor explorar os locais que existem em sua cidade para o ensino da geometria o processo de aprendizagem da mesma será potencializado.

145

Palavras Chaves: Cidade educadora; geometria; ensino e aprendizagem.

Referências

COSTA, Aeylena coelho. BERMEJO, Ana Priscila Borges. MORAES, Mônica Suelen Ferreira de. *Análise do ensino de geometria espacial*. X encontro gaúcho de educação matemática. Rio Grande do Sul, 2009.

GRAVINA, M. A. (1996). *Geometria dinâmica - uma nova abordagem para o aprendizado da geometria*. In Anais do Simpósio Brasileiro de Informática na Educação.

PAVANELLO, Regina Maria. *O abandono do ensino da geometria no Brasil: causas e consequências*. Revista Zetetiké, ano I – nº 1/1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. *Aperfeiçoamento em Educação Integral e Integrada*. Goiânia: FUNAPE/CIAR, 2010.

VELHO, Gilberto. *Antropologia social*. São Paulo: Jorge Zahar, 1993.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PROJETO ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: SUBSÍDIO PARA COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

146

Lucimar Marques da Costa Garção
Docente UEG, Câmpus Porangatu
lucimargeo35@gmail.com

Maiara Mendes Lemos
Graduanda em Geografia, UEG Câmpus Porangatu
maiara-l@hotmail.com

Considerando que a alfabetização cartográfica é uma proposta metodológica para o ensino de geografia, o presente trabalho foi elaborado a partir do projeto de extensão: Alfabetização Cartográfica, que é desenvolvido na Escola Estadual Dona Gercina Borges Teixeira. Na ocasião deste, foi acrescentado “subsídio para compreensão dos conteúdos de geografia no ensino fundamental”, tendo em vista que o processo de ensino e aprendizagem de geografia perpassa pelo caminho da localização dos fatos e fenômenos geográficos.

No intuito de possibilitar uma melhor articulação entre os conteúdos geográficos, o projeto visa proporcionar a qualidade no processo de ensino/aprendizagem. No intento de desenvolver no aluno participante do projeto a possibilidade de comparar, analisar, ler e interpretar mapas, e nesse sentido percebê-lo não apenas como uma imagem ou figura e considerando a amplitude da leitura cartográfica, a semiologia gráfica deve ser ensinada para que o aluno tenha possibilidade de entender as formas de representação do espaço geográfico, facilitando a análise e a apreensão dos conteúdos relacionados à matriz curricular. Nesse sentido, para que o aluno possa fazer boa leitura do espaço geográfico,



requer o desenvolvimento das noções cartográficas através do meio escolar. Conforme aponta Passini (1994) “para o desenvolvimento dessa autonomia, é necessário saber ler e escrever, fazer contas, ler mapas, tabelas, gráficos, entre outros”.

O desenvolvimento de habilidades e competências acerca do processo de ensino e aprendizagem pode ser facilitado quando trabalha-se com a alfabetização cartográfica no âmbito da geografia escolar, associando a esse contexto, metodologias que possibilitem o desenvolvimento das noções de localização no espaço geográfico, levando o aluno a conhecer a semiologia cartográfica. Considerando a importância do conhecimento cartográfico pela abrangência de conhecimentos que pode proporcionar, Almeida (2001, p.18) assinala que a “formação do aluno fica incompleta, por não saber usar nem dominar a linguagem cartográfica”.

O projeto é trabalhado por etapas. Na primeira etapa consiste em mostrar a importância do conhecimento cartográfico no cotidiano escolar do aluno do 6º a 9º ano do Ensino Fundamental II. Na segunda etapa são expostas algumas ferramentas importantes que corroboram no conhecimento da linguagem cartográfica, bem como toda a semiologia cartográfica utilizadas em mapas que estão presentes no conteúdo da geografia que está sendo ministrado em sala. Nessa etapa são realizadas aulas oficinas com os alunos em sala de aula, no laboratório de informática e no pátio da escola. Na ocasião são apresentadas várias formas de se trabalhar com mapas de maneira lúdica.

O projeto é vinculado às práticas curriculares da disciplina Cartografia Temática do curso de Geografia/ Campus Porangatu e sua efetivação possibilita aos acadêmicos do curso de Geografia que frequentam as aulas de Cartografia Temática, desenvolver habilidades como licenciandos, por meio de conexões entre o conteúdo visto nas aulas e a sua aplicabilidade no ensino, favorecendo assim, o atrelamento entre o ensino e a extensão.



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Para efetivação do projeto Alfabetização Cartográfica, conta-se com a participação de cerca de 23 acadêmicos do 2º ano do curso de Geografia. Estes acadêmicos cursam a disciplina de Cartográfica Temática e Geoprocessamento. Desses, um é bolsista do Programa Bolsa Extensão Universitária/UEG. A aplicação do projeto é na Escola Estadual Dona Gercina Borges Teixeira, que atende alunos da faixa etária entre 09 e 16 anos que estão o Ensino Fundamental II. O material didático para a realização do Projeto é composto de Mapas, Cartas, Bússolas, GPS, Computadores e Xerox, além de outros materiais que durante o desenvolvimento de todas as atividades, tornam-se necessário.

Levando em consideração as possibilidades de ensinar Geografia o projeto Alfabetização Cartográfica atenua como parte integrante dos conhecimentos a serem ensinados para os alunos. Nesse seguimento, o professor tem a oportunidade de deixar suas aulas mais lúdicas, tornando-as mais atrativas e inovadoras. A partir daí, o mapa torna-se elemento que além de propiciar a dinamização das aulas, possibilita a proficuidade da compreensão dos conceitos chaves da Geografia (Lugar, Espaço, Tempo e Território), fomentando a percepção de noções espaciais geográficas.

Certifica-se ainda que o processo ensino e aprendizagem onde o projeto está sendo aplicado que as notas dos alunos mostram a melhoria nas aulas de Geografia, o que significa que torna o ensino mais atraente e participativo. Com isso tem-se colaborado na formação dos alunos a capacidade de observar, ler, construir, comparar e interpretar as informações contidas em mapas, gráficos e tabelas.

Palavras-Chave: Alfabetização Cartográfica; Mapas; Ensino; Alfabetização Cartográfica.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Referência Bibliográfica:

PASSINI, Elza Yasuko. Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise crítica. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

ALMEIDA, Rosangela Doin de. Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS LITERÁRIOS PARA A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE TALISMÃ-TO 2010-2015

150

Márcia S Bernardes Matias⁵²

Mariana Beatriz B. Matias⁵³

Introdução

Este resumo faz parte da monografia que estamos escrevendo a cerca da importância dos livros literários para a compreensão da história brasileira na educação dos alunos ensino médio na cidade de Talismã – Tocantins. De modo geral observa-se que os alunos desta Unidade Escolar apresentam certa deficiência de leitura e de interpretação de textos da disciplina de História. Tal deficiência se dá por vários motivos, dentre eles destacamos o fato de que muitos alunos não gostarem de ler, ademais, percebe-se a falta de estímulos e de incentivo dos professores das disciplinas Língua Portuguesa e de História. Nota-se que existe uma falsa concepção de os professores de língua portuguesa são os únicos responsáveis pela formação de bons leitores, o que não é verdade, pois, todos os professores devem se responsabilizar em preparar os alunos para a leitura e demais competência relacionadas ao saber. Outro foco desta pesquisa foi identificar como ocorre na escola pesquisada o processo de interdisciplinaridade entre o ensino de História e de Literatura e como esta relação contribui para o processo de humanização e da formação do senso crítico destes sujeitos sobre os acontecimentos históricos e a realidade contemporânea. Diante de tal objeto,

⁵² Aluna do 4º ano de História da UEG - Campus Porangatu. marciamatias87@gmail.com

⁵³ Aluna do 4º ano de História da UEG - Campus Porangatu. marianabbb11@gmail.com



surgiram os seguintes questionamentos: Como vem sendo ministrado o Ensino da Literatura e História no Colégio Estadual de Talismã-To? Quais visões sobre as funções da Literatura norteiam os trabalhos dos professores de Língua Portuguesa e História no Ensino Médio? De que forma as orientações curriculares podem contribuir para o ensino de Literatura e de História no Ensino Médio? Por meio destes questionamentos estão sendo elaborados os quatro capítulos desta monográfica que abrangem análises e reflexões teóricas a cerca da temática. A metodologia desta pesquisa pauta-se em: observação de aulas professores que trabalham com as Disciplinas de Literatura e História no Ensino Médio no Colégio Estadual público do Município de Talismã; realização de entrevistas com alunos e professores; análise de documentos oficiais entre outros que conduzem o Ensino da Literatura no Ensino Médio e de História Referenciais teóricos desta área do conhecimento pesquisada.

Objetivo Geral

- Identificar a importância dos livros literários para a compreensão do Ensino de História na Educação dos alunos do Ensino Médio na Cidade de Talismã – Tocantins

Objetivos específicos

- Descobrir como ocorre processo de interdisciplinaridade entre o Ensino de História e de Literatura;
- Identificar pontos positivos e negativos de relacionar a disciplina História e Literatura;
- Conhecer as obras literárias trabalhadas no Ensino Médio e as contribuições das mesmas para o processo de humanização e da formação do senso crítico dos alunos;



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



- Verificar como as orientações curriculares podem contribuir para o ensino de Literatura e de História no Ensino Médio;

Hipóteses

- A cultura do pouco hábito de leitura interfere como mau exemplo para as novas gerações;
- As famílias de baixa renda pouco se interessam pelo hábito da leitura por causa das suas condições financeiras;
- A falta de incentivo dos professores favorece o desinteresse dos alunos Colégio do Talismã pela leitura;
- Os projetos de leitura contribuem para a aquisição do hábito de leitura;
- Os resultados avaliativos do Ensino Médio no Colégio de Talismã-TO, são baixos devido à falta de uma boa leitura e uma boa interpretação dos alunos;

Metodologia

A metodologia desta pesquisa pauta-se em: observação de aulas professores que trabalham com as Disciplinas de Literatura e História no Ensino Médio no Colégio Estadual público do Município de Talismã; realização de entrevistas com alunos e professores; análise de documentos oficiais entre outros que conduzem o Ensino da Literatura no Ensino Médio e de História Referenciais teóricos desta área do conhecimento pesquisada.

Justificativa

Esta pesquisa justifica-se por entender que a interdisciplinaridade entre o Ensino de História e de Literatura são imprescindíveis para a compreensão da



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



História brasileira bem como entender como este processo vem ocorrendo na Educação dos alunos do Ensino Médio na Cidade de Talismã – Tocantins.

Palavras-chave: Literatura e História - Educação - Interdisciplinaridade

153

Referências bibliográficas

VIEIRA, Fernando Gil Portela, **Sobre O Diálogo Entre História E Literatura: Domínios Da História**, ensaios de teoria e metodologia Rio de Janeiro RJ Campus 1987 Fronteiras Revista Catarinense de História, Florianópolis SC p.13-31, 2000

CAPRARO, André Mendes, **História E Literatura: Proximidades Na Fronteira**

PESAVENTO, Sandra Jatahy, **História e História cultural** 2º ed. 2º reimp. Belo Horizonte MG, Ed. Autêntica, 2008.

CANDIDO, Antônio, **Direito À Literatura** 3º ed., Ed. Duas Caras, 1995, São Paulo .



INFÂNCIA: IDADE DA (DES) RAZÃO OU TEMPO DE EXPERIÊNCIA?

Maria Angélica Cezário⁵⁴

154

Resumo: O escopo deste texto é resultado de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC GO entre os anos de 2010 a 2012. Investigou a possibilidade da infância ser um tempo favorável a experiência e, para tanto, foi feito estudo bibliográfico sobre a história da infância, do brinquedo e da maternidade. Em seguida, foi evidenciado os principais pressupostos da educação rousseauiana no livro *Emílio ou Da Educação*. Por fim, faz uma reflexão do conceito de experiência em Walter Benjamin e como o brinquedo pode servir de instrumento para a efetivação e elaboração da experiência na infância.

Temática

Na atualidade, a infância possui destaque e ocupa grande parte das discussões nos documentos educacionais. Junto a essa preocupação, pensar a criança hoje é imaginá-la em alguma instituição escolar, na qual passa a maior parte do tempo recebendo instrução. A criança, sujeito da educação, vivendo seu tempo de infância, configura uma representação moderna de construções sociais adversas, controversas e que passam por muitas alterações; tornando importante considerar as concepções e infância e de criança na modernidade.

Objetivos

⁵⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO). É professora da Rede Municipal de Educação de Goiás e docente no curso de Pedagogia da Faculdade Nossa Senhora Aparecida (FANAP).



O objetivo da pesquisa foi investigar as concepções de infância e criança, ao longo da história, levando em consideração a possibilidade de construção da experiência na infância. Para tanto, as contribuições do filósofo Jean-Jacques Rousseau, para pensar a infância em contato com a experiência empírica, e os contributos de Walter Benjamin para pensar a infância como um tempo favorável a experiência, atravessam as discussões.

Metodologia, recursos e instrumentalização

Pensadores de relevância para a construção do saber moderno, Platão, Santo Agostinho, Descartes e Rousseau trazem concepções importantes a respeito do homem e que até hoje permanecem cristalizadas no imaginário social. Para analisar a criança e a infância na modernidade, faz-se necessário fazer um estudo bibliográfico e buscar na história as concepções mais relevantes.

Platão, Santo Agostinho e Descartes: olhares sobre a infância

Segundo Kohan (2004), Platão não se dedica a pensar em uma educação para crianças, o tipo de educação a que se referiu vislumbra que para conquistar um governo sábio, cheio de conhecimento para atuar na *polis*, a infância seria o período inicial de uma educação política, no formato de educação cívica.

A infância, na conjuntura platônica, era concebida como um período inferior à soberania adulta, e as crianças deveriam ser educadas por um bom professor para não praticar os exemplos ruins. A criança, para os gregos, na época de Platão, seria um ser difícil de ser refreado, pois sem a educação, se inclina fortemente para o mal.

Não obstante, Santo Agostinho pensa em uma educação ligada à religião, sendo possível identificar os sinais da teologia em seus escritos, principalmente em sua concepção de homem. Para ele, a infância teria uma ligação com o pecado que distancia o homem do bom caminho de Deus. É um ser frágil e cheio de limitações



físicas, já que “[...] o que é inocente nas crianças é a debilidade dos membros infantis, e não a alma” (SANTO AGOSTINHO, 2008, p. 36).

Com efeito, uma luta contra o pecado do homem seria uma luta contra a infância e tudo aquilo que ela remete, sendo obrigação da família e dos educadores se oporem às vontades dos pequeninos para não dar as sementes do pecado que habitam nelas. Este ideal permanece em torno do século XVII trazendo severas relações nas escolas e nas famílias (BADINTER, 1985).

Ademais, para Descartes, a infância é destacada como um período desprovido de razão, de juízo racional e o bom discernimento humano (BADINTER, 1985). Descartes compreende a infância diferente de Santo Agostinho, afirmando que o problema da infância não está no pecado, mas nas ilusões das sensações que o corpo promove.

Descartes coloca em questão a veracidade das sensações empíricas, visto que nem tudo o que sentimos pode ser necessariamente iniludível. Sua proposta educacional não enaltece aquilo que vem do senso comum, mas a construção, prioritariamente, do conhecimento científico testado e comprovado por um método.

Infância e experiência: Rousseau e Walter Benjamin

Como uma etapa da vida marcada pela negação, pela tradição, a criança, no contexto dos filósofos já referenciados, precisa ser escolarizada para ser preparada para a sociedade moderna. Em oposição a esta perspectiva, o “filósofo da infância” Jean-Jacques Rousseau ressalta a infância como um tempo diferente das outras etapas da vida. Diferente de Platão, Santo Agostinho e Descartes, Rousseau evidencia em seu livro *Emílio ou da Educação* a infância como um tempo a ser resguardado, preservados dos saberes eruditos por não estar preparada para compreendê-los.

As questões que Rousseau coloca no decorrer de sua obra, como: formar um homem mais humanizado, pensar em um tempo para se formar a razão no homem



que não acontece na infância, valorizar a experiência do homem com a natureza e com o mundo que o cerca a fim de que adquira sensibilidade, nos orienta a (re) pensar o tipo de homem que desejamos formar na educação. A infância, concebida desse modo, é valorizada em prol de um adulto melhor formado para atuar na sociedade de modo a expressar seus valores.

Contudo, existe outra forma de conceber a infância que foge do discurso da cientificidade racional. É nos contributos de Walter Benjamin, que é possível pensar a criança de outro modo, distante das concepções que fazem da infância um momento voltado para a aquisição de saberes valorizados no meio dos adultos.

Segundo Kohan (2004, p. 239), a infância também é o período de ser “afetado”, um momento de ser transformado e causar transformação, um tempo em que a experiência se enlaça na vida humana causando elaborações. Pensada desse modo, a infância seria um tempo de ser afetada pela comunicação/narração da experiência pela via da linguagem.

Resultados finais

A experiência para Rousseau se dá no contato com a natureza, no momento em que as crianças vivenciam situações diferentes favorecendo o florescer da sensibilidade que há naturalmente nos homens, e essas primeiras experiências é que irão fundamentar o raciocínio científico de Emílio. Para Walter Benjamin, a infância é um momento favorável à efetivação e elaboração da experiência, um tempo de ser afetado pela experiência.

Ambos conceitos de experiência almejam um aspecto em comum: o bom homem que reage à sociedade e não aceita os pressupostos já instituídos. Estes autores nos impulsionam a pensar a infância, e, ao pensar a infância, é possível pensar a condição do homem e a sua experiência de vida.

Palavras-chave: Infância. Experiência. Educação.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Referências bibliográficas

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Trad. Walter Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades e Ed. 34, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 2005.

KOHAN, Walter (org.). **Lugares da infância: filosofia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ROUSSEAU. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Marins Fontes, 3ª ed., Trad. Roberto Leal Ferreira, 2009.

PLATÃO. **A República.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2011.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** São Paulo: Mantin Claret, 2008.



CASA DE VEGETAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Maristela Lima Figueiredo Guimarães Epifânio⁵⁵

Núbia Pereira de Oliveira⁵⁶

Marcelo Henrique Pereira de Borba⁵⁷

159

RESUMO:

O presente projeto de extensão intitulado Casa de Vegetação Universitária tem como intuito subsidiar as ações de pesquisa através da capacitação discentes para o desenvolvimento de atividades científicas a fim de ampliar e difundir o conhecimento acadêmico. Este projeto de extensão tem ainda como objetivo garantir a oportunidade de estudar, desenvolver, vivenciar e aplicar métodos científicos em atividades práticas como componente curricular, além de promover ações em que o acadêmico possa refletir sobre o impacto da intervenção humana no meio ambiente. O procedimento para o estudo das espécies do Cerrado será estatístico e comparativo visando a otimização no plantio de mudas, no acompanhamento e no crescimento. O resultado esperado desta ação é a aplicabilidade dos estudos em escolas, durante as aulas de regência de ensino no estágio supervisionado, a participação em eventos acadêmicos, como seminários e congressos, à visita a Parques Nacionais e a avaliação de áreas de Cerrado degradadas, porém passíveis de revegetação.

Palavras – Chave: Casa de Vegetação Universitária. Pesquisa. Extensão. Ensino.

⁵⁵ Especialista, Docente na Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: maribiovida@gmail.com.br

⁵⁶ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: nubiapereira01hotmail.com

⁵⁷ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: izabelricardo_@live.com



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Introdução

A indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão é um dos princípios da Universidade Estadual de Goiás. Usando este enfoque, a implantação da Casa de Vegetação Universitária convencionou, assim como orienta o Caderno 2 (UEG, 2010), atividades práticas como componente curricular em um espaço curricular diferenciado, com condições para que o acadêmico avalie o que aprendeu ao tempo em que aplica os seus conhecimentos e ainda adquira outros através da experimentação. Considerando que esta atividade prática viabiliza o saber-fazer do acadêmico, pois através da experimentação é possível organizar o conhecimento, admite-se que para o ensino, a pesquisa e a extensão acontecerem, tanto o conhecimento como as experiências educativas são importantes (HAYDT, 2011).

Como o conhecimento sobre a fisiologia e a Genética de plantas, de que trata este projeto, não é até o momento satisfatório (EMBRAPA, 2008), pretende-se formar grupos de estudo e análise e posterior coleta de material para propagação, que deverá ser feita com muito critério. Sabe-se que o Cerrado encontra-se em condições de perda irreparável em fauna e flora, visto que a cobertura vegetal está reduzida e restam apenas 45,1% do Cerrado central entre Goiás e Tocantins (TEJERINA-GARRO, 2008).

Neste contexto, a maioria dos projetos que visam a compreensão do cerrado, a exploração de espécies nativas ou até mesmo a recomposição florestal, passa pela produção de mudas e o conhecimento básico sobre germinação (EMBRAPA, 2008). Tais estudos deverão acontecer paulatinamente, pois a qualidade dos estudos que antecedem a destinação de mudas são fundamentais para o sucesso do projeto de extensão.

Este projeto de extensão tem como objetivo ampliar a participação dos acadêmicos em ações, pesquisas e debates ambientais, compreender a interrelação das populações tradicionais e da medicina natural através de relatos da população



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



porangatuense. Os objetivos específicos são: Conhecer o Cerrado; Realizar abordagens sobre a biodiversidade da flora e fauna do Cerrado; Escolher sementes, identificar e realizar semeadura; Produzir e monitorar o desenvolvimento de mudas; Reconhecer a importância da implantação das Florestas de Proteção; Desenvolver práticas pedagógicas para o ensino Ciências.

161

Recursos ou instrumentalização

- Faca para poda;
- Peneira;
- Tesoura de poda;
- Pilão;
- Balde;
- Saco de polietileno;
- Tela para sombrite;

Metodologia

O projeto está em fase de execução no Câmpus Porangatu, nos meses de Maio a Julho a Casa de Vegetação Universitária foi implantada conforme demonstra as figuras 1 e 2. O projeto foi elaborado e construído pelos acadêmicos integrantes da ação extensionista.

Figura 1- Costura da tela de Sombrite para cobertura da Casa de Vegetação.



Fonte: Acadêmicos do Projeto de Extensão.

Figura 2- Costura da tela de Sombrite para cobertura da Casa de Vegetação.



Fonte: Acadêmicos do Projeto de Extensão

Ainda no primeiro semestre foram realizadas reuniões para estudo das espécies típicas do Cerrado com a visita do agrônomo Job Carneiro, gerente da Estação Experimental da EMATER de Porangatu. Neste encontro os acadêmicos apresentaram as suas propostas de pesquisa e receberam orientações sobre o processo de germinação das sementes e a utilização de substratos para a germinação.



Figura 3- Palestra sobre frutos Típicos do cerrado.



Fonte: Acadêmicos do Projeto de Extensão.

Figura 4- Palestra sobre frutos Típicos do cerrado.



Fonte: Acadêmicos do Projeto de Extensão.

Alguns experimentos estão sendo realizados com diferentes tipos de substratos. A Metodologia consiste em experimentação e comparação em estudos envolvendo água (níveis, condições de estresses, excesso e deficiência, qualidades), diferentes tipos de adubação e quebra de dormência de sementes, plantio e destinação de mudas.

- A utilização de biossólido na germinação de *Copaifera langsdorffii*
- Comportamento de *Copaifera langsdorffii* em casa de vegetação
- Influência do sombreamento no desenvolvimento de mudas de mangaba (*Hancornia speciosa*)
- Uso de fibras de como para produção de mudas de caju do campo.

Todos os dados dos experimentos serão compilados e avaliados seguindo comparações das singularidades apresentadas por membros da comunidade sobre o uso de espécies nativas, através de informações da cultura tradicional.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Resultados esperados

Ao analisar todos os tratamentos testados nos experimento será possível avaliar o potencial das plantas nativas do Cerrado e a efetividade da implantação da Casa de Vegetação para os acadêmicos.

164

Bibliografia

GARRO, Francisco Leonardo Tejerina; PIETRAFESA, José Paulo; ROCHA, Cleonice. *Cerrado, Sociedade e ambiente: desenvolvimento sustentável em Goiás*. Goiânia: Ed. da UEG, 2008.

CADERNO 2. *Política e Regulamentação de Estágio*, Atividades Complementares e Trabalho de Curso nos Cursos de Graduação nas Modalidades Licenciatura, Bacharelado e Tecnológicos e Prática como Componente Curricular nos Cursos de Licenciatura. Anápolis: UEG, 2010.

SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semiramis Pedrosa de; RIBEIRO, Jose Felipe. *Cerrado: ecologia e flora*. Brasília: EMBRAPA, 2008.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. 1.ed. - São Paulo : Ática, 2011.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ATRIBUTOS MORFOLÓGICOS PODEM PREDIZER A DIETA EM PEIXES DE RIACHOS?

165

Marlúcia Pereira Sales¹, Fabrício Barreto Teresa², Dianne Michelle Alves da Silva³

¹Licenciatura em Ciências Biológicas

¹Bolsista de Iniciação Científica – CNPq/UEG

¹Unidade Universitária de Porangatu – UnU Porangatu

¹marluciasales_mps@hotmail.com

²Docente na Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas – UnUCET/UEG

²Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado

²fabricioteresa@yahoo.com.br

³Docente no Câmpus Universitário de Porangatu

³Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado – UEG/UnUCET

³dianne.michelle.silva@gmail.com

^{2,3}Anápolis – GO

Introdução

A abordagem de outros componentes da diversidade biológica que não somente a diversidade taxonômica ganhou destaque na última década e proporcionou importantes avanços para a teoria ecológica (CIANCIARUSO, 2009; PAVOINE; BONSALL, 2011; MOUILLOT et al., 2013). Alguns desses componentes de diversidade levam em conta informações sobre a dissimilaridade funcional entre as espécies (*i.é.*, diversidade funcional). Entretanto, essas informações nem sempre encontram-se disponíveis, limitando a aplicação desse tipo de abordagem (PETCHEY; GASTON, 2006).



Uma estratégia comumente utilizada para o estudo da diversidade funcional consiste na utilização de características das espécies facilmente mensuradas (i.é., *soft traits*) e que funcionam como substitutas das funções que elas desempenham, as quais são de difícil obtenção (i.é., *hard traits*) (PETCHEY; GASTON, 2006). Em peixes, parâmetros morfológicos, facilmente mensurados, têm sido utilizados como substitutos de funções ecológicas (PEASE et al., 2012; BUISSON et al., 2013).

A utilização de parâmetros morfológicos como traços funcionais baseiam-se no suporte à hipótese ecomorfológica proporcionada por diversos estudos (HUGUENY; POUILLY, 1999; CASATTI; CASTRO, 2006; FERREIRA, 2007; MAZZONI et al., 2010; OLIVEIRA et al., 2010). Estes estudos demonstram correlação significativa do padrão morfológico multivariado com o uso de hábitat e ecologia trófica. Entretanto, a identificação de quais aspectos funcionais são, de fato, representados pelos diferentes atributos morfológicos, assim como se os parâmetros morfológicos são capazes de prever a variabilidade intraespecífica, como a variação sazonal no uso de recursos, ainda carecem de investigação.

Objetivos

O objetivo geral deste estudo é avaliar se existe congruência entre os padrões ecomorfológicos e a estrutura trófica das comunidades de peixes e se tais padrões diferem em função da variabilidade sazonal intraespecífica na dieta. Mais especificamente pretende-se responder as seguintes perguntas: (a) existe correlação entre a dieta das espécies e as suas características morfológicas? (b) se sim, quais características morfológicas são preditoras da dieta das espécies? (c) a correlação entre a dieta e as características morfológicas é diferente na estação seca e chuvosa? (d) quais atributos morfológicos são capazes de prever a variação sazonal na dieta das espécies?



Metodologia

O presente estudo foi realizado a partir de material proveniente de amostragens da ictiofauna na estação seca e chuvosa em cinco riachos da micro-bacia do rio Montividiu, pertencentes à drenagem do rio Santa Tereza, sistema do Alto rio Tocantins. As coletas foram realizadas utilizando rede de arrasto em um trecho de 80 metros em cada riacho.

Os dados de dieta representam a composição porcentual de cada item alimentar (detrito, insetos, peixes, perifíton, fragmentos de vegetais superiores e algas) na dieta das espécies na estação seca e na estação chuvosa. Esses dados já encontram-se disponíveis para o material analisado.

A caracterização morfológica das espécies foi realizada a partir da obtenção de 20 índices baseadas em 27 medidas morfológicas segundo Casatti e Castro (2006), Freire e Agostinho (2001), Gatz (1979), Oliveira et al. (2010), Motta et al., (1995), Piet (1998) e Hugueny e Pouilly (1999), associados ao uso de hábitat e, principalmente à ecologia trófica. As medidas morfológicas foram obtidas, com o auxílio do paquímetro digital, em 10 indivíduos de cada espécie (exceto para aqueles que apresentaram abundância inferior a 10 indivíduos). As medidas de área (área da nadadeira caudal, peitoral e área do corpo) foram estimadas com auxílio do papel milimetrado, contornando-se a nadadeira expandida ao máximo e calculando sua área interna expressa em milímetros.

O padrão ecomorfológico multivariado foi correlacionado com a dieta das espécies por meio do teste de Mantel. Para isso, as matrizes de dieta e morfologia serão convertidas em matrizes de distância, representando a distância euclidiana baseada na morfologia e dieta das espécies, respectivamente. Uma terceira matriz, representando o relacionamento filogenético entre as espécies será utilizada, visando controlar o efeito do parentesco evolutivo nos padrões de morfologia e dieta. Essas análises foram realizadas considerando os dados de dieta agregados (seca e chuva) e separados por estação, permitindo assim verificar a correlação da



morfologia com a dieta em cada estação. Visando avaliar quais atributos morfológicos predizem a dieta, a correlação da morfologia com a dieta também foi realizada para cada atributo morfológico separadamente. As análises foram feitas utilizando o programa R.

Adicionalmente, foi obtida uma medida de variabilidade da dieta para cada espécie. Essa medida foi representada pelo valor do coeficiente de similaridade de Bray-Curts entre a dieta de cada espécie na seca em relação a mesma espécie na estação chuvosa. Os valores de similaridade foram subtraídos por um, obtendo assim valores de dissimilaridade da dieta. Visando avaliar se os atributos morfológicos podem prever a variabilidade intraespecífica na dieta das espécies, foi realizada uma análise de regressão múltipla tendo os atributos morfológicos como preditores e a variabilidade na dieta (dissimilaridade de Bray-Curtis) como variável resposta. Essa análise foi feita no programa Statistica 6.0.

Resultados e discussão

As amostragens da ictiofauna resultaram na captura de 2.383 indivíduos distribuídos em 30 espécies (26 para a seca e 24 para a chuva), onze famílias e cinco ordens. Deste total, 228 indivíduos tiveram suas medidas morfológicas analisadas.

O teste de Mantel parcial indicou correlação significativa entre a estrutura trófica e as características morfológicas ($r = 0,28$ e $p = 0,03$). Estudos associando a dieta e a ecomorfologia de peixes indicam que, mesmo controlando e/ou eliminando o efeito taxonômico entre as espécies, há uma correlação significativa entre esses dois termos (POUILLY et al., 2003; OLIVEIRA et al., 2010). Dessa forma, mesmo controlando o efeito da filogenia as espécies apresentaram dieta relacionada com o conjunto de atributos ecomorfológicos, evidenciando a importância dos aspectos ecológicos, nesse caso a dieta, para a adaptação morfológica. Contudo, a correlação entre as características morfológicas e a dieta foi fraca, indicando que



muitos aspectos da dieta das espécies são omitidos ao se utilizar a morfologia como substituto da dieta.

Apesar da associação dos atributos morfológicos com a dieta, quando analisados separadamente nenhuma associação significativa foi encontrada. Provavelmente um conjunto de atributos morfológicos expliquem melhor a ecologia das espécies do que medidas mais simples. Além disso, é possível que alguns índices isoladamente expliquem aspectos particulares da dieta e não a dissimilaridade trófica global, como testada aqui.

A correlação entre a dieta e as características morfológicas diferiu entre a estação seca e chuvosa. Para a estação seca há relação entre dieta e morfologia ($r = 0,28$ e $p = 0,01$). Para a estação chuvosa os resultados não mostraram correlação significativa entre a dieta e os atributos morfológicos ($r = - 0,15$ e $p = 0,88$). Isso evidencia que a correlação entre estrutura trófica e ecomorfologia não é consistente entre as estações.

Espécies de insetívoros e detritívoros são geralmente oportunistas, apresentando uma relação relativamente fraca entre morfologia e estrutura trófica (MOTTA et al., 1995; WINEMILLER; ADITE, 1997). Pouilly et al., (2003) sugere que o consumo de invertebrados tem menor associação com a morfologia, diferindo quando a ingestão de alimentos requer o uso de características morfológicas específicas, como no consumo de detritos e peixes, por exemplo, tendo morfologia mais especializada (PIET, 1998; HUGUENY; POUILLY, 1999). Em nosso estudo, uma grande parcela da comunidade possui dieta baseada em invertebrados e detritos, o que poderia explicar a baixa associação entre morfologia e dieta.

A análise de Regressão Múltipla indicou que os atributos morfológicos não são capazes de prever a variação sazonal na dieta das espécies ($r = 0,16$ e $p = 0,27$). Provavelmente, outros atributos que não somente os morfológicos devem estar associados com a variabilidade trófica intraespecífica. Por exemplo, a mudança na dieta das espécies poderia ser uma função do uso do micro-habitat (CASATTI; CASTRO 2006; MAZZONI et al., 2010) e esse aspecto pode não ser



necessariamente capturado pelos atributos morfológicos. Com isso, a variabilidade intraespecífica na dieta das espécies deve ser decorrente do conjunto de atributos das espécies, não necessariamente expresso na morfologia externa.

Conclusões

O presente estudo proporciona mensagens importantes. A morfologia prediz fracamente a dieta das espécies. Além disso, seu poder de predição falha ao se considerar a variabilidade trófica intraespecífica. Dessa forma, recomenda-se cautela na utilização da morfologia como substituta para atributos funcionais das espécies.

Agradecimentos

Os autores agradecem à equipe do Laboratório de Ciências Biológicas da UEG, câmpus de Porangatu pela colaboração na coleta dos dados no campo e a Universidade Estadual de Goiás (UEG) pela bolsa de pesquisa concedida a FBT (BIP/UEG); ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) concedida a MPS.

Palavras-chave: Ecomorfologia. Estrutura trófica. Peixes de riacho.

Referências bibliográficas

BUISSON, L. et al. Toward a loss of functional diversity in stream fish assemblages under climate change. **Global Change Biology**, v. 19, p. 387–400, 2013.

CASATTI, L.; CASTRO, R. M. C. Testing the ecomorphological hypothesis in a headwater riffles fish assemblage of the São Francisco, Southeastern Brazil. **Neotropical Ichthyology**. v. 4, n. 2, p. 203-214, 2006.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



CIANCIARUSO, M. V.; SILVA, I. A.; BATALHA, M. A.. Diversidades filogenética e funcional: novas abordagens para a Ecologia de comunidades. **Biota Neotropica**, v. 9, n. 3, p. 93-103, 2009.

FERREIRA, K. M. Biology and ecomorphology of stream fishes from the river Mogi-Guaçu basin, Spoutheastern Brazil. **Neotropical Ichthyology**. v. 5, n. 3, p. 311-326, 2007.

FREIRE, A. G.; AGOSTINHO, A. A. Ecomorfologia de oito espécies dominantes da ictiofauna do reservatório de Itaipu (Paraná/Brasil). **Acta Limnologica Brasiliensia**, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2001.

GATZ, JR. A. J. Community organization in fishes as indicated by morphological features. **Ecology**, v. 60, n. 4, p. 711-718, 1979.

HUGUENY, B.; POUILLY, M. Morphological correlates of diet in an assemblage of West African freshwater fishes. **Journal of Fish Biology**. v. 54, n. 6, p. 1310-1325, 1999.

MAZZONI, R. et al. Alimentação e padrões ecomorfológicos das espécies de peixes de riachos do alto rio Tocantins, Goiás, Brasil. **Iheringia, Série Zoológica**. v. 100, n. 2, p. 162-168, 2010.

MOTTA, P. J. et al. Ecomorphological correlates in ten species of subtropical seagrass fishes: diets and microhabitat utilization. **Environmental Biology of Fishes**, v. 44, p. 37–60, 1995.

MOUILLOT, D. et al. A functional approach reveals community responses to disturbances. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 28, n. 3, p. 167-177, 2013.

OLIVEIRA, E. F. et al. Ecomorphological patterns of the fish assemblage in a tropical floodplain: effects of trophic, spatial and phylogenetic structures. **Neotropical Ichthyology**, v. 8, n. 3, p. 569–586, 2010.

PAVOINE, S.; BONSALL, M. B. Measuring biodiversity to explain community assembly: a unified approach. **Biological Reviews**, v. 86, p. 792–812, 2011.

PEASE, A. A. et al. Functional diversity and trait–environment relationships of stream fish assemblages in a large tropical catchment. **Freshwater Biology**, v. 57, n. 5, p. 1060-1075, 2012.

PETCHEY, O. L.; GASTON, K. Functional diversity: back to basics and looking forward. **Ecology Letters**, v. 9, p. 741–758, 2006.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PIET, G. J. Ecomorphology of a size-structured tropical freshwater fish community. **Environmental Biology of Fishes**, n. 51, v. 67 –86, 1998.

POUILLY, M. et al. Dietary–morphological relationships in a fish assemblage of the Bolivian Amazonian floodplain. **Journal of Fish Biology**, v. 62, p. 1137–1158, 2003.

WINEMILLER, K. O.; ADITE, A. Convergent evolution of weakly electric fishes from floodplain habitats in Africa and South America. **Environmental Biology of Fishes**, v. 49, p. 175–186, 1997.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



HISTÓRIA AMBIENTAL DE PORANGATU: FATOS E FONTES

173

Matheus Barbosa de Oliveira⁵⁸

Sarita Naiara Nunes Novaes⁵⁹

Samira Peruchi Moretto⁶⁰

Como acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Porangatu, atualmente bolsistas de Iniciação Científica, orientados pela professora Dra. Samira Peruchi Moretto, temos como tema principal do projeto de pesquisa “A Transformação da paisagem no Norte de Goiás”. O projeto que está em desenvolvimento divide-se em dois planos de trabalho, o primeiro plano utiliza como metodologia de análise do cotidiano e a iconografia, o segundo plano tem como metodologia a história oral. Uma característica metodológica da história ambiental é ter como foco uma determinada região a ser estudada, como no caso a região Norte de Goiás, fazendo um recorte cultural e político-econômico sem esquecer das suas características físicas, ecológicas e climáticas.

O principal objetivo do projeto é desenvolver uma análise crítica sobre o processo de transformação da paisagem na região Norte, a partir da segunda metade do século XX.

Uma importante característica do nosso trabalho será a pesquisa de campo. Pois favorece ao historiador entrevistar moradores locais e identificar as

⁵⁸ Graduando da Universidade de Goiás. Aluno bolsista de Iniciação Científica. E-mail: matheus.oliver2001@gmail.com

⁵⁹ Graduando da Universidade de Goiás. Aluno bolsista de Iniciação Científica. E-mail: saritanunesnovaes@gmail.com

⁶⁰ Orientadora Professora do Departamento de História da UEG – Câmpus Porangatu. Projeto de pesquisa com apoio da PRP- UEG: **A transformação da paisagem no norte de Goiás: desafios contemporâneos**. Email: samira.moretto@ueg.br



transformações ocorridas pelo processo de urbanização. O papel dos moradores locais será buscar em suas memórias processos catalisadores para a transformação da paisagem da região, pois os mesmos de alguma forma contribuíram como agentes ativos ou passivos, porque não agindo diretamente no processo, os moradores acompanharam e sofrerão as consequências trazidas por todas as mudanças. Mudanças essas que podem ser ocorridas por agentes naturais ou pela ação humana, como a construção da ferrovia Norte-Sul, a abertura de lixões a céu aberto, poluição da lagoa grande ocasionado pela rede de esgoto, atividades agropecuárias, ou uma simples mudança cotidiana como as águas das chuvas.

A história ambiental surge do esforço de historiadores, que buscam no ambiente natural as respostas para perguntas, as quais os estudiosos questionam a relação dos seres humanos com a natureza através do tempo. Segundo Donald Worster “A ideia de uma história ambiental começou a surgir na década de 1970, a medida que se sucediam conferências sobre a crise global e cresciam os movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países”. (WORSTER,1991. p.199)

Lembrando que “A história ambiental é uma disciplina acadêmica que era praticada em países de língua inglesa” (DRUMMOND,1991. p.177). Em suma a história ambiental não provém de uma disciplina isolada, pois a mesma busca contribuições em outras áreas de conhecimento para superar os desafios que surgem tanto de ações humanas, quanto de processos naturais.

Utilizaremos como fonte toda documentação necessária, como por exemplo: memórias, artigos e fotografias de jornais e revistas contemporâneos a época estudada, entre outras.

A princípio buscaremos entender as formas de abordagem com relação a fauna e a flora local. Identificar os grupos sociais que ocupam a região, e suas influências para/com o meio ambiente. Observando o papel das indústrias e de agentes humanos.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras chave: Porangatu, História Ambiental, Transformação da Paisagem.

Referências Bibliográficas

DRUMMOND, J. A. (Org.) ; TAVARES, G. G. (Org.) . Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil. 1. ed. Goiânia: Editora PUC GOIAS/Grafica América, 2013. v. 1.

WOSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História. *Ambiente e Sociedade*, vol5, n2.

SILVA, S. D. ; TAVARES, G. G. ; SA, Dominichi Miranda ; FRANCO, J. L. A. . Fronteira, História e Natureza: a construção simbólica do Oeste Brasileiro (1930-1940). *Hib: Revista de Historia Iberoamericana*, v. 7, p. 42-64, 2014.

PROJETO DE EXTENSÃO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL - UMA PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO PARA OS CÓRREGOS URBANOS DE PORANGATU E SENSIBILIZAÇÃO DAS POPULAÇÕES RIBEIRINHAS

176

Mavistelma Teixeira Carvalho Borges⁶¹

Maísa Lopes Ribeiro⁶²

Lhaís Dienner Gonçalves da Silva⁶³

A degradação ambiental nos dias de hoje está fortemente ligada a fatores de ocupação e uso do solo, uma vez que as formas de ocupação e manejo ocasionam o tipo e o grau de impacto, o qual atinge de maneira diferente o ambiente. Assim, o uso do solo diversifica-se a partir de sua ocupação por diferentes categorias sociais, daí a necessidade de se considerar fatores político-econômicos, socioculturais e bióticos na análise dos processos de degradação ambiental.

A presente pesquisa propõe a realização de um estudo sobre a degradação dos córregos, analisando as repercussões dos processos da degradação nas áreas urbanas do município de Porangatu e os impactos da degradação ambiental que nestas áreas apresentam graus preocupantes, de acordo com as figuras abaixo.



⁶¹ Professora Esp. do Curso de Geografia, Universidade Estadual de Goiás – mavistelmateixeira@hotmail.com.

⁶² Acadêmica do curso de Geografia, Universidade Estadual de Goiás - maysapgtu@hotmail.com.

⁶³ Acadêmica do curso de Geografia, Universidade Estadual de Goiás - lhaisdiennerg@gmail.com.



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Figura 1 e 2: Aspectos da devastação dos solos, retirada da vegetação ciliar e o assoreamento no Córrego da Chiquinha.

Fonte: Mavistelma Teixeira Carvalho Borges, 2015.

O trabalho encontra-se em sua fase de reedição pela relevância de sua temática e , sendo a autora, a professora Mestre Lucimar Marques da Costa Garção e objetiva-se buscar alternativas de intervenção que viabilizem a proteção dos mananciais, admitindo reparação dos danos que permitam conseguir quantidade e qualidade de água, combinando: moradia e preservação e também investigar os procedimentos e ações civis relativas a assentamentos irregulares em áreas de mananciais e observar procedimentos adotados em órgãos institucionais como: prefeitura, Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Ministério Público quanto à regularização e fiscalização de loteamentos irregulares.

A educação ambiental, com ênfase à questão da água, deverá ser tratada de forma interdisciplinar, relacionando-se com as questões da atualidade, tais como o desenvolvimento sustentável, a preservação e recuperação ambiental em áreas degradadas.

Por meio da confecção de uma cartilha que será a base para a efetivação do projeto, se fará visitas nas casas mostrando a necessidade de se cuidar bem da natureza. Considerando a hidrografia da área em estudo, propor uma área piloto, o Córrego da Chiquinha para ser preservada e a partir dela implantar o mesmo processo em outras áreas. Através de uma parceria com a UEG – Unidade Porangatu e órgãos públicos, fazer a limpeza dos córregos na área urbana, sensibilização nas escolas municipais e nas igrejas sobre o papel de cada cidadão para a preservação do meio ambiente.

No decorrer do desenvolvimento do projeto adequar ações que se tornaram cabíveis para o melhor andamento do mesmo, já que a construção do conhecimento deve ser dinâmica e inovadora. Trabalhar para a implantação do SEED BAL, para a recuperação das matas ciliares e criação de áreas verdes.



Com base nas atividades realizadas até o momento como visitas a população ribeirinha, estudo das nascentes, oficinas com os acadêmicos e participação da TV Serra Azul com o intuito de divulgar o trabalho e em relatos de experiência, foi possível identificar na pesquisa muitos problemas envolvendo principalmente as nascentes dos córregos, onde a população segundo uma acadêmica participante “muitas vezes por não ter conhecimento sobre os problemas que podem ser causados poluem as nascentes com entulhos, retiram a mata ciliar, uma realidade frequente na área em estudo”.

Contudo, de acordo com os relatos de experiência vivenciado pelos acadêmicos do curso de licenciatura em Geografia acerca do projeto vem se discutindo sobre as políticas públicas de preservação ambiental, contemplando os princípios de conscientização dos acadêmicos e a população em geral, tanto os ribeirinhos quanto os demais moradores. Nas atividades desenvolvidas promove-se educação ambiental entre docentes, discentes, população em geral, escolas e as populações ribeirinhas, proporcionando um saber fazer consciente, crítico, transformador e de preservação dos nossos córregos.

O tema central do projeto está voltado para a preservação dos córregos, sendo um deles o Santa Paula I e II, devido sua história, sua geografia, o meio ambiente, as mudanças ambientais ao longo do tempo sofridas pela localidade, além de aspectos ecológicos e sociais. O educando foi incentivado a descobrir sua relação com o local em que vive e a ampliar seu relacionamento com o meio ambiente, tornando -se apto a atuar junto à comunidade.

Diante das visitas ao córrego, conforme o grupo do mesmo, foi observado que as populações ribeirinhas buscam melhorias no córrego, porém poucos procuram colaborar para que a situação degradante não se agrave. Ao decorrer do estudo e em visitas ao percurso do córrego Santa Paula, deparou-se com uma situação preocupante, isso porque no braço do Santa Paula I existem famílias que não possuem uma rede de esgoto adequada, diante da situação presenciada constatou-se que os dejetos das casas e dos animais caem diretamente no córrego,



sem contar que as crianças usam esse percurso do córrego para tomar banho, o que causou extrema preocupação nos acadêmicos.

Nessa etapa em que o projeto se encontra os acadêmicos observam a mudança positiva em suas percepções diante da preservação ambiental. Conforme outro relato de uma acadêmica “estamos cada dia mais empenhados em conscientizar as pessoas que moram nas proximidades dos córregos, bem como as demais pessoas, para que não joguem lixos e entulhos nos córregos, pois eles são de grande importância para nosso município” conforme observa-se na ação alcançada pelos acadêmicos junto a prefeitura para limpeza da área do bosque

Figura 2



Figura 3: Limpeza da área do bosque onde se encontra uma das nascentes do Córrego Santa Paula.
Fonte: Lhaís Dienner Gonçalves da Silva, 2015.

E relata ainda “claro que não conseguiremos restaurar as nascentes e revitalizar suas águas totalmente, mais juntos podemos preservar o que ainda resta de vida nos nossos córregos”.

Assim, o foco das ações está essencialmente na sensibilização das comunidades ribeirinhas, e em fazer movimentos para que se torne cotidiano para a sociedade preocupar-se com as questões ambientais desses córregos. Uma das



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



nossas propostas é levar para as escolas essas discussões e construir em nossos alunos uma consciência crítica e reflexiva sobre o nosso papel de cidadão, porém entender a atuação dos agentes sociais como mercado imobiliário, Estado e partir do local levá-los a entender essas problemáticas em outras escalas.

180

Palavras-chave: Educação ambiental, nascentes e população ribeirinha.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



CONCEITO HISTÓRICO: UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE JÖRN RÜSEN, REINHART KOSELLECK E ANTOINE PROST

181

Max Lanio Martins Pina

Mestre em História (PUC-Goiás), Docente UEG

maxilanio@yahoo.com.br

Introdução

A presente comunicação pretende apresentar uma revisão bibliográfica que compõe parte do segundo capítulo do texto da dissertação desenvolvida por nós no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* Mestrado em História, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a qual busca analisar o conceito Idade Média, presente na subjetividade cognitiva dos escolares pertencentes ao 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

Esta pesquisa está inserida no contexto da Didática da História que orientada pela metateoria alemã da virada paradigmática dos anos 60 e 70 do século passado, compreende a partir do intelectual Jörn Rüsen, que o trabalho dos historiadores, sua produção, isto é, sua historiografia precisa ser analisada por essa disciplina da mesma forma que a Teoria da História analisa uma corrente filosófica na Histórica ou escola teórica.

Todavia, os conceitos históricos fazem parte do ofício historiador, porque sem eles seriam impossíveis expressar e traduzir o estado de coisas do passado da forma como eles são encontrados nas fontes. É imprescindível a compreensão da maneira como a Ciência Histórica e historiador concebem e ao mesmo tempo se apropria das palavras e dos seus significados para torná-las parte integrante de seu campo de explicação dos eventos do passado.



Por isso, tencionamos discutir as concepções de Jörn Rüsen, Reinhart Koselleck e Antoine Prost sobre o que eles compreendem a respeito da referência “conceito histórico”, como também desejamos avaliar as contribuições que essa categoria proporciona para produção histórica.

Metodologia

Por se tratar de material bibliográfico, o trabalho foi desenvolvido a partir de leituras que foram realizadas utilizando-se as operações processuais da pesquisa como a crítica e a interpretação, também se lançou mão das operações filosóficas substanciais, nesse caso, a hermenêutica, a analítica e a dialética, para poder alcançar o máximo de informações dos autores interpretados.

Resultados e discussão

Parte-se da visão de Jörn Rüsen que declara que os “conceitos históricos são recursos linguísticos das sentenças históricas” (RÜSEN, 2007, p. 91). Portanto, representa “o material com que são construídas as teorias históricas e constituem o mais importante instrumento linguístico do historiador” (RÜSEN, 2007, p. 91). Corrobora-se com esta visão, porque se acredita que na necessidade de comunicar sua pesquisa o historiador precisa dos mais variados recursos da linguagem para pode se expressar de maneira compreensível e plausível suas reflexões empíricas, teóricas ou didáticas da História, para que essas análises subjetivas e metateóricas sobre o passado encontrem lugar de orientação na vida prática do presente. De acordo com a afirmação de Rüsen (2007), os conceitos históricos fazem parte daquilo que é mais precioso para o historiador, certamente toda sua comunicação dependerá da habilidade de manuseá-los e utilizá-los de forma adequada para favorecer a compreensão da sua tentativa de reconstrução do passado. Rüsen continua afirmando que a formação e utilização dos conceitos históricos “decidem se



e como o pensamento histórico científico se realiza” e acrescenta que “por meio, de sua utilização no manejo interpretativo das fontes decide-se também, portanto, o valor das teorias históricas” (RÜSEN, 2007, p. 91-92). Observa-se que o autor dá um destaque a utilização dos conceitos históricos porque garante que é a partir deles que se estabelecerá uma relação da Ciência Histórica com a produção das teorias históricas.

Para o historiador alemão Reinhart Koselleck, os “acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem” (KOSELLECK, 2006, p. 97). Isso indica que a História está presa a um campo epistemológico, linguístico e semântico do qual ela não pode se desvencilhar, ou melhor, toda sua efetivação dependerá das habilidades do historiador em saber manusear de forma inteligível e admissível os recursos lexicais das locuções disponíveis ao seu favor para análise das fontes com a intenção consciente ou não de estabelecer função de orientação para a vida prática. Ao iniciar seu texto “História dos conceitos e história social”, Koselleck menciona Eriteto afirmando que “não são os fatos que abalam os homens, mas sim o que se escreve sobre eles” (KOSELLECK, 2006, p. 97). Segundo ele, as palavras possuem uma força peculiar, “sem as quais o fazer e o sofrer humanos não se experimentam nem tampouco se transmite” (KOSELLECK, 2006, p. 97). Por isso, é relevante “saber a partir de quando os conceitos passam a poder ser empregados de forma tão rigorosa como indicadores de transformação políticas e sociais de profundidade histórica” (KOSELLECK, 2006, p. 101). Essa relevância é importante devido o combate semântico “para definir, manter ou impor posições políticas e sociais em virtude das definições [que estão presentes] (...) em todas as épocas de crises registradas em fontes históricas” (KOSELLECK, 2006, p. 102).

Em seu texto “Os conceitos”, o historiador francês Antoine Prost, faz a seguinte interrogação: “será que ela [História] dispõe de conceitos específicos?” (PROST, 2012, p. 115), a qual ele responde dizendo que a primeira vista, a reposta



é afirmativa “porque o reconhecimento do enunciado histórico não se limita a referencia ao passado, nem à menção de datas” (PROST, 2012, p. 115). No entanto, existem enunciados que não fazem referências a atos e, contudo ele se serve de termos e expressões que não “pertencem a qualquer outro vocabulário e merecem o qualitativo de conceitos” (PROST, 2012, p. 115). Com essa premissa, Prost tenta convencer o leitor de que realmente a Ciência da História, lança mão de expressões linguísticas que não dizem respeito a ela, mas mesmo assim, elas podem ser compreendidas dentro de seu contexto e no uso de suas atribuições na produção do conhecimento sobre o passado. Todavia, ele também ressalta que a História é a ciência que mais toma emprestado conceitos de outras ciências sociais, asseverando que é enorme o uso de conceitos importados por ela e que quando esse empréstimo ocorre, os conceitos sofrem certa flexibilização e perdem o seu rigor, perdendo sua utilização absoluta para receber uma designação específica (PROST, 2012, p. 126-127). Esse autor garante que os conceitos possuem certas generalidades, porque na passagem da palavra para o conceito, “a palavra tem necessidade de incluir, por si só, uma pluralidade de significações e de experiências” (PROST, 2012, p. 115-116). Por essa razão, é possível que os historiadores encontrem conceitos que são adequados na linguagem da época observada, para assinalar realidades do passado. Porém, o historiador também poder recorrer a conceitos estrangeiros à época analisada, porque eles podem lhe parecer mais adaptados.

Conclusões

Por mais que percorram caminhos diferentes para elucidarem suas teorias sobre a formação, construção, empréstimo, apropriação e utilização dos conceitos na Ciência Histórica, Rüsen, Koselleck e Prost se esbarram em um denominador comum, ambos concordam que os conceitos são construções linguísticas, lexicais e semânticas, e são imprescindíveis para a explicação histórica, todavia os conceitos



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



históricos não são a coisa em si, mas a sua representação. Portanto, eles são tipos ideais, são abstrações que compõem constituições realizadas a partir do presente pela observação que o historiador efetua nas fontes, e que doravante servem para aproximar o mais próximo possível da realidade histórica ou do estado de coisas do passado.

185

Palavras-Chave: Conceito Histórico. Categoria Histórica. Historiadores

Referências

KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e História social. In: *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC-RJ, 2006. pp. 97-118. [Primeira edição em alemão – 1979].

KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

PROST, Antoine. Os conceitos. In: *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. pp. 114-131. [Primeira edição em francês – 1996].

RÜSEN, Jörn. Conceitos históricos. In: *Reconstrução do passado: teoria da História II – os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2007. pp. 91-100. [Primeira edição em alemão – 1986].



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PROPOSTAS DE PALESTRAS DE SAÚDE PÚBLICAS EM AMBIENTES DE ENSINO DA CIDADE DE PORANGATU-GO

186

Mazulkieliche Jeronimo dos Reis⁶⁴

Illgner Pimenta Evangelista de Morais⁶⁵

Priscilla Alves de Morais⁶⁶

Wender Antônio Nunes da Silva⁶⁷

Para tornar um ambiente cada vez mais especial entre a Universidade e a comunidade local, há uma necessidade de despertar a consciência de Saúde Pública dos acadêmicos. Por tanto este projeto de extensão Universitária tem como meta principal ir a campo em diversos ambientes escolares para promover debates, e orientações, desenvolvendo atividades praticas, para o conhecimento das doenças mais frequentes em nossa região, socialização, solidariedade e conscientização ambiental ligados em pesquisas científicas onde a Universidade contribuirá significativamente para os ambientes de aprendizagem.

Pode-se dizer que existem muitas maneiras de conhecer a natureza e aprender com sua sabedoria. “As palestras”, teatros e oficinas que este projeto propõe, são especialmente apropriadas para os acadêmicos tornando uma experiência didática com grande destaque, por religá-las aos fundamentos básicos da teoria – na realidade com a essência da vida – ao mesmo tempo em que integra e enriquece

⁶⁴ Graduado no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás – Campus da UEG de Porangatu GO atua como Docente do Curso de Ciências Biológicas especialista em Educação Ambiental contato: mazulkieliche@yahoo.com.br.

⁶⁵ Acadêmico da 2º ano do Curso de Ciências Biológicas Campus Porangatu illgner.pimenta2011@gmail.com.

⁶⁶ Acadêmico da 2º ano do Curso de Ciências Biológicas Campus Porangatu priscillapgtu13@gmail.com.

⁶⁷ Acadêmico da 2º ano do Curso de Ciências Biológicas Campus Porangatu wenderpgtu@hotmail.com.



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



praticamente todas as atividades acadêmicas fazendo a interligação da teoria com a prática.

Este projeto de Extensão Universitária em ambiente de aprendizagem pode fazer parte do currículo dos alunos do curso de Ciências Biológicas do Campus da UEG de Porangatu onde os acadêmicos aprenderão de forma prática sobre os ciclos das doenças, definições, mitos, verdades, profilaxia, contágio, prevenção, cuidados, perguntas, respostas, debates e propostas intervencionistas, e divulgação do curso de Ciências Biológicas. Por meio dessa prática, descobrirão também que as palestras, teatros e oficinas na comunidade, em sua totalidade, estão embutidos em sistemas maiores que também são teias vivas com os seus próprios ciclos. Os ciclos destas atividades em campo se cruzam com esses ciclos maiores – o ciclo da vida, o ciclo das estações do conhecimento e assim por diante – todos eles formando conexões na teia de vida planetária.

Diante disso, os acadêmicos poderão ensinar o lado do fazer didático, plantando conhecimento, relacionado à teoria com a prática das palestras educativas, divulgando o perfil e as propostas da Comunidade Acadêmica, cuidando, colhendo esses debates de orientações educacionais – essa é a ecologia que chega ao coração das pessoas e essas trocas de experiências da Universidade e Comunidade local, vão continuarem com eles para o resto de suas vidas. Palavra-chave: Saúde pública, Ecologia, Ensino.

Na metodologia, o referido projeto de Extensão Universitária está sendo executado pelos alunos do curso de Ciências Biológicas (divididos por equipes) inicialmente treinado pelo professor orientador para cada palestra. Onde está sendo usados folder e banner para a referida orientação didática pedagógica nas escolas selecionadas e um grupo de teatro intitulado como os amigos do Senhor Dentuço.

Discriminação do público beneficiado, Alunos das escolas públicas e privadas da Cidade de Porangatu. Foco principal Creches, educação infantil, ensino fundamental I e II, ensino médio, centro de acolhimento (Abrigo dos Idosos e Apae). Recursos pedagógicos utilizados filme de curta duração para cada proposta de



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ação, teatro musical e apresentação dos personagens.

Resultados esperados, Oportunizar conhecimento aos acadêmicos com referido projeto com análise de livros e artigos da temática. Colocar os acadêmicos frente a comunidade escolar por se tratar de um curso de licenciatura Colocar a comunidade escolar frente aos conhecimento da Universidade Oportunizar dialogo entre a Universidade e a comunidade local estabelecer parceria entre Diretores, coordenadores, professores, alunos com a proposta do referido projeto Operacionalizando conhecimento.

188

Referências bibliográficas

PAIM, Jairnilsom Silva. *Desafios para Saúde Coletiva no Século XXI*. BA, UDUFBA, 2005.

CARNEIRO, Elizabeth Carvalho. *O sobrepeso em escolares de Brasília: o papel do sedentarismo da criança e da família*. Brasília: UCB, 2001.

ROSEN, GEORGE. *Uma história da Saúde Pública*. Editora UNESP, 2ª edição, São Paulo, 1994.

Noronha JC, Lima LD, Machado CV. *O Sistema Único de Saúde – SUS*. In: Políticas e Sistema de Saúde no Brasil, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS E GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS NA BACIA DO RIBEIRÃO SÃO JOÃO NO MUNICÍPIO DE PORTO NACIONAL, TOCANTINS

189

Millena Adrianna Formiga Dias

Mestranda em Geografia e Educação Ambiental

Universidade Federal do Tocantins – UFT

adm.formiga@hotmail.com

A água é um elemento vital para a humanidade e para os ecossistemas, vegetais e animais, trata-se de um recurso natural indispensável para a manutenção da vida dos seres vivos além de ser essencial para o desenvolvimento das atividades agrícolas e industriais.

O termo água é compreendido como recurso natural sem vínculo com qualquer uso ou utilização, entretanto o termo recursos hídricos trata-se da consideração da água como bem econômico, passível de utilização com tal fim. As águas utilizadas para abastecimento humano e de suas atividades socioeconômicas são captadas nos rios, lagos, represas e aquíferos subterrâneos. (REBOUÇAS, 2006 p.01)

Desde o final dos anos 1980, sobretudo a partir da Constituição de 1988, o Brasil vem discutindo e propondo transformações profundas nas práticas de gestão das águas, as quais foram traduzidas no conteúdo das leis de recursos hídricos. O novo sistema de gestão, previsto pelas leis das águas – federal e estaduais –, propõe uma mudança radical à tradição centralizada no uso e alocação dos recursos hídricos, onde os interesses dos usuários mais poderosos, sobretudo para hidroeletricidade e irrigação, eram predominantes. (Lei federal 9.433/1997).

O gerenciamento de recursos hídricos no Brasil possui um aparato institucional bem conceituado e considerado avançado no mundo, a sua



implementação é muito recente e seu início efetivo por meio da criação da Agência Nacional das Águas – a ANA – no ano 2000. O gerenciamento de Recursos Hídricos avançou em diversas regiões do Brasil e Comitês de bacia hidrográfica implantados em algumas das principais bacias brasileiras já aprovam planos de bacia que determinam prioridades para o uso da água e os respectivos valores a serem cobrados dos usuários. É um marco histórico, pois antigamente o sistema de recursos hídricos não predispunha a participação pública e descentralização como nos dias atuais, no decorrer do século XX a gestão foi centralizada pelo setor elétrico, mas como o passar do tempo, a participação da sociedade civil, associações técnicas e profissionais modificou o panorama dos recursos hídricos brasileiros. (BRAGA et al.1999, p.639)

A medida que a população e as atividades econômicas aumentam, muitas regiões atingem condições de escassez de água ou encontram limitações para o desenvolvimento econômico, portanto, é fundamental que as ações e regulamentações que foram criadas pelos poderes públicos Federal e Estaduais sejam implementadas para o maior gerenciamento, controle e fiscalização das condições de uso e proteção da água, logo dos recursos hídricos. O Estado do Tocantins aprovou sua lei tardiamente, em 2002 (lei nº1307, de 22 de março de 2002), quando quase todos os estados da federação já dispunham de sua lei das águas.

A bacia hidrográfica do Ribeirão São João está localizada entre os paralelos 10°46'43" e 20°41'20" de latitude sul e entre os meridianos 48°14'16" e 48°24'51" de longitude oeste, a sudeste do município de Porto Nacional, com área de 82 km², com sua foz dentro da área urbana, sendo contribuinte direto do Rio Tocantins.

Com o avanço do agronegócio no estado do Tocantins, ocupando o décimo lugar no ranking brasileiro de maior produtor de soja, e ainda destacando-se o município de Porto Nacional como maior produtor de soja no ano de 2014 no Tocantins, pergunta-se houve uma considerável degradação do meio ambiente na bacia do Ribeirão São João que atende área urbana? Como são geridos esses



recursos hídricos da bacia do Ribeirão São João? Como se encontra o processo de urbanização do bacia?

A pesquisa apresentará uma descrição/análise local da bacia em questão, o conhecimento do estado atual do uso e ocupação da bacia hidrográfica do córrego São João, e simultaneamente um estudo que compartilhe a situação atual em termos de gestão estaduais e municipais (leis, decretos, ações e outros) disponibilizar-se-á informações validas para correção de problemas e implementações de projetos futuros.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as transformações ambientais e o processo de gestão dos recursos hídricos na bacia do Ribeirão São João, Porto Nacional – TO, e os objetivos específicos incluem:

- Examinar o processo de ocupação histórico da bacia do ribeirão São João;
- Discutir o modelo de gestão proposto pela legislação tocantinense das águas e suas interfaces com o sistema nacional de gestão de recursos hídricos e verificar a aplicabilidade da legislação estadual e nacional na gestão municipal de Porto Nacional;
- Identificar os possíveis conflitos de uso múltiplo dentre os diversos usuários inclusive suas implicações socioambientais na bacia do ribeirão São João com vista de subsidiar a gestão da bacia em estudo;
- Diagnosticar o processo de gestão dos recursos hídricos na bacia do ribeirão São João, bem como a consideração da representação/democratização do processo decisório.

A pesquisa proposta é, portanto, essencialmente descritiva e utilizará, sobretudo, conceitos de políticas públicas e gestão de bacias hidrográficas. Serão desenvolvidas pesquisas de cunho bibliográfica e análise documental.

Com o trabalho de análise preliminar devidamente completado, é o momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave. O pesquisador poderá, assim fornecer uma



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



interpretação coerente, tendo em conta a temática ou o questionamento inicial. (CELLARD, 2008, p.303)

Utilizar-se-á a entrevista do tipo qualitativo junto aos órgãos públicos gestores de recursos hídricos e instituições de ensino e pesquisa quanto a alguns pesquisadores renomados da área de recursos hídricos e correlatas atuantes no município.

Segundo Poupart (2008), o uso de métodos qualitativos e da entrevista, em particular, ainda é atualmente, o meio de assegurar o ponto de vista do atores sociais e de considerá-lo para compreender e interpretar as suas realidades. Pois, seriam inenarráveis as condutas sociais foram da perspectiva dos atores sociais, a entrevista seria, assim indispensável, não somente como método para apreender a experiência dos outros, mas simultaneamente, como ferramenta que conduz a elucidação de suas condutas.

Devido à precisão de informações sobre o sistema de gestão de recursos hídricos no Tocantins, serão aplicados, entrevistas dirigidas (perguntas abertas e fechadas) junto a atores diretamente envolvidos na implementação da gestão de recursos hídricos, a saber: órgãos estaduais, em particular a Secretaria de Recursos Hídricos, Conselho Estadual de Recursos Hídricos, o Instituto Natureza do Tocantins (NATURATINS), INVESTCO, Odebrecht Ambiental Saneatins, Prefeitura de Porto Nacional, Sindicato Rural de Porto Nacional, proprietários e moradores urbanos e rurais da bacia do Ribeirão São João.

Palavras-chave: Transformações Ambientais. Gestão de Recursos Hídricos.

Referências bibliográficas

ANA (2002). *Evolução da organização e implementação da gestão de bacias no Brasil*. Brasília, outubro. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/soja__2013_14.pdf>. Acesso em: 19 de ago. de 2015.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



CELLARD, A. "A análise documental". In: Poupart Jean (2008). *A pesquisa qualitativa*. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

IBGE.

Disponível

em:

193

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>.

Acesso em: 03 de set. de 2015.

PEREIRA, D.S.P. e JOHNSON, R.M.F. (2005). "Descentralização da gestão dos recursos hídricos em bacias nacionais no Brasil", in: REGA- Revista de Gestão de *Água da América Latina*/Revista de Gestion del Agua de America Latina, Vol. 2, no. 3, jan.-jun. 2005, pp. 53-72.

REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G.; (1999) *Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo-SP: Escrituras Editora, 717p.
SEPLAN – TO, Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins, Atlas do Tocantins, 2008.



PESQUISA DO ÍNDICE DE ADAPTAÇÃO DA ESPÉCIE *ANCORNIA SPECIOSA* QUANTO AO SUBSTRATO

194

Moacir Miguel Leal Neto⁶⁸

Tamara Maiane Bento Martins⁶⁹

A mangaba é o fruto da mangabeira (nome científico: *Hancornia speciosa*), árvore rústica que pode chegar a dez metros de altura e é típica do bioma Caatinga, mas também pode ser encontrada em fitofisionomias do Cerrado. Também bastante comum no litoral do Nordeste, a mangaba tem, nessa região, sofrido com o desmatamento da vegetação nativa para dar lugar a plantações de cana-de-açúcar e a empreendimentos imobiliários, correndo risco de desaparecer dessa faixa de terra.

De modo geral, as flores da mangabeira aparecem principalmente de agosto a novembro, mas muitas florescem antes do tempo. Por esse motivo, há frutos nas árvores praticamente o ano todo, dependendo da região. Porém, a maior parte da produção de frutos ocorre entre outubro e abril.

A mangaba é rica em vitamina C, mais do que outras frutas mais ácidas. Possui teor de proteína que varia entre 1,3 e 3%. Sua polpa pode ser consumida madura in natura e é matéria-prima para produção de deliciosos produtos beneficiados como geleias, compotas, sorvetes, licores, vinho, entre outros. O tronco e as folhas da mangabeira ainda fornecem um látex conhecido como “leite da mangaba”. Tal leite tem propriedades medicinais, sendo utilizada no combate a tuberculose e para o tratamento de úlceras. Na segunda guerra mundial, seu látex era utilizado na fabricação de borracha.

⁶⁸Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: moacirlealneto95@hotmail.com

⁶⁹Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – UEG - Campus Porangatu – e-mail: gilvan-95@hotmail.com



A pesquisa tem como objetivos avaliar a produção de diversos substratos orgânicos com o cálculo o nível do PH de cada um dos substratos produzidos, e analisar o nível de germinação da espécie em cada tipo de substrato com o índice de frutose em cada um deles.

A metodologia da pesquisa será conduzido na Casa de Vegetação da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Porangatu nos meses de setembro de 2015 a Setembro de 2016. Para a produção das mudas serão utilizadas caixas plásticas do tipo Gerbox. A colheita de sementes com fabricação de substratos com os seguintes materiais cinza, esterco orgânico, serragem, areia, gesso e borra de café. Os substratos serão confeccionados e serão plantadas 10 mudas de cada tipo de substratos após o plantio será analisado o nível de germinação. Serão utilizados para produção de substratos:

- (areia + esterco orgânico)
- (areia + cinzas)
- (areia + gesso)
- (areia + borra de café)
- (areia + serragem)

A proporção utilizada será de 2/1 de substrato, para qual será feita análise do nível de germinação. A pesquisa será realizada nos municípios de Mara Rosa e Porangatu Goiás, no município de Porangatu no Campus da Universidade Estadual de Goiás no Projeto de Extensão Casa de Vegetação. O tempo da pesquisa será de setembro de 2015 até setembro de 2016 com a divulgação periódica dos dados obtidos.

A pesquisa busca como resultado final obter conhecimento sobre o nível de germinação da espécie ***hancornia speciosa*** em diferentes substratos afim de no futuro utilizar os recursos renováveis orgânicos diversos para a produção de novas mudas para manter a espécie e estudo dos níveis de vitamina e frutose em ocorrência da mudança de substrato, e a variação de frutose pelo fato da mudança de substrato.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras-Chave: Casa de Vegetação. Mangaba. *Harconia speciosa*.

Referências

LÉDO, A. S; JÚNIOR, J. F. S; **A cultura da Mangaba**. Aracaju: Embrapa Tabuleiro Costeiros, 2006.

LIMA, I. L. P; SCARIOT, A. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável da Mangaba**. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

NETO, R. D. V. **Cultura da mangabeira**. Aracaju: EMBRAPA/CPATC, 1994.

<httpwww.cerratinga.org.br/mangaba> (dia 30/08/2015 as 14hs e15minutos)

<httpwww.brasilecola.com/frutas/mangaba> (dia 30/08/2015 as 15 hs)



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



TÍTULO: O TRABALHO NOS “DIÁRIOS” DE LÚCIO CARDOSO (1942-1962)

Nélio Borges Peres (UEG/campus Goianésia).

197

Resumo: O trabalho de criação como *ergon*, o fazer em geral. O zelo e a gambiarra como pontos de reencontro entre *poiesis* e *práxis*. Trabalho como expressão da subjetividade, como "gambiarra". A noção do trabalho benfeito, como "zelo", como forma de resistência às prescrições racionalistas dos manuais taylorista-fordista. Cosmovisão do artista num "mundo sem Deus". Determinações e indeterminações da escolha profissional e dos posicionamentos do indivíduo numa sociedade em trânsito para a organização racional da vida. A escrita de si como potência de vida. A escrita na forma de diário "de bordo" ou o romance (histórico), autobiográfico, para "enganar a morte". Problemática e atualidade das biografias na História. O lugar de Lúcio Cardoso na história da literatura brasileira.

Palavras-chave: História, Trabalho, Literatura, Lúcio Cardoso.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PROJETO DE EXTENSÃO EFEITO BORBOLETA: DIÁLOGOS ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

198

Oscar Ferreira Mendes Neto⁷⁰

Bruna Santos Silva⁷¹

Lilian de Castro Junqueira⁷²

Introdução

Para que possamos pensar a universidade como um todo é necessário reportar ao tripé que a sustenta, representado pela correlação entre ensino, pesquisa e extensão, que deve existir de modo indissociável. No entanto, é perceptível que há uma discrepância entre o número de projetos de ensino e de pesquisa em relação a projetos de extensão. O projeto “Programa Efeito Borboleta: educação, cultura e cidadania ativa” acontece na UEG Câmpus Inhumas com edições desde ano de 2011, quando foi idealizado pela professora Lilian de Castro Junqueira, responsável pela Coordenação de Extensão e Assuntos Estudantis, e desenvolvido em parceria com os demais professores da instituição e graduandos do curso de Licenciatura em Pedagogia e em Letras Português/Inglês. As ações extensionistas do programa contemplavam a ideia de que a universidade e comunidade devem dialogar, de modo com que a universidade seja lócus da sistematização de conhecimentos necessários a comunidade. No entanto, o programa foi além dessa proposta, proporcionando a comunidade acesso a

⁷⁰ Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura – FABEC. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: oscar.hand@hotmail.com.

⁷¹ Acadêmica do quarto ano do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: bruna.santos01@gmail.com.

⁷² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professora e Coordenadora Adjunta de Extensão e Assuntos Estudantis pela Universidade Estadual de Goiás Câmpus Inhumas. E-mail: lcjunqueira@yahoo.com.br



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



apresentações culturais como peças teatrais e filmes, danças típicas regionais como congo e catira, palestras sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso, questões de gênero e sexualidade, oficinas sobre atividades artesanais e do cotidiano da comunidade, entre outras atividades.

199

Temática e objetivos

Compreendendo a necessidade do estreitamento entre a universidade e a comunidade, os projetos de extensão se apresentam como caminho a ser trilhado em que a universidade abre suas portas para a comunidade em geral, de modo a socializar saberes, informações, lazer, culturas, de modo que possibilite refletir sobre problemas na comunidade e assim apresentar outras possibilidades de melhoria de na qualidade de vida das pessoas atendidas pelos projetos de extensão. A extensão universitária é uma atividade a ser desenvolvida nas Instituições de Ensino Superior (IES) que é regulamentada por meio de documentos legais como Constituição Federal (1998) e a Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional (1996), além do PROEXT (2008), que é um programa federal de financiamento de ações extensionistas. Desse modo, o presente escrito, visa socializar as ações extensionistas desenvolvidas no decorrer das ações desenvolvidas no programa Projeto Efeito Borboleta, em que a comunidade se fez presente nos momentos de (in)formação, cultura e lazer.

Metodologia e desenvolvimento

A análise de documentos legais e aportes teóricos proporcionaram reflexão sobre importância da extensão universitária para a comunidade e para a formação dos futuros profissionais que prestarão serviços a comunidade, de modo que estes profissionais estejam preparados para servir a comunidade em todos seus aspectos. A sistematização das vivências na IES durante a realização do programa possibilitou



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



repensar a função social das universidades, já estas são locais privilegiados de acesso à educação e culturas.

Considerações finais

Em decorrer à presença significativa do público oriundo da comunidade local nas edições do evento, consideramos que as vivências foram significativas e o diálogo estabelecido entre universidade e comunidade proporcionou aos acadêmicos envolvidos nas ações uma formação menos conteúdista e mais humana, por meio das diferentes experiências vivenciadas. É necessário compreender que a extensão universitária deve estar estreitamente articulada ao ensino e pesquisa, de forma que promova acesso a educação, cultura e informação. O Projeto Efeito Borboleta, ao proporcionar acesso a diferentes momentos vivenciados na IES, religando saberes científicos a saberes populares, fortalece a participação da comunidade em ações acadêmicas e fortalece a participação da comunidade acadêmica em ações comunitárias e sociais.

Palavras-chave: Extensão universitária. Educação. Cultura. Cidadania ativa.

Referências

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Senado Federal: Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm, acessado em 25 de junho de 2015, às 23h.

Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB**, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Senado Federal: Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm, acessado em 25 de junho de 2015, às 23h.

Brasil. **Decreto nº 6.495**, de 30 de junho de 2008: institui o Programa de Extensão Universitária – PROEXT. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6495.htm, acessado em 25 de junho de 2015, às 22h e 30min.



ANÁLISE DO ENSAIO ACADÊMICO “VIOLÊNCIA URBANA: A CIDADE COMO ESPAÇO GERADOR DE VIOLÊNCIA” DO AUTOR NILDO VIANA

Rafael de Lima Costa⁷³

201

O ensaio é dividido em partes, na qual ele evidencia principalmente o espaço urbano e as especificidades desse espaço que é gerador de violência. Tentarei sintetizar ao máximo, mas sem comprometer essa divisão do autor para melhor compreendermos o assunto. O autor inicia seu ensaio apontando seus objetivos, que é esclarecer o que é a violência urbana e como esta se manifesta, assim ele faz uma trajetória que percorrerá para alcançar tais objetivos, evidenciando as diferenças entre violência que ocorrem no espaço urbano, das que é gerada por este. Mas o que seria o espaço? O autor demonstra duas correntes para tentar responder essa problemática.

A primeira concepção seria a empirista, que diz que o espaço é algo “dado” pela natureza ou pela história das relações sociais. A segunda é a concepção fetichista que considera o espaço como gerador das relações sociais, que possui autonomia sobre a concretude que é criada, embora Vianna nos afirma que o espaço é algo abstrato, ou seja, não existe em si mesmo, tornando-o assim uma categoria. Vale salientar que mesmo sendo categoria pode se tornar um conceito como o espaço social e espaço físico por exemplo.

O meio ambiente físico ou natural é constantemente alterado, tornando este meio em social, o autor prova isso nos fazendo imaginar o meio urbano sem os elementos antrópicos como prédios, casas, carros dentre outros. Restando-nos somente alguns animais em zoológicos ou domesticados, plantas que escolhida para “fetichizar” o espaço, sejam elas árvores de grande porte, ou plantas domésticas.

⁷³ Graduando em geografia pela Universidade estadual de Goiás – Câmpus Porangatu, ligado ao PIBID. Raphaelcosta10@outlook.com.



O Espaço urbano, então, é sustentáculo de relações sociais, na qual é um espaço opressor fundamentado na exploração e dominação. Logo, o autor passa a analisar o espaço urbano a partir do processo de expansão da divisão social do trabalho o que ele diz ser uma análise que busca a essência dos fatos e não somente a aparência. Viana define assim o espaço urbano como sendo àquele caracterizado pelo controle intensivo sobre o meio ambiente e pelas relações sociais. Com isso, criam-se novas divisões espaciais, (impostas pelo modo de produção capitalista), na qual o espaço passa a ter valor de uso e valor de troca. Esses valores materializam-se conforme o poder aquisitivo dos grupos sociais, o que gera formas de organização e apropriação, causando assim divergências (confrontos) entre diversos grupos sociais.

Os interesses antagonônicos geram violência, na qual Viana, diz que a violência urbana é aquela que deriva do espaço urbano, e não somente aquelas que acontecem neste tecido. Como exemplo, podemos citar o problema da mobilidade urbana, na qual as empresas capitalistas precisam que a mão-de-obra chegue aos locais de trabalho e de consumo, surgindo assim o sistema de transporte coletivo urbano que é controlado pelo Estado, mas explorado predominantemente pelas empresas privadas. Já que estas visam o lucro acima da qualidade no atendimento, ocorre no transporte coletivo superlotação e atrasos, o que geram conflitos individuais e até mesmo sociais.

Os conflitos urbanos não são geridos somente pela locomoção urbana (ou falta da mesma), uma vez que o solo é agregado de valor, os grupos com menor condições financeiras são segregados para locais que na maioria das vezes não possui infraestrutura, tornando comum posseiro em confrontos com a polícia.

Por fim, Viana finaliza o ensaio explicando que a violência urbana não é aquela que ocorre no espaço urbano em si, mas é aquela que é gerada a partir da organização do mesmo. A violência é um tema amplo, e que está continuamente no nosso cotidiano, e o espaço urbano capitalista gera diversas formas desta violência, e uma delas é a violência urbana.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Referências

VIANA, Nildo . *Violência Urbana: A Cidade Como Espaço Gerador de Violência*.
Goiânia: Edições Germinal, 2002. 48p.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



OS IMPACTOS AMBIENTAIS URBANOS E O DISCURSO MIDIÁTICO: PROPOSTA APLICADA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA EUZÉBIO MARTINS DA CUNHA EM PORANGATU ENTRE 2014 E 2015

204

Rafael de Lima Costa⁷⁴

Patrícia Gonçalves de Paiva⁷⁵

Betania Gonçalves de Lima⁷⁶

Lhays Dienner Gonçalves da Silva⁷⁷

O crescimento urbano vem simultaneamente ocasionando transformações as quais provocam várias tensões entre o homem e o meio físico-natural, como: enchentes, deslizamentos de terras, entre outros. Sendo estes informados pela mídia como impactos “ambientais” urbanos, entretanto, não significa que a população está sendo bem informada, por que muitas vezes há uma distorção da realidade.

A pesquisa objetiva demonstrar como se comporta os jovens escolares diante da exposição que a mídia faz sobre os impactos ambientais e de que forma a mesma retrata isso para a sociedade. Ou seja, buscar a atenção dos alunos em relação à realidade e fazer que estes sejam capazes de desenvolver criticamente diante do poder mediático, e ainda possam refletir como os descasos das lideranças políticas contribuem para um problema que pode e deve ser amenizado através de medidas de planejamentos habitacionais e infraestrutura adequada para a população menos abastada.

⁷⁴ Graduando em geografia pela Universidade estadual de Goiás – UNU Porangatu ligado ao PIBID Raphaelcosta10@outlook.com

⁷⁵ Graduando em geografia pela Universidade estadual de Goiás – UNU Porangatu ligado ao PIBID patymto@gmail.com

⁷⁶ Graduando em geografia pela Universidade estadual de Goiás – UNU Porangatu ligado ao PIBID Betanialimapgtu@gmail.com

⁷⁷ Graduando em geografia pela Universidade estadual de Goiás – UNU Porangatu ligado ao PIBID lhaisdiennerg@gmail.com



O uso de recursos contendo imagens, charges, tiras dentre outros, de maneira que estes nos permitem comparar à realidade dos fatos através da análise de leis que regem o saneamento é fundamental para entendermos o meio urbano. Após a aplicação de conteúdos teóricos adequados à série, podemos confirmar e apresentar elementos do cotidiano que faz jus ao processo apresentado. Como atividade, foi solicitado que fizessem um mural com imagens de revistas, jornais e internet que explicitasse a diferença de impactos e desastres “naturais”. Também foi pedido que elaborassem uma carta “destinada” às autoridades políticas, a qual serviu de material de pesquisa e permitiu-nos analisar a internalização dos conteúdos aplicados, e ainda o senso crítico-social dos alunos. Durante a aplicação do projeto tentamos fazer a inter-relação entre teoria e prática.

Quanto a análise do espaço enquanto mercadoria, Carlos (2011) aponta que é um fator que contribui para o comércio do espaço (valor de uso e de troca), pois através dessa prática, os terrenos, adquirem valores relativamente altos, porque recebem investimentos públicos passando a oferecer infraestrutura melhor que em outrora. Restando à população carente habitar nos arredores das cidades, em locais impróprios, sujeitos a “desastres ambientais”.

A base desse resumo é fundamentada pelo levantamento bibliográfico, dos conceitos de Paisagem natural e artificial de Santos (1988), observando que, hoje, praticamente não existe paisagem completamente natural, afinal deve se levar em consideração que nela detêm uma conjuntura política, econômica, social e cultural.

A paisagem também pode deter elementos de contradições capitalistas e deve ser vista com criticidade, conforme nos aponta Souza (2010), na qual ela pode esconder fatos sociais, ou dar evidências pra uma “falsa” realidade, ou seja, a paisagem pode ser configurada de acordo com os interesses de agentes hegemônicos. Esses interesses por parte dos agentes dominantes foi muito discutido por Foucault (1979), que evidencia as relações de poder. Neste caso, o poder da mídia e do Estado como agentes manipuladores que permeiam a escala local.



A escala local é o palco das interações cotidianas dos alunos, e Certeau (1998) nos diz que o caminhar crítico pela cidade pode ser uma prática efetiva para a percepção de elementos não vistos no dia-a-dia devido à alienação capitalista. Com isso, analisamos o setor Jardim Brasília onde a maioria dos alunos da escola Elzébio Martins da Cunha moram e estudam, e assim expor impactos urbanos no cotidiano do aluno.

Na aplicação do projeto em sala de aula pode-se observar que os alunos conseguiram internalizar os conceitos de paisagem, compreendendo o meio em que estes estão inseridos, no qual a sociedade encontra-se em constante interação com o meio, modificando-o gradativamente. Nesse contexto os alunos puderam compreender as ações que promovem as degradações no meio físico-natural provocadas pela ação antrópica, ocasionando desequilíbrio ambiental e contribuindo conseqüentemente, por vezes para a ocorrência dos desastres ambientais urbanos. A partir dos fatos que são amplamente disseminados pela grande mídia, os alunos foram alertados a analisarem cada informação como cidadãos críticos e reflexivos, sendo capazes de estabelecer comparações das notícias, a fim de comprovar se os dados transmitidos à população são realmente verídicos, ou se estão sendo disseminados com parcialidade ou de forma distorcida, onde pouco se objetiva informar, mas sim favorecer interesses, principalmente dos agentes hegemônicos do capital.

Evidencia-se que, são muitos os fatores que contribuem para os impactos “ambientais” urbanos, portanto, deve-se haver um comprometimento maior da mídia em apontar a realidade dessa relação causa-efeito. Essa distorção de informações midiáticas não podem ser uma justificativa para a acomodação profissional dos professores, ao contrário, servem como base de mediação em sala de aula, visando à formação da cidadania crítica do aluno.

Palavras-chave: Impactos urbanos; Mídia; Ensino.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Bibliografia

CARLOS, Ana Fani A. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011. 157 p.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 1º ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

208

Raiza Mirelle Santana dos Reis¹

Haroldo Granjeiro da Silva Santos²

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Matemática, Bolsista de Extensão da UEG – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Porangatu – GO – raizamirelle@hotmail.com

² Professor Especialista em Educação Matemática pela UEPA-Universidade Estadual do Pará- Docente do Curso de Licenciatura Plena em Matemática da UEG – Câmpus Porangatu – GO - hgssantos67@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os processos de formação docente no que tange o ensino de Matemática vêm-se primando pelos estudos teóricos e aplicações práticas interventivas dentro de diversos espaços numa Universidade. Na Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Câmpus Porangatu utiliza-se o espaço do Laboratório de Ensino de Matemática (LEMAT), vinculado ao Curso de Licenciatura Plena em Matemática para o estudo e o desenvolvimento do Projeto de Extensão “Oficinas Pedagógica para o Ensino de Matemática”.

A proposta desse projeto é incentivar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos das escolas de Ensino Fundamental – Segunda Fase por meio de jogos pedagógicos, nas cidades de Porangatu e circunvizinhas (Uruaçu-GO, Mata Azul-GO e outros), acreditando que atividades lúdicas podem tornar as aulas de Matemática, mais atrativas e dinâmicas. Busca-se uma interação entre acadêmicos



e professores das escolas-campo a fim de promover uma socialização do conhecimento.

Neste sentido, os discentes do Curso de Licenciatura Plena em Matemática, envolvidos no projeto, com base em estudos teóricos, principalmente em Faraco (2009) e Vigotski (1994), estruturam o planejamento em dois vieses, um voltado à teoria do ensino da matemática e seus conteúdos, com uma proposta interativa e lúdica dos “Jogos Matemáticos” e outro situado no campo dos saberes educacionais e no método do ensino da matemática.

Objetivo

- Estimular o raciocínio lógico, as habilidades e a criatividade dos educandos atendidos pelas ações de intervenção do projeto nas Unidades Escolares de Ensino Fundamental – Segunda Fase de Porangatu e cidades circunvizinhas.
- Proporcionar a aquisição de novos conhecimentos e o desenvolvimento da aprendizagem, tanto para acadêmicos quanto para alunos e professores das escolas-campo, onde estes terão um contato real com o objeto a ser discutido. Objetivando sanar as dúvidas e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem de Matemática.

Metodologia

Para o desenvolvimento do projeto são realizados tanto estudos teóricos, através de pesquisas bibliográficas envolvendo o uso de jogos lúdico em sala de aula, que são relacionados aos conteúdos de maior dificuldade, sendo estes selecionados por professores das unidades escolares vinculados ao Projeto de Extensão, como também estudos práticos, para execução desses jogos.



Essas ações são realizadas no LEMAT, onde acadêmicos, coordenação e bolsista envolvidos no Projeto de Extensão, realizam encontros de preparação para a execução das oficinas. Assim organizam e discutem a intervenção nas escolas-campo. Nestes encontros são propostos estudos teóricos com atividades práticas onde segundo a teoria de Vigotski (1994 apud *MUNIZ*, 2010, p.13.),

210

O jogo é um importante instrumento para favorecer a aprendizagem da criança, em consequência, a sociedade deve favorecer o desenvolvimento do jogo para uma melhor aprendizagem, em especial matemáticas.

Assim, como defende Mota (2009 p. 129):

É possível usar jogos matemáticos na sala de aula, ao mesmo tempo em que se trabalha com conteúdos de Matemática, propor atividades que possam, também, tornar o ensino dessa disciplina um instrumento importante na construção da cidadania, com solicitações de aplicações dos conhecimentos matemáticos em problemas do dia a dia.

Luzia Faraco (2009), na obra “Conversas sobre números, ações e operações”, relata que além de ser uma nova alternativa para o ensino, a aplicação de conceitos e jogos em sala de aula desperta o prazer dos alunos pela matéria, facilita e enriquece o trabalho do professor, tornando as aulas mais interativas e dinâmicas.

Com base nos autores citados é realizada uma seleção de diversos teóricos que defendem o uso de jogos pedagógicos para o ensino de Matemática, de acordo com a Teoria Piagetiana (1946 apud *KAMII*; *DECLARK*, 1986, p. 231),

O jogo assume a característica de promotor da aprendizagem da criança. Ao ser colocada diante de situações de brincadeira, a criança compreende a estrutura lógica do jogo e, conseqüentemente, a estrutura matemática presente neste jogo.

Após o término dos estudos teóricos realizam-se as oficinas com jogos pedagógicos, os quais são selecionados para a aplicação em séries específicas do



Ensino Fundamental – Segunda Fase. Assim cada jogo é estudado e executado de acordo com a classificação, o nível e o conteúdo específico de cada série. Segundo Ilydio Pereira de Sá (2010), os jogos pedagógicos são classificados em três tipos segundo uma especificidade:

- *Jogos Estratégicos* – São aqueles em que se trabalham as habilidades que compõem o

raciocínio lógico. A partir das regras do jogo os alunos buscam estratégias para atingir o objetivo final. Temos como exemplo o “Dominó de Múltiplos e Frações”, específico para turmas do 6º ano, em que aborda os conteúdos de múltiplos e frações de um número. Conteúdo abordado: Múltiplos e frações de um número, cujo objetivo é identificar os múltiplos e as frações de determinados números.

- *Jogos de Treinamento* - São usados geralmente para reforçar determinado conteúdo.

Neles muitas vezes o fator sorte interfere no resultado final. Como exemplo pode-se citar o “Jogo das Coordenadas Cartesianas”, aplicado ao 8º ano, o qual aborda o conteúdo de Plano Cartesiano, que tem como objetivo facilitar a percepção espacial através do reconhecimento e localização dos pontos no plano.

- *Jogos Geométricos* - Cujo objetivo é desenvolver a habilidade de observação e o

raciocínio lógico. Dentre os diversos jogos nesta categoria temos “O Jogo Tangram”, destinados a alunos do 7º ano, que aborda figuras geométricas, sendo o principal objetivo trabalhar a identificação, comparação e visualização de figuras geométricas, explorando propriedades geométricas de composição e decomposição da figura.

Busca-se através das “Oficinas Pedagógicas para o Ensino de Matemática” uma melhor metodologia e estratégias para a aprendizagem dessa disciplina, com o intuito de desmistificá-la, fazendo o educando perceber que a mesma faz parte do seu cotidiano.



Resultados e discussão

O projeto gera aos envolvidos (Professor Orientador, Bolsista, Acadêmicos, Professores e Alunos das escolas- campo) uma troca de saberes e uma reflexão a respeito dos métodos de ensino de matemática.

Neste ano foram realizadas duas intervenções. A primeira na Escola Municipal Pastor Johatan Moreira Guimarães localizada no município de Uruaçu - GO e, a segunda no distrito de Montevídiu do Norte, chamado de povoado de Mata Azul.

A princípio foi aplicada a mesma metodologia nas duas escolas, onde os acadêmicos foram divididos em grupos de três a quatro pessoas por sala, sendo o trabalho assim organizado:

- Chegada à escola-campo – formaliza-se um cronograma que especifica em quais salas determinada equipe irá trabalhar depois a coordenação do colégio apresenta-nos o espaço para cada equipe desenvolver o seu trabalho.

- Rodízio dos Jogos - geralmente é feito o rodízio dos jogos, onde cada equipe trabalha com dois jogos diferentes.

Na última oficina (26/08/2015) optamos por levar até a escola além do material concreto, outros dois diferentes *softwares*: *Torre de Hanói* virtual, encontrada *online* no site www.somatematica.com.br/jogos/hanoi/ e o *TuxMath*, um jogo que é pré-instalado nos computadores de sistema operacional Linux, geralmente utilizado nos computadores da rede estadual, ou encontrado no site tux4kids.alioth.debian.org/tuxmath/download.php, para download.

Até o momento temos passado por diversas experiências, entre as quais a realidade sociocultural da região, a situação precária da infraestrutura das escolas-campo e a falta de professores por área de conhecimento, são fatores que fogem de nosso planejamento na preparação das oficinas, pois cada escola é uma realidade.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Nesse sentido para darmos prosseguimento em nossas atividades, temos que buscar diferentes formas de intervir sem alterar o cotidiano dos alunos e sim, somar outros saberes que estão ocultos em suas realidades.

Considerações finais

O projeto tem apresentado resultados positivos ao longo desses cinco meses, tendo início no cinco do mês de fevereiro do ano de 2015, pois percebe - se que os alunos das escolas-campo recebem com prazer as atividades. O mesmo tem por intuito o desenvolvimento de jogos pedagógicos no ensino de matemática, como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento cognitivo da aprendizagem tanto dos alunos atendidos pelo projeto, quanto dos acadêmicos que estão em formação.

Considerando que o projeto tem por objetivo à desmistificação da matemática, em relação ao seu tradicionalismo. Este visa, proporcionar aos acadêmicos e aos alunos das escolas onde é aplicado, uma nova visão referente ao estudo da matemática.

Como o projeto está em andamento, ainda é cedo para tirarmos conclusões específicas a respeito da metodologia utilizada no ensino de matemática. Entretanto, até o momento os meios utilizados mostraram ser satisfatórios para o ensino da disciplina. Como também a interação entre coordenação, bolsista, acadêmicos, alunos e professores das escolas- campo.

Referências

KAMII, Constance, DECLARK, Georgia. **Reinventando a aritmética**: implicações da teoria de Piaget. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1986. p. 219-243.

MOTA, P. C. C. L. M. **Jogos no Ensino da Matemática**. 2009. 142f. Universidade de São Paulo, São Paulo.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



MUNIZ, Cristiano Alberto. **Brincar e jogar: enlaces teóricos e metodológicos no campo da educação matemática.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RAMOS, Luzia Faraco. **Conversas sobre números, ações e operações.** 1.ed. São Paulo: Ática, 2009.

SÁ, Ilydio Pereira de. **A Magia da Matemática.** 3.ed. São Paulo: Ciência Moderna, 2010.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



REFORÇO ESCOLAR DE TRIGONOMETRIA

215

Proponente(s): REIS, Raiza Mirelle Santana¹
Graduada em Licenciatura Plena em Matemática
UEG-Câmpus Porangatu
E-mail: raizamirelle@hotmail.com

TIBURCIO, Daniel Nunes²
Graduando em Licenciatura Plena em Matemática
UEG-Câmpus Porangatu
E-mail: danielnt165@hotmail.com

Professor orientador: LINO, Sémebber Silva³
Especialista em Informática Aplicada a Educação
UFG-Campus Goiânia
E-mail: semebber@hotmail.com

RESUMO:

A exposição desse projeto pretende dar novos subsídios teóricos e pedagógicos quanto ao processo de ensino-aprendizagem em matemática nas Unidades Estaduais na cidade de Porangatu, o qual contribuirá qualitativamente com o trabalho docente na sala de aula.

O mesmo tem como principal objetivo, reforçar os principais conceitos trigonométricos e suas propriedades, estes que deverão ser ministrados para alunos de 7º ao 9º Anos do Ensino Fundamental Segunda-Fase.

Considerando-se o professor regente como mediador do processo de ensino-aprendizagem, este deverá apontar as principais dificuldades perceptíveis que os alunos apresentam em sala de aula.

Assim, acredita-se que o projeto **Reforço Escolar de Trigonometria** possa propiciar uma maior dedicação discente para o entendimento desses conceitos, bem



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



como, quanto à aplicação dos mesmos para a resolução de problemas propostos em classe ou extraclasse, pois a trigonometria está inserida nas representações reais de medidas e construções geométricas sempre presentes em seu cotidiano.

Como consequência, será oportunizado uma maior interação entre os acadêmicos da turma do terceiro ano do Curso de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Estadual de Goiás - (UEG) Câmpus Porangatu, pois os tais realizam o estágio no Ensino fundamental segunda - fase, com os educandos da escola-campo, onde contribuirão substancialmente com o processo de formação docente na área da Educação Matemática.

Nesse sentido o projeto tem por objetivo auxiliar os alunos que apresentam dificuldade em compreender a trigonometria. Tendo em vista que, a resolução de exercícios em sala pelos graduandos voluntários, vem a colaborar para a fixação dos conceitos trigonométricos já estudados, levando o professor regente a perceber se ocorreu uma diminuição das possíveis dificuldades conceituais desses estudantes.

O projeto será direcionado para o ensino fundamental segunda-fase. Cujas propostas são de reforçar o ensino de trigonometria. De modo que cada série seja auxiliada por dois acadêmicos, que com a disponibilidade do professor regente de matemática da escola-campo, irão elaborar o planejamento das aulas.

Na metodologia de estudo adotada, pretende-se empregar uma análise quantitativa das atividades individuais e/ou em pequenos grupos realizadas pelos discentes em sala de aula, relacionando-as à trigonometria do dia-dia. Como consequência, identificarão suas principais dificuldades conceituais diante dos problemas propostos, onde serão elaboradas novas listas de atividades de reforço desses conceitos trigonométricos já estudados em conjunto com o professor regente, para futura reaplicação nessas turmas do ensino fundamental segunda-fase que apresentaram mais dificuldades para compreendê-los, pois segundo Amaral (2002),



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Dos vários conteúdos de Matemática, a Trigonometria é um dos de mais difícil compreensão pelos (as) alunos (as). Acreditamos que tal dificuldade se deva ao seu grau de abstração e a forma expositiva / transmissiva em que a mesma é ensinada. Os fatos e conceitos são apresentados sem que o aluno tenha oportunidade de construí-los. (AMARAL, 2002, p.11)

No presente projeto, pesquisarão novos instrumentos pedagógicos para o desenvolvimento deste estudo e descrição das condições em que o mesmo será realizado. Primeiramente, realiza-se uma pesquisa bibliográfica orientada qualitativa, quanto as mais recentes publicações sobre experiências bem sucedidas no ensino de trigonometria, para se conhecerem quais foram os melhores resultados obtidos e relatados por outros pesquisadores.

Portanto, dando continuidade nesse estudo, deverão ser utilizados os diferentes recursos teóricos e tecnológico-pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem dos conceitos da trigonometria, os quais nos permitirão avançar na pesquisa proposta, em busca de resultados satisfatórios junto aos discentes da escola-campo, durante a realização do estagio supervisionado.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



O INGLÊS NAS RELAÇÕES TURÍSTICAS NA ALDEIA KARAJÁ DE BURIDINA

Valdilene Elisa da Silva

Mestranda UFG, Estudos Linguísticos

Docente UEG, Câmpus Porangatu

valdileneelisa@hotmail.com

218

A temática “O ensino de inglês nas relações interculturais turísticas em contexto indígena.”, assegura alguns significados importantes para a sociedade contemporânea, para que os seres que a compõe possam interagir e que suas relações sejam dialéticas.

Um desses significados se refere a indispensável possibilidade de um domínio oral e/ou escrito de uma língua que viabilize o acesso a outras culturas. Nesse caso em específico falando sobre Inglês, língua esta que envolve socialmente as pessoas, seja pelo uso das tecnologias ou pelo contato direto das pessoas que interagem em várias partes do mundo, sendo ela uma língua de comunicação intercultural e, portanto, considerada uma língua franca, como afirma Cardoso, (2012 p.03) O conceito de língua franca adotado pela autora está voltado a um idioma de contato e comunicação entre os grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos em relação ao comércio internacional e outras interações, e não como uma língua neutra, sem carga ideológica, política e cultural. Esse processo se dá pela utilização da Língua Inglesa para fins específicos, que podemos chamar de Instrumental, mas não com uma abordagem simplesmente tecnicista, mas com uma visão dialógica de ensino.

Outro significado importante para entendermos esta temática é a Interculturalidade, Cardoso (2012, p.2) diz sobre o termo “(...) um conjunto de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas,



sem anular a sua diversidade, ao contrário, fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos”.

O professor tem importante papel neste cenário, ele atua como mediador de todo processo de discussão, análise e compreensão da nova cultura que será apresentada. A identidade do aprendiz receberá novas informações que serão somadas àquelas já existentes, por isso é importante que ele perceba o real significado deste novo aprendizado, que a cultura adquirida virá para apresentar uma forma de transmissão da sua própria cultura, oportunizando a condição de protagonista da sua história e de forma nenhuma como hierarquização das culturas.

A pesquisa tem dois aspectos básicos: a aquisição da Língua Inglesa para fins específicos, comunicação para turismo, e a tradução das peças de artesanato produzidas pelo povo Karajá de Buridina, situada próxima à cidade de Aruanã – GO. Há uma demanda aparente nesse território, por causa do grande número de turistas de outros países que visitam o lugar, eles são atraídos pelo rio Araguaia e pelas belezas culturais, como, por exemplo, a indígena. Durante a pesquisa será realizado um curso de inglês para os Karajá envolvidos com o turismo. O desejo desse povo é a comunicação intercultural com todos que visitam a loja de artesanato, assim como documentar as peças em língua materna, português e inglês.

Os objetivos desta pesquisa estão voltados a atender a comunidade indígena participante do projeto Maurehi, atendendo as necessidades que os artesãos têm de se comunicarem com os turistas, para venda do material produzido por eles, podendo ser caracterizada como uma demanda emergencial. Durante o desenvolvimento do projeto pretendemos:

- Observar a relação social entre os Karajá e os turistas.
- Interpretar como acontece o processo ensino aprendizagem de Inglês com relação à motivação, autoestima e o interesse dos alunos.
- Discutir o processo de ensino e aprendizagem de línguas dentro da perspectiva intercultural.



Esta pesquisa será qualitativa, de cunho etnográfico, sendo que os Karajá de Buridina participarão de um curso de formação de Inglês para fins específicos, comunicação para turismo, durante esse convívio entre pesquisador e pesquisados, realizarei com o grupo uma observação participante, totalmente revelada.

A pesquisa qualitativa passou por vários conceitos ao longo da história, muitos teóricos tentaram defini-la, fato este que dificulta a construção de apenas um conceito. Pérez (1994a :46) citado por Esteban reforça sobre o assunto: “descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos que são observáveis, incorporando a voz dos participantes, suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal e qual são expressas por eles mesmos”

Outra definição importante vem de Tesch (1990: 55) citado por Esteban “A pesquisa qualitativa, conforme o termo é usado por diversos autores, significa um determinado enfoque da produção de conhecimento. Não se refere apenas aos dados”. Estes conceitos são ilustrativos, buscando demonstrar a diversidade de ideias sobre o mesmo assunto. Ao falar de pesquisa qualitativa não estamos nos referindo apenas aos procedimentos metodológicos, mas também aos fundamentos teóricos que a sustenta.

Biddle e Anderson, 1986, p.237 citado por Moreira e Caleffe afirmam: “A observação participante é uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes do estudo com o objetivo de observar e tentar descobrir como é ser um membro desse mundo”.

O curso será realizado no território Indígena, em seis etapas, cada etapa com quatro dias, três horas aulas por dia, totalizando cem horas, as atividades serão em sala de aula, face a face, e também através do facebook, possibilitando uma interação entre pesquisador e pesquisado, sendo que quanto maior o número de observações mais confiabilidade adquire a pesquisa. As observações escritas serão feitas ao final de cada aula, com narrativas dos acontecimentos mais importantes pelo pesquisador e serão gravadas em áudio para serem arquivadas para comparação com as demais, com objetivo de acompanhar a evolução do grupo.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Os dados serão analisados de forma indutiva, fundamentalmente interpretativa, buscando padrões, consistências, exceções, identificação de problemas, desenvolvimento de novos conceitos e compreensão das complexidades relacionadas à aquisição desta língua neste contexto natural.

221

Palavras chave: Interculturalidade. Ensino. Inglês. Karajá.



O DISCURSO COMO INSTRUMENTO DE PODER E DOMINAÇÃO NO MEIO SOCIAL: SOB A PERSPECTIVA DE ADOLF HITLER

222

Wevertton Dias da Silva⁷⁸

Temática: O presente estudo propõe uma reflexão na tentativa de evidenciar o discurso como instrumento de poder e dominação no meio social, visto que o discurso ao longo dos anos tem sido um suporte abstrato que se apoia na linguagem para representar as mais diversas formas de pensamentos, vontades, sentimentos e ações do ser humano. Nesse sentido, o discurso assim como a linguagem é a base mais profunda da sociedade, pois o homem através do discurso é influenciado ou influenciador dos fatos sociais e históricos; é assimilando o discurso que o sujeito cria sua visão ou percepção de mundo, podendo também mudar a realidade em que vive e transformar a si mesmo.

Palavras chaves: Pensamento. Ideologia. Discurso de poder. Linguagem

Objetivos Gerais: Obter uma visão mais profunda da complexidade do discurso e das várias formas de comunicação no que abrange a dominação através do discurso.

Objetivos Específicos: Buscar compreender o discurso e sua formação ideológica, discursiva, e a construção das identidades sociais, e também o conceito de discurso, a ordem do discurso, planejamento do discurso; discurso poder e dominação.

⁷⁸ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras pela UEG, Câmpus Porangatu, Goiás. weverttondias@gmail.com



Metodologia: A partir de várias experiências vividas e observadas no dia-a-dia e de pesquisas bibliográficas; o presente trabalho tem o objetivo de facilitar a compreensão da comunicação humana e seu discurso acerca de persuadir o seu próximo de seu posicionamento ideológico.

Resultados alcançados: melhor compreensão do que é o discurso e o seu poder quando usado de forma coerente, e com um objetivo específico para uma finalidade persuasiva.

O discurso ao longo dos anos tem sido um suporte abstrato que se apoia na linguagem para representar as mais diversas formas de pensamentos, vontades, sentimentos e ações do ser humano, ou seja, o discurso assim como a linguagem, é a base mais profunda da sociedade, pois o homem através do discurso é influenciado ou influenciador dos fatos sociais e históricos; é assimilando o discurso que o sujeito cria sua visão ou percepção de mundo, podendo também mudar a realidade em que vive e transformar a si mesmo.

Diante das premissas, pode-se dizer que ao se criar um discurso não se pode permitir que as palavras nasçam sem uma ordem, ou seja, deve haver uma lógica envolvendo as palavras e as ideias. Tais assertivas são os fundamentos sólidos e verdadeiros do discurso para que esse possa se transformar em um conjunto de enunciados lógicos pelos quais o discurso passa a ser controlado, escolhido e organizado, para assim, solidificar o poder que a oratória vai exercer sobre os ouvintes.

O poder se explica pelo sucesso do discurso, pelas expectativas respondidas, pela honra alcançada através do enunciado que domina os acontecimentos. Portanto, o orador ao produzir sua preleção deve entender que a ordem do discurso implica também a exclusão, visto que, a rejeição, o afastamento e a apreensão da palavra são fatores relevantes que podem levá-lo ao privilégio ou ao poder, mas também levá-lo aos rituais da exclusão contidos na ordem do discurso, o



que ainda segundo Foucault (1970, p. 26) são: “tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala”.

Tudo isso significa que determinados assuntos não podem fazer parte de um discurso e são denominados “tabus”, assim também como há discursos que só deverão ser feitos de acordo com o momento; e outros que só podem ser pronunciados por sujeitos determinados ou privilegiados para aquele tipo de discurso.

Diante do exposto, entende-se que a ordem do discurso se fixa a um conjunto lógico e mutável de exemplos e instrumentos conceituais capazes de atuar nos processos de controle e repressão dos discursos, porém, dando ao indivíduo, de acordo com cada momento da história, a oportunidade de refletir sobre a construção do discurso, juntamente com as verdades, os saberes e conhecimentos tencionados por ele.

O discurso além das exigências da ordem, também traz em sua estrutura o planejamento, isto é, a definição do assunto principal, as metas que o orador quer alcançar e as estratégias usadas para definir o trabalho. O planejamento é a estratégia mais eficaz do orador. É a ferramenta que irá conduzi-lo no desenvolvimento das ações e metas a serem conquistadas através das palavras.

A estratégia estabelece um conjunto de elementos da linguagem usados no discurso para que este não se torne vazio e vá de encontro à expectativa tanto do público quanto do orador. Também, a estratégia como parte do planejamento do discurso ajuda o orador a escolher suas metas, ou seja, saber o que o público interlocutor precisa, fazer com que o objetivo do locutor seja percebido e aceito pelo ouvinte.

Existem três maneiras de apresentar um discurso, explicando ou descrevendo alguma coisa (*exposição*), contando uma história (*narração*), ou persuadindo alguém a fazer ou acreditar em alguma coisa (*retórica*). É necessário saber que formação ideológica antecede a formação discursiva, ou seja, a primeira representa a visão de mundo de uma determinada classe social, e a segunda é a



responsável pela materialização dessa visão de mundo, ou seja, a formação ideológica arquiteta o pensamento, mas é a formação discursiva quem vai definir o que dizer.

O discurso, a ideologia e suas formações estão ancoradas no uso da linguagem e interferem em um novo componente: a construção das identidades sociais. Portanto, a linguagem e o discurso são ferramentas determinantes na percepção da realidade e na reconstrução das identidades sociais onde os valores de igualdade promovem os embates de capacidade ideológica dos indivíduos. E esses aparatos de poder se apresentam através do discurso como formadores de conceitos, juízos, apreciações ou julgamentos; e dessa forma naturaliza ou universaliza crenças de maneira a tornarem óbvias as ideias do discurso, desafiando ou excluindo qualquer pensamento adversário e cegando a opinião daquele que tinha uma ideia social ainda não declarada, mas que trazia suas convicções ou conceitos formados sobre alguma lógica.

Tendo em vista fora mencionado, pode-se concluir que através dessa obscuridade da realidade social e das regras dos discursos impostos por um grupo de maior influência sobre a sociedade é que vão surgir os indicadores de valores, normas e regras, condutas de comportamentos e até mesmo a maneira como devem pensar ou agir e assim, cada indivíduo forma sua identidade social por meio do discurso persuasivo que explica o irracional de forma a torná-lo racional, ocultando as desigualdades sociais através de ideias e de uma linguagem representativa convincente.

Referências bibliográficas

CHAUÍ, M. **O que é Ideologia**. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1980

FIORIN, Jose Luiz. **Linguagem e Ideologia**. Editora Ática. São Paulo, 1990

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



_____, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 1996 2ª Ed.

OLIVEIRA, M. **Como Vencer Falando**. Editora TecnoPrint, 1979.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



JOVENS KALUNGAS DE CAVALCANTE-GO: PROCESSOS FORMATIVOS, CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS ESCOLARES

227

Nelson Marsílio dos Santos Joazeiro
Mestrando em Educação pela PUC-GO
Sociólogo, FSA – Fundação Santo André
nelsonjoazeiro@gmail.com

Resumo:

Este trabalho pretende apresentar informações de um subprojeto em elaboração vinculado ao projeto de pesquisa Centro de Memória, Documentação e Referência em Educação de Jovens e Adultos (EJA) Educação Popular e Movimentos Sociais para a Região Centro Oeste, denominado Centro Memória Viva. Onde um dos eixos visa identificar e apresentar algumas informações do projeto de pesquisa que trata dos processos formativos referentes à construção das identidades e trajetórias escolares de jovens que oriundos das comunidades remanescentes de quilombolas denominadas: kalungas, localizadas na região nordeste do estado de Goiás, especificamente na cidade de Cavalcante. Nesse trabalho serão apresentados os componentes referentes à revisão bibliográfica do projeto, elencando os principais autores, obras e conceitos ancorados na perspectiva histórico-dialética e relacional. O estado de Goiás possui relevante participação nas discussões nacionais acerca da temática quilombola, por conta da presença dessas comunidades remanescentes situadas no atual Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga. O projeto está em fase de definição dos objetivos, mas um dos seus eixos passa pela identificação dos elementos constituintes da cultura kalunga, no sentido de buscar os fundamentos estruturantes que remetem à memória dessas comunidades a partir da história oral e das histórias de vida que foram internalizados *habitus* do grupo, mas, sobretudo entender como esses elementos culturais são transmitidos e perpetuam sob o olhar



dos jovens dessas comunidades a ponto de reconhecerem-se ou não como kalungas.

Palavras chave: juventude, memória, história de vida, comunidades kalungas e identidade.

Temática

O presente trabalho acadêmico trata do estágio que se encontram os elementos e instrumentos que estruturam teoricamente como os procedimentos necessários que se fundamenta o desenvolvimento da pesquisa acerca como dos processos formativos que contribuem direta e indiretamente na construção das identidades e trajetórias escolares dos jovens kalungas das comunidades quilombolas do município de Cavalcante-GO.

A centralidade, à priori, dessa pesquisa do Mestrado em Educação, visa levantar os elementos e princípios que estruturam a cultura kalunga; entender a função da territorialidade na constituição identitária das comunidades como de seus membros; identificar as expressões e signos que se articulam e dão significados à cultura kalunga; verificar se os jovens dessas comunidades se reconhecem como kalungas e como essa cultura coletiva lhe é transmitida e reproduzida, portanto visa reconhecer o que há do “ser kalunga” nesse subgrupo.

Objetivos

Com esse projeto de pesquisa se objetiva investigar a partir da realidade dos jovens kalungas das comunidades *Engenho II* e *Vão do Moleque* suas trajetórias formativas construídas pelas tradições, pelos elementos culturais significantes e suas histórias de vida relacionados à formação escolar, procurando compreender como tais elementos contribuem para que estes jovens pertencentes ao território



construam a de jovem e kalunga. Diante desse quadro, que fatores a rigor, se supõem que sejam estruturantes para a compreensão da identidade dos jovens, como esses elementos simbólicos e históricos compreendidos, apreendidos, imitados e reproduzidos pelos jovens no seu cotidiano. Considerando o espaço escolar como espaço privilegiado para o processo de socialização por vários fatores, como introdutória a realidades diferentes de convivências e aprendizados que se dão fora da família, pois a família enquanto ambiente primário e amplamente marcado pelas relações afetivas muitas das vezes não possibilitam grandes choques e recusas ao processo de construção da identidade do jovem. Como essa escola além de garantir o processo de transmissão dos saberes acumulados pela humanidade contempla o “ser kalunga” não no sentido de que deva haver uma manutenção da identidade kalunga, mas, sobretudo uma afirmação identitária inerente à subjetividade de maneira que permeie todo processo formativo desses alunos, não se limitando aos momentos e eventos do calendário das festividades locais e, por exemplo, a Semana da Consciência Negra.

O projeto propõe assim, estabelecer a partir de dados empíricos relacionar, quais são as principais expressões culturais pertencentes a esse grupo? Por meio de quê as memórias dessa coletividade são transmitidas no interior do grupo, sobretudo como chegam aos jovens. Nesse caso é necessário observar quais as formas utilizadas, se pela oralidade, pelas danças, pelos rituais, pelas festividades, etc. Outro aspecto importante envolve à priori a presença da utilização da escrita enquanto um recurso que contribui para estabelecer relações no registro e difusão dessa memória, pois quando se trata de valores, tradições, ensinamentos e regras de sociabilidade dessa coletividade o grupo de jovens e mais novos são os verdadeiros receptores desse conjunto de elementos culturais que possibilitarão o reconhecimento e posterior apreensão identitária.

Ao passo que esses processos simbólicos e marcados por significados e sentidos coletivos trazem à tona a pergunta: quais os sentidos atribuídos pelos jovens kalungas a essas memórias e tradições? Como esses jovens se veem



enquanto identidades vivas frente às memórias de seu grupo? Para tanto urge saber quem é o jovem kalunga, o que é a cultura kalunga e como se dá a vida escolar desses jovens imersos num contexto de trajetórias que considera como fator fundamental a historicidade do grupo, como também a história de vida desses jovens. Pois dessa investigação compreender-se-á melhor como se dão os processos formativos que culminam com a construção da identidade dos jovens pertencentes a essas comunidades de maneira que reflita sobre qual a contribuição da vivência escolar no registro, difusão e compreensão de tais memórias.

Metodologia e Instrumentação

Esta pesquisa insere-se na metodologia dos estudos qualitativos de tipo etnográfico que privilegiam a história, a memória e, em especial as histórias de vida dos sujeitos como elementos explicativos das descrições e sentidos atribuídos à realidade e condição por eles vividas. Orienta-se pela perspectiva histórico-dialética e relacional fundamentadas em autores da História Oral, Escola de Birmingham e em Bourdieu, por compreender que a construção das formulações teóricas e empíricas na construção do objeto proposto necessitam de uma análise tanto em seu aspecto histórico e antropológico como sociológico no intuito de compreender as condições de vida e perspectivas de futuro dos agentes a serem investigados.

Para o desenvolvimento da pesquisa elegeu-se como base empírica dois grupos de jovens residentes nas comunidades kalungas do Engenho II e Vão do Moleque, localizadas na zona rural do município de Cavalcante e que, portanto esses grupos possuem singularidades relacionadas aos aspectos sociais, culturais, geográficos, históricos e étnicos. Lançará mão dos seguintes procedimentos e instrumentos metodológicos para a sua realização:

- 1) Discussão, ajustes e construção teóricos metodológicos dos objetivos e dos processos de realização da pesquisa.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



- 2) Pesquisa bibliográfica por meio de um levantamento que fará parte das referências bibliográficas, que contemplem as seguintes temáticas: juventude rural, habitus e campo social, identidade, história, memória, história de vida e comunidades kalungas.
- 3) Trabalho de campo, prevendo a realização de momentos de observação e entrevistas às lideranças das comunidades e dois grupos de jovens egressos e evadidos do Ensino Médio.
- 4) Entrevistas com coordenadores e professores das duas Escolas de Ensino Médio localizadas nas respectivas comunidades.

Resultados a serem alcançados

Como o projeto ainda está na fase inicial, onde passa por algumas adequações dos objetivos e seus eixos estruturantes, assim como de definição quanto à bibliografia. Mas apresenta abaixo os resultados que se espera atingir, que são: produção de um artigo científico em 2016 sobre a temática; participação em eventos e seminários relacionados à temática; e produção da dissertação de mestrado. Os resultados/impactos esperados (perspectiva teórico-metodológica), compreender: o processo sócio-histórico-cultural da transmissão da memória de duas comunidades Kalungas; histórias de vidas, condições de vida e perspectivas de futuro dos jovens Kalungas; processos de construção de identidades dos jovens Kalungas; e os sentidos atribuídos dos jovens Kalungas à educação escolar quanto à contribuição dessa instituição na transmissão e preservação das memórias dos povos Kalungas.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A IMPORTÂNCIA DO XADREZ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CAMPUS PORANGATU

232

Aline Almeida Magalhães⁷⁹
alinealmaga@gmail.com

Caérita Caroline Silva de Moraes
caeritacaroline@hotmail.com

Luana Soares Ribeiro
Luana95fmo@hotmail.com

Marcus Vinicius Pereira Dantas
marcusdantaspgtu@gmail.com

Ranielly Pereira Silva
ranielly_star@hotmail.com

Stefanya Siriano e Silva
stefanyasiriano@hotmail.com

Adriana Costa Borges⁸⁰
adriana.borges@ueg.br

Ernesto Flavio Batista Borges Pereira⁸¹
ernesto.pereira@ueg.br

Lucélio Jorge Policar
Lucelio-ueg@hotmail.com

⁷⁹ Discentes de Educação Física - Bolsistas do PIBID - Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Porangatu

⁸⁰ Docente de Educação Física - Colaboradora do PIBID - Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Porangatu

⁸¹ Docente de Educação Física - Coordenador do PIBID - Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Porangatu ⁴ Docente da Escola Municipal - Supervisor do PIBID - Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Porangatu



Resumo

Este estudo tem como objetivo mostrar um breve relato histórico da origem do xadrez, mostrando que este jogo é antigo e foi criado para atender a um pedido de um rei, onde a princípio se jogava de forma diferente do atual que ao longo dos séculos foi sofrendo alterações até chegar o qual conhecemos hoje. E ainda ressaltando a relevância do xadrez no contexto escolar, como uma ferramenta facilitadora no aprendizado da criança, sendo um incentivo a mais para o aluno frequentar a escola. Os benefícios da modalidade dentro do âmbito escolar e para criança são inúmeros, destacando-se o desenvolvimento das habilidades cognitivas, motoras, de socialização, entretenimento, a facilidade para agregar conhecimentos entre outros. O programa PIBID pode proporcionar a integração do xadrez dentro da escola, contribuindo na qualificação dos acadêmicos de licenciatura e possibilitando uma maior vivência e aprendizado, oferecendo uma melhora à educação do País, e ao final deste discorreremos alguns relatos de experiências dos bolsistas envolvidos no projeto.

Palavras Chave: Xadrez, educação, benefícios e PIBID.

Introdução

Ao viajar por relatos históricos sobre o xadrez depara-se com diversas versões a respeito da origem do xadrez, sendo a mais conhecida a que se encontra na região de Ganges na Índia no começo do século VI, mas é importante salientar que existe outras teorias sobre a origem deste jogo.

De acordo com Giusti (2002), o xadrez foi criado pelo indiano chamado Sissa, pela solicitação do rei Kaíde, relata em seus estudos que o xadrez é um jogo bem antigo, pois retrata elementos utilizados na guerra. Para se chegar ao xadrez que conhecemos atualmente, ocorreram diversas transformações ao decorrer dos



séculos, pois ao ser introduzido em cidades e países diferentes, este era modificado de acordo com a cultura local.

O xadrez se destaca dentre os jogos desde a sua origem, sendo denominado como rei dos jogos por possuir características da realeza devido ter elementos da nobreza, como os piões, a rainha e o rei. (SEIRAWAN e SILMAN, 2006)

O xadrez é considerado um jogo que possui traços de guerra onde se pode dominar um esquadrão e o seu adversário outro, neste jogo para se conquistar uma vitória o jogador deve ter técnica e não contar com a sorte, sendo assim o único responsável pelo resultado obtido de êxito ou falha será ele próprio, e por isso o xadrez traz tanto prazer para os praticantes, pois ele pode provar a sua eficiência cognitiva através do jogo. (KING, 2012)

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a importância do xadrez para o âmbito escolar, os benefícios que serão proporcionados aos seus praticantes, o valor do PIBID na formação acadêmica dos licenciados e os relatos de vivências dos bolsistas.

O XADREZ COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O ensino por meio do lúdico terá uma importância muito significativa, e este modelo de instruir deve acompanhar a criança em todas as fases de sua vida. Como por exemplo, ao se jogar xadrez a criança estará se entretendo e ao mesmo tempo trabalhando suas habilidades cognitivas, motoras e sociais. (ALMEIDA, 2003)

No ato do jogar lúdico, os praticantes interiorizam o aprendizado com mais facilidade e satisfação, pois contrastam a informação obtida com a alegria da integração. Essa prática de ensino se aplicada corretamente proporcionará uma melhora na qualidade de educar, tanto no pensamento crítico e ainda proporciona uma redução da evasão escolar, pois se aluno encontrar na escola atividades



extracurriculares, este frequentará regularmente a instituição com prazer e evitando uma prática delinvente que vá contra os princípios da boa conduta cidadã.

(ALMEIDA, 2003)

O jogo proporciona a criança uma aprendizagem para a vida, como traçar metas e ter responsabilidades com tarefas, pois o que irá atrair a criança são os desafios e as dificuldades impostas durante a atividade, que podem ser superadas através de seu esforço e desejo de cumpri-las espontaneamente. (BRENELLI, 2008)

Para Munari, (2010), as atividades praticadas no âmbito escolar como os jogos lúdicos podem trazer inúmeros benefícios para os praticantes e caracteriza este como:

Um exercício precatório, útil ao desenvolvimento físico do organismo. Da mesma maneira que os jogos dos animais constituem um exercício de instintos precisos, como os de combater ou caçar, também a criança que joga desenvolve suas percepções, sua inteligência, suas tendências a experimentação, seus extintos sociais e etc. é pelo fato do jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças, que em todo lugar onde se consegue transformar em jogo a iniciação a leitura, ao calculo, ou a ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações comumente tidas como maçantes. (p. 99).

E esse método é de fundamental importância como ferramenta de ensino, tornando agradável o aprendizado de conteúdos complexo e tediosos, facilitando o trabalho do professor, sendo uma forma de ensinar e atrair a atenção dos alunos para conteúdos importantes. (MUNARI, 2010)

Existem vários estudos que mostram que o xadrez proporciona uma melhora no desenvolvimento intelectual de quem o pratica. Apesar de ser um mero jogo como o futebol, handebol, tênis, onde ambos proporcionam entretenimento e prazer, o xadrez tem um diferencial entre estes demais jogos, pois, possui capacidades de exercitar o cérebro como um todo como os demais não o faz. (DAUVERGNE, 2007)

O xadrez se usado como ferramenta de ensino nas escolas será um grande aliado dos professores para facilitar e melhorar o aprendizado dentro da sala de



aula ocasionando um exercício mental que irá fortificar a capacidade de raciocínio cognitivo. (DAUVERGNE, 2007)

Como afirma Dauvergne, (2007) onde resalta que quanto mais cedo se começa a praticar este jogo, mais cedo se colherá frutos.

236

Como no aprendizado de um idioma ou música, o início precoce pode ajudar a criança a tornar-se proficiente. Porém, qualquer que seja a idade do indivíduo, o xadrez pode aumentar a concentração, a paciência e a perseverança, como também desenvolver a criatividade, a intuição a memória e, mais importante, a habilidade para analisar e deduzir a partir de um de um conjunto de princípios gerais, aprendendo a tomar decisões difíceis e a resolver problemas de maneira flexível. (p.11)

É notório que a prática deste jogo pode vir a aumentar a habilidade da mente infantil com o intuito de ajudá-la diante de situações complexas do mundo contemporâneo. Sendo um método muito interessante, pois será uma forma de ensino por meio de um jogo divertido onde as crianças estarão felizes e aprendendo sem opressão, lhe permitindo abrir e ampliar suas capacidades intelectuais, pensamento e facilitando o aprendizado em áreas escolares, onde o estudante deve ter criatividade e originalidade que são habilidades que estes necessitam para resolver uma tarefa escolar do dia-a-dia que podem ser aprendidas no xadrez. (DAUVERGNE, 2007)

O xadrez possibilita um aumento no nível de inteligência do aluno, por meio do trabalho de algumas habilidades que se desenvolvem ao realizar a prática do xadrez. Lembrando que estas habilidades não são específicas do xadrez, embora sejam componentes do jogo. De acordo com Filguth (2007), as habilidades inerentes a este jogo são: a focalização, visualização, previsão, avaliação de opções, análise concreta, pensamento abstrato, planejamento, trabalho com considerações múltiplas simultâneas.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



O PIBID

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) age vinculado a Secretaria de Educação Superior (SESU/MEC), do Fundo Nacional de Desenvolvimento a Educação (FNDE) e a Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), este programa foi recentemente aprovado como Política de Formação de Professores sob a Lei de nº 12.796. (ROCHA & ZIBETTI, 2014)

O projeto PIBID caracteriza-se por uma ação concreta, com apoio e incentivo de orientadores aos estudantes de licenciatura, o programa visa uma melhor formação, aperfeiçoamento e valorização dos futuros graduados, dando-os uma base aprimorada para que os acadêmicos consigam desenvolver com melhor qualidade o serviço docente vinculado ao professor de sala de aula.

Com a desvalorização atual dos professores dentro da sociedade, o programa Pibid é um progresso na educação brasileira que propõe a melhoria e incentivo aos acadêmicos para atuação nas escolas, este tem o desafio de aproximar os discentes de licenciatura para dentro da sala de aula com o propósito de um contato diretamente maior com os alunos da primeira e segunda fase do ensino fundamental e médio.

Outro ponto importante a se ressaltar do programa é a facilidade que os alunos bolsistas terão para ingressar e se efetivar dentro das escolas, elevando assim a qualidade primitiva da constituição de professores dos cursos de licenciatura através de um projeto que é de fundamental importância para melhora da educação no País. (ROCHA & ZIBETTI, 2014)

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS BOLSISTAS

O PIBID de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás, Campus Porangatu, está realizando o projeto na Escola Municipal Maria José Gonçalves,



com os alunos da primeira fase, aplicando xadrez e a psicomotricidade como ferramenta auxiliando com as aulas práticas e teóricas.

O projeto PIBID abre oportunidades para os acadêmicos, oferecendo uma vivência e que proporciona um contato maior com os alunos, com o ambiente escolar e sua gestão, através deste é possível por em prática os conteúdos aprendidos no curso de Educação Física e trazer novas oportunidades de conhecimentos.

O xadrez é uma ferramenta utilizada pelo projeto, tendo uma grande aceitação pelos alunos e professores da escola, que acolheram e incentivaram no processo de aplicação. Antes da chegada do projeto os alunos da primeira fase da escola não tinham aulas de educação física, depois da chegada deste, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar as aulas práticas orientadas, com atividades lúdicas, com variedade no cotidiano deles.

As aulas ocorrem de segunda-feira a sexta-feira, no período vespertino, onde cada bolsista vai a escola duas vezes por semana cumprindo uma carga horária de seis horas e duas horas de planejamento e pesquisas, com um total de oito horas semanais dedicadas ao projeto.

Após a chegada do projeto na escola, pode-se notar uma melhora no comportamento dos alunos, no aprendizado, capacidade de concentração, de socialização, uma evolução na capacidade de agregar conhecimentos, maior desenvolvimento nas atividades aplicadas em aulas, rendimento em outras disciplinas devido a utilização de atividades interdisciplinares.

Além disso, ocorreu o festival de xadrez, que possibilitou aos alunos vivenciar um pequeno evento da modalidade, onde puderam por em prática o que foi aprendido durante as aulas, tiveram oportunidade de jogar com alunos de outras salas, trocar experiência e aprendizados e fazer novas amizades. O evento teve a presença da imprensa local que divulgou e tornou público o projeto, onde a comunidade e os pais pode perceber a importância e seriedade do projeto dentro da escola.



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Ao final do festival todos os alunos ganharam medalhas de participação, incentivando ainda mais a prática do jogo, pois este proporciona vários benefícios para o praticante, dentre elas uma melhora no raciocínio, concentração, tomada de decisões e ainda ajuda na personalidade e caráter do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, percebe-se a importância de ter uma ferramenta como o xadrez para a melhora e qualidade do aprendizado do aluno, e o valor de um programa como o PIBID que oferece uma proximidade dos acadêmicos com meio escolar, que traz para a escola um diferencial e inovações, contribui ainda para enriquecimento da educação, tanto para um estímulo aos bolsistas ao exercer a profissão do professor, quanto para os alunos que se encontram em situações precárias de ensino.

O xadrez é uma modalidade nova dentro do ambiente escolar e que cada vez mais vêm ganhando um espaço devido seus inúmeros benefícios, e este jogo acarreta interesse pelos professores e alunos, pois é uma modalidade que proporciona bem estar, entretenimento e lazer, e ainda exercita a mente.

O jogo pode proporcionar ao seu participante uma gama de desenvolvimentos das habilidades sócio – cognitivas e utilização desta modalidade como instrumento pedagógico, visa auxiliar a evolução escolar dos envolvidos neste processo. Desta forma, compreende-se que este jogo sem dúvida pode ser praticado por todos sem deixar de lado as crianças menores, visto que o xadrez é um jogo de estratégias e isso contribui muito para a educação e aprendizado do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 11°. Ed. São Paulo - SP, Brasil: Loyola, 2003.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



BRENELLI, Rosely Palermo. **O jogo como espaço para pensar: A construção de noções lógicas e aritméticas.** 8º Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

DAUVERGNE, Peter. **O Caso do Xadrez como Ferramenta para Desenvolver as Mentes de Nossas Crianças.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

FILGUTH, Rubens. **A importância do xadrez.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIUSTI, Paulo. **História ilustrada do xadrez.** São Bernardo do Campo, São Paulo: ciência moderna, 2002.

KING, Daniel. **Aprenda Tudo Sobre Xadrez dos primeiros lances ao cheque mate.** São Paulo: Zastras, 2009.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget / Alberto Munari. Tradução e organização: Daniele Saheb.** Fundação Joaquim Nabuco, Recife – PE: Massangana, 2010.

ROCHA, Josiane Regina Monteiro da & ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. **Programa de Bolsa de Iniciação a Docência: análise sobre uma política de formação de professores.** 1ª Ed. Florianópolis: Pandion, 2014.

SEIRAWAN, Yasser & SILMAN, Jeremy. **Xadrez vitorioso estratégias.** Tradução Denise Regina Sales. Porto Alegre: Artmed, 2006.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE BOTÂNICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CONSTRUÇÃO DE UM JARDIM VERTICAL COM PLANTAS MEDICINAIS

241

Naiany Nogueira de Oliveira

Pós-graduanda do curso de Especialização em Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Biologia (ETAEB) do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás.

Maria Tereza Faria

Professora Titular do curso de Ciências Biológicas- Licenciatura- Faculdade Araguaia; Orientadora do curso de Especialização em Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Biologia (ETAEB) do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás.

Resumo:

O ensino da botânica no Brasil apresenta-se ainda voltado para exposição tradicional dos conteúdos, o que vem a desmotivar e inibir o aprendizado dos alunos. O presente trabalho teve como objetivo construir um jardim didático com plantas medicinais com os alunos do sexto período do ensino fundamental II, avaliando suas contribuições no processo o ensino–aprendizagem no ensino de Botânica. Seguiram-se quatro etapas fundamentais: 1. Aplicação de um questionário para analisar o conhecimento prévio dos alunos sobre plantas medicinais; 2. Foram selecionadas dez espécies de plantas medicinais onde foram trabalhadas durante seis aulas teóricas, nomes científicos corretos, morfologia, princípios ativos e importância para o homem; 3. Realizou-se uma atividade onde os alunos desenharam o corpo humano em cartolina, logo em seguida afixaram as plantas



com o uso de fita adesiva, nos órgãos as quais atuassem terapeuticamente, trabalhando assim a interdisciplinaridade; 4. Finalizando os alunos construíram um jardim vertical no pátio da escola, com garrafas pet com as mesmas plantas trabalhadas em sala de aula, onde se trabalhou: consciência ecológica, sustentabilidade na reutilização de materiais recicláveis. Após a análise e interpretação dos dados, os resultados obtidos confirmaram as conclusões de estudos similares realizados por outros pesquisadores, a confecção do jardim vertical mostrou-se ser uma estratégia de aprendizagem importante para o ensino aprendizagem de Botânica. Além disso, o jardim vertical permitiu aos alunos desenvolver aspectos cognitivos e a personalidade, estreitar laços de amizade e afeição, promovendo a socialização, uma vez que o trabalho em grupo traz motivação e estimula a criatividade.

Palavras-chave: sustentabilidade, estratégias de aprendizagem, ensino de botânica

Introdução

O ensino de Ciências e Biologia na maioria das escolas do Brasil persistem a serem restritos as aulas expositivas tradicionais (COSTA; MARINHO, 2010). Nesse contexto insere-se também o ensino da Botânica, área específica da Biologia, onde as informações são muitas e se tornam cada vez mais complexas com o desenvolvimento científico e tecnológico (MELO *et al.*, 2012).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os estudos botânicos devem abordar a classificação, anatomia e fisiologia comparada, além das interações existentes no ambiente ao redor e as complexas interações estabelecidas ao longo do tempo evolutivo (BRASIL, 2006). A necessidade de se desenvolver saberes práticos importantes para a cidadania também é focada.

Desde a Educação Básica ao Ensino Superior o ensino de Botânica tem preocupado diversos autores, apontando uma necessidade de melhoria nesta área



(BARRADAS; NOGUEIRA, 2000; SENICIATO; CAVASSAN, 2004; KINOSHITA *et al.*, 2006, SILVA *et al.*, 2009; TOWATA *et al.*, 2010; COSTA; MARINHO, 2010).

Observa-se principalmente nas escolas de Educação Básica, a não utilização de metodologias de ensino que façam com que os alunos tenham maior contato com os vegetais e sejam mais participativos em aula, causando assim, uma apatia por parte desses pelo conteúdo de Botânica como para qualquer outro em Ciências (ARRUDA; LABURÚ, 1996; CICILLINI, 2002; CECCANTINI, 2006).

Em convergência, Kinoshita *et al.* (2006) afirmam que um dos fatores que levam a este desinteresse é a má formação de alguns professores, que estão despreparados para atuarem como mediadores do conhecimento e planejar aulas em que os alunos tenham uma participação mais ativa no processo de ensino - aprendizagem. Outras dificuldades é a falta de equipamentos tecnológicos ou a precariedade dos mesmos e a não utilização de locais adequados para realização dessas aulas (CARMO, OLIVEIRA, 2007).

Corroborando, Güllich (2006) relata que alguns professores preocupados em melhorarem o ensino Botânico têm buscado alternativas para minimizar as dificuldades encontradas. A redescoberta e a utilização de metodologias como: aulas de campo em jardins, aulas práticas no laboratório, organização de horta na escola e oficinas de aprendizagem, podem ilustrar experiências bem sucedidas de ensino.

Assim, Silva *et al.* (2006) acordam que para ter sucesso no processo de ensino-aprendizado nesta área o professor tem que explorar conteúdos de forma interessante e instigante, reunir os repertórios de vivências dos alunos e buscar a conscientização para com os bens da natureza.

O contato direto com as plantas pode ser o meio mais eficaz para a construção do conhecimento e sensibilização dos alunos de maneira a proporcionar a religação destes com o ambiente natural (OLIVEIRA *et al.*, 2012). Alguns trabalhos relatam que a utilização de plantas medicinais como recurso didático pode



ser um excelente meio para a compreensão dos conteúdos relacionados à Botânica. Vilholi Júnior (2009, p. 6) argumenta que:

O Ensino de Botânica, quando desenvolvido por meio de atividades que utilizem instrumentos e saberes cotidianos, possibilita uma aprendizagem mais eficaz, pois o contato do aluno com o objeto de estudo de sua realidade o envolve muito mais do que em aulas convencionais em que, geralmente, a ênfase é o conteúdo abordado teoricamente.

244

O mesmo autor comenta que na área de ensino de Botânica pode-se trabalhar a temática ambiental em que se discute a importância da existência das plantas para o homem deixando evidente a necessidade de se fazer a sua preservação e com isso desenvolver junto com os alunos uma conscientização de ações preservadoras do meio ambiente. Além disso, deve-se mostrar também como é a sua influência para a vida natural e como ocorre seu equilíbrio com os elementos da natureza.

Com outra abordagem metodológica para a prática de ensino no âmbito escolar, Costa (2008) *apud* Silva e Marisco (2013) afirma que uma prática educacional envolvendo uma junção entre o saber etnobotânico com o saber científico na formação escolar, pode encurtar o distanciamento dos conhecimentos populares e científicos, e com isso dar qualidade ao ensino visando uma aprendizagem significativa.

Essa lógica também é considerada por Kovalski & Obara (2013, p. 914) que afirmam:

Ao trabalhar com a temática plantas medicinais na escola, é importante estabelecer a associação entre os diferentes saberes que fazem parte deste conteúdo, pois acreditamos que é pelo diálogo entre as diferentes formas de conhecimento que se pode chegar a uma aprendizagem significativa sobre o tema.

O conteúdo trabalhado nas perspectivas apontadas pelos autores exige do docente uma compreensão mais significativa do assunto e para isso ele deve utilizar



diversas fontes de pesquisas para ampliar o seu conhecimento e buscar fazer uma transposição didática. Para que isso seja alcançada é preciso à utilização também de recursos pedagógicos adequados, conforme Neta *et. al.* (2012, p. 02):

245

Os materiais didáticos são ferramentas fundamentais para os processos de ensino e aprendizagem. O jogo didático caracteriza-se como uma importante e viável alternativa para auxiliar em tais processos, por favorecer a construção do conhecimento ao aluno, que quando recebe a proposta de aprender de uma forma mais interativa e divertida, torna-se mais entusiasmado, resultando em um aprendizado significativo.

A alternativa comentada pela autora é relevante, pois, com essa metodologia com a utilização de materiais didáticos diversificados, pode haver uma interação do conteúdo teórico com o prático fazendo com o conhecimento se torne mais dinâmico, aumentando com isso a participação e interesse dos alunos. Além disso, Figueiredo (2009) sugere como métodos de ensino da área de Botânica, o desenvolvimento de seminários que discutem assuntos atuais relacionados a esta área que vão além do conteúdo curricular para favorecer o aprendizado do aluno.

No que se referem ao contexto teórico do ensino das plantas medicinais Soares (2009) propõe que ao trabalhar a temática sobre as plantas medicinais, o professor deve sempre esclarecer quanto a sua importância socioeconômica e a sua efetividade no tratamento de doenças em comparação com muitos medicamentos com a mesma finalidade farmacêutica. Além disso, deve ser enfatizado que as plantas medicinais possuem efeitos distintos como comenta Souza (2013, p. 13):

As plantas consideradas medicinais são aquelas cujos metabólitos secundários, que são substâncias de defesa e adaptação ao meio, expressam efeitos em organismos animais e de outros vegetais. Podem ser benéficas ou expressar toxicidade.

Conforme a autora, o docente deve destacar no decorrer de sua prática de ensino informações importantes e precisas sobre as plantas medicinais ou qualquer



outra temática da área do estudo dos vegetais para que o aluno compreenda o conhecimento que está sendo apresentado.

A constituição da qualidade do ensino realizada pelo docente está relacionada com os procedimentos metodológicos que ele utiliza na sua práxis didática e está é interligado com a sua formação profissional que é muito mais ampla como comenta Cruz *et al.* (2013, p. 02) que:

A atualização dos professores está sujeita, muitas vezes, a geração entre pesquisadores e professores, o que ocorre por meio de cursos de atualização, sendo que esses dependem do interesse das escolas e do oferecimento das informações pelas instituições de pesquisa”. Contudo, é preciso também que o docente também tenha o interesse de se atualizar e aprimorar as suas práticas de ensino visando à formação escolar do aluno.

Nessa perspectiva referente à formação do aluno Oliveira *et al.* (2007, p. 480) discorrem que:

Os alunos só se transformam em pesquisadores em um contato bem planejado com a natureza, de forma a perceber que ela não é apenas mais um tema ou capítulo do livro didático. O aluno deve ser levado a se enxergar desde cedo como parte do meio ambiente. Muitas vezes, conteúdos fragmentados são vistos sem que sejam feitas as devidas conexões, levando em conta somente a sequência do livro didático.

Portanto, o docente deve romper com o tradicionalismo educacional e buscar formas de ensinar que induza ao aluno a pesquisar e a desenvolver sua criticidade e criatividade.

Depois do exposto, fica claro a necessidade de se buscar novas alternativas para melhor o ensino de Botânica. Com esta perspectiva, este trabalho teve como objetivo construir um jardim vertical com plantas medicinais e perceber as contribuições desta estratégia didática para o ensino–aprendizagem no ensino de Botânica no ensino fundamental, além disso, mostrar que os conteúdos de Botânica podem sim ser aprendidos de forma significativa quando realizados fora do ambiente de sala de aula, promovendo a motivação e a participação dos alunos através da construção do conhecimento de maneira contextualizada e divertida.



Material e Métodos

Este trabalho foi realizado entre os meses fevereiro e março com 17 alunos de ambos os sexos, com idade entre 11 e 12 anos do ensino fundamental do 6º ano “A” da Escola Estadual Dona Gercina Borges Teixeira da cidade de Porangatu-Goiás. Pois nesta série são trabalhados assuntos referentes ao reino vegetal.

Inicialmente foi aplicado um questionário (ANEXO III) para analisar o conhecimento prévio dos alunos sobre plantas medicinais. Neste questionário encontra-se 10 perguntas referentes às plantas medicinais, analisando, quais conhecem, qual a importância, e o interesse por essas plantas (Anexo I). Após, aplicação do questionário, foram selecionadas 10 espécies de plantas medicinais (Erva cidreira-*Melissa officinalis* L.; Hortelã Gordo- *Coleus amboinicus* Lour.; Hortelãzinha- *Mentha spicata* L.; Alecrim- *Rosmarinus officinalis* L.; Arruda-*Ruta graveolens* L.; Boldo-*Plectranthus barbatus* Andr.; Acafrão-*Crocus sativus* L.; Mastruz- *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants), onde foram trabalhadas durante seis aulas teóricas, expondo através de apresentação de slides, os nomes científicos corretos, a morfologia, os princípios ativos, além da sua importância para o homem (Fig. 1. 1-2).

Em seguida realizou-se uma atividade onde os alunos desenharam o corpo humano em cartolina, posteriormente receberam a orientação para colagem das plantas com o uso de fita adesiva, nos órgãos as quais atuassem terapeuticamente, fomentando assim aulas mais contextualizadas e interdisciplinares no ensino fundamental (Fig.1. 3-4).

Optou-se por trabalhar a teoria antes da atividade prática por entender que é necessário um embasamento teórico para melhor compreensão sobre os assuntos que seriam vistos na prática, valorizando as vivências dos alunos. Após as aulas outro questionário foi aplicado para comparação das informações prévias e adquiridas com as atividades.

**INTERCULTURALIDADE:
FORMAÇÃO EM DEBATE**

Finalizando as atividades os alunos construíram um jardim vertical no pátio da escola, com garrafas pet com as mesmas plantas medicinais trabalhadas em sala de aula, onde foram trabalhados: consciência ecológica, sustentabilidade na reutilização de materiais recicláveis, além de desenvolvendo nos alunos o gosto pelo ambiente escolar, através da criação de espaços agradáveis, e devidamente sustentáveis (Fig. 1. 5-6; Fig. 2. 1-4).



Figura 1. Etapas do desenvolvimento e conclusão da construção do jardim didático (1-6). Fotos: Oliveira, N.N.



Resultados

Durante as aulas observou-se que o interesse dos alunos foi grande, pois houve muitos questionamentos e comentários, agregando mais valor às atividades propostas. A maioria dos alunos trouxe de seu cotidiano suas experiências, por exemplo, “*Eu já bebi chá desse matinho*”, ou “*Minha mãe me deu um chá para sarar a garganta*”.

Comparando o pré e o pós-questionário analisou-se que os alunos compreenderam grande parte das temáticas apresentadas: plantas medicinais e sustentabilidade. Também ficou explícito que o conhecimento adquirido não ficou apenas com eles, mas que comentaram com os familiares sobre o que aprenderam sobre as plantas, demonstrando assim o porquê de se trabalhar de maneira diferenciada botânica dentro das escolas.

Todos os participantes afirmaram residir em Zona Urbana, onde apenas quatro dos entrevistados já tinha escutado falar sobre plantas medicinais e 13 nunca tinha ouvido falar. Durante o levantamento cinco alunos confirmaram ter em suas residências plantas medicinal, seis disseram que nunca tinham utilizados essas plantas com fins terapêuticos, em contra partida onze afirmaram o uso dessas plantas como esse proposito. Diante dos dados obtidos percebe-se que as maiores partes dos alunos mesmo não conhecendo as plantas medicinais fazem o uso, pois seus responsáveis utilizam para a cura de enfermidades, entretanto os mesmos não os informam o porquê do uso e finalidade.

Outro dado importante apontado na pesquisa refere-se o motivo pelo qual o aluno optou pelo uso da planta: dois afirmaram não possuir condições financeiras, três que a farmácia seria longe de sua residência, e três disseram que o remédio natural fazia menos mal a saúde e os demais optaram por outros motivos, no entanto, todos afirmaram a importância de se saber sobre as plantas medicinais.

Os resultados obtidos através de gravação demonstrou um trabalho satisfatório onde alunos puderam criar seu próprio depoimento como:

**INTERCULTURALIDADE:
FORMAÇÃO EM DEBATE**

Aluno A: “[...] O projeto de plantas medicinais foi muito bom para mim porque antes de fazer esse projeto eu não sabia o que eram plantas medicinais e não sabia nem plantar, aí nos veio para escola a professora ensinou a gente a plantar as plantas e ensinou quais são as plantas medicinais isso eu aprendi com as plantas medicinais, exemplo a hortelãzinha que eu não sabia, o hortelã gordo.”

Aluno B: “[...] Quando eu tive a aula da tia Naiany aprendi muito sobre as plantas medicinais tinha algumas plantas que eu não usava e agora eu uso, gostei muito do projeto”.



Aluno C: “[...] Eu aprendi que no projeto é bom porque pode ajudar com as plantas e cada planta tem um princípio ativo, aí cada planta pode ajudar, eu conhecia só algumas, não conhecia todas”.



Figura 2. Montagem do jardim didático com plantas medicinais no pátio da Escola Estadual Dona Gercina Borges Teixeira da cidade de Porangatu-Goiás, com os alunos do sexto ano fundamental. Fotos: Oliveira, N.N.

Discussão

De acordo com Cruz *et al.* (2009) na maioria das escolas do Brasil o ensino de Ciências e Biologia permanecem restritos as aulas expositivas tradicionais e que apesar dos esforços realizados no sentido de mudar essa situação, ainda estamos longe de alcançar os resultados esperados.

Corroborando Sobrinho (2009) afirma que o modelo tradicional de ensino é ainda amplamente utilizado por muitos educadores nas escolas, principalmente no que se refere ao ensino de Ciências e Biologia, apesar dos avanços nas propostas curriculares, ainda requer soluções de vários problemas nas relações ensino-aprendizagem nas escolas.

Muitas são as áreas de conhecimento dentro das Ciências da Natureza/Biologia, sendo a botânica uma das áreas mais prejudicadas no que se refere o ensino. Que de acordo Menezes *et al.* (2008), atualmente, é marcado por diversos problemas, destacando-se a falta de interesse não só dos alunos, mas também dos professores (AMARAL, 2003; BRAGA, 2006; OLIVEIRA, 2007; MENEZES *et al.*, 2008; BITENCOURT, 2009; SANTOS, 2010; DOURADO, 2010; BRANDÃO, 2011; ROCHA, 2011; FARIA, 2012; BITENCOURT, 2013).

Strohschoen (2013) mostra preocupação quando afirma que esta realidade precisa ser modificada tendo em vista que a área da botânica é de extrema importância para a compreensão de processos que garantem a manutenção da vida no planeta. O mesmo autor discute que modo como às aulas de botânica são ministradas não possibilita o desenvolvimento de uma aprendizagem efetivo dos conteúdos escolares, tornando a aula desinteressante e “cansativa”. Além disso, esse tipo de atividade pedagógica facilita a utilização, pelos alunos, de “práticas



decorativas” e ineficientes de absorção passiva dos conteúdos (COSTA; MARINHO, 2009).

Alguns trabalhos relatam que a utilização de plantas medicinais como recurso didático pode ser um excelente meio para a compreensão dos conteúdos relacionados à Botânica (ZANDONATO, 2007; RODRIGUES *et al.* 2008; CRUZ *et al.* 2009; NETA *et al.*, 2010; SOUZA; KINDEL, 2014).

Atualmente, são muitos os espaços sociais de educação, tanto dentro da escola, como fora dela. Candau (2000), coloca que existem diversos meios em que ocorrem a produção da informação e do conhecimento, a criação e o reconhecimento de identidades e de práticas culturais e sociais. Krasilchik (2008) comenta que não serão atingidos todos os objetivos de ensino se não forem também incluídas atividades fora da sala de aula, trazendo o aluno em contato direto com outros ambientes, pois quanto mais as experiências educativas assemelharem-se às futuras situações em que os alunos poderão aplicar seus conhecimentos, mais fácil se tornará a transferência do aprendizado.

Ainda neste contexto Araújo *et al.* (2012), consideram a aprendizagem como um processo que supõe considerar espaços para além das salas de aulas, ou seja, utilizar diferentes ambientes de ensino e suas respectivas estratégias, de forma a possibilitar aos educandos uma visão multidisciplinar do conteúdo tratado.

No que diz respeito aos conteúdos de botânica o importante é vencer a barreira através do estabelecimento de vínculos entre o objeto de ensino com o cotidiano é o primeiro passo para encorajar os estudantes a construir novos conhecimentos que poderão ser úteis em sua vida como cidadãos, já que esses vínculos justificarão a utilização do conteúdo ministrado em sala pelos estudantes (CENPEC, LITTERIS, 2001).

Aulas práticas que associem o conteúdo da botânica ministrado em sala com o cotidiano dos alunos pode apresentar certas dificuldades, mas a utilização de práticas dentro do conteúdo da botânica é de extrema importância, pois se ocorre dificuldade por parte dos professores em passar esse conteúdo devido à



insegurança, muito maior será a dificuldade dos alunos em aprender esse conteúdo sem nenhuma associação com o dia-a-dia (OLIVEIRA, 2012).

Os jardins, de uma maneira geral, representam um espaço de lazer e prazer. Através deste espaço, é possível experimentar sensações diferentes e entrar em contato com a natureza em sua mais exuberante expressão. O jardim didático difere dos jardins comuns em sua proposta, ele deixa de ser apenas uma área de lazer para se tornar, além disso, uma ferramenta de ensino (BORGES; PAIVA, 2009).

Alguns autores observaram em seus trabalhos que o jardim didático pode ser utilizado como um fator de associação com o dia-a-dia e como uma forma de visualização real das características morfológicas das espécies botânicas e de sua importância para o homem, tornando-o uma verdadeira ferramenta didática: Tertulino & Rodrigues (2010) enfatizam que a utilização do jardim didático apresenta-se como uma ótima ferramenta didática para os alunos, pois ela vislumbrará o melhor aproveitamento do conteúdo da botânica.

Corroborando Oliveira *et al.* (2012), o jardim didático é uma importante ferramenta pedagógica pois permite uma maior motivação por parte dos docentes e discentes, como também pela possibilidade de entendimento e utilização de exemplos vivenciados no dia a dia.

Para Antunes *et al.* (2013) espaços não formais como o jardim didático, podem ser utilizados como complementação do ensino de botânica e promovem uma troca de saberes entre o senso comum e o conhecimento científico.

Dutra & Güllich, (2014) afirmam em sua pesquisa, que o jardim didático é um recurso metodológico que auxilia no processo de ensino-aprendizagem, e que pode abordar diferentes assuntos de uma maneira lúdica e espontânea.

Conclusão

No que diz respeito ao uso do Jardim como ferramenta didática afirmou que pode ser considerado uma forma de ensino não formal por ser uma atividade



organizada fora do sistema regular de ensino (sala de aula). As atividades práticas contribuíram significativamente para o ensino aprendizagem em botânica. O jardim didático revelou ser uma maneira de resolver a insignificância da disciplina de Botânica, pois as aulas tornaram-se mais atrativas motivando os alunos na ampliação do conhecimento requerido nos currículos do ensino dos vegetais.

Vale ressaltar que a apatia dos alunos pelo estudo dos vegetais, foi minimizada, com isso a união das aulas teóricas e práticas despertou um maior interesse através da análise e observação, em material concreto e vivo, obtendo um contato direto com a natureza, além do aprendizado de reaproveitamento de garrafas PET, que deixam de ser rejeitados em locais inadequados e adquiriram a responsabilidade social em relação ao meio ambiente.

No decorrer da realização do projeto foi possível evidenciar algumas considerações que permitiram resgatar a utilização das plantas medicinais para minimizar os problemas de saúde, que há tempos estão deixando de fazer parte do cotidiano popular, verificando a importância do cultivo das plantas medicinais para o ser humano e em relação à biodiversidade existente na comunidade vegetal.

A proposta pedagógica tem como finalidade a participação ativa do aluno, na combinação às atividades de acordo com os níveis de desenvolvimento cognitivo dos educandos e na inserção da vivência cotidiana nas aulas. Contudo, os projetos de ensino rompem a regra, ao mobilizar a investigação de conflitos e situações do dia-a-dia, e podem fortalecer o aprendizado escolar contribuindo na formação do indivíduo.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Referências Bibliográficas

AMARAL, R. A. *Problemas e limitações enfrentadas pelo corpo docente do ensino médio, da área de biologia, com relação ao ensino de botânica em Jequié – BA.* UESB/Jequié, 2003 (monografia de graduação).

ANTUNES, S.B.; PEIXOTO, A. C.R. PERNAS, J.W.; T.G.S. DA; MENEZES, F.G.P. DE. P. MARTINS, J.A.B.; PATREZE, C.M. *O ensino da botânica na prática: visitas guiadas no jardim didático e evolutivo da UNIRIO.* Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, junho. V. 1, n. 01, 75 – 98, 2013.

ARAÚJO, J. N., GIL, A. X., GHEDIN, E., SILVA, M. F. V. *O uso de espaços não formais para a aprendizagem de botânica na licenciatura em ciências biológicas.* 2º SIMPÓSIO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA VII SEMINÁRIO DE ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA, 2012.

ARRUDA, S. M.; LABRÚ, C. E. *Considerações sobre a função do experimento no ensino de Ciências.* Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática, v. 5, p. 14-24, 1996.

BARRADAS, M. M.; NOGUEIRA, E. *Trajetória da Sociedade Botânica do Brasil em 50 anos.* Resgate da memória dos seus congressos. Brasília: Sociedade Botânica do Brasil, p. 167, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais.* Brasília: MEC/SEF, p. 136, 2006.

BRANDÃO, G. S. *O conteúdo teórico de botânica nas séries iniciais do ensino fundamental i: uma análise dos livros didáticos de ciências.* (monografia de graduação). UESB/Jequié, 2011

BRAGA, T. M. *O conhecimento de alunos do ensino médio sobre a flor.* UESB/Jequié, 2006 (monografia de graduação).

BITENCOURT; I. M. *A botânica no ensino médio: análise de uma proposta didática baseada na abordagem CTS.* 2013. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2013.

BORGES, T. A; PAIVA, S. R. de – *Utilização do jardim sensorial como recurso didático.* Revista Metáfora Educacional – versão on-line. n.7; dez./2009.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



CANDAU, V.M. *A didática hoje: uma agenda de trabalho*. In: CANDAU, V. M. et al. *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: D.P& A, 2000.

CARMO-OLIVEIRA, R. *Iniciativas para o Aprimoramento do Ensino de Botânica*. In: BARBOSA, L. M.; JUNIOR, N. A. S. (Org.). *A Botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais*. 58º Congresso Nacional de Botânica. Anais São Paulo: Sociedade Botânica do Brasil, p. 677, 2007.

CECCANTINI, G. *Os tecidos vegetais têm três dimensões*. *Revista Brasileira de Botânica*, v.29, p. 335 - 337,2006.

CENPEC e LITTERIS. *O Jovem, a Escola e o Saber: uma preocupação social no Brasil*. In: CHARLOT, B. (org.) *Os Jovens e o Saber*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CICILLINI, G. A. *Conhecimento Científico e Conhecimento Escolar: aproximações e distanciamentos*. In: CICILLINI, G. A.; NOGUEIRA, S. V. (Org.) *Educação Escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas*. Uberlândia: Edefu, 2002, p. 37- 84.

COSTA, J. D. DA.; MARINHO, M. G. V. *Utilização de Plantas Medicinais como Recurso didático para o Ensino de Ciências e Biologia*. IV encontro de a docência da UFRCG, Disponível: www.editorarealize.com.br/.../Poster_idinscrito_682_e87b21e8fae9864d. Acesso: 24. Nov. 2015.

CRUZ, L. P.; FURLAN, M. R.; JOAQUIM, W. M. *O Estudo de Plantas Medicinais no Ensino Fundamental: Uma Possibilidade Para o Ensino da Botânica*. 2009. VII Enpec - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis-SC: 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/vii/enpec/pdfs/270.pdf> Acesso em: 05 de Nov. de 2014.

DOURADO, A. C. P. *Percepções dos alunos do ensino básico sobre O que é caatinga*. UESB/Jequié, 2010 (monografia de graduação).

DUTRA, A. P.; GÜLLICH, R. I. C. *A Botânica e suas metodologias de ensino*. 2014. www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads. Acesso 21 de junho de 2015.

FIGUEIREDO, J. A. *O Ensino De Botânica Em Uma Abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade*. 2009. Dissertação de Mestrado (Ensino de Ciências e Matemática). Pontífca Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG, 2009. Disponível em:



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



<http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/EnCiMat_FigueiredoJA_1.pdf> Acesso em: 08 de Nov. de 2014.

GÜLLICH, R. I. C. As práticas de ensino de Botânica e a SBB. In: MARIATH, J. E.; SANTOS, R.P. (Org.). *Os avanços da Botânica no início do século XXI: morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética: Conferências Plenárias e Simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica*. Anais... Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, p. 756, 2006.

KINOSHITA, L. S.; TORRES, R.B.; TAMASHIRO, J.Y., FORNI-MARTINS, E.R. *A Botânica no Ensino Básico: Relatos de uma experiência transformadora*. RiMa, São Carlos, p. 162. 2006.

KOVALSKI, M. L.; OBARA, A. T. *O Estudo da Etnobotânica das Plantas Medicinas na Escola*. Universidade Estadual de Maringá (UEM), Revista Ciências Educacionais, vol. 19, nº 4. Bauru-SP: 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-3132013000400009&script=sci_arttext> Acesso em: 07 de Nov. de 2014

KRASILCHIK, M. *Prática de Ensino de Biologia*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 194, 2008.

MELO, A.; ABREU, F.F.; ANDRADE, A.B.; ARAÚJO, M.I.O. *A aprendizagem de botânica no ensino fundamental: dificuldades e desafios*. Scientia Plena, v. 8, n. 10, 2012.

MENEZES, L. C. de; SOUZA, V. C. de; NICOMEDES, M. P.; SILVA, N. A. da; QUIRINO, M. R.; OLIVEIRA, A. G. de; ANDRADE, R. R. D. de; SANTOS, B. A. C. dos. *Iniciativas para o aprendizado de botânica no ensino médio*. Anais do XI Encontro de Iniciação à Docência, João Pessoa. Anais do XI Encontro de Iniciação à Docência, 2008. UFPB. 2008.

NETA, M. et. Al.; *Estratégia Didática Para o Ensino de Botânica Utilizando Plantas da Medicina Popular*. 2012. V Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação. Maceió-AL: 2012. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNepI2010/paper/view/1350/896>> Acesso em: 12 de Dez de 2014.

OLIVEIRA, A. L. DE.; OBARA, A. T.; RODRIGUES, M. A. *Educação Ambiental: Concepções e Práticas de Professores de Ciências do Ensino Fundamental*. 2012. Revista Eletrônica de Ensino de Las Ciencias vol. 6, nº 3. Universidade de Maringá, Maringá-PR: 2007. Disponível em:



<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ciencias/Dissertacoes/132.pdf> Acesso em: 11 de Dez de 2014.

OLIVEIRA, S. A. *A formação do professor de biologia e o conteúdo de Botânica ensinado nas escolas de Jequié*. (monografia de graduação). UESB/Jequié, 2007.

RAWITSCHER, F. *Observações gerais do ensino de botânica*. Separata do Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934-1935), p. 65-72, 1937.

ROCHA, E. B. *Dificuldades encontradas pelos discentes do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino do município de Jequié-BA em aprender botânica*. (monografia de graduação). UESB/Jequié, 2011

SANTOS, S. P.; RODRIGUES, F. F. dos S; PEREIRA, B. B. *O ensino de botânica e as práticas escolares: diálogos com a educação de jovens e adultos*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO NUPEPE, 2, 2010, Uberlândia, MG. Anais. Uberlândia, 21 e 22 de maio de p. 400-411, 2010.

SENCIATO, T.; CAVASSAN, O. *Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências – Um estudo com alunos do ensino fundamental*. Ciência e educação (UNESP), Bauru, vol.10, n. 1, p.133-147, 2004.

SILVA, L. M.; ALQUINI, Y.; CAVALLET, V. J. *O professor, o aluno e o conteúdo no Ensino de Botânica*. Educação, Santa Maria, vol. 3, n.1, p. 3167– 80, 2006.

SILVA, P G. P; CAVASSAN, O.; SENICIATO, T. Os ambientes naturais e a didática das Ciências Biológicas. In: Caldeira, A. M. A.; Nabuco, E. S. N. (org). *Introdução à didática*. São Paulo: Escrituras, p. 289-303, 2009.

SILVA, T. S. S.; MARISCO, G. *Conhecimento Etnobotânico dos Alunos de Uma Escola Pública no Município de Vitória da Conquista/BA Sobre Plantas Mediciniais*. 2013. BioFar – Revista de Biologia e Farmácia, vol. 09. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Departamento de Ciências Naturais, Vitória da Conquista- BA: 2013. Disponível em: <<http://sites.uepb.edu.br/biofar/download/v9n32013/conhecimento%20etnobot%3%82nico%20dos%20alunos%20de%20uma%20escola%20p%3%9ablica%20no%20mun%3%8dcipio%20de%20vit%3%93ria%20da%20conquistaba%20sobre%20planta%20medicinas.pdf>> Acesso em: 08 de Dez. de 2014.

SOARES, M. A. A. *Levantamento Etnobotânico das Plantas Mediciniais Utilizadas Pela População do Município de Gurinhém-Paraíba*. 2009. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Revista Homem, Espaço e Tempo. João Pessoa-PB: 2009. Disponível em:



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



<http://www.uvanet.br/rhet/artigos_setembro_2009/plantas_medicinais.pdf> Acesso em: 06 de Dez. de 2014.

SOBRINHO, S.R de. *A importância do ensino da Biologia para o cotidiano*. 2009. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Biologia) – Núcleo de Educação a distância, Faculdade Integrada da Grande Fortaleza, Fortaleza, 2009. Disponível em:

<http://www.nead.fgf.edu.br/novo/material/monografias_biologia/RAIMUNDO_DE_SOUSA_SOBRINHO.pdf>. Acesso em: 01 Agosto. 2015.

SOUSA, B. M. N. C. *Percepção de Crianças Sobre Plantas Medicinais em Ambiente Escolar de Educação Infantil e Ensino Fundamental em Florianópolis, SC*. 2013. Relatório de Estágio (Graduação em Agronomia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC: 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117143/Bruna%20Maria%20Nocetti%20Costa%20Sousa.pdf?sequence=1>> Acesso em: 05 de Dez. de 2014.

SOUZA, C.L. P. de; KINDEL, E. A. I. *Compartilhando ações e práticas significativas para o ensino de Botânica na educação básica*. Experiências em Ensino de Ciências, v.9, n.3, 2014.

STROHSCHOEN, A. A. G. *Construindo práticas educativas no ensino superior: roteiros de atividades experimentais e investigativas* / Andreia Aparecida Guimarães Trohschoen, Luana Carla Salvi (Orgs.) - Lajeado: Ed. da Univates, 2013.

TERTULINO, L.; RODRIGUES, N. *Implantação de um jardim didático como ferramenta educacional para turmas do ensino regular e proeja do IFRN, Campus Zona Norte*. Congressos. Disponível em: <ifal.edu.br/index.php/connepi/connepi2010/paper/.../447>. Acesso em: 2010.

TOWATA, N.; URSI, S.; SANTOS, D. Y. A. C. *Análise da percepção dos licenciados sobre o 'ensino de botânica na educação básica'*. Revista da SBenBio, vol. 03, p.1603-1612, 2010.

VILHOLI JÚNIOR, A. J. *Contribuições dos Saberes Sobre Plantas Medicinais Para o Ensino de Botânica na Escola da Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio, Jaraguari, MS*. 2009. Ensino de Ciências (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS: 2009. Disponível em: <http://www.ppec.ufms.br/Dissertacoes/Dissertacao_Airton_Jose_Vinholi_Junior.pdf> Acesso em 12 de Nov. de 2014.

ZANDONATO, J. A. F. *Ervas medicinais*. Instituto BioMa, Sandovalina, 2007



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



REFLEXÕES ACERCA DAS NOVAS PROPOSTAS CURRICULARES PARA O CURSO DE LETRAS - CÂMPUS PORANGATU DA UEG: AS ALTERAÇÕES CURRICULARES E AS DEMANDAS EDUCACIONAIS DO NORTE GOIANO

260

FERREIRA, Cristiano Alves⁸²

RESUMO:

O estudo tem como proposta compreender como tem se dado a formação do docente para o ensino de língua portuguesa e literatura no norte de Goiás sob o recorte acadêmico da Universidade Estadual de Goiás, no seu Campus Porangatu na observância da matriz em execução, regionalizando a área norte do estado de Goiás. Após as mudanças educacionais ocorridas nos anos 1990, e entre estas os objetivos dos cursos de licenciatura no Brasil fixaram-se em formar profissionais que apresentem habilidades e competências técnicas e pedagógicas para conduzir os processos de ensino e aprendizagem e para se adequar às mudanças e aos desafios que ocorrem no âmbito social e profissional, nas salas de aula das escolas brasileiras. Em síntese, de acordo com documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC) brasileiro (BRASIL, 2001, 2002a, 2002b), que orientam e normatizam os cursos de formação de professores, as diretrizes e as propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura das IES brasileiras devem estar em sintonia com as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN-EF) e Orientações Curriculares Nacionais (OCN). Assim como a LDB 9394/96, que instituiu mudanças fundamentais no trabalho de formação de docentes, outras regulamentações, diretrizes, parâmetros e normativas oriundas posteriormente à

⁸² Docente do Ensino Superior - Área de Didática e Práticas de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura - UEG Campus Porangatu. Mestre em Literatura e Crítica Literária - PUC-GO. cristiano.alves@ueg.br.



LDB ordenaram alterações no quadro de formação dos licenciados, principalmente no ensino da língua materna, das quais podemos citar a indicação da universidade como espaço privilegiado para essa formação. Analisar o currículo e seus condicionamentos torna-se nosso objeto de estudo, para tal análise, selecionamos, como aporte teórico, pesquisas acerca do interacionismo na linguagem (BAKHTIN, 1999, 2003), do processo de formação inicial de professores de língua portuguesa (SAMPAIO; FREITAS; SOUZA, 2010; SOUZA et al., 2010; SOUZA, 2009), como também em análise e estudos sobre produção e ensino de textos e discursos acadêmicos (SOUZA et al., 2010; SOUZA; BESSA, 2011) além de ensino de língua materna e estrangeira (ANTUNES, 2003; BUNZEN; MENDONÇA, 2006; GERALDI, 2003; ROJO, 2000; TRAVAGLIA, 2003) e outros. No traçar do levantamento bibliográfico, primou-se constituir um levantamento e coleta de dados referentes às pesquisas que atentaram sobre a Formação de Professores para o Ensino de Língua Portuguesa e Literatura como objeto de pesquisa, para embasar e especificar a presente pesquisa. Sequencialmente, ateu-se sobre as especificidades do Curso de Letras dentro dos cursos de licenciaturas, estabelecendo suas difusões e principais características. Por fim, a pesquisa primou sobre a análise dos programas e das disciplinas específicas do Curso de Licenciatura Plena em Letras do Campus Porangatu da UEG, no intuito de fomentar discussões acerca dos saberes considerados necessários para a formação docente do educador em Língua Portuguesa e Literatura.

Palavras-chave: Educação. Didática, Prática de Ensino e Estágio. Processo de Formação Docente. Práticas Formativas. Letras.



1 NO LIMIAR DE UMA MUDANÇA CURRICULAR PARA OS CURSOS DE LETRAS DA UEG

O estudo tem como intuito compreender como se tem ordenado a formação do docente para o ensino de língua portuguesa e literatura no norte de Goiás sob o recorte acadêmico da Universidade Estadual de Goiás, no seu Campus da UEG de Porangatu, regionalizando a área norte do estado de Goiás após as mudanças educacionais ocorridas nos anos 1990.

Entre os objetivos dos cursos de licenciatura no Brasil, está o de formar profissionais que apresentem habilidades e competências técnicas e pedagógicas para conduzir os processos de ensino e aprendizagem e para se adequar às mudanças e aos desafios que ocorrem no âmbito social e profissional, nas salas de aula das escolas brasileiras. Em geral, a maioria dos documentos pedagógicos pós 90 defendem que o ensino de língua portuguesa seja baseado no trabalho com o texto, em detrimento do ensino baseado na decodificação de regras da gramática normativa. Segundo os PCNs de língua portuguesa (BRASIL, 1998, p. 59) do ensino fundamental, “as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente”.

Dessa forma, o ensino de língua portuguesa deve partir do texto como caminho para aperfeiçoar as habilidades e competências necessárias ao estudante, bem como constituir-se em um meio de instigar o aluno à produção do pensamento crítico, reflexivo, e, sobretudo, prepará-lo para atuar no seio social do qual faz parte. O desafio, segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 137), está em “antever a disciplina, no eixo interdisciplinar: o estudo da língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na sociedade”. Ainda nesse mesmo raciocínio, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN-EM) propõem “que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas do uso da linguagem [...], ampliando suas possibilidades de participação social” (BRASIL, 2000, p. 32).

Assim como a LDB 9394/96, que instituiu mudanças fundamentais no trabalho de formação de docentes, outras regulamentações, diretrizes, parâmetros e normativas oriundas posteriormente à LDB ordenaram alterações no quadro de formação dos licenciados, principalmente no ensino da língua materna, das quais podemos citar a indicação da universidade como espaço privilegiado para essa formação.

Nestas perspectivas teóricas deve-se contemplar o surgimento e as transformações ocorridas nas Universidades ou IES que já dispunham ou nasciam os Cursos de Letras no país. Em específico de nosso estudo, a UEG ainda não existia como Instituição, pois foi criada por força da Lei n. 13.456, de 16 de abril de 1999, transformando em Universidade Estadual de Goiás - UEG algumas Faculdades isoladas do Estado. Essa lei previu ainda a incorporação das autarquias estaduais de ensino superior à estrutura da instituição então criada.

Organizada como uma Universidade *multicampi*, sua sede central se encontra em Anápolis e é resultado do processo de transformação da antiga Universidade Estadual de Anápolis e da incorporação de outras 13 Instituições de Ensino Superior isoladas, mantidas pelo poder público.

O *Campus* Porangatu da Universidade Estadual de Goiás situa-se ao norte de Goiás, a uma distância de 420 km da capital do estado, com uma população estimada de 45 mil habitantes, considerada economicamente cidade pólo em sua região, devido sua localização favorecer o atendimento regional na formação de sua região, e na formação de profissionais de pelo menos 14 municípios circunvizinhos.

A historiografia do *Campus* Porangatu - UEG arremete-se à função da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Porangatu, FECELP, primeiramente constituída como Faculdade de Filosofia de Porangatu, esta foi criada e autorizada pela Lei 9.550 de 16 de outubro de 1984, conforme Art. 138 da Lei 8.780 de 23 de



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



janeiro de 1980, como entidade autárquica. Em 17 de dezembro de 1984 teve o nome alterado para Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Piorangatu, FECELP, que pela Lei 9.650 é instituída como autarquia através do Decreto nº 2.446 de 07/03/1985 do Conselho Estadual de Educação e Decreto nº 91.346 de 20/06/1985 do Ministério de Educação e Cultura, foi autorizado o funcionamento de 04 cursos: Ciências – Licenciatura Curta (40 vagas - noturno); Licenciatura Plena em Geografia (60 vagas - matutino e noturno); História (60 vagas - matutino e noturno) e Letras, Português e Inglês (60 vagas - matutino e noturno), com o objetivo de ministrar o Ensino Superior, em nível de graduação, tendo como objetivo principal à formação de professores nas áreas específicas de cada curso, para suprir a demanda de profissionais da educação das redes pública e particular do ensino regional e também como opção para quem quisesse continuar estudos de nível superior, sem se mudar da região.

Na busca de melhor qualidade de seu ensino e aprimoramento de seu corpo docente, ainda como FECELP, a instituição buscou estabelecer convênios de cooperação mútua e parcerias com outras instituições para oferecer cursos de aperfeiçoamento e de pós-graduação a seu corpo docente e estabeleceu uma política de apoio a professores que quisessem se aperfeiçoar em outras instituições.

A Lei nº. 13.456, de 16 de abril de 1999, transformou a FECELP, (Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Piorangatu) em Unidade Universitária da UEG. Em 27 de agosto de 1999, através do Decreto N° 5.112, aprova o Estatuto da Fundação Universitária Estadual de Goiás, instituída e mantida pelo Governo do Estado de Goiás. Após sua transformação, o *Campus* de Piorangatu se fortaleceu e expandiu seu campo de ação com a implantação das chamadas Licenciaturas Emergenciais Parceladas: Licenciatura Plena em Letras, Licenciatura Plena em Geografia, Licenciatura Plena em História, Licenciatura Plena em Biologia, Licenciatura Plena em Matemática e Licenciatura plena em Pedagogia, do Curso de Gestão Pública e de outros programas educacionais de cunho social.



O curso de Ciências, Licenciatura Curta, da FECELP foi reconhecido pelo decreto nº 5.210, de 03 de abril de 2000 com vigência até 2001. Pela portaria nº 2.522, de 28 de dezembro de 2001, o curso de Ciências passa a ser de licenciatura plena, com habilitação em Biologia e Matemática com vigência de 2 (dois) anos atendendo a demanda composta pelos egressos do curso de Licenciatura Curta em Ciências.

O Curso de Letras tem em sua ordenação estrutural as seguintes documentações: Modalidade Licenciatura – com início no ano 1985, reconhecido pela Portaria nº. 1.773 de 22/12/1994 no DOU de 26/12/1994 com 40 vagas de ingresso;

O Plano Pedagógico do Curso de Letras em geral, desde sua estrutura inicial prioriza a articulação constante entre teoria e prática; ensino, pesquisa e extensão e a competência centrada no desenvolvimento da autonomia do aluno e no conceito de formação continuada, para o aprimoramento e ampliação de seus horizontes culturais, de sua sensibilidade crítica, ética e política, há de continuar contribuindo grandemente para a transformação do mundo contemporâneo, em todas as suas dimensões, com enfoque na transformação que a linguagem é capaz de produzir.

Primou-se evolutivamente utilizando-se da LDB 9394/96, a qual foi concebida a partir de um princípio histórico neoliberal, onde se situavam ideias voltadas ao interesse de capital e predomínio das bases e regras de mercado dos setores da sociedade, inclusive do setor educacional. Sua tessitura destaca-se na tendência de arrolar os objetivos do Ensino Superior, frisados no Capítulo IV – Artigo 43, onde se grafa tais objetivos, segundo os incisos deste artigo:

1. Estimular a criação cultural, o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo (Art. 43, I);
2. Formar diplomados (...) aptos para inserção em setores profissionais, (...) para participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua (Art. 43, II);
3. Incentivar o trabalho da pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da

ANAIS v.5, n.1 (2015)

21 a 25 de setembro de 2015

ISSN 2237-2571



cultura, e, desse modo desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive (Art. 43, III);

4. Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação (Art. 43, IV);

5. Estimular o conhecimento de problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade (Art. 43, VI);

6. Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica (Art. 43, VII).

Com tais objetivos traçaram-se os princípios essenciais para a constituição dos Cursos de Educação Superior no Brasil, adjetivados com características de uma nova postura educacional, voltada para uma *Literatura Educacional*. Estes estabelecidos em acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica⁸³, sequencializando tais princípios ao Projeto Pedagógico dos Cursos de Letras, sendo estes: Assegurar às instituições de Ensino Superior ampla liberdade na composição da carga horária a ser cumprida para a integralização dos currículos, assim como na especificação das unidades de estudos a serem ministradas; indicar os tópicos ou campos de estudo e demais experiências de ensino-aprendizagem que comporão os currículos, evitando ao máximo a fixação de conteúdos específicos com cargas horárias pré-determinadas, as quais não poderão exceder 50% da carga horária total dos cursos; evitar o prolongamento desnecessário da duração dos cursos de graduação; incentivar uma sólida formação geral, necessária para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios de renovadas condições de exercício profissional e de produção do conhecimento, permitindo variados tipos de formação e habilitações diferenciadas em um mesmo programa; e estimular práticas de estudos independentes, visando a uma progressiva autonomia do aluno.

⁸³ Essas *Diretrizes* foram aprovadas pelo *Conselho Nacional de Educação* (CNE), em 18 de fevereiro de 2002, e, no dia seguinte, foi também aprovada a *Resolução* que institui a duração e a carga horária desses cursos. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002; Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002.



Além de: Encorajar o aproveitamento do conhecimento, das habilidades e das competências adquiridas fora do ambiente escolar, julgadas relevantes para a área de formação do aluno; fortalecer a articulação da teoria com a prática; valorizar os estágios e a participação em atividades de extensão, as quais poderão ser incluídas como parte da carga horária.

Tais procedimentos e princípios, estende-se o das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras, aprovadas em 03 de abril de 2001 flexibiliza o curso, envolto na área de Ciências Humanas e suas relações dialéticas e valores humanistas. Dentre os pontos relevantes ao processo de formação de docentes de Língua Portuguesa cabe enfatizar os elementos ligados à disciplina de Prática e de Estágio Curricular Supervisionado, revigoradas por intermédio das Diretrizes:

Art. 12. § 1º A prática, na matriz curricular, não poderá ficar reduzida a um espaço isolado, que a restrinja ao estágio, desarticulada do restante do curso.

§ 2º A prática deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor.

§ 3º No interior das áreas ou das disciplinas que constituírem os componentes curriculares de formação, e não apenas nas disciplinas pedagógicas, todas terão a sua dimensão prática.

Art. 13 § 1º A prática será desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema.

§ 2º A presença da prática profissional na formação do professor, que não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudo de casos. 97

§ 3º O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio. (DCN, 2001, pp. 08-09)

Há por tais princípios alterações nos principais elementos coordenadores dos currículos dos cursos de Letras, primando pela adequação às novas estruturas das Diretrizes, sendo que, ainda se interpela sobre as reais necessidades da



formação no que tange à realidade a qual o profissional de Língua Portuguesa irá atuar, principalmente no caso desta pesquisa, que enfoca o Norte Goiano.

Abaixo, segue-se uma tabela, estruturada por LAGE (2010) na aplicabilidade da formação docente diante da práxis dela obtida:

LDBEN 9.394/96 Diretrizes da Educação Superior (Letras)	Diretrizes e parâmetros do Ensino Médio
<p>Quanto ao currículo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - extinção do currículo mínimo; - ênfase na flexibilização; - orientação para o desenvolvimento de competências e habilidades. 	<p>Quanto ao currículo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - saberes não mais pensados como disciplinas isoladas; - três grandes áreas do conhecimento: Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas (agrupam os saberes); - orientação para o desenvolvimento de competências e habilidades.
<p>Quanto aos conhecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ênfase na interdisciplinaridade: estímulo à integração entre os diferentes conhecimentos; - incentivo a uma sólida formação geral (rompimento com o modelo chamado 3 + 1). 	<p>Quanto aos conhecimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ênfase na interdisciplinaridade: busca de integração entre as três áreas: Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas; - incentivo a uma sólida formação geral (visão do Ensino Médio como etapa conclusiva da Educação Básica).
<p>Quanto ao papel do professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - professor = orientador. 	<p>Quanto ao papel do professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - professor = mediador.
<p>Quanto à formação do leitor:</p>	<p>Quanto à formação do leitor:</p>



- leitor autônomo (especializado).	- leitor crítico (ênfase nas possibilidades do letramento).
Percepção Língua/Literatura: - visão da Língua/Literatura como práticas sociais (ênfase na reflexão sobre ambas).	Percepção Língua/Literatura: - visão da Língua/Literatura como práticas sociais (ênfase no uso da Língua em diversas situações).
Observações/particularidades: - valorização do tripé: ensino, pesquisa, extensão.	Observações/particularidades: - ênfase no ensino.
- conteúdos da Educação Básica como objeto de reflexão no Ensino Superior.	---

Fonte: Lage (2010)

Interessa-nos o estudo e caracterização do *Campus* em questão diante a organização do currículo e a efetivação de suas práticas de ensino no intuito de unir à formação docente os conhecimentos teóricos e práticos para a atuação diária como professores de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e das demandas do Norte Goiano.

Em análise propôs-se uma abordagem descritiva e comparativa entre os programas curriculares do Curso de Letras da UEG no *Campus* Porangatu, visando suas especificidades e reais necessidades diante ao público egresso e às demandas emersas em suas micro e macro região.

A compreensão do processo de formação docente em Língua Portuguesa atua como objeto motivado pelas pesquisas atuais em grande demanda atual, isto devido aos projetos de cooperação acadêmica, formadores de disciplinas como a Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa dentro das Instituições de Ensino Superior que atuam na área de Letras, Linguística e Arte.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



1.2 Estudos e Avanços no Ensino da Língua Portuguesa e Literatura dentro do Currículo do *Campus* Porangatu

Com base em pesquisas não regionalizadas, compreendeu-se que a pesquisa em questão não pode ser configurada como um campo ou uma disciplina, haja vista sua dispersão no que tange ao currículo que fundamentiza essa formação específica (distintas de Universidade para Universidade) e às diferentes práticas dos docentes orientadores destas referidas disciplinas, principalmente no que tange à subjetividade das seletas teóricas e metodológicas de cada um. Julia (2001) concebe a formação docente como procedimento ou processo da cultura escolar, intensificando as normas na definição de como ensinar o conjunto de práticas que atendam às normas de conduta e conhecimentos a serem incorporados.

Diferencia-se a presente pesquisa das já realizadas devido ao processo de análise, sendo que as outras foram realizadas em foco transversal, em comparação de currículos e práticas de ensino de diversas IES (Instituições de Ensino Superior), já a pesquisa em foco, sistematicamente, tem como objeto a própria formação do docente para o ensino de Língua Portuguesa em vigor no Curso de Letras do Norte Goiano da Universidade Estadual de Goiás, pelo *Campus* Porangatu.

Como elementos documentais, sistematizou-se os estudos sobre os seguintes documentos analisados: o Projeto Político Pedagógico do Curso, o Ementário de Disciplinas, as Grades Curriculares de suas habilitações, as Grades Horárias de 2013 e 2014, os Planos de Disciplinas elaborados em 2012 e 2013 (anos ante sequentes); os Currículos dos atuais docentes disponíveis na Plataforma *Lattes* – CNPq; e os dados de matrículas e resultados de processos seletivos divulgados pelo Núcleo de Seleção da UEG nos anos em foco e os processos de reestruturação propostos pela UEG para as novas matrizes curriculares e PPC para 2015.



Diante à problemática, partiu-se do princípio de que a relação mantida entre esses documentos institucionais, configurou dois determinantes. Primeiro de que a diversidade evidencia as variações presentes na estrutura curricular do Curso de Letras, não impedindo e nem favorecendo a construção de um real projeto pedagógico que seja coerente e articulado com a formação de docentes; em outro plano a variação é estruturada de maneira aleatória, ou totalmente desvinculada com o processo de formação docente, externando um aspecto negativo ou sem produtividade no que se refere à formação de docentes par ao ensino da Língua Portuguesa.

O Curso de Letras da Unidade Universitária da UEG de Porangatu foi criado em 1985, quando ainda vinculado à Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Porangatu (FECELP), e integrado à UEG em 1999. O Curso de Letras possui Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas.

O último Projeto Pedagógico do Curso de Letras foi elaborado em 2008 e implantado no ano subsequente. Em conformidade ao projeto, o curso de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) prioriza a formação do professor-pesquisador e seu egresso deve estar apto a atuar na Educação Básica (Ensino Fundamental de 2ª Fase e Ensino Médio), assim também como em dar continuidade aos estudos em níveis de pós-graduação lato sensu e stricto sensu.

Dentre os pressupostos a serem objetivados durante o curso estão o domínio linguístico-discursivo e literário da Língua Portuguesa e Língua Inglesa, principalmente nas suas manifestações orais e escritas, além das concepções de produção e recepção textual e ciências das variedades linguísticas e culturais.

Em síntese, a Grade Curricular obrigatória do Curso de Letras da UnU/UEG Porangatu vincula seus processos formativos à elaboração de competências e habilidades essenciais ao acadêmico da área de linguagem, ou seja, ao primeiro ano disponibiliza disciplinas que possibilitarão o ingresso do acadêmico no mundo científico da universidade, através de disciplinas como Metodologia do Trabalho



Científico e Produção de Texto, nos anos subsequentes amplia-se a dinamicidade das disciplinas de área, as quais gradativamente vão se desenvolvendo em conjunto com as disciplinas pedagógicas, essenciais a formação em licenciatura.

Merece destaque a pouca relação interdisciplinar presente no currículo, e também a aplicação das disciplinas práticas de estágio supervisionado somente após a conclusão de 50% do curso, ou seja, no início do 3º ano de curso.

Para comprovar nossas hipóteses utilizar-nos-emos do princípio de heterogeneidade discursiva (DUCROT, citado por MAINGUENEAU, 2001), no intuito de analisarmos a variedade de vozes (discursos) presentes na elaboração dos documentos em questão. Tais procedimentos de método se sustentam pela constituição pluridiscursiva dos gêneros produzidos, assim, os programas de disciplinas possuem em sua totalidade uma fragmentação de autoria distinta, e que, por motivos de organização institucional necessitam ser unificados, formando uma polifonia intrínseca na disposição de um Enunciador (em geral o Colegiado do Curso que estipula a obrigatoriedade do programa de disciplina e fixa partes não mutáveis como ementa e bibliografia mínima); Locutor (docente responsável pela disciplina, o qual tem por função flexibilizar o conteúdo e a bibliografia complementar). Assim, Bakhtin (1999) infere que:

toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1999, p. 113).

A formação do docente de língua portuguesa deve atentar para a reflexão do papel do docente no ensino da própria língua, assim, Benevides (2005) infere sobre os saberes e os define como:



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



essenciais e complexos, relativos, mutáveis, com valores ético-políticos e atravessados pelas questões socioculturais das sociedades, reconhecemos a importância de se formar professores que também assumam essa concepção. Desse modo, a construção dos saberes está diretamente ligada ao contexto social, ao tempo, às condições materiais e aos aspectos sócio-histórico-culturais que fazem parte integrante do processo pedagógico (BENEVIDES, 2005, 88).

A pressuposição de requisitos necessários ao processo de formação de professores de Língua Portuguesa perfaz inúmeros pontos de vista, sob os quais nos ateremos com ênfase a formação curricular dentro dos aspectos de necessidade da formação pela demanda do profissional. Porangatu e São Miguel do Araguaia são municípios de pequeno porte, com populações inferiores a 50 mil habitantes, contudo, com boa concentração de Cursos de Letras, pois o sombreamento interno vistoria 2 (dois) cursos e o sombreamento externo 4 (quatro) em IES de Ensino à Distância. Esta perspectiva transforma a região em um pólo de formação de professores na área de linguagem, sendo a principal fornecedora de mão de obra na área para a Região Norte de Goiás, para todo o Estado de Tocantins, Sul do Estado do Pará e Sul e Sudeste do Estado da Bahia.

Um estudo voltado para as conjunturas do processo de formação dos professores de Língua Portuguesa em muito auxiliará os debates e discussões que emergem nas Instituições de Ensino Superior, principalmente no que se refere ao processo de regionalização, pois os Cursos de Letras, devido à gradativa diminuição de demanda torna-se altamente vulnerável neste processo de sombreamento que se apresenta ao futuro. Surge deste estudo, a caracterização, ou seja, um constructo em forma de mapeamento dos dados coletados dentro dos documentos de apoio e de estrutura dos Cursos de Letras da Câmpus Porangatu da UEG, dando detalhadamente suas características e perfil, tanto para apoiar-se na questão da seleção inicial dos egressos, quanto na processualidade dos métodos de formação durante o Curso.

A proposta de mudança ou reestruturação curricular dos Cursos da UEG é uma necessidade inegável, isto diante as demandas educacionais que se alicerçam



em todos os locais, contudo, há de se conter os modismos e as quebras de conceitos já aplicados sem um estudo pormenorizado pelos NDEs (Núcleos Docentes Estruturantes), pois estes vem desenvolvendo um trabalho de leitura e comparação de matrizes e currículos não só da UEG, entre seus *campi*, como também de outras instituições que já transitaram pelos processos que a UEG almeja, como interdisciplinaridade e mobilidade.

Estas melhorias, ou mudanças em prol de melhorias devem ser devidamente analisadas e pensadas, e ao entender geral, não deveriam ser imediatistas, ou aplicadas diretamente em meio a própria tramitação do processo, pois, não se tem e não se terá apoio ou sustentação das informações em tempo hábil, levando as atividades de construção de matriz e PPC a um tumulto didático-pedagógico que afetará diretamente o andamento dos cursos e dos novos acadêmicos que adentrarem nesta nova proposta curricular.

Não há uma prerrogativa de negação quanto a mudança neste discurso, apenas há um chamado à reflexão, sobre passos a serem dados, através não somente de alguns estudos feitos em poucos encontros periódicos, pois a Universidade é um órgão vivo, e por tanto, deve-se respeitar cada um dos elementos que a mantém viva, principalmente os aspectos regionais e as características de cada curso dentro deste regionalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARBOSA, A. C. C. **Formação de professores para o ensino de Língua Portuguesa na UFOP: análise de programas disciplinares**. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) – Dilemas e desafios na contemporaneidade. São Paulo, 2012.



CÂMPUS
PORANGATU

V Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



BARZOTTO, V. H., SOUSA, A. P. et. al. **Projeto de cooperação acadêmica: disciplinas da licenciatura voltadas para o ensino de língua portuguesa.** Maranhão: UFMA, 2008.

BENEVIDES, Araceli Sobreira. **A leitura e a formação docente:** a trajetória da prática da leitura de alunos/as do curso de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2005.

BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional 9394/96.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 13 out. 2013.

_____. _____. **Parâmetros curriculares nacionais:** ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 30 out. 2013.

_____. _____. **Plano Nacional de Extensão Universitária.** (Edição atualizada). Brasília: MEC, 2000/2001. Disponível em: <http://proex.epm.br/projetossociais/renex/colecao.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2013.

_____. _____. **Orientações curriculares nacionais:** linguagens, códigos e suas tecnologias. Ensino médio. Conhecimentos de língua portuguesa. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 30 out. 2013.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2003.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação,** Campinas, n. 1, jan-jul, 2001.

LAGE, M. M. **Ensino. Literatura e Formação de Professores na Educação Superior: retratos e retalhos da realidade mineira.** (Tese) – UFMG. Belo Horizonte, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** 3.ed Campinas, SP: Pontes, 1997.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



NÓVOA, A. **Os Professores e a sua Formação**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. Práxis – ou indissociabilidade entre teoria e prática e a atividade docente. In.: PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.

ROJO, R. A. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SAMPAIO, M. L. P.; FREITAS, A. C. de; SOUZA, G. S. de. Aspectos da formação do professor em universidades potiguaras: os programas de disciplinas dos cursos de letras como objeto de análise. In: SOUSA, A. P.; BARZOTTO, V. H.; SAMPAIO, M. L. P. (Org.). **Formação de professor de língua portuguesa: quando a linguagem e o ensino se encontram**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 91-102.

SOUSA, A. P. (Coord.). **Disciplinas da licenciatura voltadas para o ensino de língua portuguesa**. Projeto de Pesquisa. Projeto financiado pela Capes, por meio do Edital do Procad. UFMA, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação Profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2003.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO CONSEQUENCIA DA POLÍTICA EDUCACIONAL VIGENTE: EVOLUÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

277

Érico Ricard Lima Cavalcante Mota⁸⁴

Kildilene Carvalho Matos Mota⁸⁵

Resumo

O presente artigo tem o objetivo principal de cumprir um breve retrospecto das políticas educacionais brasileiras com ênfase nas mudanças da estrutura e funcionamento do ensino. Além disso, pretende apresentar notas conclusivas acerca das políticas educacionais amparadas pelos estudos, nesta área, do pesquisador Dermeval Saviani. Para tal empreitada, utilizar-se-ão, principalmente, as contribuições dos seguintes autores referenciais: Saviani (1996-2015), Vieira e Albuquerque (2002) e Germano (1994). Este trabalho faz parte de uma pesquisa de cunho teórico-bibliográfico de perspectiva crítica de análise das políticas educacionais do Brasil. A história das políticas educacionais no Brasil é entremeada por processos de avanços e retrocessos. Neste contexto, faz-se necessário que os educadores se apropriem dos equívocos do passado a fim de não cometê-los mais.

Palavras-chave: Política educacional – estrutura e funcionamento – educação.

⁸⁴Pedagogo/UFC, Especialista em Gestão Escolar/UECE e Mídias da Educação/UFC e Mestre em Educação/UECE. Professor Assistente da Universidade Estadual de Goiás - UEG / ericoricard@gmail.com.

⁸⁵Pedagoga/UECE, Especialista em Psicopedagogia/UECE, Mestre e, Educação Brasileira/ UFC. Professora da Prefeitura de Crixás-Go / kildzip1@yahoo.com.br.



Ao refletir sobre a estrutura e funcionamento de qualquer rede ou sistema de ensino é necessário considerar que qualquer realidade se faz afetada e influenciada por diversas circunstâncias de natureza econômica, social, política e cultural que lhes imprime fisionomia e características próprias.

Para começar a explanação deste tema, faz-se necessário explicitar brevemente alguns significados, diferenças e semelhanças entre os termos em questão: estrutura, funcionamento e política.

Tratando dos dois primeiros, segundo Vieira e Albuquerque (2002) ambos os termos são provisórios, portanto podem mudar, embora o funcionamento seja relativamente mais durável. Por outro lado, a estrutura tem caráter determinante e o funcionamento é por ela determinado.

Em vias de defini-los, pode-se utilizar a analogia cunhada por Saviani (1996) ao relacionar tais termos aos conhecimentos do corpo humano. Nesta concepção, estrutura se assemelharia a anatomia e funcionamento à fisiologia. A estrutura estaria relacionada às características básicas de cada órgão, enquanto o funcionamento, o modo pelo qual realiza suas funções, obviamente.

A política é um termo amplo e há neles significados polissêmicos e diversos. Tendo surgido na Grécia Antiga com a significação das discussões acerca da polis – cidade-estado grega. Neste contexto, a política educacional pode ser entendida, de forma simplória, pelo conjunto de ações e intenções no campo da educação ou para este campo, emanadas do Estado.

Ao considerar a educação básica como panorama, faz-se necessário historiar brevemente a educação básica e a importância dada e ela nos meandros da política educacional. Nesta direção, em uma pesquisa rápida nos livros de história da educação, pode-se constatar que a educação básica, de uma forma geral, não obteve importância antes do Século XX. Segundo Vieira e Albuquerque (2002) tal seleção não se deu por acaso, mas pelo caráter elitista do ensino e principalmente pela preponderância dos aspectos econômicos sobre os sociais, no sentido de preparar mão-de-obra para a industrialização crescente.



Registros legais nos confirmam esta prioridade no Ato adicional de 1834 ao delegar o ensino fundamental para as províncias. A predileção pelo ensino superior a cargo da Coroa se confirma, renegando a educação básica à precariedade técnico-científica e financeira das províncias.

Vieira e Albuquerque (2002) afirmam que as políticas educacionais permanecem por priorizar o ensino médio citando inclusive a Reforma Francisco Campos que priorizava a formação de mão-de-obra (profissionalizante e secundário) nos anos 30 e a Reforma Capanema, o ensino médio nos anos 40. Esta segunda reforma revela-se na contramão da Constituição de 1934 que afirmava a educação como direito e responsabilidade do Estado e reforçava a clara distinção entre ensino secundário e profissionalizante.

A década de 1960 fica marcada pelo florescimento de movimentos populares em prol da educação. Dois destes movimentos que podem ser citados são o MCP – Movimento de Cultura Populare CPC – Centros de Cultura Popular. É neste contexto que é aprovada a primeira LDB. Esta primeira lei que estrutura a educação básica, restringe a obrigatoriedade à escola primária e organiza a estrutura do ensino da seguinte forma:

Nível	Duração	Faixa etária
Pré-escola	3 anos	4- 6 anos
Primário (obrigatório)	4 anos	7-10 anos
Ginásio	4 anos	11-14 anos
Colégio	3 anos	15-17 anos
Ensino superior	Variável	Após 18 anos

Fonte: Brasil MEC INEP 2000 p.11 apud Vieira; Albuquerque (2002)

Vieira e Albuquerque (2002) nos lembram de que, apesar desta lei prever 3 anos de pré-escola, não havia na época tal oferta. Certamente o clima da década de sessenta sofre forte influencia do **movimento dos pioneiros pela educação**



nova⁸⁶ ecoam no cenário educacional ideias progressistas. Considerando o contexto político, antes que a primeira LDB pudesse se fazer cumprida, em 1964, os militares tomam o poder sob o pretexto de prevenir o possível fictício “golpe comunista”.

O período seguinte conhecido por Estado militar rompe definitivamente com qualquer orientação progressista e fundamenta-se na ideologia e na doutrina da segurança nacional e desenvolvimento. Este período caracteriza-se pelo tecnicismo e baseia-se nos estudos behavioristas norte-americanos. A teoria concebida neste contexto refere-se a teoria do capital humano que percebe a educação como diferencial de desenvolvimento da economia. A educação no estado militar foi conduzida por duas reformas; a primeira data de 1968 que sistematizou o projeto de reforma universitária desarticulando qualquer forma de organização em prol da resistência e formação do pensamento crítico; a segunda é conhecida como a segunda LDB.

Esta segunda LDB de 1971 definiu a vinculação compulsória entre ensino médio e profissionalização, revelando o caráter liberal tecnocrático de formação de mão-de-obra. Para o ensino fundamental, definiu uma série de diretrizes curriculares, inclusive definindo que no currículo da educação básica deveria constar de uma base nacional comum e uma parte diversificada, de acordo com cada região. Outra medida desta lei foi incorporar o ginásio ao ensino primário, mantendo a obrigatoriedade para os dois. A tabela que definiu tal estrutura se expressa da seguinte forma:

Nível	Duração	Faixa etária
Pré-escola	3 anos	4-6 anos

⁸⁶ O Movimento dos Pioneiros da Educação Nova gestado na década de 1930, deu origem a um documento escrito datado de 1932 que consolidava a visão de um segmento da elite intelectual. As principais bandeiras levantadas eram: educação pública, gratuita, laica, financiada pelo Estado. Além disso, seus ideais propunham mudanças metodológicas significativas fundadas principalmente nas concepções da psicologia moderna. Redigido por Fernando de Azevedo, dentre 26 intelectuais. Ao ser lançado, no meio do processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o documento tornou-se o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país.



Primeiro Grau (obrigatório)	8 anos	7 – 14 anos
Segundo grau	3 anos	15-17 anos
Ensino superior	Variável	18 em diante

Fonte: Brasil MEC INEP 2000 p.11 apud Vieira; Albuquerque (2002)

Vieira e Albuquerque (2002) se referem a esta reforma como a reforma que não houve reforma, considerando sua ineficiência em resolver os problemas aos quais se propunha.

A profissionalização compulsória gerou vários problemas surgindo, inclusive, pressões sociais contra esta medida, sendo necessária a criação de outra lei, a fim de corrigir suas distorções. A lei seguinte 7.044/82 desobrigou a profissionalização e a colocou como opção da escola. Além disso, esta lei delegou competência aos conselhos estaduais a criação de normas que regulassem a parte diversificada dos currículos e sobre o tratamento a ser dado à preparação para o trabalho presente em cada currículo.

Em seguida, entra em cena o período de transição (1985-1995) em que os atores da conjuntura política em acordo com segmentos da classe dominante, inclusive com a mídia, resolve romper com o governo militar. Estudos de Germano (1994) mostram que em 1985, ao final do período militar, a rede pública de ensino, sobretudo a de São Paulo, estava completamente precária, desarticulada e defasada. Tanto os aspectos físicos quanto em recursos humanos. A análise que se faz da educação do período militar é que estabeleceu muitas metas e não foram cumpridas; as prioridades declaradas não eram verdadeiramente coerentes com as políticas realizadas. Em suma, representou um retrocesso na política educacional.

O período seguinte conhecido como a nova república ou período de redemocratização compreendido entre 1985 e 1989 pode ser caracterizado por democratismo, indefinições e ambiguidades, já que não se expressa como uma democracia legítima. Saviani nos alerta que a conhecida “transição democrática” na



verdade se revelou um acordo entre setores da elite, considerando dentre outras questões que o vice de Tancredo Neves, José Sarney era dissidente do partido militar Arena, partido militar. O que se chamou de período de transição, na verdade, se revelou uma “conciliação pelo alto” ou “transação pelo alto”.

Este período abriga a Constituição de 1988 que pode ser considerado como um avanço para a educação já que se trata do texto constitucional que mais detalhou na área educacional na história das constituições do Brasil. A constituição estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado, mas segundo Saviani uma análise crítica da LDB pode nos mostrar que há uma inversão desta lógica, no sentido de que a esta Lei, de certa forma, coloca a educação como “dever da sociedade e direito do Estado”, já que não cria o sistema nacional de educação, mas cria o sistema nacional de avaliação. Ou seja, o estado busca se desobrigar, mas se reserva o direito de avaliar.

Dentre os avanços da Constituição, podemos citar que reestabeleceu a vinculação orçamentária, fator que muito contribuiu para outros avanços. E no artigo 60 das disposições transitórias constitucionais estipula uma meta: o prazo de 10 anos para erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental. Para tanto, as três instâncias deveriam destinar 50% de seus recursos para atingi-la. Tal meta venceu em 1998 e não foi cumprida, mas protelada.

Em 1989 as eleições diretas elegeram Collor de Melo. Collor passou apenas 2 anos sendo deposto pelo processo de impeachment iniciado por diversos setores das elites, inclusive da mídia e legitimado por setores populares que respondiam aos apelos midiáticos. Dentre as ações da política educacional do período, podemos citar o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania e a criação dos CIACS – Centros Integrados de Atenção a criança, formulados, mas não implantados. Na verdade, a política educacional dos dois anos de governo Collor se resumiu em arbitrar sobre os preços das mensalidades das escolas particulares.

Neste mesmo ano, o Consenso de Washington chamou os países da América Latina a cumprir a agenda neoliberal recomendada por organismos



internacionais como FMI, Banco Mundial e BID. O consenso de Washington não trazia novidade alguma, apenas sistematizava as ideias já defendidas por Hayek e Friedman nas obras *O Caminho da servidão* (1944) e *“Liberdade de Escolher”* (1960), ambos ganhadores do prêmio nobel de economia na década de 1960.

Nesta mesma direção, o Brasil participa em 1990 da Conferência Mundial de Educação para todos em Jontiem na Tailândia. Assinando a declaração proposta e se comprometendo com suas metas de focar esforços no ensino fundamental, a fim de garantir a satisfação *das necessidades básicas de aprendizagem de todas as pessoas*, dentre outras, no sentido de contribuir com a *equidade social*, e consequentemente mantendo a desigualdade equiparada⁸⁷, sem a qual o sistema capitalista entra em colapso.

Em atendimento à conferência organizada pela ONU e Banco Mundial, em 1993 o Brasil lança o Plano Decenal de Educação para todos. Com foco no ensino Fundamental, o ministro do governo de Itamar Franco, Murilo Ringuel assina o plano decenal protelando a meta para mais dez anos, agora para 2003. O governo de Itamar ainda executa o fechamento do Conselho Federal de Educação e institui o Conselho Nacional de Educação, por causa da suspeita de corrupção, já que o Conselho Federal provavelmente teria praticado Lobby com os donos de escolas particulares, gerindo a favor destas.

Em 1994, Fernando Henrique Cardozo é eleito. Fernando Henrique Cardozo decide dar continuidade à política dos organismos internacionais e adotar as recomendações neoliberais de forma decisiva. O projeto de lei que deu origem a LDB de 1996, por influencia dele, minimizou as obrigações da União em financiar a educação pública e abriu espaço para a iniciativa particular oferecer o nível superior. No entanto, criou o sistema nacional de avaliação, concentrando a avaliação das três instâncias.

⁸⁷ Desigualdade equiparada – neste termo o autor quer afirmar que a desigualdade está naturalizada para os Organismos internacionais, portanto o objetivo é a equidade, ou seja, é necessário que as camadas populares tenham condições para manter o consumo, sem o qual o sistema em colapso.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A LDB teve como originalidade, ser um projeto que não surgiu do executivo, mas em partes da sociedade civil e do legislativo. Saviani que participou do projeto original delineado pela sociedade, considera-a uma lei **minimalista**⁸⁸, já que frustrou as expectativas de muitos educadores e constituiu o mínimo esperado.

Esperava-se certamente que esta lei criasse um sistema nacional de educação e não o fez, mas criou apenas o Sistema Nacional de Avaliação, delegando à união apenas a avaliação. Neste mesmo ano, criou o Fundef através da Lei Nº 9.424 de 24 de dezembro de 1996. O fundo de desenvolvimento do ensino fundamental reformulou o Artigo 60 das disposições constitucionais transitórias, estabelecendo 60% do financiamento para Estados e Municípios e reduzindo a incumbência da União para 30%. Segundo Saviani (2015) o governo FHC nunca utilizou nem os 30%, já que utilizava apenas o recurso do salário-educação, indevidamente, para cumprir sua parte no fundo.

Em 1997, o ministro da educação Paulo Renato publica os Parâmetros Curriculares Nacionais definindo as diretrizes curriculares nacionais a fim de orientar os currículos dos estados e municípios. A crítica que se faz aos parâmetros diz respeito a sua inspiração teórico-metodológica, já que se inspiram na perspectiva construtivista e permanece em consonância com os pilares da educação fincados por Jacques Delors na Conferência Internacional sobre Educação para o Século XXI(1991) que estabelece as prioridades da UNESCO para os países periféricos, como o Brasil.

O Decreto 2.208 separou o ensino médio do profissional. Reorganizou o ensino superior, redefinindo as entidades mantenedoras. Diferenciou Universidade de Ensino e Universidade de Pesquisa e admitiu as Instituições Privadas do Ensino Superior com fins lucrativos. Transformou o INEP em autarquia federal e delegou a este a avaliação da educação em todas as instâncias. Em 2001 aprovou o Plano Nacional de Educação adiando mais uma vez a meta instituída na Constituição

⁸⁸ Minimalista se refere à tendência ou conduta de valorização ou aceitação do mínimo.



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



Federal/1988 de erradicar o analfabetismo e a universalização do ensino fundamental.

Em 2002, o governo Lula assume o poder. As expectativas de sua gestão são imensas, considerando que se trata de um trabalhador sindicalista nordestino que disputou a presidência do Brasil por várias vezes antes. A política educacional do governo Lula não rompe completamente com a tônica neoliberal, mas apresenta alguns avanços em áreas sociais.

O Governo Lula instituiu o ensino fundamental de 9 anos, prevendo que os estados e municípios pudessem dispor do recurso do FUNDEF para esforços com as salas de alfabetização. Em 2007, aprovou o FUNDEB corrigindo algumas distorções do FUNDEF e passando a complementar realmente a insuficiência de recursos dos estados e municípios.

Em 2008 aprovou o Piso Salarial dos Professores, garantindo que professores de todo o Brasil ganhassem, pelo menos o mínimo. Nesta medida ainda, os professores devem passar a gozar de 1/3 de sua carga-horária fora de sala-de-aula, visando estudos e planejamento. Reorganizou o Programa Brasil Alfabetizado. Em 2004 sancionou o decreto que corrigiu a distorção realizada pelo Governo FHC, reestabelecendo a articulação entre Ensino Médio e ensino técnico profissional.

No campo da educação profissional, criou a lei e instituiu os IFETs – Institutos Federais de Educação, além de diversas diretrizes para integração dos Institutos Federais de Educação no âmbito da Rede Federal. Este governo ainda regulamentou os Estágios através da Lei 11.728 de 2008.

Para o nível superior, criaram-se o Prouni através da Lei 11.096 de 2005 e o Reuni pelo Decreto 6.096 de 2007. A política do governo Lula, apesar de ter alcançado diversos avanços nos campos sociais, deu sequência a diversas medidas da gestão anterior como o SINAES – Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior. Além disso, esta gestão reformulou o e instituiu PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação a fim de dar sequência à política.



Notas Conclusivas

286

Considerando a síntese do breve histórico levantado sobre as políticas educacionais, incluindo as mudanças na estrutura e no funcionamento da educação básica, pode-se apresentar as seguintes considerações conclusivas:

Primeiro, na história do Brasil que já conta com 515 anos a educação pública, sobretudo a básica, foi por muito tempo colocada de lado, protelada por diversos fatores sócio-histórico-culturais. E nas três últimas décadas, apesar dos avanços, ainda é necessário que as metas e planos sejam prioridade dos orçamentos. A falta de prioridade no orçamento ocasiona o acúmulo de planos e metas que não passaram da declaração de intenções, pois a protelação das medidas básicas ainda permanece. Exemplo pertinente é o fim do analfabetismo e a universalização do ensino fundamental, protelados constantemente. Para explicitar, apresenta-se o quadro da protelação destas duas metas:

LEI/PLANO/MEDIDA	Data	Prazo	Previsão
Constituição Federal	1988	Dez anos	1998
Plano decenal	1993	Dez anos	2003
FUNDEF	1996	Dez anos	2006
FUNDEB	2007	Quinze anos	2021
PDE	2007	Quinze anos	2022
Novo PNE	2013	Dez anos	2023

Quadro organizado pelo autor

Segundo, pode-se considerar que o período de 1964 a 1985 representou um retrocesso no quadro da política brasileira considerando diversos aspectos, dentre os quais: a falta de investimento financeiro; ausência de autonomia político-



pedagógica; ausência da reflexão crítica; desarticulação e desintegração do ensino superior, dentre outros.

Terceiro, a partir da década de 1990 as políticas educacionais brasileiras passam a ser guiadas por medidas neoliberais, retrocedendo ao imperialismo e voltam a se nortear por orientações de organismos internacionais, levando em conta que no período militar já havia implantado um conjunto de medidas denominadas de acordos MEC/USAID.

Em quarto lugar, este quadro narrado revela a intenção do Estado brasileiro em adotar as políticas neoliberais, gerando assim a desoneração do Estado em relação aos serviços públicos, inclusive se desobrigando de financiar e gerir as redes de ensino.

Quinto, outra característica do caso brasileiro é a descontinuidade dos planos e metas estabelecidos por ele mesmo. O conjunto de medidas do Estado que se revela pelo termo de “política educacional” não apresenta a continuidade de ações, desperdiçando tempo e recursos públicos. A cultura da política brasileira é marcada, em partes, pelo personalismo, ocasionando assim novas medidas isoladas, a cada governo, desprezando, muitas vezes, os esforços dos planos passados.

Por fim, pode-se concluir que as políticas educacionais brasileiras são marcadas por processos de avanços e retrocessos. Apesar da adoção do ideário neoliberal marcado, mais especificamente, pelo consenso de Washington, as políticas educacionais apresentam alguns avanços. Contudo, ao considerar a historicidade e o conjunto de idas e vindas, percebe-se que a política pública educacional, de forma genérica, permanece em estado de precarização, já que, como foi citado, falta ao modelo brasileiro alguns aspectos, dentre os quais, pode-se afirmar: falta de priorização para alavancar recursos para a área educacional; falta de priorização das metas estabelecidas; ausência de autonomia para que a educação brasileira seja pensada pelos próprios brasileiros e a partir das constatações da própria rede de ensino, dentre outros aspectos.



Para finalizar este raciocínio, cita-se o seguinte trecho do Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova que permanece atual na atual conjuntura das últimas décadas no Brasil:

Todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade não lograram ainda criar um sistema de organização a altura das necessidades das necessidades modernas e das necessidades do País. (Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, 1932, p. 407)

Bibliografia

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 5 ago. 2015.

GERMANO. J. Willington, **Estado Militar e Educação no Brasil** 2ª ed. SP, Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estruturas e organização** / José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi – 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção Docência em Formação / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

“MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova-1932”. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 65, nº 150, mai.-ago. 1984, pp. 407-425.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: LDB – Trajetória, limites e perspectivas**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. D. **Educação brasileira: Estrutura e sistema**. 7ª ed., Campinas: Autores Associados, 1996a.

_____. **Política e educação no Brasil**. 3ª ed., Campinas: Autores Associados, 1996b, 156 p.

_____. **A nova Lei da Educação (LDB): Trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997, 262 p.

_____. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: Por uma outra política educacional**. Campinas: Autores Associados, 1998, 184 p.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



VIEIRA, Sofia Lerche; ALBUQUERQUE, Maria Gláucia Menezes. **Estrutura e Funcionamento da educação básica**. 2. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.



INFLUÊNCIA DA CORRIDA COMO EXERCÍCIO AERÓBIO NA MELHORA DO CONDICIONAMENTO CARDIORESPIRATÓRIO

290

Ernesto Flávio Batista Borges Pereira⁸⁹ ernesto.pereira@ueg.br

Adriana Costa Borges⁹⁰ adriana.borges@ueg.br

RESUMO: Para o aprimoramento fisiológico e uma resposta ao treinamento é necessário uma sobrecarga ao exercício. Ao exercitar-se em intensidade elevada, o organismo passa por uma série de adaptações funcionando com maior eficiência. Quanto maior a intensidade maior serão os aprimoramentos. Nosso estudo visa analisar com base na bibliografia pesquisada, como o treinamento aeróbio, em específico a corrida, pode colaborar no condicionamento cardiorrespiratório.

Palavras-Chave: Corrida, treinamento aeróbio, condicionamento cardiorrespiratório.

INTRODUÇÃO

Segundo Foss & Keteyian (2000), o exercício físico é uma forma de atividade física com o objetivo de aprimorar a saúde ou a aptidão física e a atividade física é estar fisicamente ativo, com um aumento significativo de energia durante o trabalho, nas atividades do dia-a-dia ou lazer; porém, o exercício físico é um subtipo da atividade física, muitas vezes realizado durante o tempo livre, normalmente envolve o planejamento de movimentos corporais. De acordo com Robergs & Roberts (2002), exercício físico é uma atividade organizada para aperfeiçoar ou

⁸⁹ Docente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Porangatu

⁹⁰ Docente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Porangatu



manter um tipo específico de aptidão física. Já a aptidão física, é estar apto para um estresse específico, ou seja, exercício físico. Segundo Caspersen et al. (1985) apud Mazo et al. (2001), a atividade física é qualquer movimento do corpo utilizando a musculatura esquelética, resultando em um gasto energético acima do repouso. Exercício físico é uma atividade física planejada, sistematizada, com repetição de movimentos corporais, para manter ou desenvolver um ou mais componentes da aptidão física. A aptidão física é uma característica do indivíduo que está relacionada com a capacidade de fazer exercício físico, porém, dependem de outros fatores como os ambientais, sociais, genéticos, idade, gênero, raça e classe social. O objetivo do nosso estudo é o de analisar como treinamento aeróbio, em específico a corrida, com base na bibliografia pesquisada, pode colaborar no aprimoramento do condicionamento cardiorrespiratório.

O SISTEMA E O SUBSTRATO ENERGÉTICO UTILIZADO NA CORRIDA

Para McArdle et al. (2003), de acordo com a duração e intensidade do exercício físico serão ativados sistemas energéticos específicos. Os exercícios são classificados de acordo com sua duração e vias energéticas predominantes, porém, torna-se difícil classificar alguns exercícios em determinada categoria devido ao aperfeiçoamento da aptidão física de um indivíduo, pois, um exercício que era classificado como anaeróbio pode ser reclassificado como aeróbio.

Segundo Moreira (1996), para obter energia é necessário a combustão de substratos que são convertidos em calor, mas apenas uma pequena parte é utilizada pelos músculos para a contração através da produção mecânica. De acordo com Weineck (1999), a fonte de energia do músculo é proveniente do ATP, como a reserva intramuscular é reduzida, o organismo dispõe de opções para ressíntese de ATP. Para Fleck & Kraemer (1999), existem três sistemas energéticos, ATP-CP, o sistema de glicólise e o sistema aeróbio. Segundo McArdle



et al. (2003), estes sistemas são ativados em momentos diferentes durante o exercício.

Para McArdle et al. (2003), as atividades de potência rápida, com duração em torno de 6 segundos, ativam predominantemente o consumo energético do fracionamento dos fosfatos de alta energia armazenados nos músculos, ATP e CP. Grande parte da energia gerada através das vias anaeróbias utilizam o sistema da glicólise com formação de ácido láctico. Com a diminuição da intensidade do exercício e o aumento da duração, a produção aeróbia de ATP passa a ser cada vez mais predominante. O exercício prolongado utiliza mais de 99% da demanda energética sendo gerada pelo metabolismo aeróbio. Segundo Silva (2002), a intensidade do exercício na qual se observa maior oxidação de gordura está entre baixa e moderada. Para McArdle et al. (2003), o condicionamento fisiológico é semelhante para homens e mulheres dentro de uma variação etária, ambos respondem e se adaptam ao treinamento essencialmente da mesma maneira.

Para Wilmore & Costill (2001), os carboidratos são fonte principal de energia em maiores intensidades, dependendo do treinamento ele pode ser de intensidade submáxima utilizando mais gordura. Em exercício abaixo de 45% do volume máximo de oxigênio o principal substrato é o lipídeo, em 70% do volume máximo de oxigênio o carboidrato é o principal substrato.

Segundo Powers & Howley (2000), os carboidratos são armazenados em forma de glicogênio nos músculos e no fígado. O glicogênio muscular fornece uma fonte direta de energia, já os estoques hepáticos de glicogênio servem como reposição da glicose sanguínea. Quando a glicemia diminui em exercício prolongado, a glicogenólise hepática é ativada, a glicose é liberada para o sangue e a mesma é transportada aos músculos ativos. Os substratos mais importantes durante o exercício são os carboidratos e as gorduras, sendo que as proteínas são utilizadas em exercícios extremamente prolongados, pois representam menos de 2% da fonte energética em exercícios com duração inferior a uma hora. A



predominância dos substratos durante o exercício é determinada pelos seguintes fatores: dieta, intensidade e a duração do exercício.

Para Manidi & Michel (2001), exercícios de resistência, de baixa intensidade e longa duração, utilizam o sistema aeróbio. De acordo com Weineck (1999), o sistema aeróbio é ativado em exercícios acima de um minuto. Os exercícios aeróbios são de intensidade média e tempo prolongado, através da degradação aeróbia de carboidratos e gorduras.

Para Tubino & Reis (1979), os exercícios aeróbios são de média a longa duração, melhorando o desempenho aeróbio aumenta-se o consumo máximo de oxigênio e melhora o sistema cardiovascular. De acordo com McArdle et al. (2003), o treinamento aeróbio induz adaptações em várias capacidades funcionais relacionadas com o transporte e a utilização de oxigênio e adaptações metabólicas no músculo esquelético, ou seja, as mitocôndrias do músculo esquelético treinado são maiores e mais numerosas, comparando com as fibras musculares menos ativas; e há uma melhora no sistema enzimático, ou seja, aumento da capacidade de gerar ATP aerobiamente através da fosforilação oxidativa.

Segundo Foss & Keteyian (2000), o sistema cardiorrespiratório faz o transporte e a troca de oxigênio e dióxido de carbono entre o meio ambiente e os músculos ativos. O oxigênio precisa ser levado aos músculos na quantidade suficiente para que a produção de energia possa continuar através do metabolismo aeróbio. O sistema cardiorrespiratório é mais requisitado nos exercícios de baixa intensidade e longa duração.

Para McArdle et al. (2003), aprimorar a capacidade funcional da circulação central e elevar a capacidade aeróbia dos músculos específicos são fatores importantes em um programa de treinamento aeróbio. Tanto séries curtas de exercício repetido (treinamento intervalado), quanto esforços contínuos de longa duração (treinamento contínuo) melhoram a capacidade aeróbia.

De acordo com Foss & Keteyian (2000), os programas de treinamento devem ser elaborados para desenvolver as capacidades fisiológicas específicas



necessárias na realização de uma determinada habilidade. Os exercícios aeróbios envolvem principalmente os músculos esqueléticos e o sistema cardiorrespiratório. De acordo com Silva (2002), exercícios aeróbios levam a alterações na musculatura esquelética, aumento de mioglobinas, maior oxidação dos carboidratos e gorduras, aumento das reservas ATP-CP pela fosforilação oxidativa e maior capacidade glicolítica. Há hipertrofia nas fibras vermelhas e brancas de acordo com o tipo de treinamento, aeróbio ou anaeróbio. A quantidade de energia e duração do exercício são importantes nas perdas de gordura, como o gasto energético no período de recuperação entre as sessões.

Para McArdle et al. (2003), o treinamento aeróbio regular reduz as pressões arteriais sistólica e diastólica, e a frequência cardíaca em repouso e durante o exercício submáximo, essa redução é utilizada para determinar o aperfeiçoamento induzido pelo treino. O treinamento aeróbio gera um aumento na quantidade de oxigênio extraído do sangue circulante, melhorando a capacidade das fibras musculares treinadas utilizarem o oxigênio. Aumentos nos volumes respiratórios acompanham os aumentos no consumo máximo de oxigênio. Uma ventilação máxima mais alta é causada pelo aumento no volume corrente e na frequência respiratória. No exercício submáximo, o indivíduo treinado ventila menos que o destreinado, isto é útil no exercício prolongado, pois a eficiência ventilatória caracteriza-se por mais oxigênio disponível para os músculos ativos.

Para McArdle et al. (2003), no treinamento de resistência a sobrecarga imposta aos grupos musculares específicos melhora o desempenho e a potência aeróbia por facilitar o transporte de oxigênio aos músculos treinados. A condição inicial de aptidão física relativa do indivíduo influencia na resposta ao treinamento. Segundo Foss & Keteyian (2000), a sobrecarga pode incluir modificações na intensidade, volume ou frequência da atividade, sendo que a intensidade é o fator mais importante para o aprimoramento dos sistemas energéticos aeróbios. No treinamento aeróbio, deve-se atingir uma intensidade mínima para obter adaptação fisiológica. Para melhorar o desempenho de resistência é necessário ativar



músculos ou sistemas orgânicos específicos com maior intensidade. Para McArdle et al. (2003), para o aprimoramento aeróbio é necessário a progressão na intensidade do exercício, caso contrário o programa é de manutenção da aptidão aeróbia, quanto maior a intensidade do treinamento acima do limiar, maiores serão os aprimoramentos pelo treinamento. Contudo, isso acontece dentro de certos limites, embora exista uma intensidade limiar mínima abaixo da qual não ocorrerá efeito do treinamento, pode haver um limite acima que não haverá ganhos adicionais.

Para Silva (2002), nos exercícios aeróbios para o emagrecimento, a sobrecarga e o volume são importantes. Segundo McArdle et al. (2003), o treinamento aeróbio melhora a capacidade de oxidar as gorduras, através do exercício prolongado e uma carga constante. Essa adaptação, resulta da liberação de ácidos graxos pelo depósito do tecido adiposo e da liberação de uma maior quantidade de gordura dos músculos treinados. A lipólise vigorosa é consequência do maior fluxo sanguíneo no músculo treinado e de maior quantidade das enzimas que mobilizam e metabolizam as gorduras. No exercício submáximo, um indivíduo treinado utiliza mais ácidos graxos para obtenção de energia do que um destreinado, isto é benéfico para atletas de resistência, pois conservam os depósitos de carboidratos e melhoram a beta oxidação dos ácidos graxos e produção de ATP no ciclo de Krebs.

Para Monteiro et al. (1999), os exercícios aeróbios melhoram a aptidão aeróbia e diminuem o percentual de gordura, proporcionando menores riscos de doenças cardiovasculares.

De acordo com McArdle et al. (2003), há benefícios de exercícios aeróbios em indivíduos obesos ou com obesidade limítrofe, pois o exercício de resistência regular gera uma redução da gordura corporal. Segundo Nadai et al. (2002), os exercícios aeróbios, em geral, não aumentam a massa muscular, porém, há manutenção do tecido magro do corpo.



CONSUMO MÁXIMO DE OXIGÊNIO E TREINAMENTO AERÓBIO

VO₂max ou Consumo Máximo de Oxigênio é, segundo McArdle et al (2003), quando o consumo de oxigênio alcança um platô ou aumenta apenas levemente com os aumentos adicionais na intensidade do exercício. O VO₂max proporciona uma medida quantitativa da capacidade do indivíduo para a ressíntese aeróbia do ATP. Isso torna o VO₂max um importante determinante da capacidade de realizar um exercício de alta intensidade por mais 4 ou 5 minutos. O consumo de oxigênio aumenta exponencialmente durante os primeiros minutos do exercício para alcançar um platô entre o terceiro e o quarto minuto. (McARDLE et al, 2003)

Segundo McArdle et al (2000), possibilidade de alcançar um VO₂max alto comporta um significado fisiológico importante além de seu papel que consiste em permitir o metabolismo energético. Uma alta potência aeróbia requer a resposta integrada e de alto nível de diversos sistemas fisiológicos.

Segundo Dantas (1998), o exercício extenuante, a 100% do VO₂max, somente será atendido pelo sistema anaeróbio alático, até a depleção das reservas de CP. No exercício intenso, entre 85 e 100% do VO₂max, a energia pode ser fornecida pelo sistema anaeróbio láctico; ressintetizando o ATP para o esforço, sendo que a produção de ácido láctico poderá impedir a continuidade da atividade. Em exercício leve, menos de 85% do VO₂max, embora a demanda inicial de energia seja atendida pelos sistemas anaeróbios, com o aumento de oxigênio às células musculares o sistema aeróbio será priorizado.

Durante exercícios dinâmicos prolongados deve existir uma constante transferência de oxigênio (O₂) desde o ar atmosférico até as células musculares e de gás carbônico (CO₂) no sentido inverso. O maior consumo de O₂ (VO₂) e produção de CO₂ (VCO₂) resultam da resposta fisiológica integrada da musculatura esquelética com os sistemas cardiovascular e respiratório. (MAUGHAN et al, 2000)



Em relação ao sistema respiratório, observamos que, durante um exercício dinâmico de intensidade crescente, ocorre um incremento da ventilação pulmonar total, junto com um aumento proporcional da ventilação alveolar, isto é, uma menor relação volume do espaço morto/volume corrente (V_p/V_t). A hiperpnéia (aumento da ventilação pulmonar sem redução da pressão parcial de CO_2 no sangue arterial) decorre da contribuição proporcionalmente maior do aumento do volume corrente no exercício menos intenso e da frequência respiratória e em intensidades maiores de esforço. (MAUGHAN et al, 2000)

Um incremento progressivo na intensidade do esforço promove, inicialmente, um aumento proporcional e paralelo da ventilação pulmonar (VE), do VO_2 e do VCO_2 . A partir de uma certa intensidade, uma participação mais significativa da via anaeróbica láctica pode provocar acidose metabólica. Entretanto, o pronto tamponamento dos íons hidrogênio pelos íons bicarbonato mantém o pH formando moléculas de ácido carbônico. Esta reação, por sua vez, adiciona ao organismo moléculas de CO_2 não produzidas metabolicamente, mas oriundas do efeito tampão do bicarbonato. A partir deste ponto, chamado de limiar anaeróbico, observamos um aumento curvilíneo da ventilação pulmonar proporcional ao VCO_2 , mas em desproporção ao VO_2 . (MAUGHAN et al, 2000)

Se por um lado o VO_{2max} representa a taxa máxima de utilização de O_2 desenvolvida por um indivíduo, e por isso traduz a intensidade máxima de esforço possível, o limiar anaeróbico, por sua vez, marca a "endurance" de um indivíduo, é, a capacidade de realizar trabalhos submáximos por períodos prolongados de tempo sem desenvolver acidose metabólica. Quanto mais próximo ao VO_{2max} estiver o limiar anaeróbico, mais intenso poderá ser o exercício executado, sem que ocorra acúmulo de ácido láctico na circulação. Em intensidades de esforço superiores àquela correspondente ao limiar anaeróbico, ocorrerá uma progressiva acidose intramuscular que, inibindo a atividade da fosfofrutoquinase (uma enzima-chave da via glicolítica) e a afinidade do cálcio pela troponina (proteína reguladora da interação entre actina e miosina para a contração muscular), produzirá fadiga



localizada, com diminuição da performance. É interessante observar, contudo, que o limiar anaeróbio é mais sensível ao treinamento físico do que o VO₂max, resultando daí seu uso crescente no acompanhamento e avaliação de resultados de programas de treinamento físico, tanto em atletas como em pacientes. (McARDLE et al, 2003)

FIBRAS E CONTRAÇÕES MUSCULARES ATUANTES NA CORRIDA

O músculo esquelético não contém apenas um grupo homogêneo de fibras com propriedades metabólicas e contráteis semelhantes. Segundo McArdle et al. (2003), existem as fibras de contração rápida (tipo II) que exibem as seguintes características:

- a) Alta capacidade para a transmissão eletroquímica dos potenciais de ação;
- b) Alta atividade de miosina ATPase;
- c) Liberação e captação rápidas de íons de cálcio por um retículo sarcoplasmático eficiente;
- d) Alta taxa de renovação (turnover) das pontes cruzadas.

Todos esses fatores contribuem para a geração rápida de energia dessa fibra para as contrações aceleradas e poderosas.

McArdle et al. (2003), ainda subdivide esse tipo de fibras em do tipo IIa, IIb e IIc. As do tipo IIa é intermediária e exibe uma alta velocidade de encurtamento e uma capacidade moderadamente bem desenvolvida para a transferência de energia das fontes tanto aeróbia quanto anaeróbia. As IIb segundo McArdle et al (2003), possui o maior potencial anaeróbio e a velocidade de encurtamento mais rápida. As do tipo IIc, normalmente raro e indiferenciado, pode contribuir para a reinervação e a transformação da unidade motora. As fibras de contração lenta (tipo I) geram energia para a ressíntese do ATP predominantemente através do sistema aeróbio de transferência de energia. (McARDLE,2003).



Suas características são, segundo McArdle et al. (2003):

- a) Atividade relativamente lenta de miosina ATPase;
- b) Menor capacidade de manipulação do cálcio e velocidade de encurtamento mais lenta;
- c) Capacidade glicolítica menos bem desenvolvida que aquela das fibras de contração rápida;
- d) Numerosas mitocôndrias relativamente grandes que combinadas com altos níveis de mioglobinas, conferem a cor avermelhada.

Ambos os tipos de fibras contribuem durante o exercício aeróbio e anaeróbio quase máximo, como na corrida ou natação de meia distância, que combinam os altos níveis de transferência de energia aeróbia e anaeróbia. (McARDLE et al, 2003)

Para McArdle et al. (2003), o treinamento aeróbio leva a adaptações metabólicas em cada tipo de fibra muscular, pois melhora seu potencial aeróbio preexistente. Há hipertrofia seletiva em diferentes tipos de fibras musculares em treinamento com uma sobrecarga específica, sendo assim, atletas de resistência possuem fibras de contração lenta maiores do que as fibras de contração rápida.

Para Powers & Howley (2000), as fibras de contração rápida possuem enzimas glicolíticas, mas poucas enzimas mitocôndriais e lipolíticas, as quais são responsáveis pela degradação das gorduras. Com isso, estas fibras podem estar mais preparadas para metabolizar carboidratos do que gorduras.

Segundo Foss & Keteyian (2000), a maior parte das atividades de resistência depende do sistema energético aeróbio do músculo esquelético. A base neuromuscular do treinamento aeróbio está nas diferentes unidades motoras ou tipos de fibras do músculo esquelético e suas formas de recrutamento durante a realização de exercícios. As fibras tipo I (lentas-oxidativas) e tipo II (rápidasglicolíticas) têm especificidade metabólica, sendo que as fibras tipo I possuem maior capacidade aeróbia.



O músculo esquelético pode exercer força sem uma grande quantidade de encurtamento muscular. Isso pode ocorrer quando um indivíduo traciona um fio de aço fixado na parede. O que acontece aqui é que a tensão muscular aumenta, mas a parede não se move e, conseqüentemente, a parte do corpo que aplica a força também não. As contrações desse tipo são denominadas contrações isométricas ou estáticas. As contrações isométricas são comuns nos músculos posturais do corpo. (POWERS e HOWLEY, 2000)

Em contraste, a maioria dos tipos de exercícios ou de atividade esportiva envolve contrações que resultam no movimento de partes do corpo. Neste caso, como na contração isométrica, a tensão muscular aumenta, mas os ângulos articulares são alterados quando partes do corpo se movem, esse tipo de contração é denominada isotônica ou dinâmica. Existem dois tipos de contração isotônica concêntrica e excêntrica, a primeira ocorre quando um músculo é ativado e encurta e a segunda quando um músculo é ativado, a força produzida, mas o músculo se alonga. (POWERS e HOWLEY, 2000) Com base nisso podemos dizer que na corrida as fibras do tipo I e a contração dinâmica são o que predominam na corrida aeróbia.

CAPACIDADE AEROBIA E TREINAMENTO

O treinamento das capacidades aeróbias pode ocorrer dentro dos métodos contínuo e intervalado. As capacidades a serem treinadas são a potência aeróbia e a resistência aeróbia, sendo que a primeira é desenvolvida preferencialmente através de protocolos de treinamento intervalado.

A potência aeróbia é de extrema importância para a maioria dos esportes coletivos como o futebol, basquetebol, handebol entre outros, onde devido à duração dos jogos e a predominância anaeróbia dos mesmos é necessária uma alta capacidade de absorção de oxigênio a fim de evitar-se o processo de fadiga



decorrente do acúmulo do lactato e otimizar o processo de recuperação entre os esforços intervalados, que caracterizam estas modalidades.

Devido á otimização da capacidade de absorção de oxigênio e melhorias no VO₂max, o treinamento de potência aeróbia torna-se de extrema importância aos esportes anteriormente citados.

A resistência aeróbia pode ser desenvolvida através de treinamentos intervalados e contínuos, sendo em sua maior parte utilizado o treinamento contínuo ou de duração (HERNANDES JUNIOR, 2000).

Segundo Barbanti (1997) o método de duração é realizado de tal forma que o organismo realiza um esforço ininterrupto, quase sempre em steady state, quer dizer, em equilíbrio de oxigênio, assim como em equilíbrio todas as funções orgânicas. O trabalho de duração poderá também ser empregado nos desenvolvimento da força. Por exemplo, em exercícios de força sem carga adicional, onde ele só poderá ser aumentado no número de repetições, no número de exercícios ou nos dois fatores juntos.

A aplicação desse método deverá provocar certas adaptações fisiológicas no organismo, que melhoram a regularidade cardiorrespiratória, a capilarização, a capacidade de absorção de oxigênio, as trocas gasosas e, além disso, é desenvolvida também uma característica psíquica como a vontade, bastante decisiva para o êxito, principalmente nas provas de resistência. A intensidade do esforço varia de 70 a 95% para corridas e 25 a 75% para o treino de força. Lembrese que a pulsação elevada não significa que o trabalho seja anaeróbio, pois depende do nível e do tempo de treinamento do indivíduo.

Müller et al. (2002) divide e subdivide os métodos de treino mais importantes nas corridas de meio-fundo e fundo que são:

1. Duração ou Contínuo: subdividido em Ritmos Uniformes e Ritmos Variados. Com objetivo de desenvolver as capacidades funcionais do coração, do aparelho respiratório (captação, transporte e consumo de O₂), do aumento das reservas energéticas e da capacidade de degradação da energia aeróbia ao nível



da célula. *Ritmo Uniforme*: O VO₂max irá variar de 50 a 80% com objetivos de atingir a regeneração e a capacidade aeróbia, com corridas contínuas que irão de 15 a 150 minutos de acordo com a intensidade e a zona de trabalho. *Ritmo Variado*: serão utilizados os métodos Fartlek, Corrida de Ritmo ou Fracionada, Corrida com Variação de Velocidade e Corrida Progressiva Crescente.

2. Fracionado: subdividido em Intervalados (Extensivo e Intensivo) e Repetição. Com realização de corridas em séries ou de outro tipo de esforços, para os quais o ritmo ou a intensidade, a distância e/ou o número de repetições e o tempo de recuperação será previamente definido. *Intervalado Extensivo*: objetiva desenvolver a resistência geral através do volume que irá aumentar conforme a distância do percurso, ritmo ou intensidade média, pausa curta ou incompleta, dependendo das características individuais do indivíduo. *Intervalado Intensivo*: objetiva desenvolver a resistência específica através do volume que será reduzido, com intensidade elevada, pausa curta e incompleta, e, distâncias curtas com objetivo de aumentar a tolerância á acumulação de ácido láctico e também aumentar a capacidade de remoção do ácido láctico. *Repetição*: objetiva desenvolver a resistência anaeróbia láctica, o ritmo de competição e a resistência aeróbia, com intensidade bastante elevada, pausa completa, poucas repetições, e, distâncias média e longa com o objetivo de desenvolver a velocidade, força máxima, força rápida (potência) e a resistência de velocidade.

EFEITOS FISIOLÓGICOS ADVINDOS DA SOLICITAÇÃO AERÓBIA

A solicitação aeróbia é caracterizada por esforços que obtém a energia necessária à ressíntese do ATP, através da quebra aeróbia da glicose (glicólise aeróbia), podendo também utilizar gorduras como fontes energéticas, através da oxidação beta.



Os esforços que se encontram neste grupo são os que têm duração superior a seis minutos, onde a duração máxima dependerá, entre outros fatores, da quantidade de energia disponível ao esforço.

Dentro das alterações bioquímicas induzidas pelo estímulo aeróbio, estão aquelas que objetivam um melhor aproveitamento e extração do oxigênio sanguíneo e suprimento dos substratos necessários ao metabolismo aeróbio celular.

As alterações bioquímicas mais significantes induzidas pelos esforços aeróbios são:

1. Aumento do número de mitocôndrias nas células musculares, ocorrendo tanto nas fibras rápidas, tipicamente anaeróbias, como nas fibras lentas (HOLLOSZY, 1967).
2. Otimização do número de capilares que circundam uma fibra muscular, o que possibilita uma oferta sanguínea de oxigênio necessário às reações aeróbias, além de facilitar a difusão do mesmo para dentro das células musculares, sendo que este aumento ocorre em maior amplitude nas fibras lentas do que nas rápidas, porém ocorre de uma maneira global (SALTIN e GOLNICK, 1983; YANG et al, 1994).
3. Aumento da concentração dos glóbulos vermelhos (hemácias) e, conseqüentemente, da hemoglobina, o que possibilita uma maior capacidade de transporte de oxigênio na corrente sanguínea.
4. Elevação na concentração e nível de atividade das enzimas envolvidas no metabolismo aeróbio, o que otimiza a oxidação de carboidratos e gorduras.
5. As reservas musculares de glicogênio e triglicerídeos intramusculares são elevadas, propiciando um maior aporte energético.

A estimulação aeróbia em nível sistêmico produz adaptações no sistema cardiorrespiratório, otimizando a oferta de oxigênio e a circulação do mesmo para as musculaturas que desempenham o esforço.

A capacidade pulmonar é modificada, fato este observado no aumento da ventilação/minuto, que é a quantidade de ar inspirado ou expirado durante um



minuto, sendo que temos também uma otimização da ventilação alveolar, que é a quantidade de ar inspirado que efetivamente chega aos alvéolos.

Esta maior oferta de oxigênio se traduz em um aumento do VO₂max (Potência aeróbia máxima), que representa a máxima quantidade de oxigênio consumida por minuto durante a realização de um esforço máximo.

Em nível cardíaco, temos um aumento no volume de ejeção, que é a quantidade de sangue ejetada pelo ventrículo a cada sístole, sendo que este é obtido através do aumento de tamanho da cavidade ventricular esquerda em aproximadamente 25% em relação a um indivíduo sedentário (MCARDLE et al., 1991).

Acompanhando estas modificações temos um aumento no volume sanguíneo circulante, que é de aproximadamente 5,7 litros para 6,4 litros, em indivíduos do sexo masculino, e de 4,3 litros para 4,8 litros, em indivíduos do sexo feminino (PILA TELEÑA, 1985), além de uma diminuição da frequência cardíaca de repouso (bradicardia).

Porém, este aumento da capacidade de circulação sanguínea não é suficiente para suprir todos os vasos sanguíneos da musculatura, casos estes vasos estejam dilatados ao máximo (ANDERSON E SALTIN, 1985).

Estudos voltados para a determinação do percentual de influencia da hereditariedade em algumas capacidades fisiológicas demonstram que a potência aeróbia máxima é determinada em aproximadamente 93,4%, a potência muscular em 99,2% e o tempo de reação em 85,7% (FOX E MATHEWS, 1896).

Outro fator determinado pela hereditariedade é a proporção dos diferentes tipos de fibras musculares. Em primeira instancia estas estão divididas em fibras vermelhas classificadas como tipo I ou de contração lenta, e fibras brancas classificadas como tipo II ou de contração rápida.

As fibras vermelhas possuem seu aparato fisiológico adaptado á realização das reações aeróbias, e assim são responsáveis pela contração muscular durante os esforços de baixa intensidade e longa duração.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exercícios aeróbios colaboram substancialmente na melhora do condicionamento cardiorrespiratório e a corrida pode ser uma desses exercícios. Uma corrida com duração superior a 40 minutos de três a quatro vezes por semana trará um aumento considerável no consumo máximo de oxigênio de um indivíduo ativo. O exercício aeróbio, no caso a corrida, estará ativando todos os grandes grupos musculares e todos os tipos de fibras em especial as do tipo I. A corrida é o método mais prático e fácil de treinamento aeróbio a ser realizado, podendo ser praticada por todos e em todos os níveis sociais. Com a corrida o treinamento das capacidades aeróbias poderá ocorrer dentro dos métodos contínuo e intervalado. As capacidades a serem treinadas são a potência aeróbia e a resistência aeróbia, sendo que a primeira é desenvolvida preferencialmente através de protocolos de treinamento intervalado e segunda no método contínuo. Portanto, uma periodização de corrida bem elaborada e bem executada fará com que o praticante tenha uma melhora substancial no nível de condicionamento cardiorrespiratório.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBANTI, V. J. Teoria e Prática do Treinamento Esportivo. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

DANTAS, E.H.M. A prática da preparação física. 4 ed. Rio de Janeiro: Shape, 1998.

FLECK, S., J. ; KRAMER, W., J. Fundamentos do Treinamento de Força Muscular. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FOSS, M., L.; KETEYIAN, S., J. Bases fisiológicas do exercício e do esporte. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2000.

HERNANDES JUNIOR, Benito D. Treinamento Desportivo. Rio de Janeiro, Sprint, 2000.



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



MANIDI,M.J.;MICHEL,J.P. Atividade para adultos com mais de 55 anos. São Paulo, 2001.

MAZO,G.Z.;LOPES,M.A. ;BENEDETTI,T.B. Atividade Física e o Idoso. Porto Alegre: Sulina, 2001.

McARDLE, W., D.; KATCH, F., I. ;KATCH,V.,L. Fisiologia do exercício energia, nutrição e desempenho. 4ª Ed. Rio de Janeiro :Guanabara Koogan S.A, 1998.

MONTEIRO, A., G.; SILVA, S.,G.; MONTEIRO, G., A. ; ARRUDA, M. Efeitos do andamento musical sobre a frequência cardíaca em praticantes de ginástica aeróbica com diferentes níveis de aptidão cardiorrespiratória. Revista Brasileira atividade Física & Saúde, v.4, n.2, p. 30-38, 1999.

MOREIRA,S.B. Equacionando o treinamento a matemática das provas longas. Rio de Janeiro: Shape, 1996.

MÜLLER, Harald; RITZDORF, Wolfgang. Guia IAAF do Ensino de Atletismo: Corre! Salta! Lança! – Sistema de Formação e Certificação de Treinadores. Mônaco: IAAF, 2002.

NADAI, A. & PORTO, M. et al. Efeito do tipo de treinamento físico (Aeróbio e Misto) sobre a composição corporal, glicemia e colesterolemia de mulheres em menopausa com ou sem terapia de reposição hormonal. Revista Brasileira atividade Física & Saúde, v.7, n.3, p. 13-22, 2002.

POWERS,S.K.;HOWLEY,E.T. Fisiologia e Exercício: Teoria e Aplicação ao Condicionamento e ao Desempenho. 3 ed. São Paulo: Manole,2000.

ROBERGS, S; ROBERT, A. Princípios Fundamentais de fisiologia do Exercício para Aptidão Desempenho e Saúde. São Paulo: Phorte, 2002.

SILVA, F., M. Treinamento desportivo aplicações e implicações. João Pessoa: Universitária UFPB, 2002.

TUBINO,M.J.G.;REIS,C.M. Metodologia Científica do Treinamento Desportivo. São Paulo: Editora Lisa S.A, 1979.

WEINECK, J. Treinamento Ideal. 9ª ed. São Paulo: Manole,1999.

WILMORE,J.H.;COSTILL,D.L. Fisiologia do esporte e do exercício. 2 ed. São Paulo: Bela Vista, 2001.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO E DA HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

307

Érico Ricard Lima Cavalcante Mota⁹¹

Kildilene Carvalho Matos Mota⁹²

Resumo

O presente artigo pretende abordar aspectos da discussão teórico-metodológicos da área da educação e da história e constituir aspectos desta relação e suas contribuições para a disciplina de história da educação. Esta discussão faz parte de uma pesquisa de cunho teórico-bibliográfico, realizada durante o curso de mestrado na Universidade Estadual do Ceará. A educação pode ser entendida como complexo ineliminável de reprodução social, tendo em vista que a reprodução da espécie não envolve apenas uma memória genética, mas, em igual importância, uma memória cultural. Portanto é intrínseco ao ser humano o processo de se apropriar da herança cultural de seus antepassados, até mesmo porque sem a qual, ter-se-ia que reinventar a roda. A história, para Bloch, vem contribuindo inegavelmente para o processo de hominização e humanização da espécie desde seu surgimento. Assim como a educação, para a história, cada olhar em sua época supõe uma leitura sócio-histórico-antropológica dos fatos, ocasionando assim concepções dicotômicas, antagônicas e divergentes da realidade. A educação e a história são ciências humanas, constantes na superestrutura definida em Marx, portanto predominantemente calcadas na subjetividade humana. Nesta direção é que há uma

⁹¹ Pedagogo/UFC, Especialista em Gestão Escolar/UECE e Mídias da Educação/UFC e Mestre em Educação/UECE. Professor Assistente da Universidade Estadual de Goiás - UEG / ericoricard@gmail.com.

⁹² Pedagoga/UECE, Especialista em Psicopedagogia/UECE, Mestre e, Educação Brasileira/ UFC. Professora da Prefeitura de Crixás-Go / kildzip1@yahoo.com.br.



relação entre a educação como processo de apropriação da memória cultural e a história como registro e análise desta memória. A história da educação é uma disciplina pertencente ao curso de pedagogia, mas também ministrada nas licenciaturas. Considerada por muitos, de grande importância para a formação do pedagogo, esta concepção leva em conta que apropriar-se da historicidade da sua área seja condição *sinequanon* para a formação do educador, sobretudo do pedagogo. Este trabalho, em suas notas conclusivas, pretende responder o seguinte conjunto de questionamentos: quais as teorias educacionais que norteiam o trabalho dos educadores? Quais as perspectivas teóricas que embasam a abordagem do historiador? Quais as relações entre estas teorias? Quais contribuições estas duas ciências podem apresentar para o ensino de história da educação? Para abordar o tema em questão, escolheu-se apresentar inicialmente a Educação, seu conceito e suas abordagens teórico-metodológicas; em seguida, a história, conceito e perspectivas teórico-metodológicas. Em diante, as contribuições para a história da educação.

Educação: conceito e abordagens teórico-metodológicas

Educação pode ser entendida, seguindo a linha de raciocínio de Saviani, como *ato de produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo singular a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens*. Portanto, aquilo que a humanidade produziu ao longo da história é a referência para se desenvolver uma educação firmada em seu processo sócio histórico sob a possibilidade de construir relações humanas novas, superando os erros do passado.

Na relação objetividade-subjetividade, pode-se dizer que a educação é predominantemente processo subjetivo, resultante de trabalho não-material, pois tal ato não se separa do produto final, ou seja, ao ensinar o professor também se apropria do processo, sem perdê-lo como acontece no trabalho material.



A história é objeto de ensino, campo da educação. E a educação é objeto de estudo da história. Há nisso relação de interdependência. Ao aceitar o conceito de educação explícito acima, aceita-se também que educar é instrumentalizar o outro com o conjunto de conhecimentos ou saberes construídos e conquistados pela humanidade em seu processo de hominização, portanto há aí uma relação mais estreita entre educação e história. Nesta direção, a educação deve contemplar obrigatoriamente em seus currículos o conhecimento historicamente construído e acumulado, como condição das futuras gerações se apropriarem do patrimônio cultural produzido pelo conjunto dos homens. A educação pode ser vista, portanto, como um meio para difusão da história, e dialeticamente apropriação das novas gerações e da história de seus antepassados.

Visitando e revisitando a história da educação, meio pelo qual todos os educadores necessitam se apropriar dos conhecimentos inerentes à sua profissão, pode-se constatar que não há apenas uma visão ou concepção teórico-metodológica de educação, mas há diversas teorias e conceitos que a diferenciam.

Utilizando o texto de Saviani denominado “Teorias da educação e o problema da marginalidade”, pode-se dividir as teorias da educação em dois grandes grupos: teorias não-críticas e teorias críticas.

As teorias não-críticas, de forma genérica, entendem a educação como instrumento de equalização social, portanto de superação da marginalidade. Nesta direção, as teorias não-críticas acreditam que a sociedade é um todo harmônico e bem estruturado, cabendo à educação apenas inserir os novos indivíduos no todo social, além de resgatar os indivíduos que estão à margem do processo educacional por casualidades, sendo assim, exceções.

As teorias não-críticas percebem a educação como instrumento de inserção das novas gerações ao todo social e também como redentora dos indivíduos “marginalizados”, cumprindo neles sua função redentora e homogeneizadora. O segundo grupo, as teorias críticas, concebe a sociedade como marcada pela desigualdade inerente às classes sociais, sendo, portanto, uma



sociedade injusta com as classes menos favorecidas. O problema da marginalidade é entendido como inerente a estrutura da sociedade de classes. Nesse contexto, é entendido que a educação cumpre a função de manter a relação de desigualdade entre as classes, sendo assim uma ação reprodutora da desigualdade.

Quanto à função social, outros autores também cumprem uma divisão das teorias da educação. Cipriano Luckesi, por exemplo, irá dividir as teorias da educação em três grandes grupos, segundo a função social que cumpre a educação: redenção, reprodução e transformação. Sucintamente o primeiro grupo entende a educação como redentora do indivíduo excluído da sociedade e também redentora da sociedade de seus desvios. O segundo grupo, com fundamentação nas teorias críticas, entende a educação como simples e inevitável reprodução do todo social, sendo, portanto a educação objeto de reprodução da sociedade, sem conseguir transformá-la. Entende a sociedade como um todo corrompido e injusto e a escola como instrumento de reprodução dessas desigualdades.

O terceiro grupo entende o todo social como injusta e corrompida. Entende que a escola tem sido utilizada pelas classes dominantes para reproduzir esta desigualdade, mas consegue ver na educação um instrumento de organização social que pode vir a ser usado pelas classes populares como instrumento de empoderamento desta classe social para constituir a mudança. A educação, nesta perspectiva também pode redimir, de forma singular e também reproduz muitas desigualdades, mas pode funcionar como instrumento de transformação, quando utilizada para este fim.

Outro autor, José Carlos Libâneo, dividiu as teorias da educação em dois grandes grupos: teorias liberais e progressistas. O grupo de concepções ou tendências liberais pode ser entendido a partir do da doutrina liberal defendida pela burguesia no Século XVIII. Parte, portanto do princípio do direito natural dos homens, elevando e resguardando o direito a propriedade privada, liberdade, igualdade formal, valorizando assim as aptidões e dons naturais que explicam e justificam assim o seu sucesso. Parte do princípio de que os homens são iguais, e



mesmo pertencendo a classes diferentes, tem oportunidades iguais perante as oportunidades de ascensão social.

O segundo grupo é de tendências progressistas. De forma geral, as tendências progressistas entendem a realidade social considerando o contexto social vigente – a sociedade de classes. Nesta direção, entende que a educação progressista não coaduna com a forma de produção capitalista que mantêm e reproduz as desigualdades sociais. A perspectiva progressista necessita utilizar a educação como instrumento de transformação do todo social desumanizante e injusto.

Para fins metodológicos, tanto Saviani quanto Libâneo construíram e especificaram as teorias ou tendências de forma semelhante. Escolheu-se neste trabalho a divisão construída por Saviani: teorias críticas e não críticas. No grupo das teorias não-críticas Saviani situa a Pedagogia tradicional; Pedagogia nova e Pedagogia tecnicista. No grupo das teorias críticas, o autor faz uma subdivisão: Teorias crítico-reprodutivistas, e postula ainda ideias e reflexões acerca de uma teoria crítica em construção denominada teoria histórico-crítica.

Para Saviani, a pedagogia tradicional se situa historicamente no Século XIX, com a ascensão da burguesia industrial. Era necessário transformar os súditos em cidadãos. A escola surge como remédio para a ignorância. Neste contexto, o professor ocupa a centralidade do processo, portanto cabe a ele transmitir o conhecimento que ele tem. Libâneo se refere ao método como exposição verbal e/ou demonstração feita pelo professor. Cabe ao aluno, observar e apreender tudo que do professor vier. Nesta perspectiva, o aluno é passivo, mas cabe a ele se esforçar para atingir os objetivos do ensino.

A pedagogia da escola nova surgiu no Brasil efetivamente no Século XX, baseando-se na crítica à escola tradicional. A ideia é que a escola tradicional não consegue recuperar os marginalizados ignorantes porque seus métodos são inadequados. Tal perspectiva teórica advém das pesquisas psicológicas com pessoas ditas “anormais” conhecidas na contemporaneidade como “especiais”. O



ignorante, na vertente tradicional, se converte em rejeitado, ou seja, o marginalizado precisa ser incluído. O objeto de estudos se desloca do professor para o aluno. Na perspectiva metodológica, os métodos recomendados são chamados de métodos ativos, pois passam a valorizar as experiências. Os métodos valorizam o aprender-fazendo, a pesquisa, a experiência e, de forma geral, a relação dos alunos com o meio.

A terceira teoria não-crítica é conhecida como tecnicismo. Tem origem epistemológica no behaviorismo norte americano e historicamente, chegou ao Brasil no contexto do período militar de 1964. Era necessário ensinar, de forma objetiva e operacional, como na fábrica. As correntes da administração de empresas são aproveitadas e incorporadas ao ensino. O esfacelamento do processo de ensino passa a ser entendido como organização em prol da produtividade. Para alcançar seus objetivos, é necessário condicionar os estímulos corretos. A metodologia tecnicista se manifesta de forma dividida: algumas pessoas definem o currículo; outras filmam; o professor passa o vídeo e aplica o questionário, muitas vezes ainda o corrige. O professor passa a ser conhecido como orientador da aprendizagem, considerando que não é mais o único que pensa o processo de ensino.

As teorias crítico-reprodutivistas se dividem em sub-grupos de teorias, geralmente realizadas por estudos franceses: 1) Teoria do sistema de ensino como violência simbólica; 2) Teoria da escola como aparelho ideológico do Estado; 3) Teoria da escola dualista. As teorias crítico-reprodutivistas não propõem métodos ou soluções para a educação, mas se configuram em teorias fundadas em abordagens sociológicas que apontam a escola com a função reprodutora das mazelas sociais.

A teoria do sistema de ensino como violência simbólica foi desenvolvida pelos franceses Pierre Bordieu e Jean Claude Passeron na década de 1970, defendida na obra "A reprodução". Tal teoria postula que o sistema de ensino produz violência simbólica nos indivíduos, ou seja, todo ato pedagógico é uma forma de violência. Postulou a escola com a grande reprodutora dos interesses da classe dominante. A escola, nesta perspectiva, teria a função de manter a dominação das



classes economicamente privilegiadas sobre as classes desfavorecidas através da imposição da cultura da classe dominante.

A segunda teoria crítico-reprodutivista foi enunciada por Louis Althusser e aponta a escola como aparelho ideológico do Estado. Considerado um marxista não-ortodoxo, Althusser divide as instituições em Aparelhos Ideológicos do Estado-AIE e Aparelhos Repressivos do Estado – ARE. A polícia, o exército e a administração fazem parte dos aparelhos repressivos; a escola, a igreja e os sindicatos, dentre outros, fazem parte do Aparelho Ideológico do Estado. Nesta perspectiva, a função social da escola seria a alienação da classe trabalhadora orquestrada pelo Estado em prol das classes dominantes. Althusser se diferencia de Bordieu e Passeron por alguns aspectos, o principal seria porque Althusser relaciona a educação e a economia de forma que a primeira é reflexo não necessariamente direto nem linear da segunda, enquanto Bordieu submete a educação à cultura, através de metáforas econômicas. Na análise de Bordieu e Passeron, a cultura não depende diretamente da economia, mas funciona como “urna econômica” como demonstra, por exemplo, a utilização do conceito de capital cultural⁹³.

A terceira teoria se refere à escola dualista dos franceses Baudelot e Establet. Esta teoria se fundamenta na obra *L'Ecole Capitaliste em France* e mantém a concepção de classes sociais marxista utilizada por Althusser, mas reconhece a escola como aparelho da ideologia burguesa em reprodução da ordem capitalista. O principal aspecto desta teoria é justificar a existência de duas redes de ensino – a escola particular a fim de formar os filhos da burguesia e a escola pública para formar a mão-de-obra necessária, além de inculcar os preceitos da ordem capitalista.

⁹³ Capital cultural está associado à cultura acumulada de um indivíduo ou grupo de indivíduos e segundo Silva (2009) pode se manifestar de duas formas: estado objetivado: as obras de arte, as obras literárias, as obras teatrais etc. ou capital cultural institucionalizado, sob a forma de títulos, certificados e diplomas. O capital cultural manifesta-se de forma incorporada, introjetada, internalizada.



Tendo apresentado as teorias crítico-reprodutivista Saviani acena para a emergência da construção de uma teoria que rompa com o otimismo pedagógico das teorias não-críticas e o pessimismo das construções sociológicas crítico-reprodutivistas que não concebem na escola possibilidades de mudanças sociais estruturais, mas que se focam apenas nos condicionantes históricos. O primeiro grupo de teoria anuncia um poder ilusório, enquanto o segundo anuncia apenas a impotência. Para Saviani, uma teoria crítica necessita ser pensada em favor das classes proletárias. Uma teoria que funde seus pés na história de forma a reconhecê-la como processo dialético construído através de erros e acertos. Esta teoria crítica precisa reconhecer a história como tendo sido feitas por homens, portanto estes mesmos homens podem reescrevê-la.

Saviani anuncia sua teoria como uma teoria crítica fundamentada na concepção sócio histórica de homem, compreendendo e reconhecendo os determinantes sócio históricos que culminaram no capitalismo contemporâneo.

História, conceito e concepções teórico-metodológicas

A história é construída à medida que os seres humanos produzem materialmente a sua existência e, por seguinte, as bases políticas, econômicas e culturais da sociedade. A história como uma ciência humana é construída a partir de olhares subjetivos e objetivos sob a realidade.

Os olhares são múltiplos e a forma de registrá-lo também. As perspectivas históricas são resultantes de múltiplos fatores culturais, sociais e históricos. Fatores estes que ocasionaram o surgimento das escolas históricas, dentre as principais, podem-se citar a positivista, a escola dos Analles, o historicismo e o materialismo histórico.

O positivismo, seguindo a linha da racionalidade técnico-científica, propõe a neutralidade do conhecimento histórico, ou seja, as narrativas devem ser construídas sem a interferência das visões e análises particulares, supondo-se tal



objetividade seria a garantia da suposta neutralidade científica, transposta das ciências naturais, afastando ou pretendendo negar a relação entre sujeito-pesquisador e objeto de pesquisa. A tendência positivista resultou em intermináveis narrativas dos grandes heróis e seus feitos prodigiosos que garantiram a ordem e o progresso. Esta tendência, em partes, repercutiu na educação criando as figuras heroicas que foram considerados mártires ou simplesmente heróis da história brasileira, criando uma história centrada nestas figuras icônicas. Como exemplo, pode-se citar Pedro Alvarez Cabral, Dom Pedro I e II, Tiradentes, Marechal Deodoro, dentre outros.

Lowi (1992) enumera três pressupostos do método de análise positivista: 1) as leis que regulam o funcionamento da sociedade são do mesmo tipo das que regem as leis naturais; 2) os métodos de estudo da sociedade devem ser os mesmo métodos de estudo da natureza; 3) a ciência social, assim como a natural, deve ser objetiva, neutra, sem a interferência das visões de mundo.

Em contraposição, surgiram diversas críticas à perspectiva pretensamente neutra proposta pelo positivismo. Lowi aponta três pressupostos que visam desconstruir a pseudoneutralidade da narrativa positivista: 1) todo fenômeno social é histórico; 2) os fatos sociais ou históricos são diferentes dos fatos naturais; 3) não só o objeto, mas também o pesquisador está imerso na história. (Lowi, 2002 apud Gonzalez, 2009). Ora, se o objeto e o pesquisador e suas concepções estão situados e diretamente calçados numa sociedade e numa determinada época, logo suas impressões, opiniões e conclusões não podem ser imparciais, neutras e desvinculadas de sua própria existência.

Na contramão da perspectiva positivista, surge o historicismo que tende a enfatizar a particularização dos fatos históricos, negando a possibilidade da "universalidade" da razão humana pensada pelos positivistas. Nesta perspectiva, a história de cada povo resguarda suas próprias especificidades, sendo necessário assim que cada povo tenha sua história analisada particularmente, evitando generalizações. Os historicistas ressaltam a "diversidade" do mundo humano e dos



tempos históricos, portanto necessitando do estudo de cada particularidade, sem a necessidade, antes posta de se constituir "Leis Gerais" que valham para a história da humanidade e dos diversos povos.

O tratamento do fato histórico de forma particular fortalece e resguarda as diferenças culturais dos povos, mas por outro lado, favorece em algumas vertentes, visões particularistas, podendo rumar para a perspectiva historicista relativista, apregoando que todo conhecimento é parcial e relativo. Para Lowi:

Historicismo: descobriu a relatividade histórica do conhecimento, descobriu a delimitação unilateral de toda a interpretação científica da realidade, desmistificou as ilusões positivistas de um conhecimento absoluto, neutro, da realidade, mostrou a importância de se dar conta da especificidade, da particularidade do conhecimento científico da sociedade, das diferenças entre o conhecimento social e os conhecimentos das ciências naturais. Mas não conseguiu superar os dilemas do relativismo, para qual todo conhecimento é parcial e subjetivo. A única solução que ele encontrou através de alguns autores, foi uma solução fraca, inconseqüente, de pouca força, que foi o ecletismo, a síntese, o compromisso, a via média, etc. (Lowi, 1992, P.78)

Na perspectiva descrita acima o conhecimento histórico passa a depender demasiadamente das visões particularistas e relativistas, podendo inclusive se distanciar dos critérios científicos e técnicos, tendo em vista sua abertura. Esta concepção, em partes, interessa à educação por possibilitar uma rica e vasta produção histórica dos diversos povos, favorecendo a diversidade de visões e concepções, mas por outro lado, caminha para o ecletismo que contrasta com o caráter prático e pedagógico específico da educação.

A terceira corrente ficou conhecida inicialmente por escola dos Anales e propunha, em suas duas primeiras gerações, substituir as narrativas tradicionais de acontecimentos por uma história-problema. Além disso, deveria englobar a história de todas as atividades humanas e não apenas os aspectos políticos da história. E por último, visava buscar a colaboração de outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a filosofia, a psicologia, a linguística e a antropologia social, dentre tantas outras.



Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, objetivar substituir o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, com o objetivo de tornar inteligíveis a civilização e as "mentalidades". Em geral, a trajetória desta escola se divide em quatro fases: Primeira geração - liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre; Segunda geração - dirigida por Fernand Braudel; Terceira geração, destaca-se a liderança de Jacques Le Goff e Pierre Nora, Philippe Ariès e Michel Vovelle; Quarta geração, a partir de 1989, representada por Bernard Lepetit.

Os autores das duas primeiras gerações da escola dos Analles defendiam a perspectiva de uma história totalizante, ou seja, que buscasse englobar todo o contexto histórico, sem seleções. Mas a última geração irá mudar seu método, propondo métodos pela diversificação e fragmentação dos temas. Além disso, passa a se chamar história nova, em vez de Escola dos Analles.

A nova história ou escola dos analles apresentam para a educação da atualidade bastante relevância, considerando seu caráter pluridisciplinar. As novas tendências educacionais no que se refere ao tratamento e sistematização do conhecimento também caminha no sentido de romper com a disciplinaridade, em prol de uma abordagem que se aproxime do conhecimento do todo, sem separá-los em partes.

A quarta corrente histórica que norteou e ainda norteia a historiografia ficou conhecida por materialismo histórico dialético. Pensado de forma inicial por Marx, sob influência da dialética hegeliana, o materialismo histórico dialético privilegia sua leitura dos fatos históricos a partir da materialidade dos fatos. O olhar do historiador que se utiliza do materialismo é carregado de lentes de desconfiança, questionamento e transformação radical.

O historiador que utiliza a abordagem materialista histórico não reconhece os fatos da história oficial como verdadeiros, mas busca a essência dos fenômenos, rejeitando a simples aparência fenomênica. Na atualidade, o princípio mais importante a ser perseguido na perspectiva do materialismo histórico dialético é o



princípio da totalidade. O conceito da totalidade é tão necessário a ser entendido pelos pesquisadores tanto quanto o conceito de mais-valia para os economistas.

Para se entender o conceito de totalidade, partir-se-á do pressuposto teórico que o conhecimento é *totalizante* e a atividade da história humana, em geral, é um processo de totalização, que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada. Com isto, quer-se dizer que o conhecimento é um todo inacabado, mas que só se pode aproximar dele buscando totalizá-lo, mesmo tendo a consciência que a totalidade é praticamente impossível de ser alcançada. Quanto mais se cercar o objeto, mais próximo estaremos da totalidade.

Qualquer fato que se deseje historiar é apenas parte de um todo. Cada passo da pesquisa histórica que o historiógrafo dá, ele se defronta com conexões entre aspectos diferentes da realidade, portanto para que se persiga a totalidade é necessário que se tenha uma visão do conjunto histórico dos fatos e suas conexões. Somente a partir da visão do conjunto é que se pode constituir o registro histórico que se aproxime do real.

A visão do conjunto é sempre provisória e nunca pode pretender esgotar o real, porque o real é sempre mais rico do que podemos conhecer. Por maior que seja o esforço, como historiógrafo-pesquisador, nunca se conseguirá dar conta do todo. Isto não o isenta de buscar sínteses da realidade, já que sem elas, não se teria a visão do conjunto. Mas tem-se que ter em vista, sempre que a totalidade é sempre maior que a soma de todas as partes. O todo é inalcançável porque é maior que a soma de todas as partes juntas. Concluindo esse breve percurso pelas correntes historiográficas e seus referenciais teórico-metodológicos, evidencia-se que apesar das tentativas de construção de um campo autônomo da História, as diferentes escolas e autores não superaram os limites da especulação filosófica, limitando suas abordagens em se aproximarem dos fatos de forma mais fidedigna possível.

O materialismo histórico-dialético diferencia-se das outras perspectivas porque sua abordagem não se limita em apenas conhecer os fatos e suas conexões, relatar e compreender a História, mas primordialmente “transformar” a realidade.



Nesta direção, o materialismo se aproxima da educação de forma decisiva por compartilhar com esta o caráter prático de transformação da realidade. Considerando que a educação progressista da atualidade assume o papel, mesmo que não seja central, de transformação da sociedade é que se pode afirmar essa congruência de objetivos.

Conclusão

Cada corrente historiográfica influenciou e contribuiu para uma concepção ou tendência da educação. Ao se considerar a divisão feita por Luckesi, percebe-se a necessidade de conceber uma educação para além da concepção otimista redencionista e também não se pode entregar ao pessimismo determinista explícito nas teorias crítico-reprodutivistas. A terceira via, portanto, seria conceber a educação como importante complexo de reprodução social, sem a qual nenhuma mudança ou transformação social estrutural pode se concretizar efetivamente.

Nesta direção, a corrente histórica que se coaduna com esta preocupação de romper com o modelo de sociedade é o materialismo histórico dialético. Na atualidade, há no Brasil a construção de uma perspectiva teórica crítica da educação que caminha paralelamente com esta tendência, a pedagogia histórico-crítica, que se fundamenta primordialmente na concepção histórica materialista para se fundamentar. Assim, à medida que os princípios do materialismo histórico dialético são aplicados ao estudo da sociedade e de sua história pode-se obter uma visão mais fidedigna do real, mesmo que este possa não ser de todo compreendido, já que os fenômenos não são examinados de forma isolada, antes possuem conexões indissociáveis das condições que o cercam.

Dessa forma, não nos parece que compreender a importância que o materialismo histórico dialético possui seja algo muito complexo, visto que a aplicação de tais princípios esclarece a concepção de que os fenômenos não existem isolados, mas vinculados entre si. Portanto, o materialismo histórico dialético



CÂMPUS
PORANGATU

**IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão**



pode instrumentalizar os pesquisadores de história da educação para a compreensão dos fenômenos que envolvem a educação de forma que possam abandonar o senso comum educacional em busca da consciência filosófica na compreensão de suas práticas pedagógicas.

320

Bibliografia

ARANHA, Maria Lucia De Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**.- 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. Tradução Nilo Odalia.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

CASTANHO, S. E. M. **Questões teórico-metodológicas de história cultural e educação**. LOMBARDI, J. C.; CASIMIRO, A. P. B. S.; MAGALHÃES, L. D. R. (orgs). **História, cultura e educação**. São Paulo: Autores Associados, 2006.

DOSSE, François. **A História em Migalhas: dos Annales à Nova História**. São Paulo: Edusc, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre a História**. Trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1990.

LOMBARDI, José Claudinei. **História e Historiografia da Educação: Fundamentos Teóricos- Metodológicos**. In: SCHELBAUER, Anaete Regina,

LÖWY, M.. **Ideologias e ciência social**. 8a.ed. São Paulo, Cortez Editora,1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: ed. Cortez,1994.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>>. Acesso em: 10 de dez. 2009.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



SANFELICE, José Luis. **História e historiografia de instituições escolares.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.35, p. 192-200, set. 2009.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia.** 36ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS PRECOSES COM COMPORTAMENTO DE SUPERDOTAÇÃO: A FAMÍLIA EM DEBATE

322

Elaine Cristina Batista Borges de Oliveira⁹⁴

RESUMO

As manifestações da precocidade aparecem inicialmente no contexto familiar, que muitas vezes não possuem as condições necessárias para desenvolver e enfrentar os desafios de se educar um filho precoce. A presença de uma criança precoce família ou com comportamento de superdotação requer atenção, busca por conhecimento sobre o tema, habilidade e paciência para identificá-la, compreendê-la e apoiar seu desenvolvimento. A percepção familiar de que um dos seus membros é precoce, com comportamento de superdotação, pode trazer angústias, dúvidas e alguns impactos (positivos ou negativos) aos membros familiares que, desde cedo, percebem a criança diferente desde os primeiros sinais de desenvolvimento, que vão se confirmando no decorrer do seu crescimento. Nesse contexto em que crianças precoces podem ser causa de conflitos familiares é que urge a necessidade de investigar o contexto atual da temática da família; como se comportam os pais e/ou responsáveis de famílias com a presença de pessoas com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no ambiente escolar e familiar. O presente trabalho teve por objetivo conhecer e analisar a conjuntura familiar de pais e/ou responsáveis que vivem essa realidade diferenciada. Utilizando-se da metodologia de pesquisa bibliográfica realizada por meio de um recorte relativo a um dos capítulos da minha dissertação concluída no ano de 2014 com o tema: Identificação de crianças precoces com indicadores de altas habilidades/superdotação pelos familiares e suas expectativas.

⁹⁴ Mestre em Educação, CAPES. UNESP/Marília-SP. E-mail: ecbbo@yahoo.com.br



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



Palavras - chave: Família. Precocidade. Altas Habilidades/Superdotação.

INTRODUÇÃO

323

A família, comumente, tem sido compreendida ao longo dos tempos como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem, tendo em vista ser ela seu *lócus* de nascimento, crescimento, convivência e gênese de seu desenvolvimento social. Neste sentido, Dessen (2007, p. 15) afirma que a família é um dos primeiros contextos de socialização do ser humano e constitui lugar de promoção do “[...] desenvolvimento primário, da sobrevivência e da socialização da criança”. Além de ser um espaço de transmissão de cultura, significado social e conhecimento agregado ao longo das gerações.

Ao se observar o fenômeno da pluralidade e diversidade de modelos familiares na atualidade, ressalta-se que sempre houve arranjos familiares distintos do modelo nuclear, porém não com tanta variedade e liberdade como vistos na atualidade. Esses novos arranjos familiares exigem da sociedade, dos indivíduos, das instituições e da academia novos olhares sobre a família. Todavia esses padrões ou configurações familiares eram sempre silenciados e marginalizados pela sociedade e pela literatura científica, devido às convenções sociais.

Portanto, considerar o envolvimento da família no desenvolvimento bio-psíquico-social da criança é uma necessidade imprescindível nos estudos científicos. O mesmo se afirma sobre seu desempenho educacional, assim como o auxílio das famílias nos processos de enriquecimento de crianças com necessidades especiais, em particular, crianças precoces com indicadores de AH/SD, objeto desta pesquisa.



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



A família no contexto atual

Para Germani e Stobaus (2006, p. 128), historicamente os serviços de atendimento às pessoas com necessidades educativas especiais não tinham um olhar que considerava o envolvimento parental e familiar como fonte de auxílio na intervenção e cuidado dessas crianças. No entanto, para Omote (2010), as referências sobre a atenção ao drama familiar vivido pelos pais e/ou responsáveis de crianças com deficiência são antigas.

Após o surgimento de pesquisas com efeitos benéficos ao contar com as famílias e parentes como coautores no processo de intervenção das crianças (DELOU, 2007; DESSEN, 2007; SABATELLA, 2007), esse quadro tem se modificado. E vem mostrando que a família pode ser considerada o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento da criança e a construção saudável da sua identidade.

Chacon (2011), ao tratar do tema da família, tem alertado para as alterações sofridas na sua constituição, no decorrer da história, bem como para a necessária importância que se deve dar a todos os seus membros, tanto do núcleo parental (pai e mãe) quanto da família extensa (avós, irmãos, tios e outros), pelo fato de as pesquisas focarem mais a mãe que o pai, e pelo baixo número de pesquisas tendo como objeto de estudo a família extensa.

A propósito do conceito e novos formatos familiares, a definição clássica de família afirma que esta é uma instituição monogâmica, constituída de um homem, uma mulher e o(s) filho(s). Na contemporaneidade, novos arranjos e configurações de família são observados, confrontando-se à visão e ao modelo tradicional de família nuclear. Sendo assim, assiste-se à transição e emergência de diversos arranjos de família, ainda sem denominação específica, mas que caracterizam a família contemporânea (CHACON, 2012). Tal destaque tem importância para a



compreensão do fenômeno dos novos arranjos e modelos familiares presentes na atualidade, cada vez mais crescente, como indica Dessen (2007):

[...] as transformações ocorridas nas sociedades industrializadas, principalmente a partir de meados do século XX, provocaram alterações na estrutura e na dinâmica das relações familiares, o que nos leva a tentar compreender a família como um sistema complexo, influenciado por múltiplos fatores e eventos internos e externos, que sofre variações em função dos contextos cultural, social e histórico. (DESSEN, 2007, p. 18).

Rios e Gomes (2009) também observam essa migração do modelo tradicional de família para outros modelos não tão convencionais perpetuados ao longo do tempo, assim afirma:

A família tradicional cede lugar a diversas novas configurações familiares que se tornam mais visíveis, exigindo legitimidade e maior aceitação por parte da sociedade. A família atual pode ser nuclear, monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, gerada artificialmente, entre tantas possibilidades. (RIOS; GOMES, 2009, p. 1).

Nessa discussão, Ceccarelli (2007, p. 97) chama a atenção para o fato de que essas novas organizações familiares do tempo presente, regulamentadas ou não, apresentam ligações afetivas muito distintas dos padrões tradicionais. Dessa maneira, esses novos modelos de famílias podem assumir padrões, tais como: “famílias monoparentais, homoparentais, adotivas, recompostas, concubinárias, temporárias, de produções independentes, e tantas outras”. Esses novos arranjos familiares exigem da sociedade, dos indivíduos, das instituições e da academia novos olhares sobre a família.

A expressão “tantas outras” evocada por Ceccarelli (2007) para descrever as famílias de hoje, deve ser considerada atentamente, por ser de fato o que se observa no presente em relação às famílias. No bojo da expressão “tantas outras”, pode-se também evocar a pluralidade de modos de procriação familiar na atualidade: barriga de aluguel ou solidária, embriões congelados, procriação artificial com doador(a) anônimo(a), clonagem, e outros. Esses novos modos de procriação também acabam afetando o conceito e a concepção de família na atualidade.



Apesar de se observar o fenômeno da pluralidade e diversidade de modelos familiares na atualidade, o certo é que sempre houve arranjos familiares distintos do modelo nuclear, porém não com tanta variedade e liberdade como vistos na atualidade. Todavia esses padrões ou configurações familiares eram sempre silenciados e marginalizados pela sociedade e pela literatura científica, devido às convenções sociais.

Ainda que novos modelos de família emergjam, sejam construídos e/ou convivam na contemporaneidade, confrontando a configuração tradicional, a família tem sua importância, assim como exerce influência na vida dos indivíduos, em especial, das crianças. Certas expressões conceituais de família servem de indicativos da forte influência que a família exerce na vida e desenvolvimento do indivíduo, a saber: “[...] porto seguro, aconchego, fortaleza, vínculo, pertencimento, união [...]”. Pode-se afirmar, ainda, que a família é para a pessoa “o lugar onde se localiza seu status socioeconômico, suas características culturais e étnicas [...] as quais se modificam ao longo do curso da vida” (SAKAGUTI; BOLSANELLO, 2012, p. 221).

Assim, interpretar crítica e reflexivamente a dinâmica familiar constituída na atualidade pode nos auxiliar a pensar em como essa dinâmica e os valores atuais de relacionamento com suas crianças precoces podem influenciar em seu desenvolvimento. Ideia corroborada por Cardoso e Miranda (2009, p. 118), ao defenderem que “[...] todas as situações que envolvem o ser humano, existem também, em suas devidas proporções, dentro da família”.

Dessa maneira, em termos desta pesquisa, temos a família como um complexo arranjo de diferentes formatos na atualidade, e com profunda importância na vida e no desenvolvimento da pessoa, desde sua etapa inicial. Na família existem modelos de relações interpessoais, atividades e papéis que são experienciados por seus membros e cujas trocas, simbólicas e culturais, permitem dizer que a criança desenvolve relacionamentos não apenas com seus genitores, mas com os diferentes membros da família extensa, tais como: irmãos, avós, tios, primos e outros parentes



cujo contato é importante, nas várias áreas do desenvolvimento infantil. Segundo Dessen (2007, p. 17), “A família, e as relações que os membros familiares mantêm entre si não são mais vistas, hoje, sem levar em consideração a sua integração ao contexto sócio-histórico-cultural”.

No quesito de funções que competem à família, Cardoso e Miranda (2009, p. 118) reportam que a mesma deve desempenhar algumas necessidades emocionais e cuidados imprescindíveis ao crescimento intelectual, físico, afetivo, social e espiritual da criança. São eles:

[...] sociabilidade (estabelecimento de vínculos); segurança afetiva; comunicação; redução do egocentrismo e do princípio de prazer para a inserção do princípio de realidade; experiências de frustração e limites (disciplina); estimular hábitos de higiene, organização; controlar impulsos agressivos; promover a autonomia e [...] além disso, aprendizados sobre condições de trabalho e lazer. (CARDOSO; MIRANDA, 2009, p. 118).

Temos a família como influenciadora direta e primária no desenvolvimento da criança, contribuindo duplamente como mediadora e como rede de apoio para tratar crianças precoces com indicadores de AH/S e como um dos fatores fundamentais para auxiliar no desenvolvimento das mesmas.

Sendo assim, entender o contexto familiar das crianças com quem estamos convivendo pode ser uma das chaves para compreender a forma como acontece o desenvolvimento das precocidades na criança, inclusive como essa descoberta influencia na família e também é influenciada por ela.

A família de crianças com altas habilidades/superdotação

O ambiente familiar pode contribuir significativamente para que a criança precoce com indicadores de AH/SD alcance ou não um desempenho superior, em alguma área de domínio, quando possui pessoas suficientemente esclarecidas para atendê-las. Sábias são as palavras de Sabatella (2007, p. 143): “O atendimento



adequado ao aluno com altas habilidades e a orientação à família tem o potencial de mudar uma vida”.

Pesquisas sinalizam para a importância da família na manifestação, desenvolvimento e reconhecimento das características de AH/SD na vida de uma criança (SAKAGUTI; BOLSANELLO 2012; SILVA; FLEITH, 2008; SABATELA, 2007; DESSEN, 2007; DELOU, 2007; WINNER, 1998; entre outros), motivo pelo qual temos a família uma instância importante de reflexão e análise nesse trabalho, uma vez que seus membros vivem e convivem com a criança no dia a dia, provendo-lhe suas necessidades básicas.

A família é a grande matriz afetiva e de desenvolvimento humano e também fonte de saúde. É considerada funcional quando propicia oportunidades de desenvolvimento (aprendizagem, experiência e criatividade) para seus membros, principalmente no que tange aos dois sentidos básicos: SER (individualmente) e CONVIVER (sociabilidade) (CARDOSO; MIRANDA, 2009, p. 117, grifo dos autores).

Delou (2007) propõe algumas características importantes de funcionamento das famílias de pessoas com AH/SD. Especificamente, a autora demonstra que a observação e o estímulo fazem parte do dia a dia do desenvolvimento dessas crianças em suas rotinas familiares.

Uma das características dessas famílias é o estímulo psicomotor da criança desde a mais tenra idade, “à medida que vai crescendo, as famílias permitem que a criança use os espaços disponíveis na casa, diminuindo, ao máximo, barreiras que impedem seus deslocamentos”. Outra característica é que valorizam o desenvolvimento da criança e interagem com ela constantemente desde cedo. “Tudo é importante: o sorriso, os sons guturais, a lalação, o balbucio, as primeiras palavras, as frases, as perguntas, a música ou a teatralização dos eventos corriqueiros do cotidiano do lar” (DELOU, 2007, p. 132).

Para a autora, algumas famílias propiciam o desenvolvimento da criança de maneira natural, permitem que ela tenha atitudes espontâneas no seu jeito de ser,



agir, falar, se comunicar e demonstrar seus interesses pessoais e suas opções quanto aos brinquedos e outras questões que fazem parte da rotina da criança.

Há famílias que se orgulham de ter uma criança identificada com AH/SD em seu meio e, às vezes, expõem a sua habilidade para tirar alguma vantagem com sua “exibição social”. Isso pode ocorrer por meio de interesse em adquirir “[...] bens materiais, para ganhar bolsa de estudos ou para concorrer a prêmios variados” (DELOU, 2007, p. 134).

E por fim, há famílias que desconhecem os caminhos possíveis para buscar ajuda às necessidades educacionais especiais de suas crianças com AH/SD, necessidades essas tão importantes para o desenvolvimento emocional, psicológico, social e cognitivo da criança (DELOU, 2007).

Famílias que possuem crianças com indicadores de AH/SD e correspondem positivamente cooperam para que o ambiente se torne “[...] enriquecido ao longo do tempo” (WINNER, 1998, p. 149), já que com essas características elas demandam uma necessidade de aprofundar seus conhecimentos. A autora relata que a família que percebe e contribui com essa necessidade da criança de alimentar sua curiosidade e sua sede pelo aprender, tem a tendência a proporcionar um ambiente ainda mais repleto de opções.

Silva e Fleith (2008) destacam que existe uma influência recíproca entre a criança com AH/SD e a família a qual pertence; sendo assim, a família pode interferir de maneira variada no seu desenvolvimento.

Algumas colaborações sugeridas por Delou (2007, p. 136-138) podem ser adotadas pelas famílias para oportunizar o desenvolvimento biopsicossocial da criança com AH/SD. São elas: 1. investir no estímulo pontual da habilidade específica da criança; 2. investigar e procurar responder aos interesses dos filhos através de cursos específicos; 3. facilitar a convivência com outras pessoas que compartilham dos mesmos interesses que a criança; 4. acompanhamento com diálogos e discussões na companhia dos filhos de fatos e temas variados visando ao desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo da criança; 5. incentivar o



desenvolvimento do talento em campos variados de conhecimento valorizando a aquisição de experiências diversificadas, que vise não apenas o rendimento para tirar boas notas.

Contudo, Winner (1998, p. 151) explica que apesar de a família dispensar uma energia colocando a criança com AH/SD como foco de tudo o que acontece na casa, não é a família que gera uma criança com tais características; o aparecimento da habilidade antecede essa dedicação familiar, que pode contribuir positivamente para o desenvolvimento de seu talento.

Avaliando a presença da família na vida da criança com AH/SD como uma instância que auxilia no desenvolvimento do seu potencial, e com base nos estudos científicos das referências utilizadas até aqui, percebe-se que a participação familiar no desenvolvimento integral da criança tem poder tal que, muitas vezes, elas não conhecem ou não sabem. Porém quando descobrem o encaminhamento correto, podem gerar frutos positivos e propiciar desfechos importantes a essas crianças.

No tocante às expectativas dos pais, o dicionário Aurélio define a palavra expectativa como “esperança fundada em promessas, viabilidades ou probabilidades”. Portanto, pode-se dizer que a expectativa está relacionada com predições e previsões, que poderão ou não ser confirmadas. Suposição mais ou menos realista de que algo pode acontecer, trazendo como consequência atendimento às expectativas ou frustrações.

Os pais, mesmo antes do nascimento do filho, possuem expectativas em relação ao novo membro da família. Segundo Guenther (2006), diferentemente das famílias que possuem alguma dificuldade, ou deficiência, as famílias de uma criança com elevado grau de capacidade e talento costumam se orgulhar e criar esperanças positivas, almejando um futuro promissor para seus filhos. Há também o caso de expectativas geradas em função de frustrações parentais que podem ser impeditivas para a vivência de filhos com AH/SD.



Muitas situações de infelicidade e angústia podem ser instaladas quando há transferência de expectativas e sonhos não realizados, dos pais para o filho mais capaz, dificultando que ele possa viver sua própria vida e definir suas próprias expectativas pela sua vivência real, e não por influência de outras pessoas e sonhos que não são necessariamente seus. (GUENTHER, 2006, p. 108).

A expectativa familiar não necessariamente depende da esfera econômica, mas exerce grande influência na esfera psicossocial da criança com AH/SD. Segundo Chagas (2007, p. 21), os pais, “[...] frequentemente encorajam, elogiam, reconhecem e despendem mais tempo e recursos para que o filho receba treinamento de alto nível, além de manterem alto padrão de expectativas em relação ao desempenho do filho.” Essa criança se sente motivada a corresponder à alegria dos pais por essa realidade, esforçando-se para demonstrar retorno a essas expectativas.

Segundo Cardoso e Miranda (2009, p. 119), se os pais exigem demais, em relação à expectativa colocada no filho, pode gerar um peso para a criança corresponder positivamente. Por outro lado, se têm baixa expectativa, pode gerar desmotivação, pois a criança não cria credibilidade naquilo que desenvolve, funcionando como um freio no comportamento da criança, e podendo desenvolver “[...] disfunções sócio-afetivas e/ou acadêmicas em seus filhos”. Portanto, os pais devem perceber que o equilíbrio precisa caminhar junto à observação apurada nos interesses que a criança demonstra ter ao longo de seu desenvolvimento, para que, no lugar das expectativas, haja consciência real do que esperar da criança, sobretudo que a mesma possa desenvolver seu potencial com harmonia e saudavelmente.

O ambiente escolar e a criança precoce

A preocupação com a vida escolar dos filhos faz parte da rotina dos pais. Isso se aplica às crianças com necessidades educacionais especiais, especificamente no



tocante à temática desta pesquisa, a criança precoce com indicadores de AH/SD. Em relação à educação dessas crianças suas especificidades se destacam das dos alunos regulares e/ou de outros com características educacionais especiais, por demonstrarem uma busca aguçada, intensa e constante pelo saber, que, segundo Winner (1998), são crianças que apresentam três características atípicas: precocidade, insistência em fazer as coisas a seu modo e fúria por dominar.

Sabatella (2007) enfatiza que os princípios educacionais dessas crianças não se diferenciam dos demais em termos de princípios educacionais universais, porém exigem responsabilidade para com a orientação escolar adequada e de qualidade, que ambicione desafios que visem à ampliação da motivação e dos interesses dos alunos precoces com indicadores de AH/SD. Esses aspectos característicos dessas crianças são fatores percebidos inicialmente pela família que, nesse caso, podem trazer indícios auxiliares para as ações educativas. Conforme Sabatella:

O que os professores percebem, quase sempre, são alunos que, mesmo considerados inteligentes, destoam da maioria, não se mostram atentos, deixam de completar as tarefas, perguntam muito e interrompem as aulas com observações. (SABATELLA, 2007, p. 131).

Estudos mostram que o papel da escola pode se tornar sem importância quando não se torna um ambiente desafiador; isso leva a criança precoce com indicadores de AH/SD a se desinteressar pela mesma e, conseqüentemente, induzir o professor a enxergá-las erroneamente como “[...] crianças teimosas, arrogantes, desatentas ou desmotivadas” (WINNER, 1998, p. 195).

Quando essas crianças não são identificadas corretamente, confusão e caos é o que se instala no processo educacional, pois, como o professor não percebe a necessidade de desafios altamente estimulantes para esse aluno, acaba proporcionando um ambiente onde o aluno não tem quem o eduque e o discipline corretamente diante de suas necessidades educacionais específicas, e pode se tornar impertinente. A escola fica “de mãos atadas” e a família, principalmente



aquelas que não acompanham o cotidiano do desenvolvimento dos filhos, fica sem funcionalidade na ação educativa.

Pérez e Freitas (2011) indicam ser inconcebível desconhecer, nos dias atuais, que os alunos com AH/SD precisam de atenção educacional especial e que devem ser atendidos no âmbito da Educação Especial. O mesmo pode-se dizer do aluno precoce com indicadores de AH/SD. De maneira que, de posse dessa informação, cabe à família buscar os direitos da criança para que tal atenção se efetive.

Diante desse fato, caso a escola e a sociedade não enxerguem as crianças precoces com indicadores de AH/SD como estudantes que necessitem de ações pedagógicas diferenciadas, não os tratarão como alunos que necessitam de uma educação especial. Isso acarreta muitas práticas equivocadas ou falta de atuações especializadas e/ou específicas para desenvolver e estimular o potencial dessas crianças.

Para isso, cabe aos pais e/ou responsáveis interessados lutar pela oferta do atendimento educacional especializado para os alunos precoces com indicadores de AH/SD e aos professores buscar a formação continuada na área, de maneira a orientar as famílias menos esclarecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre a Educação Especial no Brasil têm demonstrado que a trajetória dos alunos com necessidades educativas especiais é acompanhada por muitas resistências e dificuldades no processo de aceitação social, eliminação de barreiras atitudinais e acessibilidade educacional.

A presença das crianças com necessidades educativas especiais na escola representou um marco social e importante conquista histórica. Todavia, ainda há muito por fazer para a construção de uma escola inclusiva e comprometida com a diversidade. Sobretudo em relação às crianças precoces com indicadores de altas habilidades/superdotação, foco deste trabalho e público geralmente visto como



privilegiado pela condição de ser mais capaz que seus pares e, por isso, na maioria das vezes, negligenciado pelo sistema de ensino e alguns pais e/ou responsáveis, por entenderem que já são inteligentes o suficiente para precisar de acompanhamento educacional especializado.

Sabe-se que, quanto mais cedo pais, professores e profissionais se conscientizam sobre as características e necessidades específicas das crianças precoces com indicadores de AH/SD, mais cedo podem intervir efetivamente na identificação, diagnóstico e desenvolvimento qualitativo desse público específico.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, R. L. C.; MIRANDA, V. R. A criança, a família, a escola e seus aprendizados. In: MIRANDA, V. R. (Org.). *Educação e aprendizagem: contribuições da psicologia*. 1. ed. reimpr. Curitiba: Juruá, 2009. p. 116-129.

CECCARELLI, P. R. Novas organizações familiares: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 89-102, 2007.

CHACON, M. C. M. Aspectos relacionais, familiares e sociais da relação pai-filho com deficiência física. *Rev Bras Educ Espec*, Marília, v. 17, n. 3, p. 441-458, set./dez. 2011.

CHACON, M. C. M. Família e deficiência. In: SHIMAZAKI, E. M.; PACHECO, E. R. (Orgs.). *Deficiência e inclusão escolar*. Maringá, PR: Eduem, 2012. p. 13-28.

CHAGAS, J. F. Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades. In: FLEITH, D. S.; ALENCAR, E. M. L. S. *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-23.

DELOU, C. M. C. O papel da família no desenvolvimento de altas habilidades. In: FLEITH, D. S. (Org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação*: vol. 3: o aluno e a família. Brasília, DF: MEC/SEE, 2007b. p. 49-59.

DESSEN, M. A. A família como contexto de desenvolvimento. In: FLEITH, D. S. (Org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas*



CÂMPUS
PORANGATU

IV Congresso Acadêmico Científico
II Fórum Regional de Pesquisa
I Mostra de Extensão



habilidades/superdotação: o aluno e a família. Brasília, DF: MEC/SEE, 2007. p. 13-27.

GERMANI, L. M. B.; STOBBAUS, C. D. A intervenção centrada na família e na escola: prática de atendimento à criança com altas habilidades/superdotação. In: FREITAS, S. N. *Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas.* Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006. p. 127-150.

335

GUENTHER, Z. C. Capacidade e talento: um programa para a escola. São Paulo: EPU, 2006.

OMOTE, S. *Família e Deficiência: caracterização e funcionamento.* [No Prelo]. Capítulo de livro submetido em 2010.

PÉREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com altas habilidades/superdotação na educação básica: o cenário brasileiro. *Educ Rev.*, Curitiba, n. 41, p. 109-124, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/25005>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, p. 215-225, 2009.

SABATELLA, M. L. P. Atendimento às famílias de alunos com altas habilidades. In: FLEITH, D. S.; ALENCAR, E. M. L. S. (Orgs.). *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores.* Porto Alegre: Artmed, 2007.

SAKAGUTI; P. M. Y.; BOLSANELLO, M. A. A família e o aluno com altas habilidades/superdotação. In: MOREIRA, L. C.; STOLTZ, T. (Coords). *Altas habilidades/superdotação, talento, dotação e educação.* Curitiba: Juruá, 2012. p. 221-235.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. A influência da família no desenvolvimento da superdotação. *Psicol Esc Educ*, Campinas, v. 12, n. 2, p. 337-346, dez. 2008.

WINNER, E. *Crianças superdotadas: mitos e realidades.* Porto Alegre: Artmed, 1998.